

N.º 1 DO NEW YORK TIMES

JODI PICOULT

O DÉCIMO CÍRCULO

Até onde iria para proteger um filho?



BERTRAND EDITORA



JODI PICOULT nasceu e cresceu em Long Island. Estudou Inglês e Escrita Criativa na Universidade de Princeton e publicou dois contos na revista *Seventeen* enquanto ainda era estudante. O seu espírito realista e a necessidade de pagar a renda levaram a autora a ter uma série de empregos diferentes depois de se formar: trabalhou numa corretora e numa editora, foi *copywriter* numa agência de publicidade e professora de Inglês. É uma das autoras mais populares da atualidade. Em 2003, foi galardoada com o New England Bookseller Award for Fiction.

Título original: The Tenth Circle

1.ª edição em papel: julho de 2018

Autora: Jodi Picoult

Tradução: Fernanda Oliveira

Design da capa: Marta Teixeira

Imagens da capa: Shutterstock Images

Revisão: Ana Andrade

© 2006 by Jodi Picoult

«Magic Words» © 1967, 1968 Education Development Center, Inc.

(www.edc.org)

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3690-5

*Para Nick e Alex Adolph
(e para os seus pais, Jon e Sarah)
porque prometi que um dia o faria.*

AGRADECIMENTOS

Isto foi um empreendimento gigantesco e teria sido impossível sem a ajuda da minha equipa ideal de assistentes de investigação.

Os meus suspeitos habituais: Betty Martin, Lisa Schiermeier, Nick Giaccone, Frank Moran, David Toub, Jennifer Sternick, Jennifer Sobel, Claire Demarais, JoAnn Mapson, Jane Picoult.

Duas senhoras que têm o condão de ajudar vítimas de violação a encontrarem uma paz frágil: Laurie Carrier e Annelle Edwards.

Três jovens magníficas que me deixaram espreitar a vida de uma adolescente: Meredith Olsen, Elise Baxter e Andrea Desaulniers.

Toda a equipa da Atria Books e da Goldberg McDuffie Communications, sobretudo Judith Curr, Karen Mender, Jodi Lipper, Sarah Branham, Jeanne Lee, Angela Stamnes, Justin Loeber e Camille McDuffie.

Laura Gross, que todos os dias vai muito além do que lhe é exigido enquanto agente.

Emily Bestler, que disse todas as coisas certas e maravilhosas que eu precisava de ouvir quando lhe dei um livro diferente de tudo quanto ela já vira.

Joanne Morrissey, que me deu um curso de reciclagem sobre Dante e a pessoa com quem mais gostaria de ficar presa no Inferno.

Os meus próprios super-heróis de banda desenhada: Jim Lee, Wyatt Fox e Jake van Leer.

Pam Force, pelo poema inicial.

Os meus anfitriões no Alasca: Annette Rearden, e Rich e Jen Gannon.

Don Rearden, que não só é um excelente escritor (que provavelmente se arrepende de ter dito em tempos: «Olha, se alguma vez quiseses visitar as zonas remotas do Alasca...»), como também é muito generoso relativamente aos seus conhecimentos e experiência. Foi ele que me ajudou a chegar à tundra e, meses depois, à minha última página.

Dustin Weaver, o artista de banda desenhada que disse que isto era capaz de ser divertido. Ele desenhou muito simplesmente a alma deste livro.

E, finalmente, agradeço a Tim, Kyle, Jake e Sammy, que me dão os meus finais felizes.

No princípio dos tempos,
quando tanto pessoas como animais viviam na Terra,
uma pessoa podia transformar-se num animal se quisesse e um
animal
podia transformar-se num ser humano.
Às vezes eram pessoas
e às vezes animais
e não havia diferença.
Falavam todos a mesma língua.
Era no tempo em que as palavras eram como magia.
A mente humana tinha poderes misteriosos.
Uma palavra dita por acaso
podia ter estranhas consequências.
Ganhava vida subitamente
e o que as pessoas queriam que acontecesse podia acontecer...
só era preciso dizê-lo.
Ninguém conseguia explicar isto:
Era assim, e pronto.

— «Palavras Mágicas», EDWARD FIELD
Inspirado pelos Inuítes

PRÓLOGO

23 de dezembro de 2005

É isto que se sente quando nos apercebemos de que a nossa filha desapareceu: a boca do estômago contrai-se rapidamente, ao mesmo tempo que as pernas se transformam em gelatina. Há um único baque surdo do coração. O contorno do seu nome, afiado como limalha, fica preso entre os nossos dentes apesar de tentarmos forçá-lo a sair num grito. O medo respira como um monstro ao nosso ouvido: *Onde é que a vi pela última vez? Ter-se-á afastado? Quem poderá tê-la levado?* E, por fim, a nossa garganta fecha-se hermeticamente enquanto engolimos o facto de que cometemos um erro que nunca conseguiremos remediar.

Da primeira vez que isso aconteceu a Daniel Stone, dez anos antes, ele estava de visita a Boston. A mulher encontrava-se numa conferência em Harvard, e essa era uma razão suficientemente boa para fazerem férias em família. Enquanto Laura estava retida no seu painel de oradores, Daniel empurrava o carrinho de Trixie ao longo da calçada de Freedom Trail. Deram de comer aos patos no Public Garden e viram as tartarugas-marinhas de olhos amendoados a bailar no aquário. Depois disso, quando Trixie anunciou que estava com fome, Daniel dirigiu-se a Faneuil Hall e à sua infindável área de restauração.

Aquele dia de abril foi o primeiro suficientemente quente para os habitantes da Nova Inglaterra abrirem os fechos dos seus blusões e se lembrarem de que havia outras estações além do inverno. A somar às centopeias constituídas pelos grupos das escolas e pelos turistas alegremente agarrados às suas máquinas fotográficas, parecia que o centro financeiro estava ali em peso, homens da

idade de Daniel de fato e gravata, a cheirar a *aftershave* e a inveja. Estavam sentados com as suas sanduíches gregas, sopas e carne de conserva em pão de centeio nos bancos junto à estátua de Red Auerbach. Olharam de soslaio para Daniel.

Ele estava habituado a isto, pois não era comum ser o pai o principal cuidador da filha de quatro anos. As mulheres que o viam com Trixie presumiam que a mulher tinha falecido ou que se divorciara recentemente. Os homens que o viam desviavam rapidamente o olhar, constrangidos por ele. E, no entanto, Daniel não teria trocado a sua situação por nada deste mundo. Ele gostava de adaptar o seu trabalho aos horários de Trixie. Gostava das perguntas que ela fazia: Os cães *sabiam* que andavam nus? A *supervisão dos adultos* era um poder que os crescidos usavam para lutar contra os mauzões? Ele adorava o facto de Trixie, quando estava sentada na cadeirinha do carro e queria atenção, começar sempre por «Papá...?», mesmo que fosse Laura a conduzir.

— O que queres almoçar? — perguntou ele a Trixie nesse dia, em Boston. — Piza? Sopa? Um hambúrguer?

Ela olhou para ele do seu carrinho, uma miniatura da mãe com os mesmos olhos azuis e cabelo louro arruivado, e disse que sim às três coisas. Daniel tinha carregado o carrinho pela escada que ia dar à área da restauração, com o cheiro a mar salgado a dar lugar ao da gordura, cebola e fritos. Decidiu que ia comprar um hambúrguer com batatas fritas para Trixie e, para ele, um prato de peixe frito noutro quiosque. Pôs-se na fila da churrascaria, com o carrinho do lado de fora, como uma pedra que alterava o fluxo do tráfego humano.

— Um hambúrguer de queijo — berrou Daniel para um cozinheiro, na esperança de que o ouvisse.

Quando lhe entregaram o prato de papel, teve de fazer malabarismos para tirar a carteira para pagar, e acabou por decidir que não valia a pena passar uma segunda vez por aquilo para ir comprar almoço para ele. Podiam partilhar a comida, os dois.

Daniel manobrou novamente o carrinho em direção ao mar de gente, esperando ser cuspidos para o interior da cúpula. Passados uns minutos, um velhote que estava sentado numa mesa comprida juntou as suas coisas e foi-se embora. Daniel pousou o hambúrguer e virou o carrinho, para poder dar de comer a Trixie, mas a criança que lá estava sentada era um menino de pele morena e cabelo escuro, que desatou a chorar quando viu aquele desconhecido à sua frente.

O primeiro pensamento de Daniel foi: porque é que aquele bebé estava no carrinho de Trixie? E o segundo: *seria* mesmo o carrinho de Trixie? Sim, era amarelo e azul, com ursinhos minúsculos estampados. Mas a Graco devia ter vendido milhões daqueles carrinhos, uns bons milhares só no Nordeste. Agora, ao observar melhor, Daniel apercebeu-se de que aquele carrinho tinha uma barra de atividades em plástico presa na parte da frente.

A mantinha de estimação de Trixie não estava dobrada no fundo, pronta a ser usada em caso de crise.

Tal como agora.

Daniel voltou a olhar para o bebé que não era seu, agarrou imediatamente no carrinho e desatou a correr em direção à churrascaria. Aí, junto a um polícia de faces repolhudas, estava uma mãe histérica cujo olhar se focou no carrinho de bebé que Daniel estava a usar para separar a multidão como se fosse o mar Vermelho. Ela correu os últimos três metros e tirou o bebé do cinto

de segurança para os seus braços enquanto Daniel tentava explicar, mas a única coisa que lhe saiu foi:

— Onde é que ela está?

Pensou, histérico, no facto de estarem numa área ao ar livre e de não haver maneira de fechar a entrada ou mesmo de fazer um anúncio público, de já terem passado cinco minutos e a filha poder estar no metro com o psicopata que a roubara, a caminho de um bairro remoto na periferia de Boston.

Nessa altura, reparou no carrinho de bebé — no *seu* carrinho de bebé — caído de lado, com o cinto de segurança aberto. Trixie especializara-se nisso há apenas uma semana. A coisa até tinha ganhado contornos cómicos... Saíam para passear e, de repente, ela punha-se em pé na cadeirinha de lona, virada para Daniel e a sorrir da sua própria proeza. Ter-se-ia libertado para ir à procura dele? Ou alguém o teria feito por ela, ao ver uma oportunidade única para a raptar?

Nos momentos que se seguiram, houve coisas que Daniel ainda hoje não conseguia recordar. Por exemplo, quanto tempo levou o magote de polícias que convergiu para Faneuil Hall a fazer a busca. Ou a forma como as outras mães puxavam os filhos para junto de si quando ele passava, certas de que a má sorte era contagiosa. As perguntas sucessivas do inspetor, como um questionário para aferir as suas qualidades como pai: *Quanto mede Trixie? Quanto pesa? O que trazia vestido? Alguma vez falou com ela sobre estranhos?* Daniel não foi capaz de responder a esta última. Teria falado ou apenas planeado fazê-lo? Será que Trixie sabia gritar e fugir? Fá-lo-ia suficientemente alto e suficientemente depressa?

Os polícias queriam que ele ficasse ali sentado, para saberem onde encontrá-lo, se necessário. Daniel disse que sim e prometeu, e

depois levantou-se assim que eles viraram costas. Procurou atrás de cada um dos quiosques de comida no pátio central. Procurou debaixo das mesas na cúpula. Entrou de rompante na casa de banho das senhoras a chamar por Trixie. Verificou por baixo das saias com folhos dos carrinhos de mão que vendiam brincos com cristais, meias com alces e grãos de arroz com o nome do comprador. A seguir, correu lá para fora.

O pátio estava cheio de gente que ignorava que a escassos seis metros o mundo tinha sido virado de pernas para o ar. Sem consciência do que se passava, as pessoas andavam às compras, passeavam e riam enquanto Daniel tentava passar por elas. A hora de almoço nas empresas já terminara e muitos dos executivos tinham desaparecido. Os pombos debicavam as migalhas que eles tinham deixado para trás, entre as pedras da calçada. E encolhida ao lado da estátua de bronze do Red Auerbach sentado, a chuchar no polegar, estava Trixie.

Até Daniel a ver, não se tinha apercebido realmente do vazio que a ausência dela criara dentro de si. Ironicamente, sentiu os mesmos sintomas que haviam surgido no momento em que soube que ela tinha desaparecido: as pernas trémulas, a perda da fala, a total imobilidade.

— Trixie — disse ele finalmente, e logo a seguir ela estava nos seus braços, catorze quilos de um doce alívio.

Agora, dez anos mais tarde, Daniel tinha novamente confundido a filha com alguém que ela não era. Só que, desta vez, já não era uma criança de quatro anos num carrinho de bebé. Desta vez, tinha desaparecido por muito mais tempo do que vinte e quatro minutos. E tinha sido *ela* que o abandonara, e não o contrário.

Obrigando o pensamento a voltar ao presente, Daniel desligou o motor da moto de neve quando chegou a uma bifurcação do caminho. De imediato, a tempestade formou um redemoinho e ele não conseguia ver dois palmos à frente do nariz. Quando olhou para trás, o seu rasto já tinha sido apagado, um trecho sem costura. Os esquimós iúpiques tinham uma palavra para aquele tipo de neve, que fustigava a parte de trás das pálpebras e que embatia na pele nua como uma chuva de setas: *pirrelvag*. O termo ergueu-se na garganta de Daniel, tão surpreendente como uma segunda lua, prova de que já ali tinha estado, por mais que se tivesse conseguido convencer do contrário.

Semicerrou os olhos. Eram nove da manhã, mas em dezembro, no Alasca, não havia muita luz. A sua respiração pairava diante dele como renda. Por um momento, pensou ver por entre a cortina de neve o brilho intenso do seu cabelo, como uma cauda de raposa a sair de um gorro de lã, mas desapareceu tão depressa quanto o viu.

Os iúpiques também tinham uma palavra para os momentos em que estava tanto frio que a água de uma caneca atirada ao ar ficava dura como vidro antes de chegar ao solo congelado: *cikuq'eryluni*. *Um passo em falso*, pensou Daniel, *e tudo ruirá à minha volta*. Por isso, fechou os olhos, acelerou a máquina e deixou o instinto assumir o controlo. Quase de imediato, recordou as vozes dos anciãos que conhecera — *as agulhas dos abetos são mais afiadas do lado norte das árvores; os bancos de areia fazem com que o gelo se deforme* — dicas para a pessoa se orientar, quando o mundo mudava à sua volta.

De repente, pensou na forma como Trixie se derretera agarrada a ele, quando se haviam reencontrado naquele dia em Faneuil Hall. O queixo dela firmara-se por trás do seu ombro e o corpo

abandonara-se junto ao dele, cheio de fé. Apesar do que ele tinha feito, continuava a confiar nele para a manter em segurança, para a levar para casa. Em retrospectiva, Daniel percebia que o verdadeiro erro que cometera nesse dia não tinha sido virar momentaneamente as costas, mas sim acreditar que era possível perder alguém que se amava num instante, quando na realidade era um processo que levava meses, anos, a vida inteira.

Era o tipo de frio que deixava as pestanas congeladas assim que saíamos para a rua, e também uma sensação de vidro estilhaçado no interior das narinas. Era o tipo de frio que nos penetrava como se não passássemos de uma rede. Trixie Stone estava a tiritar na margem gelada do rio, mesmo por baixo da escola que era o principal posto de controlo em Tuluksak, a quase cem quilómetros do local onde a moto de neve que o pai pedira emprestada deixava a sua assinatura na tundra, e a arranjar razões para ficar onde estava.

Infelizmente, havia mais razões ou, pelo menos, razões *melhores* para se ir embora. Primeiro que tudo, era um erro ficar no mesmo lugar demasiado tempo. Em segundo lugar, mais cedo ou mais tarde, as pessoas iam perceber que ela não era quem elas pensavam, sobretudo se continuasse a falhar em todas as tarefas que lhe davam. Mas como é que ela havia de saber que todos os condutores de trenó tinham direito a uma porção suplementar de palha para os seus cães em vários pontos da pista de corrida K300, incluindo ali, em Tuluksak? Ou que podia levar um condutor ao local onde a comida e a água estavam armazenadas... mas que não era permitido ajudar a alimentar os cães? Depois desses dois fiascos,

Trixie foi despromovida a tomar conta dos cães que eram largados pelas equipas, até os pilotos dos pequenos aviões chegarem para os levarem de volta a Bethel.

Até agora, o único cão que fora deixado ali era um *husky* chamado *Juno*. A razão oficial dada pelo condutor foi queimaduras de frio. O cão tinha um olho castanho e outro azul, e fitava Trixie com uma expressão que dizia que se sentia incompreendido.

Na última hora, Trixie tinha conseguido dar à socapa a *Juno* mais um punhado de ração e dois biscoitos subtraídos ao *stock* do veterinário. Perguntou-se se poderia comprar *Juno* ao condutor do trenó com algum do dinheiro que lhe restava da carteira roubada. Achava que talvez fosse mais fácil continuar a fugir se tivesse alguém em quem confiar, alguém que não a pudesse denunciar.

Pensou no que Zephyr, e Moss, e qualquer outra pessoa que morasse na outra Bethel — Bethel, Maine — diriam se a vissem sentada num banco de neve a comer salmão curado à espera de ouvir a louca fuga de latidos que precedia a chegada de uma equipa de cães. Provavelmente, iam pensar que tinha perdido o juízo. Diriam: *Quem és tu e o que fizeste a Trixie Stone?* O problema é que ela gostava de fazer a mesma pergunta.

Queria vestir o seu pijama de flanela favorito, aquele que já tinha sido lavado tantas vezes que era macio como uma pétala de rosa. Queria abrir o frigorífico e não conseguir encontrar nada nas prateleiras cheias que valesse a pena comer. Queria faltar-se de uma canção no rádio, sentir o cheiro do champô que o pai usava e tropeçar na ponta dobrada do tapete da entrada. Queria regressar, não apenas ao Maine, mas ao início de setembro.

Trixie sentiu as lágrimas afluírem-lhe à garganta como as marcas de água na doca de Portland e teve receio de que alguém

reparasse. Por isso, deitou-se na palha compacta, com o nariz a tocar praticamente no focinho de *Juno*.

— Sabes? — sussurrou. — Uma vez, também me deixaram para trás.

O pai pensava que ela não se lembrava do que tinha acontecido naquele dia em Faneuil Hall, mas lembrava-se. Pequenos fragmentos que surgiam nas alturas mais estranhas. Como quando foram à praia no verão e ela sentiu o cheiro a mar... De repente, começou a ter dificuldade em respirar. Ou como às vezes se sentia nauseada quando ia a jogos de hóquei, cinemas e outros lugares onde se via misturada com a multidão. Trixie também se lembrava que tinham abandonado o carrinho em Faneuil Hall e que o pai a levava ao colo, simplesmente. Mesmo depois de terem voltado das férias e comprado um carrinho novo, Trixie recusara-se a andar nele.

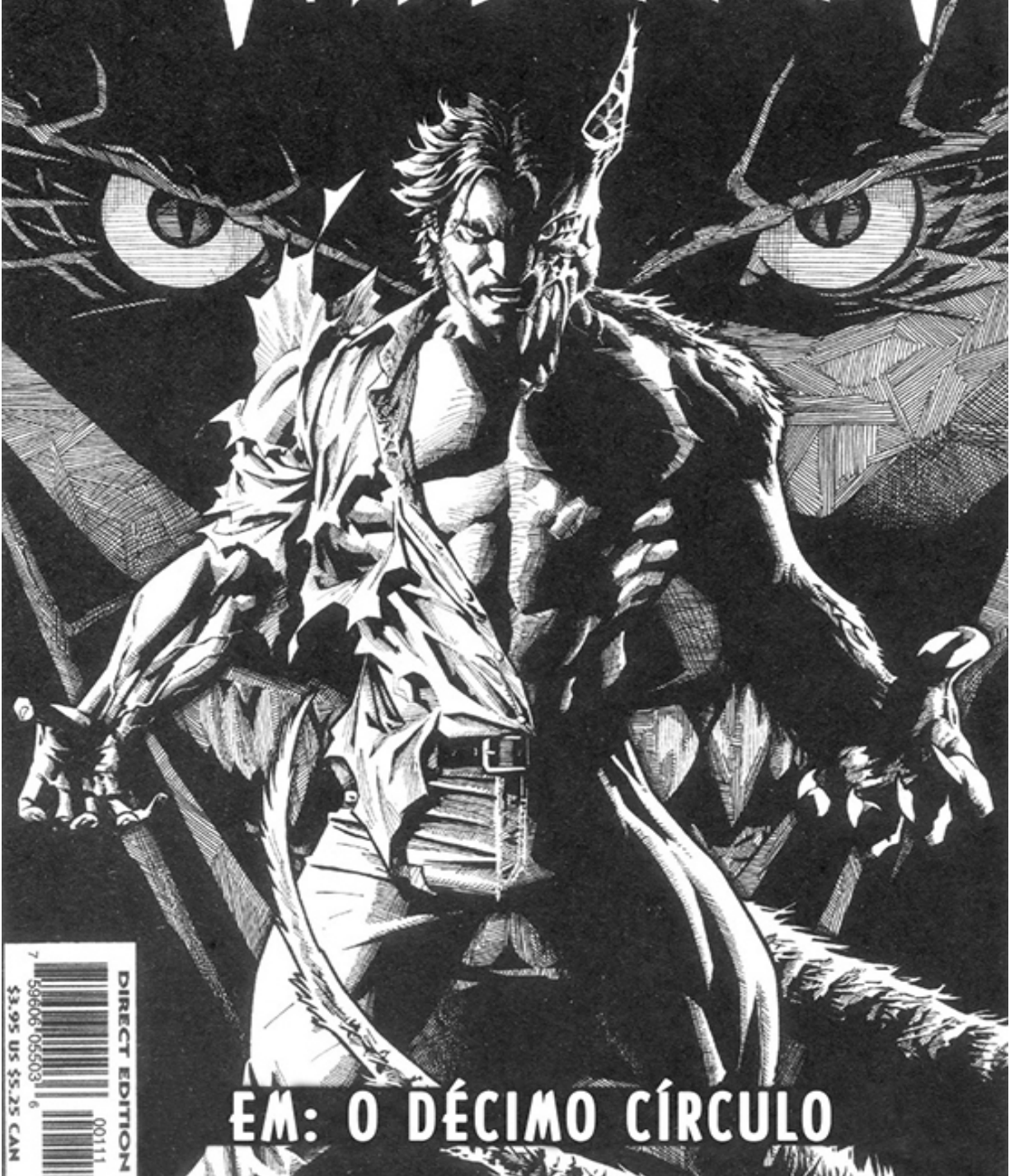
Do que ela *não* se lembrava sobre esse dia era da parte de se ter perdido. Trixie não conseguia lembrar-se de abrir o cinto de segurança ou de abrir caminho por entre o mar de pernas em movimento até às portas que davam para o exterior. Foi nessa altura que viu o homem que podia ser o seu pai, mas que afinal era uma estátua sentada. Trixie tinha caminhado até ao banco e subido para o lado dele, apercebendo-se de que a sua pele metálica estava quente, pois tivera o sol a bater-lhe ao longo do dia. Enroscara-se junto à estátua, desejando do fundo do coração ser encontrada.

Desta vez, era isso que mais a assustava.

#5

DANIEL
STONE

O IMORTAL WILDCLAW



DIRECT EDITION
00111
7 59606 05503 6
\$3.95 US \$5.25 CAN

EM: O DÉCIMO CÍRCULO





JÁ ME CHAMARAM
HERÓI.



TALVEZ SEJA ISSO
QUE SOU.



JÁ ME CHAMARAM
MONSTRO.



TALVEZ SEJA ISSO
QUE SOU.



A ÚNICA COISA
QUE SEI...



TRUZ
TRUZ
TRUZ!



PAI! SE NÃO
SAÍRES DA CASA
DE BANHO DAQUI
A CINCO MINUTOS,
EU MATO-TE!



... É QUE SOU PAI.



É A ÚNICA COISA
QUE SEI.













PRECISAMENTE

Abandonai Toda a Esperança,
Vós Que Aqui Entrais

HISTÓRIA
E DESENHOS:
**DANIEL
STONE**

TINTAS:
WYATT FOX

CORES:

LETRAS:
COMIC BOX

EDITOR:
**DUSTIN
WEAVER**

Laura Stone sabia exatamente como ir para o Inferno.

Era capaz de desenhar a sua geografia em guardanapos durante os *cocktails* do departamento; era capaz de enumerar de cor todas as passagens, rios e acidentes de terreno; era tu cá, tu lá com os seus pecadores. Sendo uma das maiores especialistas em Dante do país, ministrava uma cadeira sobre essa matéria todos os anos desde que entrara para os quadros da Faculdade Monroe. A cadeira de Inglês 364 também vinha listada no manual do curso como «Arde Amor Arde» (ou: Que diabo é o Inferno?), e era uma das disciplinas mais populares do *campus* no segundo trimestre, apesar de o poema épico de Dante, *A Divina Comédia*, ser tudo menos engraçado. Tal como as ilustrações do seu marido Daniel, que não eram *cómicas* nem eram um *livro*¹, o *Inferno* cobria todo o género de cultura *pop*: romance, terror, mistério, crime. E tal como todas as boas histórias tinha no seu centro um herói comum e quotidiano que muito simplesmente não sabia como se transformara em herói.

Ela olhou fixamente os alunos que enchiam as filas do anfiteatro mergulhado no mais completo silêncio.

— Não se mexam! — ordenou. — Não movam sequer um músculo!

Ao lado dela, no estrado, um temporizador em forma de ovo ia marcando a passagem de um minuto completo. Ela escondeu um sorriso enquanto observava os estudantes, todos eles subitamente tomados pela necessidade de espirrar, coçar a cabeça ou contorcer-se.

Das três partes da obra-prima de Dante, o *Inferno* era a que Laura mais gostava de ensinar. Quem melhor para pensar sobre a

natureza das ações e suas consequências do que os adolescentes? A história era simples: ao longo de três dias, de Sexta-Feira Santa a domingo de Páscoa, Dante percorreu os nove níveis do Inferno, cada um cheio de pecadores piores do que o anterior, até chegar finalmente ao outro lado. O poema estava cheio de discursos inflamados, pranto e demónios, de amantes em conflito e de traidores que comiam os cérebros das suas vítimas... Por outras palavras, era suficientemente explícito para suscitar o interesse dos universitários de hoje e também para a distrair da sua vida real.

O temporizador apitou e toda a turma suspirou em uníssonos.

— Bem, qual foi a sensação? — perguntou.

— Interminável — gritou um aluno.

— Alguém quer adivinhar quanto tempo vos cronometrei?

Houve especulação. Dois minutos. Cinco.

— Experimentem sessenta segundos — disse Laura. — Agora, imaginem como é estar congelado da cintura para baixo num lago de gelo para todo o sempre. Imaginem que o mais pequeno movimento faria congelar as lágrimas no vosso rosto e a água que vos rodeava. Segundo Dante, Deus tinha tudo a ver com movimento e energia, por isso o derradeiro castigo para Lúcifer é não ser capaz de se mexer. No fundo do Inferno, não há fogo nem enxofre, apenas a incapacidade de agir. — Perpassou o olhar pelo mar de rostos. — Será que Dante tem razão? No fim de contas, isto é um bando de imprestáveis e o diabo é o pior de todos. Será que tirar-vos a capacidade de fazerem o que querem, *sempre* que o queiram fazer, é o pior castigo que conseguem imaginar?

E isto, resumidamente, era a razão para Laura gostar tanto do *Inferno* de Dante. É verdade que podia ser visto como um estudo de religião ou política. É claro que era uma narrativa de redenção. Mas,

quando se analisava bem, era também a história de um sujeito no auge de uma crise de meia-idade, um sujeito que estava a reavaliar as escolhas que tinha feito até ali.

Não era muito diferente da própria Laura.

Enquanto Daniel Stone esperava na longa fila de carros que iam parando junto à escola secundária, olhou para a estranha que estava sentada ao lado dele e tentou recordar-se de quando ela era sua filha.

— O trânsito hoje está mau — disse ele a Trixie, apenas para preencher o espaço entre eles.

Trixie não respondeu. Mexeu no rádio, passando por uma sinfonia de estática e fragmentos de canções antes de o desligar bruscamente. O seu cabelo arruivado caía-lhe como um cutelo sobre o ombro; as mãos estavam escondidas nas mangas do blusão *North Face*. Virou-se para espreitar pela janela, perdida em mil pensamentos, sem que Daniel conseguisse adivinhar um único.

Hoje em dia, parecia que as palavras entre eles existiam apenas para contornar os silêncios. Daniel compreendia melhor do que ninguém que uma pessoa podia reinventar-se num piscar de olhos. Compreendia que a pessoa que éramos ontem podia não ser aquela que seríamos amanhã. Mas, desta vez, era ele quem queria agarrar-se ao que tinha, em vez de largá-lo.

— *Pai!* — disse ela, fazendo sinal com os olhos para mostrar que o carro à frente deles estava a andar.

Era um perfeito *cliché*, mas Daniel presumira que a distância tradicional que surgia entre os adolescentes e os seus pais não iria afetá-los, a ele e a Trixie. No fim de contas, eles tinham uma relação

diferente, mais próxima do que a maioria das filhas tinham com o pai, simplesmente porque era ele quem estava todos os dias em casa para a receber. Ele tinha feito as devidas diligências no armário onde ela guardava os medicamentos, nas gavetas da sua secretária e debaixo do seu colchão, mas não havia drogas nem preservativos dobrados em acordeão. Trixie estava apenas a afastar-se dele, e de alguma forma isso ainda era pior.

Durante anos, ela entrara em casa a flutuar nas asas das suas próprias histórias: como a borboleta cujo casulo estavam a acompanhar na sala de aula tinha perdido uma das suas antenas devido à falta de cuidado de um rapaz; como o almoço da escola naquele dia tinha sido piza, quando o aviso afixado *dizia* que ia ser *chau min* de frango e como, se ela soubesse disso, tinha comprado senha em vez de levar o almoço de casa; como a letra / em cursivo não é nada como seria de esperar. As palavras saíam com tanta facilidade entre os dois que Daniel era culpado de acenar com a cabeça de vez em quando e de não prestar atenção aos excessos. Na altura, não sabia que devia tê-los guardado, como pedacinhos de vidro polido escondidos no bolso do seu casaco de inverno, para o lembrar que já tinha sido verão.

Neste setembro, e aqui estava outro *cliché*, Trixie arranjava um namorado. Daniel tinha tido a sua dose de fantasias: como estaria a limpar casualmente uma pistola quando a fossem buscar para a sua primeira saída romântica ou como iria comprar um cinto de castidade na Internet. Mas nunca supusera em nenhum desses cenários que o facto de ver um rapaz com a mão à volta da cintura da filha o fizesse ter vontade de correr até os pulmões rebentarem. E nunca vira em nenhum desses cenários o rosto de Trixie iluminar-se quando o rapaz aparecia à porta, da mesma forma que acontecia

em tempos quando ela olhava para Daniel. De um dia para o outro, a menina encantadora que protagonizava os seus vídeos caseiros movimentava-se agora como uma raposa maliciosa, mesmo de forma involuntária. De um dia para o outro, as ações e hábitos da filha deixaram de ser adoráveis e começaram a ser assustadores.

A mulher estava sempre a lembrar-lhe que, quanto mais apertasse as rédeas a Trixie, mais ela lutaria para se libertar. Afinal, observava Laura, tinha sido o facto de se querer rebelar contra o sistema que a fizera começar a andar com Daniel. Por isso, quando Trixie e Jason iam ao cinema, Daniel fazia um esforço para lhe desejar que se divertisse. Quando ela fugia para o quarto para falar em privado com o namorado ao telefone, ele não ficava junto à porta. Dava-lhe espaço para respirar e, de alguma forma, esse espaço transformara-se numa distância incomensurável.

— *Então?!* — disse Trixie, arrancando Daniel aos seus pensamentos. Os carros à frente deles tinham arrancado e o guarda junto à passadeira gesticulava furiosamente para Daniel avançar.

— Bem — disse ele. — Finalmente.

Trixie tentou abrir a porta.

— Importas-te de me deixar sair?

Daniel mexeu no botão do fecho automático.

— Venho buscar-te às três.

— Não preciso que me venhas buscar.

Daniel tentou colar um sorriso rasgado no rosto.

— O Jason leva-te a casa?

Trixie pegou na mochila e no casaco.

— Sim — disse. — O Jason. — Fechou a porta da carrinha com força e misturou-se com a massa de adolescentes que se encaminhava para a porta da escola secundária.

— Trixie! — gritou Daniel pela janela, tão alto que vários outros miúdos se viraram ao mesmo tempo que ela. Trixie tinha um punho cerrado contra o peito, como se guardasse ciosamente um segredo. Olhou para o pai, na expectativa.

Havia um jogo que costumavam fazer quando Trixie era miúda, e que estava relacionado com as coleções de banda desenhada que ele tinha no estúdio para pesquisar quando desenhava. *Melhor transporte?*, desafiava ela, e Daniel dizia que era o Batmóvel. *Nem pensar*, redarguia Trixie. *O avião invisível da Super-Mulher*.

Melhor fato?

Wolverine, disse Daniel, mas Trixie votou na Fénix Negra.

Agora, inclinou-se em direção a ela.

— Melhor superpoder? — perguntou.

Tinha sido a única resposta em que haviam estado de acordo: voo. Mas, desta vez, Trixie olhou-o como se ele fosse maluco por estar a falar num jogo estúpido que não jogavam há mil anos.

— Vou chegar atrasada — disse ela, e começou a afastar-se.

Os carros buzinaaram, mas Daniel não pôs a carrinha em marcha. Fechou os olhos, tentando lembrar-se de como era quando tinha a idade dela. Aos catorze anos, Daniel vivia num mundo diferente e fazia tudo o que podia para lutar, mentir, enganar, roubar e armar zaragata para sair dele. Aos catorze anos, tinha sido alguém que Trixie nunca vira o pai ser. Daniel assegurara-se disso.

— Papá.

Daniel virou-se e deu com Trixie ao lado da carrinha. Ela agarrou o rebordo da janela aberta, com o sol refletido no brilho do verniz cor-de-rosa.

— Invisibilidade — disse, e depois desapareceu no meio da multidão atrás dela.

Trixie Stone era um fantasma há catorze dias, sete horas e trinta e seis minutos, embora oficialmente não andasse a contar o tempo. Isto significava que andava pela escola e sorria quando se esperava que o fizesse; fingia ouvir quando o professor de álgebra falava sobre propriedades comutativas; até se sentava no refeitório com os outros alunos do nono ano. Mas enquanto se riam dos penteados (ou falta deles) das senhoras que serviam o almoço, Trixie estudava as mãos e perguntava a si mesma se mais alguém notaria que, quando o sol incidia de determinada maneira na palma da sua mão, era possível ver através da pele e vislumbrar os túneis movimentados, com o sangue a andar lá dentro de um lado para o outro. Corpúsculos. Introduziu a palavra na boca e aninhou-a junto à bochecha, como se fosse um reбуçado, para que, se alguém lhe fizesse uma pergunta, pudesse abanar simplesmente a cabeça, incapaz de falar.

Os colegas que sabiam (e quem não sabia? A notícia tinha corrido como um fogo florestal) estavam à espera de vê-la perder o seu delicado equilíbrio. Trixie tinha até ouvido uma rapariga a *apostar* em que altura ela se deixaria ir abaixo em público. Os alunos do secundário eram canibais; alimentavam-se do nosso coração despedaçado enquanto a pessoa assistia e depois encolhiam os ombros e brindavam-nos com um sorriso ensanguentado e contrito.

O colírio *Visine* ajudava. Assim como a pomada *Preparation H* debaixo dos olhos, por mais nojento que parecesse. Trixie levantava-se às cinco e meia da manhã, escolhia cuidadosamente duas *t-shirts* de manga comprida para usar uma por cima da outra e umas calças de flanela, e apanhava o cabelo num rabo de cavalo emaranhado. Levava uma hora para dar a ideia que tinha acabado

de sair da cama, como se não tivesse perdido o sono com o sucedido. Hoje em dia, a sua vida consistia em fazer com que as pessoas acreditassem que era alguém que deixara de ser.

Trixie subiu o corredor no meio de um mar de ruído: cacifos que rangiam como dentes, rapazes a berrar os planos que tinham para a tarde por cima das cabeças dos excluídos, trocos resgatados dos bolsos para as máquinas de venda automática. Virou-se para uma porta e preparou-se para suportar os próximos quarenta e oito minutos. Psicologia era a única disciplina que tinha com Jason, que era do décimo primeiro ano. Era uma opção. O que era uma maneira elegante de dizer: *Tu é que pediste*.

Ele já lá estava; Trixie sabia disso pela forma como o ar ficara carregado à sua volta, como um campo elétrico. Ele vestia a camisa de ganga desbotada que uma vez lhe emprestara quando entornara a *Coca-Cola* em cima dela enquanto estavam a estudar, e tinha o cabelo preto todo despenteado. *Precisas de uma risca*, costumava ela dizer-lhe, e ele ria-se. *Já tenho muitas*, replicava.

Ela sentia-lhe o cheiro, um misto de champô e pastilha de menta e, acreditem ou não, de bruma branca e fria do gelo. Era o mesmo cheiro que estava entranhado na *t-shirt* que ela escondera no fundo da gaveta dos pijamas e que ele não sabia que ela tinha, aquela que punha à volta da almofada todas as noites, antes de adormecer. Ajudava-a a manter os pormenores nos seus sonhos: um calo no pulso de Jason, provocado pelo roçar da luva de hóquei. O som macio da sua voz quando ela lhe ligava e o acordava. A forma como ele fazia girar um lápis entre os dedos quando estava nervoso ou demasiado pensativo.

Ele estava a fazer isso quando acabara o namoro com ela.

Respirou fundo e passou pelo lugar onde Jason estava sentado, de olhos fixos nos palavrões que os alunos tinham gravado no tampo da carteira ao longo de anos de enfado. Ela conseguia sentir o rosto dele a aquecer com o esforço de evitar olhar para ela. Parecia pouco natural passar por Jason sem que ele lhe puxasse pelas alças da mochila até ela lhe dar toda a atenção. «Vais ao treino, certo?», dizia ele. Como se houvesse alguma dúvida.

Tinha sido o senhor Torkelson a atribuir os lugares e Trixie tinha ficado na primeira fila, coisa que detestara durante os primeiros três meses do ano letivo, mas pela qual se sentia agora profundamente grata, pois isso significava que podia olhar para o quadro sem ter de ver Jason ou qualquer outro colega pelo canto do olho. Sentou-se na cadeira e abriu o dossiê, evitando olhar para a mancha de corretor onde costumava estar o nome de Jason.

Quando sentiu uma mão no ombro, uma mão de rapaz grande e cálida, ficou sem fôlego. Jason ia pedir desculpa; tinha percebido que cometera um erro; queria saber se ela alguma vez lhe perdoaria. Virou-se com a palavra *sim* a bailar-lhe nos lábios como o som de uma flauta, mas deparou-se com Moss Minton, o melhor amigo de Jason.

— Olá. — Ele olhou para trás, para o sítio onde Jason continuava debruçado sobre a própria carteira. — Estás bem?

Trixie endireitou os cantos do trabalho de casa.

— Porque é que não havia de estar?

— Só quero que saibas que todos nós achamos que ele é um idiota.

Nós. Nós podia ser a equipa campeã estadual de hóquei, de que Moss e Jason eram cocapitães. Podia ser a turma inteira. Podia ser qualquer pessoa sem ser ela. Esta parte era quase tão difícil como

não ter Jason: tentar avançar ao longo do campo minado dos amigos que haviam partilhado, para saber quem continuava com ela.

— Eu acho que ela é apenas algo que ele precisa de expulsar do organismo — disse Moss, e as suas palavras foram como um punhado de pedras largados do cimo de uma falésia.

A caligrafia de Trixie começou a nadar na folha que tinha à frente. *Por favor, vai-te embora*, pensou, rezando para que o poder telecinético causasse uma distração, e por uma vez na sua vida alguma coisa correu bem. O senhor Torkelson entrou, bateu com a porta e foi até à parte da frente da sala.

— Minhas senhoras e meus senhores — anunciou —, porque é que sonhamos?

Um drogado qualquer da última fila respondeu:

— Porque a Angelina Jolie não anda na Escola Secundária de Bethel.

O professor riu-se.

— Bem, essa é uma das razões. Sigmund Freud até era capaz de concordar consigo. Ele chamava aos sonhos a «estrada real» para o inconsciente, feita de todos os desejos proibidos que a pessoa tinha e desejava não ter.

Trixie pensou que os sonhos eram como bolas de sabão. Podíamos observá-las à distância e eram lindas. Era quando aproximávamos demasiado o rosto que os olhos começavam a arder. Perguntou-se se Jason teria os mesmos sonhos que ela, aqueles em que a pessoa acorda sem fôlego e com o coração espalmado como uma moeda.

— Menina Stone? — repetiu o professor.

Trixie corou. Não fazia ideia do que Torkelson lhe perguntara. Conseguia sentir o olhar de Jason a levantar-se como um chicote sobre a sua nuca.

— Eu tenho um, senhor T — gritou Moss algures atrás dela. — Estou a patinar nos regionais e fazem um passe na minha direção, mas de repente o meu taco parece um fio de esparguete...

— Por mais freudiano que isso seja, Moss, gostava de ouvir a resposta de Trixie.

Tal como se fosse um dos super-heróis do pai, os sentidos de Trixie apuraram-se. Conseguia ouvir a rapariga lá atrás a rabiscar um bilhete para a amiga que estava na outra fila, Torkelson a entrelaçar as mãos e, o pior de tudo, aquela ligação quebrada quando Jason fechou os olhos. Rabiscou a unha do polegar com a caneta.

— Não me lembro de nenhum sonho.

— Passa um sexto da sua vida a sonhar, menina Stone, o que no seu caso corresponde a cerca de dois anos e meio. Com certeza que não bloqueou dois anos e meio da sua vida, não é verdade?

Ela abanou a cabeça, olhou para o professor e abriu a boca.

— Eu... vou vomitar — conseguiu dizer a custo e, com a sala de aula a girar à sua volta, agarrou nos livros e fugiu.

Na casa de banho, atirou a mochila para baixo da fiada de lavatórios brancos quadrados que pareciam uma dentadura gigantesca e agachou-se em frente de uma das sanitas. Vomitou, embora fosse capaz de apostar que não tinha nada dentro dela. A seguir, sentou-se no chão e encostou a face a esquentar à parede metálica do compartimento.

Não era pelo facto de Jason ter acabado com ela no dia em que faziam três meses de namoro. Não era pelo facto de Trixie, uma

caloira a quem parecia ter saído o *jackpot*, uma desconhecida elevada ao nível de rainha por afinidade, ter perdido o estatuto de Cinderela. A questão é que ela acreditava realmente que se podia ter catorze anos quando se ficava a saber que o amor podia alterar a velocidade com que o sangue corria no nosso corpo, podia fazer-nos sonhar com as cores de um caleidoscópio. A questão é que Trixie sabia que não podia ter amado tanto Jason se ele não a tivesse amado de igual forma.

Trixie saiu do compartimento e abriu a torneira do lavatório. Salpicou a cara e enxugou-a com uma toalha de papel. Não queria voltar para a aula, nunca mais, por isso tirou o *eyeliner* e o rímel, o brilho labial e o espelho compacto. Ela tinha o cabelo farto e acobreado da mãe e a tez morena do pai. As orelhas eram demasiado pontiagudas e o queixo demasiado redondo. Supunha que os lábios eram bonitos. Uma vez, na aula de artes, um professor tinha dito que eram clássicos e obrigara o resto dos alunos a desenhá-los. Mas eram os seus olhos que a assustavam. Embora costumassem ter a cor de um musgo escuro, agora eram de um verde tão pálido que mal parecia uma cor. Trixie perguntou-se se chorar faria desaparecer o pigmento.

Fechou bruscamente o espelho e depois, pensando melhor, abriu-o e pousou-o no chão. Foi preciso pisá-lo três vezes para que o espelho se partisse. Trixie deitou fora o disco de plástico e todos os estilhaços de vidro menos um. Tinha a forma de uma lágrima, arredondado numa ponta e afiado como um punhal na outra.

Deslizou sobre o chão de mosaico da casa de banho até ficar sentada debaixo do lavatório. A seguir, passou a faca improvisada sobre a tela branca da parte interior do seu braço. Mal o fez, desejou não o ter feito. As raparigas doidas é que faziam aquilo,

raparigas que desfilavam como zombies pelos romances para jovens adultos.

Mas...

Trixie sentiu o ardor da pele cortada e o doce afluir do sangue.

Doía, mas não tanto como tudo o resto.

— É preciso fazer alguma coisa muito tenebrosa para acabar na parte mais profunda do Inferno — disse Laura de forma retórica, observando a turma. — E Lúcifer era o braço-direito de Deus. Sendo assim, o que correu mal?

Tinha sido um simples desentendimento, pensou Laura. Como quase todas as outras desavenças entre as pessoas, foi assim que começou.

— Um dia, Deus virou-se para o seu amigo Lúcifer e disse que estava a pensar dar àqueles brinquedinhos que criara, isto é, às pessoas, o direito de escolherem a forma como agiam. Livre-arbítrio. Lúcifer achava que esse poder devia pertencer apenas aos anjos. Encenou um golpe e perdeu em grande.

Laura começou a andar pelos corredores entre as carteiras. Um dos inconvenientes do acesso gratuito à Internet na universidade era que os miúdos usavam as horas das aulas para fazer compras *online* e descarregar pornografia, se o professor não estivesse atento.

— O que torna o *Inferno* tão brilhante são os *contrapassi*, isto é, os castigos que se aplicam ao crime. Na cabeça de Dante, os pecadores pagam os seus pecados de uma forma que reflete o que fizeram de mal na Terra. Lúcifer não queria que o homem tivesse liberdade de escolha, por isso acaba literalmente paralisado em

gelo. Os videntes andam por lá com as cabeças viradas para trás. Os adúlteros acabam juntos para toda a eternidade, sem retirarem qualquer prazer desse facto. — Laura afastou a imagem que lhe veio à cabeça. — Aparentemente — gracejou —, os ensaios clínicos do *Viagra* foram efetuados no Inferno.

A turma riu-se enquanto ela se dirigia para o estrado.

— No início do século catorze, antes de os italianos poderem sintonizar *A Vingança dos Sith* ou *O Senhor dos Anéis*, este poema era a derradeira batalha do bem contra o mal — disse ela. — Eu gosto da palavra *mal*. Baralhem-na um pouco e obtêm *vil* e *viver*. O *bem*, por outro lado, é apenas uma ordem para *ir fazer* ².

Os quatro alunos que lideravam as diferentes secções da turma naquela aula estavam todos sentados na primeira fila, com os computadores equilibrados sobre os joelhos. Bem, pelo menos três deles. Havia Alpha, a autodenominada retrofeminista, o que, tanto quanto era dado ver a Laura, significava que fazia uma série de discursos sobre a forma como as mulheres modernas tinham sido levadas para tão longe de casa que já não se sentiam à vontade lá dentro. Ao lado dela, Aine rabiscava a face interior de um braço de alabastro, provavelmente com a sua própria poesia. Naryan, que conseguia digitar mais depressa do que Laura conseguia respirar, levantou os olhos do portátil para a fitar, como um corvo à espera de uma migalha. Apenas Seth estava esparramado na cadeira, de olhos fechados, com o cabelo comprido espalhado sobre o rosto. Ele estava a *ressonar*?

Ela sentiu um calor subir-lhe à nuca. Virando as costas a Seth Dummerston, olhou de relance para o relógio ao fundo do anfiteatro.

— Por hoje é tudo. Leiam o quinto canto — ordenou Laura. — Na próxima quarta-feira, vamos falar sobre justiça poética *versus*

retribuição divina. Bom fim de semana, pessoal.

Os alunos pegaram nas mochilas e portáteis, enquanto conversavam sobre as bandas que iam atuar mais tarde e sobre a festa BQP que tinha encomendado um caminhão de areia a sério para a Noite das Caraíbas. Enrolaram cachecóis à volta do pescoço como se fossem ligaduras de cores vivas e saíram do anfiteatro, já esquecidos da aula de Laura.

Laura não precisava de se preparar para a próxima aula; estava a vivê-la. *Cuidado com o que desejas*, pensou. *És capaz de consegui-lo.*

Há seis meses, tinha tanta certeza de que estava a fazer a coisa certa, uma ligação tão natural que cortá-la era mais criminoso do que deixá-la florescer. Quando as mãos dele a percorreram, ela transformou-se: deixou de ser a cerebral professora Stone e passou a ser uma mulher para quem os sentimentos vinham antes dos pensamentos. Mas, agora, quando Laura se apercebeu do que tinha feito, queria culpar um tumor, uma insanidade temporária, qualquer coisa que não fosse o seu próprio egoísmo. Agora, a única coisa que queria era controlar os danos: acabar com aquilo, voltar ao aconchego da família antes que eles tivessem oportunidade de perceber há quanto tempo lá não estava.

Quando o anfiteatro ficou vazio, Laura desligou as luzes do teto. Procurou as chaves do gabinete no bolso. Bolas, tê-las-ia deixado na mala do computador?

— *Véu* ³.

Laura virou-se ao reconhecer as suaves inflexões sulistas da voz de Seth Dummerston. Ele levantou-se e espreguiçou-se, esticando o corpo comprido depois daquela sesta.

— É outro anagrama para *mal* — disse ele. — As coisas que escondemos.

Ela olhou-o com frieza.

— Adormeceste durante a minha aula.

— Deitei-me tarde.

— E de quem é a culpa? — perguntou Laura.

Seth olhou-a da forma como ela costumava olhá-lo e depois inclinou-se para a frente até a sua boca roçar a dela.

— Diz-me tu — sussurrou.

Trixie dobrou a esquina e viu-os: Jessica Ridgeley, com o seu cabelo louro e comprido e a sua pele de filha de dermatologista, estava encostada à porta da sala de Audiovisuais a beijar Jason.

Trixie transformou-se numa rocha, com o mar de estudantes a passar à sua volta. Viu Jason enfiar as mãos nos bolsos de trás das calças de ganga de Jessica. Conseguia ver a covinha que ele tinha no lado esquerdo da boca, aquela que só aparecia quando ele sentia o que dizia.

Estaria a dizer a Jessica que o seu som favorito era o baque surdo que a roupa fazia ao rodar na máquina de secar? Que às vezes passava junto ao telefone e pensava que ela ia ligar, e não é que ligava mesmo? Que uma vez, quando tinha dez anos, arrombou uma máquina de doces porque queria saber o que acontecia às moedas depois de entrarem lá para dentro?

Estaria ela a *ouvi-lo*, sequer?

De repente, Trixie sentiu alguém agarrá-la pelo braço e começar a arrastá-la pelo corredor até sair porta fora para o pátio. Sentiu o

cheiro acre de um fósforo e, passado um minuto, tinham-lhe enfiado um cigarro entre os lábios.

— Inspira — ordenou Zephyr.

Zephyr Santorelli-Weinstein era a melhor amiga de Trixie. Tinha uns olhos enormes e pele morena e a mãe mais fixe do planeta, que lhe comprava incenso para o quarto e a levava a fazer um *piercing* no umbigo, como se fosse um ritual adolescente. Também tinha pai, mas esse vivia na Califórnia com a sua nova família e Trixie sabia que era melhor não tocar no assunto.

— Qual é a aula que tens a seguir?

— Francês.

— A Madame Wright está senil. Vamos faltar.

A secundária de Bethel tinha um *campus* aberto, não porque a administração fosse uma fervorosa promotora da liberdade dos adolescentes, mas simplesmente porque não havia nenhum sítio para ir. Trixie caminhou ao lado de Zephyr ao longo da estrada de acesso à escola, ambas de cabeça baixa por causa do vento e de mãos enfiadas nos bolsos dos seus blusões *North Face*. O padrão de linhas cruzadas no sítio do braço onde se cortara uma hora antes já não estava a sangrar, mas o frio provocava-lhe uma sensação de ardor. Trixie começou automaticamente a respirar pela boca, pois conseguia sentir ao longe o cheiro a gás e ovos podres da fábrica de papel situada mais a norte e que empregava a maior parte da população adulta de Bethel.

— Soube o que aconteceu na aula de Psicologia — disse Zephyr.

— Fantástico — murmurou Trixie. — Agora, toda a gente pensa que sou uma falhada e uma anormal.

Zephyr tirou o cigarro da mão de Trixie e fumou o que restava.

— O que te importa o que toda a gente pensa?

— Toda a gente, não — admitiu Trixie. Sentiu as lágrimas a assomarem-lhe novamente aos olhos e limpou-as com a luva de lã.

— Tenho vontade de matar a Jessica Ridgeley.

— Se fosse a ti, matava antes o Jason — disse Zephyr. — Porque é que deixaste que isso te afetasse?

Trixie abanou a cabeça.

— Eu é que devia estar com ele, Zephyr. No meu íntimo, eu sei isso.

Tinham chegado à curva do rio, a seguir ao terminal com estacionamento, onde a ponte se estendia sobre o rio Androscoggin. Nesta altura do ano, estava quase congelado, com grandes esculturas rodopiantes que se formavam à medida que o gelo se acumulava em torno das rochas aninhadas no leito do rio. Se continuassem a andar por mais quatrocentos metros, chegariam à vila, que consistia basicamente num restaurante chinês, um minimercado, um banco, uma loja de brinquedos e em mais uma série de coisa nenhuma.

Zephyr ficou a ver Trixie chorar durante alguns minutos e depois encostou-se ao gradeamento da ponte.

— Queres as boas notícias ou as más?

Trixie assoou-se a um lenço de papel velho que encontrou no bolso.

— As más.

— Mártir — disse Zephyr a sorrir. — A má notícia é que a minha melhor amiga já ultrapassou oficialmente a tolerância de duas semanas para chorar pelo fim de um relacionamento e a partir de agora vai ser penalizada por isso.

Ao ouvir isto, Trixie esboçou um sorriso.

— E qual é a boa notícia?

— Eu e Moss Minton andamos.

Trixie sentiu outra punhalada no peito. A sua melhor amiga e o melhor amigo de Jason?

— A sério?

— Bem, talvez não seja propriamente *andar*. Ele esperou por mim hoje, depois da aula de Inglês, para saber se tu estavas bem... mas seja como for, na minha maneira de ver, podia ter perguntado a *outra pessoa qualquer*, certo?

Trixie limpou o nariz.

— Ótimo. Ainda bem que a minha infelicidade anda a fazer maravilhas pela tua vida amorosa.

— Bem, podes ter a certeza de que não anda a fazer nada pela *tua*. Não podes continuar a chorar por causa do Jason. Ele sabe que tu estás obcecada. — Zephyr abanou a cabeça. — Os rapazes não querem carência afetiva, Trix. Eles querem... Jessica Ridgeley.

— Mas que raio vê ele nela?

Zephyr encolheu os ombros.

— Vá-se lá saber. O tamanho do sutiã? Um QI de neandertal? — Puxou a pasta a tiracolo para a frente, para procurar um pacote de *M&M's*. Pendurados na ponta da mala, estavam vinte cliques rosa enfiados uns nos outros.

Trixie conhecia raparigas que registavam os encontros sexuais num diário ou prendendo alfinetes de ama à lingueta de um ténis. Zephyr usava cliques.

— Um gajo não te magoa, se não o deixares — disse Zephyr, passando o dedo pelos cliques para que eles dançassem.

Hoje em dia, ter namorado ou namorada não estava em voga; a maior parte dos jovens procurava engates ocasionais. O

pensamento súbito de que podia não ter passado disso para Jason fez Trixie sentir-se agoniada.

— Eu não consigo ser assim.

Zephyr abriu a embalagem de drageias e passou-a a Trixie.

— Amigas coloridas. É isso que os rapazes querem, Trix.

— E que tal falarmos do que as raparigas querem?

Zephyr encolheu os ombros.

— Olha; eu sou uma nódoa a álgebra, não sou capaz de cantar afinada e sou sempre a última a ser escolhida para uma equipa nas aulas de educação física... mas, ao que parece, sou bastante dotada no que toca a engates.

Trixie virou-se, a rir.

— São eles que te *dizem* isso?

— Não deites abaixo até experimentares. É só diversão, sem a bagagem psicológica associada. E no dia seguinte ages como se nada se tivesse passado.

Trixie puxou pela corrente de cliques.

— Se ages como se nada se tivesse passado, porque é que manténs este registo?

— Quando chegar aos cem, posso pedir o anel descodificador gratuito. — Zephyr encolheu os ombros. — Não sei. Suponho que seja apenas para me lembrar de quando comecei.

Trixie abriu a palma da mão e inspecionou os *M&M's*. O corante das drageias já estava a passar-lhe para a pele.

— Porque é que achas que os anúncios dizem que não derrete na mão, quando é sempre isso que acontece?

— Porque toda a gente mente — replicou Zephyr.

Todos os adolescentes sabiam que isto era verdade. O processo de crescimento não era mais do que descobrir quais as portas que

ainda não lhes tinham sido fechadas na cara. Durante anos, os próprios pais de Trixie tinham-lhe dito que ela podia ser o que quisesse, ter o que quisesse, fazer o que quisesse. Era por isso que estava tão desejosa de crescer... até ter chegado à adolescência e ter embatido na grande muralha da realidade. Acontece que ela *não podia* ter tudo o que quisesse. Não se conseguia ser bonita, inteligente ou popular apenas porque se queria. Não se conseguia controlar o próprio destino, pois a pessoa estava demasiado ocupada a tentar integrar-se. Naquele preciso momento, enquanto ela ali estava, havia milhões de pais a encaminhar os filhos para um desgosto.

Zephyr espreitou por cima do gradeamento.

— Esta é a terceira vez que faltou a Inglês esta semana.

Na aula de Francês, Trixie estava a perder um questionário sobre *le subjonctif*. Aparentemente, os verbos também tinham modos: tinham de ser conjugados de forma completamente diferente se fossem usados em frases para exprimir necessidade, dúvida, desejo, opinião. Ela tinha memorizado as expressões mais emblemáticas na noite anterior: *Não é certo que. Não é claro que. Parece que. Pode ser que. Embora. Haja o que houver. Sem.*

Ela não precisava de uma estúpida *leçon* para aprender algo que já sabia há anos: diante de algo negativo ou incerto, havia regras que tinham de ser cumpridas.

Se pudesse escolher, Daniel desenharia sempre um vilão.

Não havia muito que se pudesse fazer com heróis. Eles obedeciam a um conjunto de características tradicionais: queixo quadrado, gémeos superdesenvolvidos, dentes perfeitos. Eram

quinze centímetros mais altos do que o homem normal. Constituíam maravilhas anatómicas, uma intrincada exibição de musculatura. Usavam umas ridículas botas pelo joelho que uma pessoa comum nem morta seria apanhada a usar.

Por outro lado, o mau da fita podia ter um rosto em forma de cebola, bigorna ou panqueca. Os seus olhos podiam ser salientes ou afundar-se nas pregas da pele. O seu físico podia ser gordo ou cadavérico, peludo ou vulcanizado, ou coberto de escamas de lagarto. Podia falar por meio de raios, cuspir fogo, engolir montanhas. Um vilão libertava a criatividade.

O problema é que não era possível ter um sem o outro. Não podia haver um mau da fita sem um tipo bonzinho que criasse a norma. E não podia haver um tipo bonzinho sem um mau da fita para mostrar o quanto se podia desviar do bom caminho.

Hoje, Daniel estava debruçado sobre o estirador, a adiar. Revirava a lapiseira entre os dedos e apertava uma borracha na palma da mão. Estava a ter uma dificuldade dos diabos em transformar a personagem principal num falcão. Tinha acertado na envergadura das asas, mas não conseguia humanizar o rosto por detrás dos olhos brilhantes e do bico.

Daniel era artista de banda desenhada. Enquanto Laura reunira as credenciais académicas que lhe permitiram conseguir um lugar no quadro da Faculdade Monroe, ele trabalhava em casa com Trixie aos pés, enquanto desenhava capítulos para a DC Comics. O seu estilo fizera com que a Marvel reparasse nele e o convidasse inúmeras vezes para ir trabalhar para Nova Iorque na *Ultimate X-Men*, mas Daniel pôs a família à frente da carreira. Tinha feito artes gráficas (logótipos e ilustrações para *newsletters* de empresas) para pagar a hipoteca até ao ano anterior, precisamente antes de

comemorar o seu quadragésimo aniversário, altura em que a Marvel o contratara para trabalhar em casa num projeto à sua escolha.

Ele tinha uma fotografia de Trixie no espaço onde trabalhava, não só porque a amava, mas porque ela era a sua inspiração para este romance gráfico em particular, *O Décimo Círculo*. Bem, Trixie e Laura. A obsessão de Laura por Dante tinha proporcionado a estrutura básica da intriga; Trixie tinha proporcionado o ímpeto. Mas era Daniel o responsável pela criação da sua personagem principal, Wildclaw, um herói que aquela indústria nunca vira.

Em termos históricos, a banda desenhada tinha sido direcionada para rapazes adolescentes. Daniel tinha proposto à Marvel um conceito diferente: uma personagem concebida para o grupo demográfico dos adultos que tinham crescido com livros de banda desenhada e que agora tinham o poder económico que lhes faltava em adolescentes. Adultos que queriam ténis aprovados por Michael Jordan, viam programas de notícias que pareciam segmentos da MTV e jogavam Tetris numa *Nintendo DS* durante os seus voos em classe executiva. Adultos que se identificavam de imediato com o *alter ego* de Wildclaw, Duncan: um pai de quarenta e poucos anos que sabia que envelhecer era tramado, que queria manter a família em segurança e cujos poderes o controlavam, em vez de ser ele a controlá-los.

A narrativa seguia Duncan, um pai vulgar à procura da filha, que tinha sido raptada pelo Diabo, que a levava para os círculos do Inferno de Dante. Quando provocado, Duncan metamorfoseava-se pela raiva ou pelo medo em Wildclaw, transformando-se literalmente num animal. O problema era que o poder envolvia sempre uma perda de humanidade. Se Duncan se transformasse num falcão, urso ou lobo para fugir a uma criatura perigosa, uma parte dele

continuaría assim. O seu maior receio era que se e quando encontrasse a filha desaparecida, esta já não reconhecesse a pessoa em que ele se tornara para a salvar.

Daniel olhou para o que tinha na folha até agora e suspirou. O problema não era desenhar o falcão, pois conseguia fazê-lo de olhos fechados, mas sim certificar-se de que o leitor via o ser humano por trás dele. Não era novo ter um herói que se transformava num animal, mas Daniel tinha chegado ao conceito de forma honesta. Crescera como o único rapaz branco numa aldeia nativa do Alasca, onde a mãe era professora e o pai tinha simplesmente desaparecido. Em Akiak, os iúpiques falavam livremente de crianças que iam viver com focas e de homens que partilhavam a casa com ursos-negros. Uma mulher tinha casado com um cão e dado à luz cachorrinhos, mas, depois de lhes tirar o pelo, vira que não passavam de bebés. Os animais eram simplesmente pessoas não humanas, com a mesma capacidade para tomar decisões conscientes, e a humanidade fervilhava sob a sua pele. Era possível ver isso na forma como se juntavam para comer, como se apaixonavam ou como sofriam. E isto funcionava para os dois lados: às vezes, num ser humano, surgia o vestígio oculto de um animal.

O melhor e único amigo de Daniel na aldeia era um rapaz iúpique chamado Cane, cujo avô chamara a si a tarefa de ensinar Daniel a caçar e a pescar e tudo o mais que o seu pai lhe devia ter ensinado. Por exemplo, como, depois de matar um coelho, era preciso ficar calado, para o espírito do animal poder voltar. Como num acampamento de pesca se lançavam as espinhas do salmão ao rio sussurrando *Ataam taikina*. Volta outra vez.

Daniel passou a maior parte da infância à espera de se ir embora. Ele era um *kass'aq*, um miúdo branco, e isso era razão suficiente para ser gozado, intimidado ou espancado. Quando tinha a idade de Trixie, embriagava-se, causava danos materiais e certificava-se de que todos sabiam que era melhor não se meter com ele. Mas quando não estava a fazer essas coisas, estava a desenhar personagens que, contra todas as probabilidades, lutavam e venciam. Personagens que escondia nas margens dos seus manuais escolares e na tela da palma da sua mão. Desenhava para fugir e, aos dezassete anos, foi isso mesmo que ele fez.

Depois de Daniel deixar Akiak, nunca mais olhou para trás. Aprendeu a deixar de usar os punhos e a transpor antes a raiva para o papel. Conseguiu pôr um pé na indústria da banda desenhada. Nunca falava da sua vida no Alasca, e Trixie e Laura sabiam que era melhor não perguntar. Tornou-se o típico pai suburbano que dava treinos de futebol, grelhava hambúrgueres e cortava a relva do jardim, um homem que ninguém esperava que tivesse sido acusado de algo tão horrível a ponto de tentar fugir de si mesmo.

Daniel apertou a borracha que segurava e apagou o falcão que estava a desenhar. Talvez fosse melhor começar por Duncan-o-homem, em vez de Wildclaw-o-animal? Pegou na lapiseira e começou a desenhar as ovais pouco firmes e os traços de união que se materializaram no seu herói improvável. Nada de elastano, nada de botas altas, nada de máscara: o traje habitual de Duncan era um blusão velho, calças de ganga e sarcasmo. Tal como Daniel, Duncan tinha cabelo preto desgrenhado e pele morena. Tal como Daniel, Duncan tinha uma filha adolescente. E tal como Daniel, tudo

o que Duncan fazia ou deixava de fazer estava ligado a um passado de que ele se recusava a falar.

Vendo bem, Daniel estava a desenhar-se secretamente a si mesmo.

O carro de Jason era um *Volvo* antigo que pertencera à avó. Quando ela fizera oitenta e cinco anos, o avô tinha mandado estofar os bancos de cor-de-rosa, que era a sua cor favorita. Jason tinha dito a Trixie que pensara mudá-los para a cor de carne original, mas quem é que tinha coragem de interferir com um amor assim?

O treino de hóquei tinha acabado há quinze minutos. Trixie esperou ao frio, com as mãos enfiadas nas mangas do blusão, até Jason sair do ringue. Trazia o enorme saco de hóquei pendurado ao ombro e vinha a rir-se ao lado de Moss.

A esperança era uma parte patológica da puberdade, como a acne e o excesso de hormonas. Os outros podiam achar-nos cínicos, mas era apenas um mecanismo de defesa, maquilhagem a disfarçar uma borbulha, porque era demasiado embaraçoso admitir que, apesar dos pontapés que levávamos, ainda não tínhamos desistido totalmente.

Quando Jason deu pela sua presença, Trixie tentou fingir que não viu a expressão que lhe ensombrou o rosto: arrependimento, ou talvez resignação. Concentrou-se antes no facto de ele vir na sua direção.

— Olá — disse ela em tom neutro. — Podes dar-me boleia para casa?

Ele hesitou, o tempo suficiente para ela voltar a morrer por dentro. A seguir, fez-lhe sinal com a cabeça e destrancou o carro.

Ela deslizou para o lugar do passageiro, enquanto Jason guardava o equipamento, ligava a ignição e punha o aquecimento a trabalhar. Trixie pensou em mil perguntas — *Como é que correu o treino? Achas que vai voltar a nevar? Sentes a minha falta?* —, mas não conseguiu falar. Era demasiado estar ali sentada nos bancos cor-de-rosa a apenas trinta centímetros de Jason, tal como já se sentara ao lado dele naquele carro centenas de vezes.

Ele arrancou do parque de estacionamento e pigarreou.

— Sentes-te melhor?

Do que *quando?*, pensou ela.

— Saíste da aula de Psicologia esta manhã — recordou-lhe Jason.

Aquela aula parecia ter sido há uma eternidade. Trixie prendeu o cabelo atrás da orelha.

— Sim — disse ela, e baixou os olhos. Trixie pensou em como costumava pegar na alavanca das mudanças para que quando Jason a agarrasse lhe pegasse automaticamente na mão. Fez deslizar a mão por baixo da coxa e agarrou-se ao banco para não fazer nenhuma estupidez.

— Mas diz lá o que estás aqui a fazer — indagou Jason.

— Queria fazer-te uma pergunta. — Trixie respirou fundo para ganhar coragem. — Como é que consegues?

— Consigo o quê?

— Tudo. Tu sabes. Ir às aulas e aos treinos. Aguentar o dia a dia. Agir como... como se nada disto fosse importante.

Jason praguejou baixinho e parou o carro. A seguir, esticou-se sobre o banco e passou-lhe o polegar pela face; até então, ela nem se apercebera de que estava a chorar.

— Trix — suspirou ele —, foi importante.

Por esta altura, as lágrimas rolavam mais rapidamente.

— Mas eu *amo-te*! — disse Trixie.

Não havia um interruptor que ela pudesse acionar para conter o caudal de sentimentos, nenhuma forma de escoar as memórias que se juntavam como ácido no seu estômago porque o coração já não sabia o que fazer com elas. Não podia culpar Jason; ela também não gostava de si, assim. Mas não podia voltar a ser a rapariga que era antes de o conhecer; essa rapariga tinha desaparecido. Portanto, onde é que *isso* a deixava?

Ela via que Jason estava a vacilar. Quando ele esticou os braços sobre o painel de instrumentos para a tomar nos braços, ela aninhou a cabeça junto ao seu pescoço e encostou a boca ao sal da sua pele. «Obrigada», murmurou ela, dirigindo-se a Deus ou a Jason, ou talvez a ambos.

As palavras dele agitaram o cabelo que ela tinha prendido atrás da orelha.

— Trixie, tens de parar com isto. Acabou.

A frase caiu entre os dois como uma guilhotina. Trixie libertou-se, limpando os olhos à manga tufada do casaco.

— Se estamos a falar de *nós* — sussurrou —, como é que és *tu* quem decide?

Quando ele não respondeu — não *conseguiu* responder — ela virou-se e olhou pela janela do carro. Acontece que ainda estavam no parque de estacionamento. Não tinham chegado a lado nenhum.

Durante todo o caminho até casa, Laura planeou a forma de dar a notícia a Seth. Por mais lisonjeiro que fosse um homem de vinte e poucos anos achar atraente uma mulher de trinta e oito, também era

errado: Laura era professora dele, era casada e era mãe. Ela pertencia a uma realidade feita de reuniões na faculdade, publicação de ensaios e *think tanks* efetuados em casa do reitor de Humanidades, para não falar nas reuniões de pais na escola de Trixie e nas preocupações com o abrandamento do seu próprio metabolismo e com saber se poderia poupar dinheiro caso trocasse de operador de telemóvel. Disse para consigo que não importava o facto de Seth fazê-la sentir-se como fruta de verão prestes a cair da árvore, algo que não se lembrava de ter sentido com Daniel durante a última década.

Acontece que fazer alguma coisa de errado provocava uma grande descarga de adrenalina. Seth era misterioso, instável e imprevisível e... oh, Deus, só o facto de pensar nele estava a fazê-la conduzir depressa demais. Por outro lado, o marido de Laura era o homem mais sensato, fiável e sereno de todo o Maine. Daniel nunca se esquecia de pôr o caixote da reciclagem lá fora; punha o café a fazer na noite anterior porque ela ficava impossível de aturar quando não o tinha de manhã; nunca se queixava de ter levado uma boa década a mais do que gostaria a fazer nome na indústria da banda desenhada por ter ficado em casa com a filha. Às vezes, ridiculamente, quanto mais perfeito ele era, mais ela se zangava, como se a generosidade do marido só existisse para realçar ainda mais o egoísmo dela. Mas a culpada disso era ela, quando lhe fizera o ultimato e lhe dissera que tinha de mudar.

O problema (se queria ser honesta consigo mesma) é que, quando lhe pedira para mudar, estava centrada naquilo de que supunha precisar. Esquecera-se de catalogar tudo o que iria perder. O que ela mais gostara em Seth — a excitação de fazer algo proibido, a noção de que mulheres como ela não se ligavam a

homens como ele — era exatamente aquilo que a fizera apaixonar-se outrora por Daniel.

Ela ainda pensara em contar a Daniel que tinha um caso, mas de que serviria isso? Só iria magoá-lo. Em vez disso, ia compensá-lo como pudesse. Ia matá-lo com tanta gentileza. Ia ser a melhor esposa, a melhor mãe, a amante mais atenta. Ia devolver-lhe tudo o que esperava que ele não tivesse chegado a dar pela falta.

Até Dante dizia que, se andássemos pelo Inferno, podíamos subir ao Paraíso.

Laura viu um arraial de luzes pelo retrovisor.

— Bolas! — murmurou, encostando ao mesmo tempo que o carro da polícia parava atrás do seu *Toyota*.

Um agente alto caminhou em direção a ela, a silhueta desenhada pelos faróis do seu veículo.

— Boa noite, minha senhora, sabia que ia em excesso de velocidade?

Aparentemente não, pensou Laura.

— Vou precisar da sua carta de condução e... professora Stone? É a senhora?

Laura olhou para o rosto do agente. Não conseguiu lembrar-se de onde o conhecia, mas era suficientemente jovem para poder ter sido seu aluno. Brindou-o com a sua expressão mais humilde. Teria ele tido uma nota suficientemente alta à sua disciplina para não lhe passar uma multa?

— Bernie Aylesworth — disse ele, sorrindo para Laura. — Fiz a sua cadeira sobre Dante no meu último ano, em 2001. Não consegui lugar no ano anterior.

Ela sabia que era uma professora popular. A cadeira sobre Dante tinha uma avaliação ainda mais alta do que a Introdução à Física,

onde Jeb Wetherby disparava macacos de canhões para ensinar o movimento dos projéteis. O *Guia Não Autorizado da Faculdade de Monroe* dizia que ela era a professora com quem os alunos mais gostariam de tomar uma cerveja. *Será que Seth tinha lido isso?*, pensou ela de repente.

— Desta vez, vou só dar-lhe um aviso — disse Bernie, e Laura perguntou-se onde é que ele estava há seis meses, quando precisava realmente que lho dessem. Ele entregou-lhe um papel e sorriu.

— Então, para onde é que ia com tanta pressa?

Não ia, vinha, pensou ela.

— Para casa — disse-lhe. — Ia para casa.

Esperou até ele estar dentro do carro para ligar o sinal — um gesto de penitência — e entrar na ligeira curva da estrada. Conduziu dentro dos limites de velocidade, de olhos postos em frente, com o cuidado de quem sabe que há alguém a observar-nos.

— Vou sair — disse Laura assim que entrou em casa.

Daniel levantou os olhos da bancada da cozinha, onde estava a cortar brócolos para o jantar. O frango com alho já estava ao lume.

— Ainda agora chegaste — disse ele.

— Eu sei.

Laura levantou a tampa da frigideira e inspirou.

— Cheira mesmo bem. Quem me dera *poder* ficar.

Ele não sabia dizer o que havia nela de diferente, mas supunha que fosse porque quando dissera que gostava de poder ficar em casa, acreditara nela. A maior parte das vezes, quando pedia desculpa por se ir embora, era apenas um pró-forma.

— O que se passa? — perguntou ele.

Ela virou as costas a Daniel e começou a separar o correio.

— Aquela coisa lá no departamento de que te falei.

Ela não lhe tinha falado em nada e ele *sabia* disso. Ela desenrolou o lenço do pescoço e despiu o casaco, pondo-os em cima de uma cadeira. Vestia um fato preto e botas *Sorel*, que estavam a deixar um rasto de neve em pequenas poças pelo chão da cozinha.

— Como está a Trixie?

— Está no quarto.

Laura abriu o frigorífico e encheu um copo de água.

— A poeta louca está a querer dar o golpe — disse ela. — Tem andado a falar com os professores do quadro. Não creio que saiba que...

De repente, ouviu-se um estrépito e Daniel virou-se mesmo a tempo de ver o vidro explodir no chão de mosaico. A água espalhou-se numa poça, deslizando para baixo do frigorífico.

— Bolas! — gritou Laura, ajoelhando-se para apanhar os estilhaços.

— Eu trato disso — disse Daniel, atirando toalhas de papel para o chão para absorver a água. — Tens de ter calma. Estás a sangrar.

Laura olhou para o golpe na ponta do polegar como se fosse noutra pessoa. Daniel foi ter com ela e envolveu-lhe a mão num pano da louça limpo. Ajoelharam-se no chão de mosaico a centímetros um do outro, a ver o sangue ensopar o tecido aos quadrados.

Daniel não se conseguia lembrar da última vez que ele e Laura tinham estado tão próximos um do outro. Não se conseguia lembrar de uma série de coisas, como o som da respiração dela ao

adormecer, ou o meio sorriso que lhe escapava como um segredo quando alguma coisa a apanhava de surpresa. Ele tentara dizer a si mesmo que Laura andava muito ocupada, como acontecia sempre no início de um trimestre. Não perguntou se seria algo mais do que isso, porque não queria ouvir a resposta.

— Precisamos de tratar disso — disse Daniel. Os ossos do pulso dela eram leves e frágeis na sua mão, delicados como porcelana.

Laura soltou-se.

— Estou bem — insistiu, e levantou-se. — Foi só um arranhão. — Por um momento, olhou para ele, como se também soubesse que havia outra conversa a decorrer ali, uma conversa que tinham optado por *não* ter.

— Laura. — Daniel levantou-se, mas ela afastou-se.

— Tenho mesmo de ir mudar de roupa — disse ela.

Daniel viu-a sair dali e ouviu os seus passos na escada, lá em cima. *Já mudaste*, pensou.

— Tu *não* fizeste uma coisa dessas! — disse Zephyr.

Trixie arregaçou as mangas e olhou para os cortes nos braços, uma rede vermelha de arrependimento.

— Na altura, pareceu-me boa ideia — disse. — Comecei a andar e quando dei por mim estava no ringue... Achei que era um sinal. Se pudéssemos conversar...

— Trixie, neste momento o Jason não quer conversar. Ele quer é que decretem uma medida de afastamento. — Zephyr suspirou. — És tão *Atração Fatal*...

— Atração quê?

— É um filme antigo. Nunca vês nada em que o Paul Walker não entre?

Trixie prendeu o telefone entre o ombro e o ouvido e desenroscou cuidadosamente a proteção do X-ato que tirara do escritório do pai. A lâmina saiu, um minúsculo trapezoide prateado.

— Faria qualquer coisa para o ter de volta. — Fechando os olhos, Trixie fez uma incisão no braço esquerdo. Susteve a respiração e imaginou que estava a abrir um respiradouro, para aliviar aquela enorme pressão.

— Vais queixar-te disto até ao final do secundário? — perguntou Zephyr. — Porque, se for assim, então sou eu que vou tratar do assunto.

E se o pai batesse à porta naquele momento? E se alguém, até mesmo Zephyr, descobrisse que ela andava a fazer aquilo? Talvez não fosse alívio o que sentia, mas sim vergonha. Ambos queimavam de dentro para fora.

— Então, queres a minha ajuda? — perguntou Zephyr.

Trixie pressionou o corte com a mão, estancando o sangue.

— Estou? — disse Zephyr. — Ainda aí estás?

Trixie levantou a mão. O sangue era vivo e brilhante contra a sua palma.

— Sim — suspirou. — Parece que sim.

— Vens mesmo na altura certa — disse Daniel ao ouvir os passos de Trixie a descer a escada. Pôs dois pratos na mesa da cozinha e virou-se, deparando-se com ela de casaco vestido e de mochila na mão. A cascata de cabelo saía-lhe por baixo de um gorro às riscas.

— Oh! — disse ela, pestanejando ao ver a comida. — A Zephyr convidou-me para ir lá dormir.

— Podes ir depois de comer.

Trixie mordeu o lábio inferior.

— A mãe dela está a contar comigo para jantar.

Daniel conhecia Zephyr desde que ela tinha sete anos. Ele costumava sentar-se na sala enquanto ela e Trixie executavam os passos da claque que tinham inventado durante uma tarde de brincadeira, ou sincronizavam os lábios com o que passava na rádio, ou apresentavam exercícios de cambalhotas. Ainda conseguia praticamente ouvi-las a fazer um jogo de bater as palmas: *Enrola o melão, desenrola a melancia...*

Na semana anterior, Daniel tinha entrado em casa com um saco de mercearias e encontrara uma desconhecida na cozinha, debruçada sobre um catálogo. *Belo rabo*, pensou, até ela se endireitar e ver que era Zephyr.

— Olá, senhor Stone — dissera ela. — A Trixie está na casa de banho.

Ela não se tinha apercebido de que ele corara nem que saíra da cozinha antes de a própria filha voltar. Sentou-se no sofá com o saco das compras nas mãos, o gelado a amolecer contra o seu peito, enquanto pensava se haveria outros pais por aí a cometer o mesmo erro quando davam de caras com Trixie.

— Bem — disse ele agora. — Eu guardo os restos. — Levantou-se para ir buscar as chaves do carro.

— Ah, não vale a pena. Posso ir a pé.

— Já está escuro — disse Daniel.

Trixie olhou-o com ar de desafio.

— Acho que sou capaz de chegar a uma casa que fica a três quarteirões daqui. Não sou nenhum bebê, pai.

Daniel não sabia o que dizer. Para ele, ela *era* um bebê.

— Então, antes de ires para casa da Zephyr, talvez pudesses ir votar, alistar-te no exército e alugar um carro... ah, espera lá, é verdade. Ainda *não podes*.

Trixie revirou os olhos, tirou o gorro e as luvas e sentou-se.

— Pensei que ias comer em casa da Zephyr.

— E vou — disse ela. — Mas não quero que comas sozinho.

Daniel deixou-se cair na cadeira à frente dela. Teve um súbito *flashback* de Trixie na aula de *ballet*, dos dois a esforçarem-se por prender o seu cabelo fino num puxo com uma rede antes de começar o treino. Sempre fora o único pai presente; as esposas de outros homens acorriam a ajudá-lo a colocar os ganchos no cabelo e a puxar a franja para trás com laca.

No seu primeiro e único espetáculo de bailado, Trixie tinha sido a rena da frente, puxando o trenó onde ia a Fada do Açúcar. Vestia um fato branco, tinha uma bandolete com chifres de rena e o nariz pintado de vermelho. Daniel não tirou os olhos dela durante os três minutos e vinte e dois segundos em que ela esteve no palco.

E não queria tirar os olhos dela agora, mas parte desta nova rotina da adolescência significava que uma parte da dança tinha lugar fora do palco.

— O que vão fazer hoje à noite? — perguntou Daniel.

— Não sei. Alugar um filme na televisão, acho eu. E tu, o que vais fazer?

— Oh, a mesma coisa que faço sempre quando estou sozinho em casa. Dançar por aí nu, ligar para a linha de atendimento dos médiuns, curar o cancro, negociar a paz mundial.

Trixie sorriu.

— Também podes limpar o meu quarto?

— Não sei se tenho tempo. Depende dos norte-coreanos serem cooperantes ou não. — Brincou com a comida no prato, comeu umas quantas garfadas e depois deitou o resto no lixo. — Muito bem, estás oficialmente livre.

Ela levantou-se, pegou na mochila e dirigiu-se para a porta.

— Obrigada, paizinho.

— Sempre ao dispor — disse Daniel, mas as palavras subiram de tom no final, como se ele lhe estivesse a pedir minutos que ela já não tinha para dar.

Ela não estava a mentir. Não mais do que o pai fizera quando Trixie era pequena e lhe dissera que um dia iam ter um cão, embora isso nunca viesse a acontecer. Estava apenas a dizer-lhe o que ele queria, isto é, precisava de ouvir. Toda a gente dizia que os melhores relacionamentos entre pais e filhos envolviam uma comunicação aberta, mas Trixie sabia que isso não era verdade. Os melhores relacionamentos eram aqueles em que ambas as partes faziam o que fosse preciso para não desiludir a outra.

Não estava propriamente a mentir. Ela *ia* para casa de Zephyr. E contava passar lá a noite.

Mas a mãe de Zephyr tinha ido visitar o irmão mais velho à Faculdade Wesleyan durante o fim de semana e Trixie não era a única que tinha sido convidada para lá passar a noite. Ia mais um monte de gente, incluindo alguns jogadores de hóquei.

Como Jason.

Trixie agachou-se atrás da cerca da casa da senhora Argobath, abriu a mochila e tirou umas calças de ganga que tinham a cintura tão descaída que tinha de usá-las sem cuecas. Tinha-as comprado há um mês e escondido do pai, pois sabia que ele teria um ataque cardíaco se a visse com elas vestidas. Despindo as calças de fato de treino e as cuecas — Santo Deus, estava frio lá fora — enfiou-se nas calças de ganga. Remexeu nas coisas que tinha surripiado do roupeiro da mãe, visto que já usavam o mesmo tamanho. Trixie tinha querido levar os botins pretos de salto alto, mas não conseguiu encontrá-los. Em vez disso, decidira-se por um cinto de argolas metálicas e por uma simples blusa preta que a mãe tinha usado um ano por cima de uma camisola de alcinhas em veludo num jantar de Natal da faculdade. As mangas não eram suficientemente transparentes para se ver a ligadura que ela tinha posto por cima dos cortes no braço, mas via-se perfeitamente que a única coisa que tinha por baixo da blusa era um sutiã de cetim preto.

Voltou a fechar o casaco, pôs o gorro e começou a andar. Sinceramente, Trixie não tinha a certeza de conseguir fazer o que Zephyr sugerira. *Fá-lo ir ter contigo*, dissera Zephyr. *Faz-lhe ciúmes*.

Talvez se estivesse embriagada ou completamente pedrada.

Ora *aí* estava uma ideia. Uma pessoa deixava de ser quem era quando estava sob o efeito de drogas.

Mas, se calhar, até ia ser mais fácil do que esperava. Ser outra pessoa — outra pessoa qualquer, mesmo por uma noite — seria sempre melhor do que ser Trixie Stone.

Um coração humano parte-se quando é largado de uma grande altura. Seth estava deitado nos lençóis do seu *futon*, aqueles que

cheiravam aos cigarros que ele enrolava e a Laura, cheiro que ele adorava. Ainda sentia as palavras dela como o coice de uma arma. «Acabou.»

Laura tinha ido à casa de banho para se recompor. Seth sabia que havia uma linha muito ténue entre o dever e o desejo; que era possível pensar que se estava a caminhar de um lado e acabar por se encontrar subitamente firmado do outro. Só que, estupidamente, também supusera que não ia ser assim com eles. Supusera que, apesar da diferença de idades, ele podia ser o futuro de Laura. Não tinha contado com a possibilidade de ela preferir o passado.

— Eu posso ser o que tu quiseses que eu seja — prometera. — Por favor — dissera ele, meio a perguntar, meio a ordenar.

Quando a campainha da porta tocou, quase não atendeu. Era a última coisa de que precisava naquele momento. Mas a campainha voltou a tocar e Seth abriu a porta, deparando-se com a miúda no meio das sombras.

— Mais tarde — disse Seth, preparando-se para fechar a porta.

Sentiu enfiarem-lhe uma nota de vinte dólares na mão.

— Escuta — disse Seth com um suspiro. — Não tenho material.

— Tens de ter *alguma coisa* — disse ela, passando-lhe mais duas notas de vinte dólares para a mão.

Seth hesitou. Ele não estava a mentir, não tinha mesmo erva nenhuma, mas era difícil recusar sessenta dólares quando se tinha comido *noodles* todas as noites naquela semana. Perguntou-se quanto tempo teria até Laura sair da casa de banho.

— Espera aqui — disse.

Ele guardava o material dentro de uma viola velha a que faltava metade das cordas. O estojo estava coberto de selos de viagem, de

Istambul, Paris e Banguécoque, e tinha um autocolante que dizia SE CONSEGUES LER ISTO, PÕE-TE MAS É A ANDAR.

A primeira vez que Laura visitara o seu apartamento, ele tinha ido buscar uma garrafa de vinho e, ao voltar, encontrara-a a dedilhar as cordas que restavam, com a viola ainda guardada dentro do estojo aberto. *Tocas?*, perguntara ela.

Ele tinha ficado paralisado, mas apenas por um instante. Agarrou no estojo, fechou-o e pô-lo de lado. *Depende*, replicara.

Agora, enfiou a mão na concavidade oca e remexeu lá dentro. Seth considerava a sua vocação adicional de forma filosófica: a faculdade custava uma fortuna; o seu trabalho no consultório veterinário mal dava para pagar a renda; e vender erva não era muito diferente de comprar uma embalagem de seis cervejas para um bando de adolescentes. Não era o mesmo que andar a vender cocaína ou heroína, que podia mesmo dar cabo de um gajo. Mas, mesmo assim, não queria que Laura soubesse disso. Ele sabia dizer o que ela sentia em relação à política, à ação afirmativa ou ao toque de uma mão ao longo da sua coluna delicada, mas não sabia o que ela diria se descobrisse que ele traficava.

Seth encontrou o frasquinho que procurava.

— Esta merda é forte — avisou ele, passando-o lá para fora.

— O que é que faz?

— Leva-te para outro lugar — respondeu Seth. Ouviu a água parar de correr na casa de banho. — Queres ou não?

A rapariga pegou no frasquinho e desapareceu na noite. Seth fechou a porta precisamente quando Laura saiu da casa de banho, de olhos vermelhos e cara inchada. Estacou de imediato.

— Estavas a falar com alguém?

Embora Seth gostasse de anunciar alegremente ao mundo que amava Laura, ela corria o risco de perder o emprego e a família... Ele devia ter percebido que alguém que se esforçava tanto por não ser vista nunca seria capaz de vê-lo como devia ser.

— Com ninguém — disse Seth amargamente. — O teu segredinho continua a salvo.

Ele virou-se para não ter de vê-la deixá-lo. Ouviu a porta abrir-se e sentiu o golpe de ar frio.

— Não é de ti que sinto vergonha — murmurou Laura, e saiu da sua vida.

Zephyr estava a distribuir batons: rosa-choque, preto-gótico, escarlate, ameixa. Enfiou um na mão de Trixie. Era dourado e Trixie virou-o ao contrário para ler o nome: «Tudo o que brilha...»

— Sabes o que fazer, certo? — murmurou Zephyr.

Trixie sabia. Nunca tinha jogado ao Arco-Íris, nunca fora preciso. Tinha estado antes com Jason.

Assim que Trixie chegara a casa de Zephyr, a amiga tinha-lhe explicado as linhas gerais para Trixie ser bem-sucedida nessa noite. Primeiro que tudo, ter um ar sexy. Em segundo lugar, beber a toda a hora tudo o que lhe aparecesse pela frente. Em terceiro lugar, e o mais importante, não quebrar a regra das duas horas e meia. Trixie só podia falar com Jason passado esse tempo. Entretanto, tinha de se atirar a todos, menos a ele. Segundo Zephyr, Jason esperava que ela continuasse a suspirar por ele. Quando sucedesse o contrário, quando ele visse outros rapazes a olhar para Trixie e a dizer-lhe que tinha sido um idiota, isso ia fazê-lo perceber o seu erro.

No entanto, Jason ainda não tinha aparecido. Zephyr disse a Trixie para se limitar a cumprir os dois primeiros pontos do plano, para estar podre de bêbeda quando Jason chegasse e ele a visse na maior. Com esse objetivo, Trixie tinha passado a noite a dançar com qualquer um, e sozinha quando não conseguia encontrar parceiro. Bebeu até mais não poder. Caiu no colo de rapazes que não lhe podiam interessar menos e fingiu que gostava.

Olhou para o seu reflexo no vidro da janela e aplicou o batom dourado. Parecia uma modelo num vídeo da MTV.

Havia três jogos que percorriam as festas nos últimos tempos. «Ligação em cadeia» significava fazer sexo como se fosse uma fila de conga: fazia-lo com um rapaz que o fazia com uma rapariga, que por sua vez o fazia com outro rapaz, e assim sucessivamente, até voltar ao início. Durante o «Rosto Impassível», um grupo de rapazes sentava-se a uma mesa com as calças puxadas para baixo e expressões destituídas de emoção, enquanto uma rapariga se punha debaixo da mesa e fazia um broche a um deles, e todos tinham de adivinhar quem era o feliz contemplado.

O Arco-Íris era uma combinação dos outros dois. Uma dúzia de raparigas recebiam batons de cores diferentes antes de fazerem sexo oral com os rapazes, e aquele que exibisse mais cores no final da noite era o vencedor.

Um finalista que Trixie não conhecia entrelaçou os dedos nos de Zephyr e puxou-a para a frente. Trixie viu-o sentar-se no sofá e viu-a vergar-se como uma flor aos pés dele. Afastou-se dali com o rosto em brasa.

Não significa nada, dissera Zephyr.

Só te magoa se deixares.

— Olá.

Trixie virou-se e deu com um rapaz a olhar para ela.

— Hum — disse. — Olá.

— Queres ir... sentar-te?

Ele era louro, ao passo que Jason era muito moreno. Tinha olhos castanhos, e não azuis. Deu por si a analisá-lo, não em termos de quem era, mas sim de quem não era.

Imaginou o que aconteceria se Jason passasse por aquela porta e a visse a fazê-lo com outra pessoa. Perguntou-se se ele a reconheceria de imediato. Se a estaca que lhe atravessaria o coração seria tão dolorosa quanto a que Trixie sentia de cada vez que o via com Jessica Ridgeley.

Respirando fundo, conduziu o rapaz — como é que ele se chamava? E isso tinha alguma importância? — até um sofá. Pegou numa cerveja que estava em cima da mesa ao lado deles e bebeu-a de um trago. A seguir, ajoelhou-se entre as pernas do rapaz e beijou-o. Os seus dentes roçaram nos dele.

Ela baixou as mãos e desapertou-lhe o cinto, olhando para baixo tempo suficiente para ver que ele usava *boxers*. Fechou os olhos e tentou imaginar como seria se o baixo da música pudesse tocar através dos poros da sua pele.

Ele enfiou a mão no cabelo dela, fazendo-a baixar-se, como quem põe a cabeça no cepo. Ela sentiu o seu cheiro almiscarado e ouviu o grunhido de alguém do outro lado da sala, e a seguir ele já estava na sua boca e ela imaginou os salpicos dourados dos seus lábios a circundarem-no como pó de fada.

Nauseada, Trixie afastou-se e pôs-se em pé. Ainda conseguia sentir o seu sabor, por isso saiu aos tropeções daquela sala latejante e chegou à rua mesmo a tempo de vomitar nas hortênsias da senhora Santorelli-Weinstein.

Quando se fazia aquilo sem qualquer sentimento associado até podia não significar nada... mas a questão é que a pessoa também deixava de ter significado. Trixie perguntou-se se haveria algo de errado com ela por não conseguir comportar-se como Zephyr: na boa e de forma desprendida, como se nada daquilo interessasse. Seria mesmo isso que os rapazes queriam? Ou seria simplesmente o que as raparigas *pensavam* que eles queriam?

Trixie limpou a boca com a mão trémula e sentou-se nos degraus da entrada. Ao longe, ouviu bater a porta de um carro. Ouviu uma voz que a assombrava cada segundo antes de adormecer:

— Vá lá, Moss. Ela é *caloira*. Porque é que não paramos de falar disto de uma vez por todas?

Trixie olhou para o passeio até ver aparecer Jason iluminado pela luz de um candeeiro enquanto caminhava ao lado de Moss em direção à porta de entrada de Zephyr.

Deu meia-volta, tirou o batom do bolso e aplicou uma nova camada. Brilhava no escuro. Parecia cera, como se fosse uma máscara, como se nada daquilo fosse real.

Laura tinha telefonado a dizer que, como estava no *campus*, ia lá ficar para classificar uns trabalhos. Até era capaz de passar a noite no gabinete.

Podias trabalhar em casa, disse Daniel, quando o que queria realmente dizer era *Porque é que parece que estiveste a chorar?*

Não, despacho mais trabalho aqui, replicou Laura, quando o que queria realmente dizer era *Por favor, não perguntes*.

Amo-te, disse Daniel, mas Laura não disse nada.

Quando a nossa outra metade faltava, a cama não era a mesma. Havia um vazio do outro lado, um buraco negro cósmico do qual não nos podíamos aproximar demasiado sem cair num abismo de memórias. Daniel deitou-se com as mantas puxadas até ao queixo e o ecrã da televisão a emitir ainda uma luz verde.

Sempre pensara que se havia alguém naquele casamento capaz de trair, esse alguém era ele. Laura nunca tinha feito nada de mal, nem sequer tivera uma porcaria de uma multa de trânsito. Por outro lado, ele tinha uma longa história de comportamento desviante que o teria levado seguramente à prisão, caso não se tivesse apaixonado. Ele presumia que era possível esconder a infidelidade como uma ruga na roupa debaixo de um cinto ou de um punho, um defeito de que tínhamos conhecimento, mas que conseguíamos esconder dos outros. Em vez disso, a traição tinha um cheiro próprio, o cheiro que persistia na pele de Laura mesmo depois de ela ter saído do duche. Daniel levou algum tempo até reconhecer o que era aquele cheiro acre a limão: uma confiança tardia e inesperada.

Há umas noites, ao jantar, Trixie tinha-lhes lido um problema de lógica que fazia parte dos trabalhos de casa de Psicologia: *Uma mulher está no funeral da mãe. Aí, encontra um homem que não conhece e que nunca viu, que pensa ser o homem dos seus sonhos. Mas, devido às circunstâncias, esquece-se de lhe pedir o número de telefone e não consegue encontrá-lo depois disso. Alguns dias mais tarde, mata a sua própria irmã. Porquê?*

Laura avançou o palpite de que a irmã se tinha envolvido com o tal homem. Daniel achou que podia ter algo a ver com uma herança. Parabéns, dissera Trixie, nenhum de vocês é psicopata. A razão para ter matado a irmã era porque tinha esperança de que ele

também aparecesse *nesse* funeral. A maior parte dos assassinos em série a quem tinha sido feita aquela pergunta tinha dado a resposta certa.

Só mais tarde, enquanto estava deitado na cama com Laura a dormir profundamente ao seu lado, é que Daniel encontrou uma explicação diferente. Segundo Trixie, a mulher que estava no funeral tinha-se apaixonado. E como qualquer acelerante, isso alterara a equação. Quando se juntava amor, a pessoa era capaz de cometer loucuras. Quando se juntava amor, todas as linhas entre o bem e o mal acabavam por desaparecer.

Eram duas e meia da manhã e Trixie estava a fazer *bluff*.

Por esta altura, a festa já tinha esmorecido. Restavam apenas quatro pessoas: Zephyr e Moss e Trixie e Jason. Trixie tinha conseguido evitar terminar o jogo do Arco-Íris, jogando antes Quarters na cozinha com Moss e Jason. Quando Zephyr a encontrou lá, puxou Trixie à parte, furiosa. Porque é que se estava a armar em pudica? Aquela noite destinava-se a deixar Jason com ciúmes! Por isso, Trixie tinha voltado para junto de Moss e Jason e sugerira que os quatro jogassem *strip* póquer.

Já estavam a jogar há tempo suficiente para as apostas serem relevantes. Jason tinha desistido há algum tempo; estava encostado à parede, de braços cruzados, a assistir ao resto do jogo.

Zephyr pôs as cartas na mesa com um floreado: dois pares, ternos e valetes. No sofá à frente dela, Moss mostrou a sua mão e sorriu.

— Eu tenho uma sequência.

Zephyr já tinha tirado os sapatos, as meias e as calças. Levantou-se e começou a despir a camisola. Foi ter com Moss de sutiã, enrolou-lhe a *t-shirt* à volta do pescoço e depois beijou-o tão lentamente que ele ficou com a pele branca do rosto completamente cor-de-rosa.

Quando ela se voltou a sentar, olhou de relance para Trixie, como que a dizer *É assim que se faz*.

— Faz batota — disse Moss. — Quero ver se ela é mesmo loura. Zephyr virou-se para Trixie.

— Faz batota. Quero ver se ele é mesmo um rapaz.

Trixie tinha a cabeça a andar à roda, mas sentia os olhos de Jason postos nela. Talvez devesse avançar a matar. Olhou para Zephyr, à espera de uma dica, mas ela estava demasiado entretida com Moss para lhe prestar atenção.

Oh, meu Deus, era brilhante!

Se o objetivo daquela noite era fazer ciúmes a Jason, a melhor forma de o conseguir era atirando-se ao melhor amigo dele.

Trixie levantou-se e deixou-se cair no colo de Moss. Os braços dele rodearam-na e as cartas espalharam-se sobre a mesa de centro: duque de copas, sena de ouros, dama de paus, três de paus, oito de espadas. Moss começou a rir.

— Trixie, é a pior mão que alguma vez vi.

— Sim, Trix — disse Zephyr, olhando-a fixamente. — Estás mesmo a pedi-las.

Trixie olhou para ela. Ela sabia que a única razão para se estar a atirar a Moss era fazer ciúmes a Jason, não sabia? Mas, antes de lhe poder telegrafar esta mensagem através de algum poder extrassensorial, Moss puxou-lhe pela alça do sutiã.

— Acho que perdeste — disse ele a sorrir, e recostou-se para ver que peça de roupa ela ia tirar.

Trixie estava reduzida ao seu sutiã preto, à ligadura elástica e às calças de ganga de cintura descaída, aquelas que usava sem cuecas. Não planeava separar-se de nenhuma *dessas* peças. Mas tinha um plano: ia tirar os brincos. Levou a mão esquerda ao lóbulo, mas apercebeu-se de que se tinha esquecido de os pôr. As argolas de ouro estavam pousadas na cómoda do seu quarto, onde ela as deixara.

Trixie já tinha retirado o relógio, o fio e o travessão. Até tinha cortado a pulseira em macramé do tornozelo. O rubor subiu-lhe dos ombros nus para o rosto.

— Desisto.

— Não podes desistir *depois* do jogo — disse Moss. — Regras são regras.

Jason afastou-se da parede e aproximou-se mais.

— Dá-lhe um desconto, Moss.

— Acho que ela prefere que eu lhe dê outra coisa...

— Estou fora — disse Trixie, com a voz a patinar o gelo fino do pânico. Cruzou as mãos à sua frente. O seu coração batia tanto que ela achou que ele ia rebentar na palma da sua mão. De repente, aquilo parecia ainda pior do que o Arco-Íris, pois o anonimato tinha desaparecido. Aqui, se agisse como uma prostituta, toda a gente sabia quem ela era.

— Eu dispo-me em vez dela — sugeriu Zephyr, encostando-se a Moss.

Mas, nesse momento, Trixie olhou para Jason e lembrou-se da razão para ter ido a casa de Zephyr. *Vale a pena*, pensou, *se isso o trouxer de volta*.

— Eu faço — disse ela. — Mas apenas por um segundo.

Virando as costas aos três, fez deslizar as alças do sutiã pelos braços e sentiu os seios a libertarem-se. Respirou fundo e virou-se.

Jason estava de olhos postos no chão. Mas Moss estava a segurar o telemóvel e, antes que Trixie conseguisse perceber porquê, tinha-lhe tirado uma fotografia.

Ela fechou o sutiã e precipitou-se para o telefone.

— Dá-me isso!

Ele enfiou-o nas calças.

— Vem buscá-lo, querida.

De repente, Trixie deu por si mais longe de Moss. O som do punho de Jason a atingir Moss fê-la retrair-se.

— Santo Deus, para com isso! — gritou Moss. — Pensei que tinhas dito que já não querias nada com ela.

Trixie pegou na blusa, desejando que fosse uma camisa de flanela ou uma camisola polar que a tapasse por completo. Segurou-a à sua frente e correu para a casa de banho, ao fundo do corredor. Zephyr seguiu-a, entrando na divisão minúscula e fechando a porta atrás de si.

A tremer, Trixie enfiou as mãos nas mangas da blusa.

— Fá-los ir para casa.

— Mas agora é que está a ficar interessante — disse Zephyr.

Trixie levantou os olhos, espantada.

— *O quê?*

— Bem, por amor de Deus, Trixie! Sim, ele tinha um telefone com câmara, grande coisa! Foi uma brincadeira.

— Porque é que estás do lado dele?

— Porque é que estás armada em parva?

Trixie sentiu as faces a escaldar.

— A ideia foi *tua*! Disseste-me que, se eu fizesse o que tu disseses, ia conseguir recuperar o Jason.

— Sim — ripostou Zephyr. — Então, porque é que te estavas a atirar ao Moss?

Trixie pensou nos cliques na mochila de Zephyr. Os engates ocasionais não eram ocasionais, independentemente do que a pessoa dizia a si mesma. Ou à sua melhor amiga.

Alguém bateu à porta e, logo a seguir, Moss abriu-a. Tinha o lábio cortado e um vergão no olho esquerdo.

— Oh, meu Deus! — disse Zephyr. — Vejam só o que ele te fez! Moss encolheu os ombros.

— Já fez pior durante uma luta pela posse de bola.

— Acho que precisas de te deitar — disse ela. — De preferência, comigo. — Enquanto puxava Moss para fora da casa de banho e o levava escada acima, nem olhou para trás.

Trixie sentou-se na tampa da sanita e enterrou o rosto entre as mãos. Ouviu vagamente a música a ser desligada. Sentia as têmporas a latejar, assim como o braço, no sítio onde se cortara. Tinha a garganta seca como sola. Pegou numa lata de *Coca-Cola* meio vazia que estava em cima do lavatório e bebeu-a. Queria ir para casa.

— Psst!

Trixie levantou a cara e deu com Jason a olhar para ela.

— Pensava que te tinhas ido embora.

— Queria ter a certeza de que estavas bem. Precisas de boleia?

Trixie enxugou os olhos, deixando um rasto de rímel na mão. Tinha dito ao pai que ia lá passar a noite, mas isso tinha sido antes da discussão com Zephyr.

— Isso seria ótimo — disse, e depois começou a chorar.

Ele puxou-a para cima e tomou-a nos braços. Depois daquela noite, depois de tudo o que acontecera e da figura de parva que fizera, a única coisa que ela queria era um lugar onde encaixasse bem. Em Jason, tudo era *certo*, desde a temperatura da sua pele à forma como a pulsação dela batia em uníssono com a dele. Quando aninhou o rosto na curva do seu pescoço, encostou os lábios à sua clavícula; não foi bem um beijo, mas também não deixou de ser.

Ela pensou bastante antes de levantar o rosto em direção ao dele. Obrigou-se a recordar as palavras de Moss: *Pensei que tinhas dito que já não querias nada com ela.*

Quando Jason a beijou, sabia a rum e a indecisão. Ela retribuiu o beijo até tudo começar a girar, até já não se conseguir lembrar de quanto tempo passara. Queria ficar assim para sempre. Queria que o mundo crescesse à volta deles, um monte na paisagem onde só floresciam violetas, porque isso era o que acontecia num solo demasiado fértil para seu próprio bem.

Trixie encostou a testa à de Jason.

— Eu não tenho de ir já para casa — disse ela.

Daniel estava a sonhar com o Inferno. Havia um lago de gelo e uma extensão de tundra. Um cão amarrado a uma vara de aço, com o focinho enterrado num prato de sopa de peixe. Havia um monte de neve derretida, que deixava ver invólucros de guloseimas, latas de *Pepsi* vazias, um brinquedo partido. Ouviu o baque surdo de uma bola de basquete no passadiço de madeira escorregadio e a ponta de uma lona verde a bater contra o banco da mota de neve que cobria. Viu uma Lua que demorava a desaparecer no céu, como um bêbedo relutante em deixar o melhor lugar do bar.

Ao ouvir um estrondo, acordou de imediato e deu por si ainda sozinho na cama. Eram 3h32 da manhã. Foi até ao corredor, ligando os interruptores à sua passagem.

— Laura — chamou. — És tu?

O soalho de madeira era frio sob os seus pés descalços. Não parecia passar-se nada de estranho lá em baixo, mas, quando chegou à cozinha, já quase se convencera de que ia dar de caras com um intruso. Sentiu uma velha cautela despertar dentro de si, a memória visceral de luta ou fuga que ele pensava ter esquecido há muito.

Não havia ninguém na cave, nem na casa de banho de serviço, nem na sala de jantar. Na sala de estar, o telefone continuava no gancho. Foi na entrada que ele se apercebeu de que Trixie devia ter vindo mais cedo para casa. O casaco dela estava lá e as botas tinham sido atiradas para o chão de tijoleira.

— Trixie? — chamou, voltando a subir a escada.

Mas ela não estava no quarto e, quando ele chegou à casa de banho, a porta estava trancada. Daniel abanou-a, mas não houve resposta. Ele atirou todo o seu peso contra a ombreira até a porta se abrir.

Trixie estava a tremer, acocorada entre a parede e a cabina do duche.

— Querida — disse ele, baixando-se sobre um joelho. — Estás doente?

Mas, nessa altura, Trixie virou-se em câmara lenta, como se ele fosse a última pessoa que esperava ver. Tinha os olhos vazios, manchados de rímel. Vestia qualquer coisa preta e muito fina que estava rasgada no ombro.

— Oh, paizinho! — disse ela, e começou a chorar.

— Trixie, o que aconteceu?

Ela abriu a boca para falar, mas depois cerrou os lábios e abanou a cabeça.

— Podes contar-me — disse Daniel tomando-a nos braços como se ela fosse outra vez pequenina.

Ela tinha as mãos entrelaçadas no meio de ambos, como um coração que tivesse partido as suas amarras.

— Papá — sussurrou. — Ele violou-me.

¹ Daniel é autor de banda desenhada, em inglês *comic book*, literalmente «livro cómico». (N. da T.)

² Estas últimas duas frases só fazem sentido na língua inglesa, pois jogam com as palavras mal e bem, respetivamente *evil* e *good*, fazendo depois anagramas das mesmas: *vile* e *live* (vil e viver) e *go do* (ir fazer). (N. da T.)

³ Em inglês, *veil*, ou seja, mais um anagrama da palavra *evil* (mal). (N. da T.)

A TRANSFORMAÇÃO É
UMA COISA CURIOSA.

NUNCA SABEMOS NO
QUE NOS VAMOS
TORNAR... NEM PORQUE.

DEPOIS,
UM DIA, OLHAMOS
PARA NÓS E
PERGUNTAMO-NOS
QUEM SOMOS E COMO
FICAMOS ASSIM.

SÓ HÁ UMA COISA NA
TRANSFORMAÇÃO QUE
PERMANECE CONSTANTE...

O QUE É ISSSSO?

DESSSTRÓI-O.

...É SEMPRE
DOLOROSA.

—

—





ACABA TÃO DEPRESSA
QUANTO COMEÇA.

TRACY,
QUERIDA,
ONDE
ESTÁS?

—?!

QUEM ÉS TU?
ONDE ESTOU?
FALA, CARAMBA!

GLUP!
SOU VIRGÍLIO...
ARGH... PRAZER...
EM CONHECER-TE.

DESCULPA, VIRGÍLIO.
PENSEI QUE ERAS
UMA DESSAS... COISAS.
EU SOU...

...DUNCAN.
EU SEI.
E SEI DA TUA FILHA.

COMO SABES
O MEU NOME?
E ONDE ESTÁ
A MINHA
FILHA?

GLUP!
AS NOTÍCIAS
CORREM DEPRESSA
NO INFERNO...

INFERNO?
AQUELE DEMÔNIO
DISSE A MESMA
COISA. PENSEI QUE
ERA UMA
METÁFORA OU
COISA
PARECIDA.

TUDO ISTO
É TÃO CLARO COMO
LAMA.

NÃO HÁ
METÁFORAS
NO INFERNO. SÓ
COMPARAÇÕES.

EXATAMENTE.



NÃO TEMOS MUITO TEMPO.
PARA ENCONTRAMOS
A TUA FILHA, TEMOS
DE NOS APRESSAR...
E TENS DE CONFIAR
EM MIM. TOMA.

NÃO CONFIIO NELE.
MAS TENHO DE
ENCONTRAR TRACY
E ANDO POR AQUI
PERDIDO.
NA VERDADE, NÃO
TENHO ESCOLHA.

NÃO Fiques
ALARMADO.
É UMA CAPA NEBULON.
DEVOLVE-TE À TUA
FORMA DEPOIS
DAS TUAS...
TRANSFORMAÇÕES.

VAI MANTER-TE
QUENTE. HÁ MUITOS
DIAS FRIOS AQUI
NO INFERNO.

ISSO É PARA
TER GRACA?

NÃO HÁ NADA
DE ENGRAÇADO
NO INFERNO.
ERA APENAS
IRONIA.

VAMOS DEIXAR
O PRIMEIRO CÍRCULO
DO INFERNO. OS DEMÓNIOS
COM QUE LUTASTE ERAM
AS ALMAS DOS DESCRENTES
CONDENADOS A PASSAR A
ETERNIDADE COMO SOMBRAS
INFORMES E NIILISTAS.

CREIO QUE
É O PRÓPRIO SENHOR DAS
TREVAS QUE TEM A TUA
FILHA, NO NONO CÍRCULO,
O ÚLTIMO NÍVEL DO
INFERNO. NÃO SEI DIZER
PORQUE. O MAIS PROVÁVEL
É MORRERMOS ANTES
DE DESCOBRIRMOS.

A VIAGEM É
PERIGOSA. HÁ NOVE
NÍVEIS DE INFERNO.
CADA UM MAIS
HORRÍVEL
DO QUE O OUTRO.

VAI TU
PRIMEIRO.

OH,
OBRIGADO!



2

Ela tinha retribuído o beijo. Deviam ter adormecido os dois durante algum tempo, pois Trixie acordou com ele inclinado sobre ela, com os lábios no seu pescoço. Sentia a pele a arder onde ele lhe tocara.

Foi trazida de volta ao presente quando o pai se esticou para regular o aquecimento no tabliê.

— Sentes calor a mais?

Trixie abanou a cabeça.

— Não, estou bem — disse ela. Mas não estava, longe disso.

Daniel mexeu no botão por mais um instante. Este era o pesadelo que enterrava os dentes no pescoço de qualquer pai. *A tua filha está magoada. Quanto tempo levas a fazê-la sentir-se melhor?*

E se não conseguires?

Debaixo dos pneus, ouvia o nome que não conseguia tirar da cabeça desde o momento que encontrara Trixie na casa de banho.

Quem te fez isto?

Jason. Jason Underhill.

Num tornado de pura fúria, Daniel tinha pegado na primeira coisa a que conseguiu deitar a mão — uma saboneteira — e arremessou-a contra o espelho da casa de banho. Trixie tinha começado a gritar e a tremer tanto que levou cinco minutos a acalmá-la. Ele não sabia quem tinha ficado mais chocado com aquela explosão: se Trixie, que nunca o tinha visto assim, se o próprio Daniel, que se tinha esquecido de como era. Depois disso, tinha tido cuidado com as perguntas que fazia à filha. Não era que não quisesse conversar com ela; tinha era medo de ouvir as suas respostas, e mais medo

ainda de reagir de forma errada. Nunca aprendera o protocolo para aquilo. Ia além do reconfortar; ia além do criar bem os filhos. Significava transformar toda a raiva que sentia neste momento — suficiente para exalar fogo e fazer explodir o para-brisas — em palavras que se espalhavam como um bálsamo, um conforto invisível para feridas demasiado grandes para se verem.

De repente, Daniel travou a fundo. O camião de transporte de madeira à frente deles serpenteava sobre a linha separadora da autoestrada.

— Ele ainda vai matar alguém — disse Daniel, e Trixie pensou *Que seja eu*. Sentia-se dormente da cintura para baixo, uma sereia presa no gelo.

— A mãe vai lá ter connosco?

— Espero que sim, querida.

Só depois de o pai a ter envolvido num cobertor, de a ter embalado e de lhe ter dito que iam ao hospital, quando Trixie ainda estava a chorar baixinho pela mãe, é que ele confessara que Laura não estava em casa. *Mas são três e meia da manhã*, dissera Trixie. *Onde é que ela foi?* Tinha havido um momento em que a dor deixara de pertencer a Trixie e passara a ser antes do pai, mas nesse momento ele afastara-se para ir buscar outro cobertor e foi aí que Trixie se apercebeu de que ela não era a única baixa da noite.

O camião de transporte de madeira guinou subitamente para a esquerda. QUE TAL ME ESTOU A SAIR?, dizia o autocolante na porta traseira, o que encorajava os motoristas a denunciar a condução imprudente para um número gratuito. *Estou a sair-me bem*, pensou Daniel. *Estou inteiro e de boa saúde e, ao meu lado, a pessoa que mais amo neste mundo está desfeita em mil pedaços.*

Trixie observou a lateral do caminhão quando o pai acelerou e o ultrapassou, ao mesmo tempo que pressionava a buzina. Soou-lhe demasiado alta para aquela hora da manhã. Parecia rasgar o céu ao meio. Ela tapou os ouvidos, mas mesmo assim conseguia ouvi-la, como um grito vindo lá de dentro.

Voltando à faixa do lado direito da estrada, Daniel olhou furtivamente para Trixie, no banco ao lado. Estava enrolada numa bola, com o rosto pálido e as mãos escondidas dentro das mangas. Daniel apostava que ela nem sabia que estava a chorar.

Ela tinha-se esquecido do casaco e Daniel apercebeu-se de que a culpa era dele. Devia-a ter lembrado. Ele também devia ter trazido um.

Trixie sentia o peso da preocupação do pai. Quem diria que as palavras que não se conseguiam dizer eram assim tão pesadas... De repente, lembrou-se de um pote de vidro soprado que quebrara quando tinha onze anos, uma peça que já vinha da avó da mãe. Tinha agarrado em todos os bocados e colara-os de forma a não se ver, mas nem assim conseguira enganar a mãe. Imaginava que o mesmo se aplicava agora a si própria.

Daniel pensou que, se fosse um dia normal, estaria naquele momento a acordar Trixie para ir para a escola. Gritava com ela quando passava demasiado tempo na casa de banho a arranjar o cabelo e dizia-lhe que ia chegar atrasada. Punha-lhe uma tigela na mesa do pequeno-almoço e enchia-a de cereais *Life*.

Desde o momento em que tudo acabara até ao momento em que entrara em sua casa, Trixie tinha dito apenas uma palavra, murmurada ao sair do carro dele. *Obrigada*.

Daniel viu pelo retrovisor o caminhão de transporte de madeira a ficar cada vez mais para trás. O perigo surgia em diferentes formas,

em diferentes alturas da vida. Havia uvas, berlindes e outros riscos de sufocar. Havia árvores demasiado altas para escalar. Havia fósforos, trotinetas e facas de cozinha esquecidas em cima da bancada. Daniel estava obcecado com o dia em que Trixie começaria a conduzir. Podia ensinar-lhe como ser a condutora mais defensiva do planeta, mas não podia responder pelos idiotas dos camionistas que não dormiam há três dias e que eram capazes de passar um sinal vermelho. Não podia impedir um bêbedo de beber mais um copo antes de se sentar ao volante do carro para regressar a casa.

Pela janela do lado do passageiro, Trixie via a paisagem passar sem registar uma única imagem. Não conseguia parar de se perguntar: será que, se não tivesse retribuído o beijo, nada daquilo teria acontecido?

O telefone tocou dez vezes no gabinete de Laura, uma divisão do tamanho de um quatinho de vestir, mas Daniel não conseguia desligar. Tinha tentado tudo, em todo o lado. Laura não atendia o telefone no gabinete; não estava em casa; o telemóvel ia diretamente para as mensagens. Tinha-se desligado do mundo de propósito.

Daniel tinha arranjado desculpas para a mulher por sua alta recreação, mas não podia fazer o mesmo em relação a Trixie. Porque, pela primeira vez na vida, Daniel não achava que fosse tudo o que a filha precisava naquele momento.

Praguejou em voz alta e voltou a ligar para o gabinete de Laura, para deixar uma mensagem.

— Fala o Daniel. São quatro da manhã. Trouxe a Trixie ao Stephens Memorial, estamos nas Urgências. Ela foi... foi violada esta noite. — Hesitou. — Por favor, vem.

Trixie perguntou-se se seria aquilo que se sentia quando se levava um tiro. Se, mesmo depois de a bala atravessar a carne e o osso, a pessoa olhava para si mesma com distanciamento, avaliando os danos, como se não fosse ela a atingida, mas outra pessoa que nos tivessem pedido para avaliar. Perguntou-se se o torpor poderia ser considerado uma dor crônica.

Ali sentada, à espera que o pai voltasse da casa de banho, Trixie inventariou o ambiente que a rodeava: o chiar dos sapatos brancos das enfermeiras, o trepidar urgente de um carrinho de emergência a ser empurrado pelo linóleo, as paredes de betão verde subaquático e as cadeiras em forma de ameba onde os tinham mandado esperar. O cheiro a roupa de cama, a metal e a medo. A grinalda e as meias penduradas atrás da enfermeira da triagem, o arremedo de uma árvore de Natal junto ao tabuleiro de arame que tinha as fichas dos doentes. Trixie não reparou simplesmente nessas coisas, absorveu-as e decidiu que estava a saturar-se de sensações para compensar os trinta minutos que eliminara da sua consciência.

Com um sobressalto, apercebeu-se de que já tinha começado a dividir a sua vida em *antes* e *depois*.

Olá, está a ligar para Laura Stone, disse a voz dela. Deixe-me uma mensagem e eu ligo-lhe.

Deixe-me.

Eu ligo-lhe.

Daniel voltou a desligar e entrou novamente no hospital, onde os telemóveis eram proibidos. Mas, quando chegou à sala de espera, Trixie tinha desaparecido. Foi ter com a enfermeira da triagem.

— Em que quarto está a minha filha? Trixie Stone?

A enfermeira olhou para ele.

— Lamento, senhor Stone. Eu sei que ela é um caso prioritário, mas estamos com falta de pessoal e...

— Ainda não a chamaram? — exclamou Daniel. — Então, onde é que ela está?

Ele sabia que não a devia ter deixado sozinha, sabia que ela nem sequer o ouvira, apesar de acenar com a cabeça quando lhe perguntara se não fazia mal deixá-la sozinha por um instante. Afastando-se do balcão redondo, abriu as portas duplas do Serviço de Urgência, a chamar por Trixie.

— O senhor não pode entrar aí! — disse a enfermeira, levantando-se.

— Trixie? — berrou Daniel, enquanto os doentes o fitavam dos espaços delimitados por cortinas, com os rostos pálidos, ensanguentados ou fracos. — Trixie!

Um auxiliar agarrou-o pelo braço, mas ele libertou-se daquele homem enorme. Dobrou a esquina, esbarrando num médico interno de bata branca, antes de chegar a um corredor sem saída. Deu meia-volta, continuou a chamar por Trixie e, depois, por entre o espaço intersticial das letras do seu nome, ouviu Trixie a chamar por *ele*.

Seguiu o fiozinho da sua voz pelo labirinto de corredores e viu-a finalmente.

— Estou aqui — disse, e ela virou-se para ele e desatou a chorar.

— Perdi-me — soluçou ela junto ao seu peito. — Não conseguia respirar. Estavam a olhar para mim.

— Quem?

— Toda a gente que estava na sala de espera. Perguntavam-se o que havia de errado comigo.

Daniel agarrou-lhe em ambas as mãos.

— Não há nada de errado contigo — disse ele, e aquela primeira mentira abriu-lhe uma brecha no coração.

Uma mulher com uma enorme camada de maquilhagem aproximou-se.

— Trixie Stone? — disse ela. — O meu nome é Janice. Sou especializada em dar apoio a vítimas de abusos sexuais. Estou aqui para responder às perguntas que tu ou a tua família possam ter e para te ajudar a compreender o que vai acontecer.

Daniel não conseguia abstrair-se da maquilhagem. Se aquela mulher tinha sido chamada para ajudar Trixie, quanto tempo perdera a aplicar aquelas pestanas postiças e aquele *blush* brilhante? Quão mais cedo poderia ter chegado?

— Primeiro, o mais importante — disse Janice, de olhos postos em Trixie. — A culpa não foi tua.

Trixie olhou para ela.

— Nem sequer sabe o que aconteceu.

— Sei que nenhuma mulher merece ser violada, seja ela quem for e faça o que fizer — disse Janice. — Já tomaste duche?

Daniel perguntou-se como é que ela podia pensar numa coisa dessas. Trixie ainda tinha vestida a mesma blusa rasgada e viam-se círculos de rímel à volta dos olhos. Ela tinha querido tomar um

duche, por isso a encontrara na casa de banho, mas Daniel sabia o suficiente para a impedir de o fazer. *Provas*. A palavra tinha-lhe vindo à cabeça como um tubarão.

— E a polícia? — ouviu Daniel, e ficou espantado ao perceber que tinha sido ele quem perguntara.

Janice virou-se.

— O hospital comunica automaticamente à polícia qualquer caso de abuso sexual de menor — disse ela. — Se Trixie quer apresentar queixa, ou não, isso é com ela.

Ela vai apresentar queixa contra aquele filho da mãe, pensou Daniel, *nem que tenha de a convencer*.

E logo a seguir: se obrigasse Trixie a fazer algo que ela não quisesse, em que é que seria diferente de Jason Underhill?

Enquanto Janice explicava os pormenores do exame que ela ia fazer, Trixie abanou a cabeça e abraçou-se a si mesma.

— Eu quero ir para casa — disse ela em voz sumida. — Mudei de ideias.

— Precisas de ser vista por um médico, Trixie. Estarei contigo o tempo todo. — Virou-se para Daniel. — Há uma senhora Stone...?

Excelente pergunta, pensou Daniel, antes que pudesse evitá-lo.

— Ela vem a caminho — disse ele. Por esta altura, talvez nem fosse mentira.

Trixie agarrou-se ao braço dele.

— E o meu pai? Pode entrar comigo?

Janice olhou para Daniel, depois para Trixie e novamente para ele.

— É um exame pélvico — disse ela delicadamente.

A última vez que Daniel tinha visto Trixie nua, ela tinha onze anos e preparava-se para tomar um banho de espuma. Ele tinha

entrado na casa de banho, pensando que ela estava apenas a escovar os dentes, e tinham olhado juntos para o seu corpo a desabrochar no reflexo do espelho. Depois disso, ele tinha o cuidado de bater à porta, de desenhar uma cortina invisível à sua volta, para lhe dar privacidade.

Quando ele era miúdo, no Alasca, tinha conhecido esquimós iúpiques que o detestavam assim que o viam por ele ser um *kass'aq*. Não importava se tinha seis ou sete anos, se não tinha sido ele o caucasiano que lhes extorquir a terra, ou lhes recusara emprego, ou o responsável por qualquer outro dos seus muitos ressentimentos. A única coisa que viam era que Daniel era branco e, por associação, era um íman para a sua raiva. Imaginava agora como seria ser o único homem na sala durante um exame de abuso sexual.

— Por favor, paizinho?

Por detrás do medo nos olhos de Trixie estava o entendimento de que, mesmo com aquela desconhecida, ia estar sozinha, e ela não podia voltar a correr esse risco. Por isso, Daniel respirou fundo e desceu o corredor entre Trixie e Janice. Dentro do consultório, havia uma maca; ele ajudou Trixie a subir para cima dela. A médica entrou quase de imediato, uma mulher pequena com uniforme hospitalar e um casaco branco.

— Olá, Trixie — disse, e se ficou surpreendida por ver um pai no consultório, em vez de uma mãe, não disse nada. Foi ter com Trixie e apertou-lhe a mão. — Já estás a ser muito corajosa. A única coisa que te peço é que continues assim.

Entregou um impresso a Daniel e pediu-lhe que o assinasse, explicando que, como Trixie era menor, um dos pais ou um tutor tinha de autorizar a colheita e a divulgação da informação. Mediu a

tensão arterial e a pulsação de Trixie e tomou notas no seu bloco. A seguir, começou a fazer uma série de perguntas a Trixie.

Qual é a tua morada?

Quantos anos tens?

Em que dia ocorreu o abuso? Aproximadamente a que horas?

Qual era o sexo do perpetrador? O número de perpetradores?

Daniel sentiu uma linha de suor a escorrer sob o colarinho da camisa.

Tomaste duche, banho, urinaste ou defecaste desde a violação?

Vomitaste, comeste ou bebeste, mudaste de roupa, escovaste os dentes?

Ele viu Trixie dizer que não com a cabeça a cada uma daquelas perguntas. Antes de o fazer, olhava sempre para Daniel como se ele tivesse a resposta nos olhos.

Tiveste relações sexuais consentidas nos últimos cinco dias?

Trixie ficou imóvel e, desta vez, o seu olhar afastou-se do dele. Murmurou qualquer coisa inaudível.

— Desculpa — disse a médica. — Não percebi.

— Foi a primeira vez — repetiu Trixie.

Daniel sentiu o gabinete andar à roda e saiu dali. Teve uma vaga consciência de pedir desculpa e de ver o rosto de Trixie, uma oval branca de contornos esbatidos. Precisou de tentar duas vezes até conseguir manobrar os dedos de forma a abrir o trinco da porta.

Lá fora, cerrou o punho e esmurrou a parede de cimento. Fê-lo vezes sem conta. Continuou a fazê-lo já com lágrimas nos olhos, e uma enfermeira levou-o dali para lhe lavar o sangue dos nós dos dedos e para lhe ligar os arranhões que tinha na palma da mão. Fê-lo até saber que Trixie não era a única que estava a sofrer.

Trixie não estava onde toda a gente pensava que ela estava. Podia estar fisicamente no consultório, mas mentalmente estava a flutuar, a pairar no canto superior esquerdo do teto, a ver a médica e aquela outra mulher a ajudar aquela pobre rapariga triste e destroçada que já tinha sido ela.

Perguntou-se se saberiam que a sua paciente era uma casca, uma concha abandonada por um caracol porque já não lhe servia. Seria de esperar que uma pessoa que frequentara a faculdade de medicina conseguisse ouvir através do estetoscópio que alguém estava vazio por dentro. Trixie viu-se a si própria pisar uma folha de papel branco com movimentos rígidos e bruscos. Ouviu a doutora Roth pedir-lhe para tirar a roupa, explicando que podia haver vestígios no tecido que os inspetores pudessem utilizar.

— E depois devolvem-mas? — ouviu-se Trixie dizer.

— Receio que não — respondeu a médica.

— O teu pai vai num instante a casa e traz-te alguma coisa para vestires — acrescentou Janice.

Trixie olhou para a blusa fina da mãe. *Ela vai matar-me*, pensou Trixie, e depois quase se riu. Será que a mãe ia prestar atenção à porcaria da *blusa* quando descobrisse o que tinha acontecido? Com movimentos lentos, Trixie desabotoou mecanicamente a camisa e tirou-a. Lembrou-se demasiado tarde da ligadura elástica que tinha à volta do pulso.

— O que aconteceu aí? — perguntou a doutora Roth, tocando suavemente nos ganchos metálicos que prendiam a ligadura.

Trixie entrou em pânico. O que diria a médica se soubesse que Trixie ganhara o hábito de cortar o braço? Poderia ir parar à ala psiquiátrica por causa disso?

— Trixie — disse a doutora Roth. — Há nódoas negras por baixo disso?

Ela pregou os olhos no chão.

— É mais tipo cortes.

Quando a doutora Roth começou a desenrolar a ligadura do seu pulso esquerdo, Trixie não se opôs. Pensou como seria estar internada numa instituição. Depois daquilo tudo, talvez não fosse assim tão mau ficar afastada do mundo e completamente entupida de medicamentos.

As mãos enluvadas da doutora Roth passaram por cima de um corte tão recente que Trixie ainda conseguia ver a pele a cicatrizar.

— Ele usou uma faca?

Trixie pestanejou. Ainda estava tão desligada do seu corpo que levou um momento para compreender o que a médica estava a sugerir e mais um momento depois disso para compreender que tinham acabado de lhe dar uma saída.

— Não... não me parece — disse Trixie. — Acho que ele me arranhou quando eu dei luta.

A doutora Roth escreveu qualquer coisa no seu bloco, enquanto Trixie continuava a despir-se. A seguir foram as calças de ganga e depois ficou apenas de sutiã e cuecas, a tremer de frio.

— Tinhas essas cuecas vestidas quando aconteceu? — perguntou a médica.

Trixie abanou a cabeça. Tinha-as vestido e posto um grande penso higiénico quando vira que estava a sangrar.

— Eu não tinha cuecas vestidas — murmurou Trixie, e apercebeu-se imediatamente de como isso a fazia parecer uma vadia qualquer. Olhou de relance para o chão, para a blusa transparente. Teria sido por isso que acontecera?

— Calças de cintura descaída — disse Janice com ar de entendida, e Trixie acenou afirmativamente, grata por não ter sido ela a ter de explicar.

Trixie não se lembrava de alguma vez se ter sentido tão cansada. Os contornos do consultório pareciam fluidos, como um ovo que não fora cozinhado tempo suficiente. Janice passou-lhe uma bata de hospital, que era praticamente o mesmo que estar nua, uma vez que era aberta nas costas.

— Podes sentar-te — disse a doutora Roth.

A seguir, foram as análises ao sangue. Era como quando tinham tido de fazer grupos de dois na aula de Ciências do oitavo ano, para tentar analisar o seu grupo sanguíneo. Trixie quase desmaiara ao ver o sangue e a professora mandara-a ir ter com a enfermeira, que a fizera respirar para dentro de um saco de papel durante meia hora. Tinha ficado tão envergonhada que telefonara ao pai a dizer que estava doente, embora fisicamente se sentisse muito melhor. Ela e o pai tinham jogado uma partida de Monopólio e, como de costume, Trixie comprara Park Place e Boardwalk, adquirira hotéis e ganhara ao pai.

Mas, desta vez, quando a agulha entrou, Trixie estava a observar lá de cima. Não sentiu a picada, nem se sentiu tonta. Não sentiu absolutamente nada, é claro, porque aquela não era ela.

Quando a doutora Roth apagou as luzes, Janice interveio.

— Agora, a doutora vai usar uma luz especial, uma lâmpada de Wood. Não dói.

Podiam ser mil agulhas, Trixie sabia que nem assim sentiria o que quer que fosse. Mas isto era mais como uma cabina de bronzamento, só que mais sinistra. A luz emitia raios ultravioletas e, quando Trixie olhou para o seu próprio corpo nu, estava coberto

de linhas e manchas roxas que não eram visíveis antes. A doutora Roth humedeceu um cotonete comprido e encostou-o a uma mancha que ela tinha no ombro. Deixou-o em cima do balcão a secar e, depois de seco, Trixie viu-a escrever na bolsa de papel onde o cotonete tinha sido guardado: *Saliva suspeita recolhida do ombro direito*.

A médica fez esfregaços no interior da bochecha e na língua de Trixie. Penteou-lhe suavemente o cabelo para cima de uma toalha de papel, que dobrou em seguida deixando o pente lá dentro. A doutora Roth pôs outra toalha debaixo dela, usando um pente diferente para fazer o mesmo aos pelos púbicos. Trixie teve de desviar o olhar, de tão constrangedor que era.

— Está quase — murmurou Janice.

A doutora Roth levantou os estribos ao fundo da maca.

— Já alguma vez foste a um ginecologista, Trixie? — perguntou.

Trixie tinha uma consulta marcada para o próximo mês de fevereiro, na médica da mãe. *É uma questão de saúde*, assegurara-lhe a mãe, e ainda bem, pois Trixie não estava a pensar discutir a sua vida sexual em voz alta, sobretudo com a mãe. Há uns meses, quando a consulta fora marcada, Trixie ainda nem sequer tinha beijado um rapaz.

— Vais sentir um pouco de pressão — disse a doutora Roth, dobrando as pernas de Trixie para as pousar nos estribos, um origâmi humano que a deixava hirta e aberta.

Nesse instante, Trixie sentiu o que restava do seu espírito a cair de onde estivera a observar, junto ao teto, e afundar-se sinistramente no seu corpo maltratado. Conseguia sentir a mão de Janice a afagar-lhe o braço e a luva da médica a separar-lhe as entranhas. Pela primeira vez desde que entrara no hospital, estava

completa e dolorosamente consciente de quem era e do que lhe tinham feito.

Sentiu o frio do aço e a abrasão na carne. Um empurrão do exterior enquanto o seu corpo lutava por manter o espéculo cá fora. Trixie tentou espedir, mas estavam a segurar-lhe as coxas e a seguir sentiu dor, força e *está a partir-me em duas*.

— Trixie — disse Janice de forma enérgica. — Trixie, minha querida, para de lutar. Não faz mal. É só a doutora.

De repente, a porta abriu-se e Trixie viu a mãe, com olhar de leoa e ar determinado.

— Trixie — disse Laura, duas sílabas divididas ao meio.

Agora, que Trixie já conseguia sentir, quem lhe dera não conseguir. A única coisa pior do que não sentir nada era sentir *tudo*. Começou a tremer descontroladamente, um átomo prestes a cindir-se sob o seu peso combinado; e depois deu por si ancorada no abraço da mãe, com os seus corações a bater com força um contra o outro, enquanto a médica e Janice lhes davam um momento de privacidade.

— Onde *estavas*? — gritou Trixie, uma acusação e uma pergunta em simultâneo. Começou a soluçar de tal maneira que não conseguia recuperar o fôlego.

As mãos de Laura estavam na nuca de Trixie, no seu cabelo, em redor do seu peito.

— Devia estar em casa — disse a mãe. — Desculpa. Lamento imenso.

Trixie não tinha a certeza se a mãe estava a pedir desculpa ou apenas a reconhecer os seus próprios erros. Ela *devia* estar em casa. Talvez assim Trixie não se tivesse arriscado a mentir sobre ir dormir a casa de Zephyr; talvez não tivesse tido oportunidade de lhe

surripiar a blusa transparente. Talvez tivesse passado a noite na sua própria cama. Talvez a pior dor que tivesse de suportar fosse mais um corte de lâmina, um ferimento autoinfligido.

A sua raiva surpreendeu-a. Talvez nada daquilo fosse culpa da mãe, mas ela estivesse a fingir que sim. Porque uma mãe tinha obrigação de proteger a filha. Porque se ficasse zangada, não teria espaço dentro de si para ficar assustada. Porque se a culpa fosse da mãe, nesse caso não podia ser *sua*.

Laura abraçou Trixie com tanta força que não havia espaço entre as duas para a dúvida.

— Nós vamos superar isto — prometeu ela.

— Eu sei — respondeu Trixie.

Estavam ambas a mentir, e Trixie pensou que talvez passasse a ser assim. Na sequência de uma catástrofe, a última coisa que a pessoa precisava era de detonar mais uma bomba. Em vez disso, caminhava por entre os destroços dizendo a si mesma que não era tão mau como parecia. Depois daquela noite, ela já não podia ser criança. Depois daquela noite, já não havia espaço na sua vida para a sinceridade.

Daniel estava supremamente grato por lhe terem dado uma incumbência.

— Ela precisa de uma muda de roupa — dissera Janice. Ele estava com medo de não conseguir voltar antes de Trixie estar despachada, mas Janice assegurou-lhe que ainda ia levar um bom bocado.

De qualquer forma, regressou a casa à mesma velocidade com que se dirigira ao hospital.

Quando chegou a Bethel, já tinha amanhecido. Passou com o carro pelo ringue de hóquei e viu sair uma série de jogadores minúsculos, todos eles seguidos pelos pais, que carregavam um enorme saco de equipamento. Passou por um velhote de chinelos a escorregar no gelo do caminho da entrada para ir buscar o jornal. Ziguezagueou por entre os veículos estacionados dos caçadores que batiam a floresta em busca de veados.

Na pressa de sair, tinha deixado a porta destrancada. A luz do exaustor, que tinha deixado ligada na noite anterior para o caso de Laura chegar tarde, continuava acesa, embora a cozinha já estivesse inundada pela luz do sol. Daniel desligou-a e depois subiu a escada para ir ao quarto de Trixie.

Há uns anos, quando ela lhe dissera que queria voar como os homens e mulheres que via na sua banda desenhada, ele tinha-lhe dado um céu para o fazer. As paredes e o teto do quarto de Trixie estavam cobertos de nuvens; o soalho em madeira era como um cirro espiralado e etéreo. De alguma forma, Trixie foi crescendo e não quis livrar-se dos murais. Eles pareciam elogiá-la, dizer-lhe que era uma rapariga demasiado vibrante para ser contida por paredes. Mas, neste momento, as nuvens que em tempos pareciam tão libertadoras provocaram em Daniel uma sensação de queda. Firmou-se agarrando-se à mobília, indo da cama até à cómoda e depois ao roupeiro.

Tentou lembrar-se do que Trixie gostava de vestir ao fim de semana, quando estava a nevar e o único evento agendado era ler o jornal de domingo e dormir no sofá, mas a única roupa de que se conseguia lembrar era da que ela tinha vestida quando a encontrara na noite anterior. Estragar a obra feita, era o que Laura dizia quando Trixie e Zephyr lhe iam à gaveta da maquilhagem, em

miúdas, e depois desfilavam como se fossem as piores prostitutas na Zona de Combate. Lembrava-se que, uma vez, tinham aparecido com os lábios pálidos como cadáveres e perguntado a Laura porque é que tinha batom branco. *Isso não é batom*, dissera ela a rir, *é corretor. Esconde borbulhas, olheiras, tudo o que não queremos que as pessoas vejam*. Trixie limitara-se a abanar a cabeça: *Mas porque é que não hás de querer que as pessoas te vejam os lábios?*

Daniel abriu uma gaveta da cómoda e tirou uma camisola com mangas à boca de sino suficientemente pequena para servir a Trixie quando ela tinha oito anos. Alguma vez teria usado aquilo em público?

Deixou-se cair no chão, segurando a camisola e perguntando-se se tudo aquilo teria sido culpa sua. Ele tinha proibido Trixie de comprar determinada roupa, como as calças que ela tinha vestidas na noite anterior e que ela devia ter comprado às escondidas. Via-se roupa daquela nas revistas de moda, roupa tão reveladora que raiava o pornográfico, na opinião de Daniel. As mulheres olhavam para aquelas fotografias e desejavam ter aquele aspeto, os homens olhavam para aquelas fotografias e desejavam mulheres com aquele aspeto, e a triste realidade era que a maior parte daquelas modelos não eram mulheres feitas, mas sim raparigas da idade de Trixie.

Raparigas que podiam levar aquela roupa para uma festa a achar que era sexy, sem pensarem nas consequências de um rapaz achar a mesma coisa.

Daniel partira do princípio de que uma miúda que dormia com animais de peluche não usava uma tanga, mas agora ocorria-lhe que muito antes de qualquer artista de banda desenhada ter concebido Copycat, Changeling ou Mystique, os metamorfos já

existiam na pele de adolescentes. Num minuto, podíamos encontrar a nossa filha a levar um tabuleiro da cozinha para andar de trenó no quintal, e no minuto seguinte já estava *online* a trocar mensagens com um rapaz. Num minuto, inclinava-se para nos dar um beijo de boa-noite, e no minuto seguinte dizia que nos odiava e estava desejosa de ir para a faculdade. Num minuto, estava a pôr a maquilhagem da mãe, e no minuto seguinte estava a comprar a sua. Trixie metamorfoseava-se tão facilmente de criança em adolescente e vice-versa que a linha entre as duas se tornara muito ténue, tão indistinta que Daniel desistira simplesmente de tentar ter uma visão mais clara.

Ele enfiou a mão na parte de trás de uma das gavetas de Trixie e tirou umas calças de fato de treino informes e depois uma *t-shirt* cor-de-rosa de manga comprida. De olhos fechados, procurou umas cuecas e um sutiã na gaveta da roupa interior. Enquanto voltava apressadamente para o hospital, lembrou-se de um jogo que ele e Trixie costumavam fazer quando ficavam presos no trânsito nas portagens do Maine, tentando arranjar um poder de super-herói para cada letra do alfabeto. Adaptação anfíbia, brilhar no escuro, clarividência. Destruição em larga escala, eletromagnetismo. Força sobre-humana. Gravidade zero. Hálito de fogo. Invencibilidade.

Jato. *Kevlar* cutâneo. Língua alongável. Mimetismo animal. Necromancia. Omnisciência.

Pirocinese. Queima. Regeneração. Superelasticidade. Telepatia.

Umbracinese. Variação de densidade. Xilomancia.

Zoomancia.

Da lista não constava o poder de impedir que os filhos crescessem. Se um super-herói não era capaz de o fazer, como é que um homem vulgar havia de conseguir?

Bateram à porta do consultório.

— Sou eu, Daniel Stone — ouviu Laura. — Tenho a roupa para a Trixie.

Antes que Janice pudesse chegar à porta, Laura abriu-a. Viu o cabelo desalinhado de Daniel, a sombra da barba no seu rosto, a tempestade por trás dos seus olhos, e pensou por um momento que tinha voltado atrás quinze anos.

— Estás aqui — disse ele.

— Ouvi a mensagem no telemóvel. — Ela tirou-lhe o monte de roupa das mãos e levou-o a Trixie. — Vou só falar com o pai um minuto — disse Laura, e quando se afastou Janice tomou de imediato o seu lugar.

Daniel estava lá fora, à espera de Laura.

— Foi o *Jason* quem fez isto? — disse ela, virando-se para ele com olhar febril. — Quero-o preso. Quero que seja *castigado*.

— Junta-te à fila. — Daniel passou a mão pelo rosto. — Como é que ela está?

— Está quase a acabar. — Laura encostou-se à parede, ao lado dele, a uns meros trinta centímetros.

— Mas como é que ela *está*? — repetiu Daniel.

— Teve sorte. A médica diz que não houve lesões internas.

— Mas ela não... ela estava a sangrar.

— Só um bocadinho. Já parou. — Laura olhou para Daniel. — Não me disseste que ela ia dormir a casa de Zephyr a noite passada.

— Foi convidada depois de saíres.

— Ligaste à mãe de Zephyr para...

— Não — interrompeu Daniel. — E tu também não terias ligado. Ela já foi ficar a casa de Zephyr montes de vezes. — Os seus olhos

faiscaram. — Se vais acusar-me de alguma coisa, Laura, fá-lo de uma vez por todas.

— Eu não te estou a acusar...

— Quem tem telhados de vidro... — murmurou Daniel.

— *O quê?*

Ele desencostou-se da parede e aproximou-se dela, encurralando-a a um canto.

— Porque é que não atendeste quando liguei para o teu gabinete?

As desculpas cresceram dentro de Laura como bolhas. *Estava na casa de banho. Tinha tomado um comprimido para dormir. Desliguei a campainha sem querer.*

— Não creio que seja altura...

— Se não é altura — disse Daniel em voz dorida —, talvez me pudesses dar um número, pelo menos. Um local onde te possa encontrar, sabes, caso Trixie volte a ser violada.

Laura ficou perfeitamente imóvel, siderada em partes iguais pela vergonha e pela raiva. Pensou no nível mais profundo do Inferno, no lago de gelo que, quanto mais nos tentávamos libertar, mais solidificava à nossa volta.

— Queiram desculpar...

Grata por uma distração, Laura virou-se para a voz. Atrás dela, estava um homem alto de olhos tristes e cabelo louro, um homem que provavelmente tinha ouvido tudo o que ela e Daniel haviam dito.

— Desculpem, não queria interromper. Estou à procura do senhor e da senhora Stone?

— Somos nós — disse Laura. *Pelo menos, no nome.*

O homem mostrou um distintivo.

— Eu sou o inspetor Mike Bartholemew e gostava muito de falar com a vossa filha.

Daniel só estivera uma vez na esquadra de Bethel, quando acompanhara Trixie numa visita de estudo, no segundo ano. Lembrava-se da bandeira pendurada no átrio, com estrelas cosidas de forma a dizer PROTEGER E SERVIR, e da sala de registo, onde a turma inteira tinha tirado uma fotografia coletiva, a sorrir. Só esta manhã ficara a conhecer a sala de reuniões, um cubículo pequeno e cinzento com uma janela de vidro espelhado que algum empreiteiro idiota tinha instalado ao contrário, de forma que Daniel conseguia ver os polícias a passar no corredor e a admirar os seus reflexos.

Centrou a sua atenção nas bobinas do gravador a girarem. Era mais fácil do que concentrar-se nas palavras que saíam da boca de Trixie, uma descrição exaustiva da noite anterior. Ela já tinha explicado que trocara de roupa depois de sair de casa. E que, quando chegara a casa de Zephyr, já lá estava um grupo de jogadores da equipa de hóquei e que, ao final da noite, só restavam eles os quatro.

Só um dos pais podia assistir ao depoimento de Trixie. Como Laura tinha presenciado o exame no hospital — ou talvez por causa do que Daniel lhe dissera no corredor —, ela tinha decidido que devia ser ele desta vez. Só depois de lá estar dentro é que ele se apercebeu de que aquilo constituía mais uma provação do que uma vantagem. Tinha de estar sentado muito calado e ouvir a história de Trixie ao pormenor, sorrindo-lhe para a incitar e para lhe dar a entender que estava a ir muito bem, quando o que realmente lhe

apetecia era agarrar no inspetor e perguntar-lhe por que razão ainda não detivera Jason Underhill.

Daniel perguntou-se como é que, em apenas uma hora, tinha voltado a ser a pessoa que deixara de ser há uma eternidade, alguém para quem os sentimentos se sobrepunham aos pensamentos, para quem a razão era um *post scriptum*. Perguntou-se se aquilo aconteceria a todos os pais: à medida que as filhas cresciam, eles regrediam.

Bartholemew tinha feito café e levava uma caixa de lenços de papel lá para dentro, que colocara perto de Trixie, para o caso de serem precisos. Daniel gostava de pensar que Bartholemew já tinha passado por aquela situação antes. Gostava de saber que *alguém* já passara por isso.

— O que estavam a beber? — perguntou o inspetor a Trixie.

Ela vestia a *t-shirt* rosa e as calças de treino que lhe levava, e o casaco dele. Tinha-se esquecido de trazer o dela, mesmo depois de ter ido novamente a casa.

— *Coca-Cola* — disse Trixie. — Com rum.

— Estavam a consumir alguma droga?

Ela baixou os olhos para a mesa e abanou a cabeça.

— Trixie — disse o inspetor. — Vais ter de falar.

— Não — respondeu ela.

— O que aconteceu a seguir?

Daniel ouviu-a descrever uma rapariga que ele não conhecia, uma rapariga que tinha dançado no colo de rapazes e jogado *strip* póquer. A voz dela baixou de tom sob o peso da sua falta de bom senso.

— Depois de Zephyr ter subido a escada com Moss, pensei que já tinha ido toda a gente embora. Ia voltar para casa, mas queria

sentar-me por um minuto, pois estava com uma grande dor de cabeça. E acontece que Jason não se tinha ido embora. Disse que queria ter a certeza de que eu estava bem. Eu comecei a chorar.

— Porquê?

O rosto dela contorceu-se num esgar.

— Porque acabámos há duas semanas e estar assim tão perto dele outra vez... custava-me.

A cabeça de Daniel levantou-se de repente.

— Acabaram?

Trixie virou-se ao mesmo tempo que o inspetor parava a gravação.

— Senhor Stone — disse Bartholemew —, vou ter de lhe pedir para permanecer em silêncio. — Fez sinal a Trixie para continuar.

Ela fez deslizar o olhar para debaixo da mesa.

— Nós... nós acabámos por nos beijar. Devo ter adormecido por um bocadinho, suponho, porque quando acordei já não estávamos ao pé da casa de banho, mas sim no tapete da sala. Não me lembro de como lá chegámos. Foi nessa altura que ele... que ele me violou.

A última bebida alcoólica que Daniel tomara tinha sido em 1991, no dia antes de convencer Laura que valia a pena casar com ele. Mas, antes disso, tivera conhecimento em primeira mão das falhas de raciocínio e das decisões imponderadas que flutuavam no fundo de uma garrafa. Tinha tido a sua quota-parte de manhãs em que acordara numa casa onde não se lembrava de ter entrado. Trixie podia não se lembrar de como tinha chegado à sala, mas Daniel sabia dizer-lhe exatamente como é que acontecera.

O inspetor Bartholemew olhou diretamente para Trixie.

— Eu sei que isto vai ser difícil — disse ele —, mas preciso que me contes exatamente o que aconteceu entre os dois. Por exemplo,

se algum de vocês tirou alguma peça de roupa. Ou em que partes do corpo tocaram. O que lhe disseste e o que ele te disse. Coisas desse género.

Trixie brincou com o fecho de correr do blusão de cabedal do pai.

— Ele tentou tirar-me a camisa, mas eu não queria. Disse-lhe que estávamos em casa da Zephyr e que não me parecia bem andar a fazer aquilo ali. Ele disse que eu lhe estava a partir o coração. Senti-me mal depois disso, por isso deixei-o desapertar-me o sutiã e apalpar-me... os seios. Ele beijou-me o tempo todo, e essa foi a parte boa, a parte que eu queria, mas depois ele enfiou a mão dentro das minhas calças. Tentei tirá-la, mas ele era demasiado forte. — Trixie engoliu em seco. — Ele disse «Não me digas que não queres isto».

Daniel agarrou-se à borda da mesa com tanta força que pensou que ia partir o plástico. Respirou fundo e susteve a respiração. Pensou em todas as maneiras possíveis de matar Jason Underhill.

— Tentei libertar-me, mas ele é maior do que eu e empurrou-me novamente para baixo. Para ele, era uma brincadeira. Segurou-me as mãos por cima da cabeça e puxou-me as calças para baixo. Eu disse que queria que ele parasse e ele não parou. E depois... — disse Trixie, tropeçando nas palavras — e depois empurrou-me com força para baixo e violou-me.

Podia ser com uma bala, pensou Daniel, mas isso seria demasiado fácil.

— Já tinhas feito sexo antes?

Trixie olhou de relance para Daniel.

— Não — respondeu. — Comecei a gritar porque me doeu muito. Tentei dar-lhe um pontapé. Mas quando o fiz, ainda me doeu mais, por isso fiquei quieta e esperei que aquilo acabasse.

Afogado, pensou Daniel. Lentamente. Num cano de esgoto.

— A tua amiga ouviu-te gritar? — perguntou o inspetor Bartholemew.

— Acho que não — disse Trixie. — A música estava ligada, bastante alta.

Não, com uma faca enferrujada. Um corte que o esventrasse. Daniel tinha lido sobre homens que tinham sobrevivido vários dias, a ver as suas entranhas serem corroídas pela infeção.

— Ele usou preservativo?

Trixie abanou a cabeça.

— Ele saiu antes de acabar. Havia sangue no tapete e também em mim. Ele ficou preocupado com isso. Disse que não me queria magoar.

Talvez fizesse todas essas coisas a Jason Underhill, pensou Daniel. Duas vezes.

— Ele levantou-se e foi buscar um rolo de toalhas de papel para eu me poder limpar. A seguir, tirou o produto de limpar as alcatifas que estava na cozinha, debaixo do lava-louça, e esfregou aquela parte do tapete. Disse que tínhamos sorte em não ter ficado estragado.

Então e Trixie? Que solução mágica tiraria a mancha que ele deixara nela para sempre?

— Senhor Stone?

Daniel pestanejou e percebeu que se tinha transformado noutra pessoa por um instante — numa pessoa que não era há anos — e que o inspetor tinha estado a falar com ele.

— Desculpe.

— Posso falar consigo lá fora?

Seguiu Bartholemew até ao corredor da esquadra.

— Escute — disse o inspetor. — Eu vejo muitos casos destes.

Isto era novidade para Daniel. A última violação de que se conseguia lembrar naquela pequena vila acontecera há mais de uma década e tinha sido perpetrada por um homem que andava à boleia.

— Muitas raparigas pensam que estão prontas para ter sexo... mas mudam de ideias depois do facto consumado.

Daniel levou um minuto a encontrar a voz.

— Está a dizer... que a minha filha está a mentir?

— Não. Mas quero que compreenda que, mesmo que Trixie esteja disposta a testemunhar, podem não conseguir o resultado que esperam.

— Ela tem catorze anos, caramba — disse Daniel.

— Há miúdas mais novas que já têm relações sexuais. E, segundo o relatório médico, não houve lesões internas significativas.

— Acha que ela não foi magoada *o suficiente*?

— Estou apenas a dizer que, dadas as circunstâncias... o álcool, o *strip* póquer, a relação anterior com Jason... vai ser difícil convencer o júri de que houve violação. O rapaz vai dizer que foi consensual.

Daniel cerrou os maxilares.

— Se um suspeito de homicídio lhe dissesse que estava inocente, deixava-o ir-se embora?

— Não é bem a mesma coisa...

— Pois não, não é. Porque a vítima do homicídio está morta e não pode dar-lhe informações sobre o que aconteceu realmente. Ao contrário da minha filha, que está ali dentro a contar-lhe precisamente como foi *violada*, enquanto o senhor se está nas tintas para o que ela diz.

Abriu a porta da sala de reuniões e viu Trixie com os braços cruzados em cima da mesa, com a cabeça pousada sobre as mãos.

— Podemos ir para casa? — perguntou ela, meio zozna.

— Sim — disse Daniel. — O inspetor pode ligar-nos se precisar de alguma coisa. — Pôs o braço à volta de Trixie. Iam a meio do corredor quando Daniel se virou novamente para encarar Bartholemew. No reflexo da superfície espelhada, viu os seus rostos, duas ovas brancas que pairavam como fantasmas.

— Tem filhos? — perguntou.

O inspetor hesitou, e depois abanou a cabeça.

— Bem me parecia — disse Daniel e conduziu Trixie até à porta.

Em casa, Laura tirou os lençóis da cama de Trixie e voltou a fazê-la com lençóis limpos. Encontrou uma colcha de flanela aos quadrados na arca do sótão e usou-a, em vez da colcha habitual de Trixie. Apanhou a roupa que tinha sido atirada para o chão e endireitou os livros na mesa de cabeceira, tentando transformar o quarto em algo que não fizesse Trixie lembrar-se do dia anterior.

No último minuto, Laura foi até uma prateleira e tirou para baixo o alce de peluche com que Trixie dormira até aos dez anos. Com o pelo comido em alguns pontos e sem um olho, tinha sido reformado, mas Trixie não conseguira pô-lo num monte qualquer numa venda de garagem. Laura colocou-o entre as almofadas, como se fosse assim tão fácil fazer Trixie voltar à infância.

A seguir, levou a roupa suja para baixo e começou a pô-la na máquina de lavar. Foi enquanto esperava que o tambor se enchesse de água que salpicou lixívia na saia, uma das saias que usava para trabalhar e que fazia parte de um fato bastante caro. Laura viu a cor

desaparecer da fazenda, como uma cicatriz em forma de lágrima. Praguejou e tentou reverter o estrago pondo a bainha da saia debaixo de água corrente, no lava-louça. Por fim, derrotada, deixou-se cair em frente do óculo da máquina de lavar e desatou a chorar.

Teria estado tão ocupada a guardar o seu próprio segredo que não tivera tempo ou vontade para decifrar o de Trixie? E se em vez de se encontrar com Seth, tivesse estado ali todas as noites? E se a tivesse interrogado sobre o vocabulário em Francês, ou lhe tivesse levado uma chávena de chocolate quente ao quarto, ou a tivesse convidado a sentar-se no sofá para fazerem pouco dos penteados numa série cómica antiga? E se Laura tivesse dado uma razão a Trixie para ela ficar em casa?

Ela sabia, de alguma forma, que as coisas não funcionavam assim. Não era por Laura se armar em supermãe que Trixie iria optar por alinhar na brincadeira: na idade dela, o toque de uma mãe não tinha comparação com o roçar da mão de um rapaz no vale das suas costas. Laura obrigou-se a recordar o rosto de Jason Underhill. Era um rapaz bem-parecido: cabelo preto despenteado, olhos azuis esverdeados, corpo atlético. Toda a gente em Bethel o conhecia. Mesmo Laura, que não era aficionada do hóquei, tinha visto o nome de Jason esparramado nas páginas de desporto do jornal. Quando Daniel ficara preocupado com o facto de Trixie andar com um rapaz mais velho, Laura é que lhe tinha dito para ficar tranquilo. Ela via jovens praticamente daquela idade todos os dias e sabia que Jason era um bom partido. Inteligente, educado e louco por Trixie, dissera ela a Daniel. O que mais se podia pedir para a primeira paixoneta de uma filha?

Mas agora, quando pensava em Jason Underhill, pensava quão persuasivos aqueles olhos azuis podiam ser. Quão forte ele era

como atleta. Começou a dar a volta ao pensamento, interiorizando-o bem para que produzisse efeito.

Se a culpa pudesse ser totalmente imputada a Jason Underhill, então a culpa não era de Laura.

Trixie estava acordada há vinte e oito horas seguidas. Os olhos ardiam-lhe, sentia a cabeça pesada e a garganta estava coberta com o resíduo da história que contara vezes sem conta. A doutora Roth tinha-lhe passado uma receita de *Xanax*, dizendo-lhe que, por mais exausta que estivesse, o mais provável era ter dificuldade em adormecer e que isso era perfeitamente normal.

Finalmente, tinha podido tomar um duche. Ficou debaixo de água tempo suficiente para usar um sabonete inteiro. Tinha tentado esfregar *lá em baixo*, mas não conseguia chegar até aonde se sentia suja. Quando a médica dissera que não havia lesões internas, Trixie quase lhe pedira para verificar melhor. Por um momento, pensou se não teria sonhado com aquilo tudo e se nunca chegara a acontecer.

— Olha — disse o pai, enfiando a cabeça pela porta do quarto.
— Já devias estar na cama.

Trixie puxou as mantas para trás, viu que a mãe tinha mudado os lençóis e meteu-se lá dentro. Antes, ir para a cama era o ponto alto do seu dia; sempre a imaginara como uma espécie de nuvem ou suave ninho onde se podia libertar de todo o stresse de se comportar de forma fixe, parecer perfeita e dizer as coisas certas. Mas agora parecia um instrumento de tortura, um lugar onde fechava os olhos e era obrigada a reviver o que acontecera vezes sem conta, como um circuito fechado de televisão.

A mãe tinha deixado o seu velho alce de peluche em cima das almofadas. Trixie apertou-o junto ao peito.

— Papá? — chamou. — Podes aconchegar-me a roupa?

Ele teve de se esforçar, mas conseguiu sorrir.

— Claro.

Quando Trixie era pequena, o pai deixava-lhe sempre uma adivinha para ela dormir sobre o assunto e lhe dar a resposta ao pequeno-almoço. *O que é que quanto mais se tira maior fica? Um buraco. O que é que é preto quando o compramos, vermelho quando o usamos e cinzento quando o deitamos fora? O carvão.*

— Podes falar comigo um bocadinho? — pediu Trixie.

Não era que lhe apetecesse conversar, mas não queria ficar sozinha naquele quarto tendo-se apenas a si por companhia.

O pai de Trixie afagou-lhe o cabelo.

— Não me digas que não estás exausta.

Não me digas que não queres isto, dissera Jason.

Lembrou-se de repente de uma das adivinhas noturnas do pai: *A resposta é sim, mas o que queres dizer é não. Qual é a pergunta?*

E a solução: *Importa-se?*

O pai aconchegou-lhe as mantas debaixo do queixo.

— Vou dizer à mãe para te vir dar as boas noites — prometeu, e estendeu o braço para apagar a luz.

— Deixa-a acesa — disse Trixie, entrando em pânico. — Por favor.

Ele parou abruptamente com a mão a pairar no ar. Trixie olhou fixamente para a lâmpada até não conseguir ver mais nada a não ser o tipo de luz brilhante que toda a gente diz ver quando está quase a morrer.

Se perguntassem a Mike Bartholemew, o pior trabalho de todos era ter de dizer a um pai que o seu filho ou filha tinha estado envolvido num acidente de carro fatal, ou que se suicidara, ou que tinha sido vítima de *overdose*. Não havia simplesmente palavras que estivessem à altura desse tipo de dor e quem recebia a notícia ficava espedado a olhar para ele, certo de que tinha ouvido mal. O segundo pior trabalho de todos, em sua opinião, era lidar com vítimas de violação. Não conseguia ouvir nenhum dos seus depoimentos sem se sentir culpado por partilhar o mesmo género que o criminoso. E mesmo que conseguisse recolher provas suficientes para valer a pena ir a julgamento, e mesmo que houvesse condenação, era sol de pouca dura. Na maior parte dos casos, a vítima ainda andava a fazer terapia quando o violador terminava de cumprir a sentença.

Aquilo que a maior parte das pessoas não percebia, se não trabalhasse naquele ramo, era que tanto a vítima de violação como a vítima de um acidente fatal tinham desaparecido para sempre. A diferença era que a vítima de violação ainda tinha de lidar com o facto de estar viva.

Subiu a escada por cima do bar de batidos e sumos até ao apartamento que alugara provisoriamente depois do divórcio, aquele em que jurara ir viver apenas uns seis meses, mas que já era a sua casa há seis anos. Não estava mobilado, pois Mike achava que, quanto menos apelativo fosse, mais motivação teria para sair de lá, mas tinha um *futon* que ele deixava habitualmente aberto como cama, um pufe e uma televisão que ele deixava ligada vinte e quatro horas por dia para que Ernestine tivesse alguma coisa para ouvir quando ele estava a trabalhar.

— Ernie? — chamou, assim que a chave rodou na fechadura. — Já voltei.

Ela não estava no *futon*, onde a deixara quando recebera a chamada naquela manhã. Mike tirou a gravata e dirigiu-se à casa de banho. Correu a cortina do chuveiro e deu com a porquinha barriguda a dormir no fundo da banheira.

— Sentiste a minha falta? — perguntou.

A porca abriu um olho e grunhiu.

— Sabes uma coisa? A única razão por que vim a casa foi para te levar a dar um passeio — disse Mike, mas a porca já voltara a adormecer.

Ele tinha um mandado de captura no bolso. O depoimento de Trixie e a presença de sémen constituíam causa provável suficiente para prender Jason Underhill. Ele até sabia onde ele estava, tal como toda a gente da vila que acompanhava os feitos da estrela da equipa de hóquei da escola secundária. Mas tinha de ir primeiro a casa, para levar Ernie à rua. Pelo menos, foi o que ele disse a si mesmo.

Tem filhos?, perguntara Daniel Stone.

Mike desligou a televisão e sentou-se em silêncio por alguns momentos. A seguir, foi ao único roupeiro que havia no apartamento e tirou uma caixa de cartão para fora.

Dentro da caixa estava uma almofada da cama da filha de Mike, uma almofada que ele tinha enfiado num enorme saco plástico para recolha de provas. Quebrou o fecho hermético e inspirou profundamente. Já mal cheirava a ela, apesar dos cuidados que ele tivera.

De repente, Ernestine apareceu a correr. Deslizou pelo chão, subindo desajeitadamente para o *futon* onde Mike estava sentado.

Enfiou o focinho no saco de plástico que tinha a almofada e Mike perguntou-se se ela conseguiria sentir algum cheiro que lhe escapava. A porca olhou para Mike.

— Eu sei — disse ele. — Também sinto a falta dela.

Daniel estava sentado na cozinha com uma garrafa de xerez à frente. Detestava xerez, mas era a única bebida com teor alcoólico que tinha em casa naquele momento. Já bebera meia garrafa, que era das grandes, pois Laura gostava de usar xerez quando fazia galinha frita. Mas não se sentia embriagado. Apenas se sentia um fracasso.

A paternidade era o alicerce sobre o qual Daniel se reinventara. Quando pensava no que era ser pai, via a mão de um bebé aberta como uma estrela sobre o seu peito. Via o elo estreito entre o papagaio de papel e o barão de fio que o segurava. Descobrir que faltara à responsabilidade de proteger a filha fê-lo pensar como é que conseguira fazer crer a si mesmo que mudara.

A parte dele que pensava ter exorcizado jazia apenas na campa rasa para onde iam as velhas personalidades abandonadas. Com o xerez a alumiar-lhe o caminho, Daniel conseguia ver isso agora. Consequia sentir a raiva a subir como vapor.

O novo Daniel, o *pai* Daniel, tinha respondido às perguntas do inspetor e confiara na polícia para fazer o que era necessário, porque essa era a melhor maneira de garantir a segurança da sua filha. Mas o velho Daniel... bem, esse nunca teria confiado em mais ninguém para fazer um trabalho que lhe pertencia por direito. Teria ripostado de forma vingativa, a pontapear e aos gritos.

Na verdade, tinha-o feito muitas vezes.

Daniel levantou-se e vestiu o casaco precisamente na altura em que Laura entrou na cozinha. Ela olhou para a garrafa de xerez em cima da mesa e depois para ele.

— Tu não bebes.

Daniel olhou-a fixamente.

— Não bebia — corrigiu.

— Onde vais?

Ele não lhe respondeu. Não lhe devia qualquer explicação. Não devia nada a ninguém. Aquilo não tinha a ver com dívidas, mas sim com vingança.

Daniel abriu a porta e dirigiu-se rapidamente para a carrinha. Naquele momento, Jason Underhill estaria no ringue da vila, a equipar-se para o jogo de sábado à tarde.

Porque Trixie pedira, Laura esperou que ela adormecesse. Desceu a tempo de ver Daniel sair, e ele não precisou de lhe dizer onde ia. Pior ainda, Laura não tinha a certeza se o teria impedido.

A justiça bíblica era antiquada, pelo menos era o que lhe tinham ensinado. Não se podia decepar a mão de um ladrão; não se podia apedrejar um assassino até à morte. Uma sociedade mais avançada tratava da sua justiça numa sala de audiências, algo que Laura defendia até há cerca de cinco horas. Um julgamento podia ser mais civilizado, mas emocionalmente não proporcionava a mesma satisfação.

Tentou imaginar o que Daniel faria se encontrasse Jason, mas não conseguiu. Há tanto tempo que Daniel era aquele homem calmo e afável que ela se tinha esquecido por completo da sombra que em tempos o acompanhava, tão negra e imprevisível que ela tivera de

se aproximar para a ver melhor. Laura sentiu a mesma coisa que sentira no último Natal quando tinha pendurado um dos sapatinhos de bebê de Trixie na árvore como ornamento: nostálgica, ciente de que a filha já tinha sido suficientemente pequena para o pé caber naquele sapatinho, mas incapaz de reter aquela imagem na cabeça a par da que tinha diante dos seus olhos... Trixie adolescente, a dançar descalça à volta da balsamina deixando luzes brancas penduradas à sua passagem.

Tentou sentar-se a ler um livro, mas releu a mesma página quatro vezes. Ligou a televisão, mas não conseguiu achar graça a nenhuma tirada cómica.

Passado um bocadinho, deu por si ao computador, a pesquisar a palavra *violação* no Google.

Havia 10 900 000 resultados, e isso fez com que Laura se sentisse imediatamente melhor. A força dos números significava que ela não era a única mãe que sentia aquilo e que Trixie não era a única vítima. Os *sítes* irradiavam aquela palavra medonha e todas as consequências sufocantes que dela pendiam como musgo-espanhol.

Começou a clicar: uma em cada seis mulheres americanas tinha sido vítima de violação na forma tentada ou consumada durante a sua vida, o que ascendia a 17,7 milhões de pessoas.

Sessenta e seis por cento das vítimas de violação conhecem o seu agressor. Quarenta e oito por cento são violadas por um amigo.

Vinte por cento das violações ocorrem em casa de um amigo, vizinho ou familiar.

Mais de metade ocorre no raio de um quilómetro e meio da casa da vítima.

Oitenta por cento das vítimas de violação têm menos de trinta anos. As raparigas entre os dezasseis e os dezanove anos têm quatro vezes mais probabilidades do que a população em geral de serem vítimas de abuso sexual.

Sessenta e um por cento das violações não são comunicadas à polícia. Quando o são, há 50,8 por cento de probabilidades de que seja feita uma detenção. Se a detenção for efetuada, há 80 por cento de probabilidades de ser formada acusação. Se isto acontecer, há 58 por cento de probabilidades de uma condenação por crime grave. Se existir condenação, há 69 por cento de probabilidades de o violador vir a cumprir uma pena de prisão. Por conseguinte, dos 39 por cento de violações que são comunicadas à polícia, há apenas 16,3 por cento de probabilidades de o violador acabar na prisão. Se contabilizarmos todos os casos de violação que não são comunicados, 94 por cento dos violadores ficam em liberdade.

Laura ficou a olhar para o ecrã, para o cursor a piscar numa das múltiplas percentagens. Trixie era agora um desses números, uma dessas percentagens. Perguntou-se como era possível nunca ter estudado aquele símbolo estatístico: uma pessoa dividida em duas com um círculo vazio de cada lado.

Daniel teve de estacionar longe da entrada para o ringue municipal, o que não era de estranhar num sábado à tarde. Os jogos de hóquei do ensino secundário em Bethel, Maine, atraíam o mesmo tipo de multidões que os de futebol americano nas comunidades do Midwest. Havia raparigas na entrada a retocar o batom no reflexo dos vidros das janelas e crianças a movimentarem-

se por entre a floresta de ganga das pernas dos adultos. O homem grisalho que vendia cachorros-quentes, *nachos* e cacau *Swiss Miss* tinha assentado arraiais atrás da *kitchenette* e estava a cantar Motown enquanto servia um rolinho de chucrute.

Daniel caminhou por entre a multidão como se fosse invisível, olhando para os pais orgulhosos e para os alunos cheios de energia que tinham vindo apoiar os heróis da sua vila. Ele seguiu aquela onda humana através das portas duplas da entrada, as que davam para o ringue. Na verdade, não tinha um plano. O que queria era sentir a carne de Jason Underhill sob os seus punhos. Bater-lhe com a cabeça na parede e pregar-lhe um susto de morte.

Daniel estava prestes a entrar no balneário da equipa da casa quando a porta se abriu debaixo da sua mão. Encostou-se aos painéis de madeira a tempo de ver o inspetor Bartholemew a trazer Jason Underhill cá para fora. O rapaz ainda tinha o equipamento de hóquei e estava em meias, trazendo os patins na mão. Tinha o rosto corado e os olhos pregados aos tapetes de borracha no chão. O treinador seguia-os de perto, aos berros:

— Se é só uma conversa, caramba, bem podia esperar até depois do jogo!

Aos poucos, as pessoas nas bancadas aperceberam-se da saída de Jason e calaram-se, sem saber bem o que estavam a presenciar. Um homem, presumivelmente o pai de Jason, abriu caminho por entre os lugares em pé e começou a correr em direção ao filho.

Daniel ficou imóvel por um momento, certo de que Bartholemew não o vira, até o detetive se virar para trás e olhá-lo diretamente nos olhos. Por esta altura, a multidão fervilhava de especulação; o ar à volta dos ouvidos de Daniel ressoava como tímbores, mas durante aquele instante foi como se os dois homens existissem num vazio,

reconhecendo a presença um do outro com um ligeiríssimo aceno de cabeça e o entendimento mudo de que cada um deles faria o que tinha a fazer.

— Foste ao ringue, não foste? — indagou Laura, assim que Daniel passou a porta.

Ele assentiu e tratou de abrir o fecho do blusão, pendurando-o cuidadosamente num dos cabides da entrada.

— Vais contar-me o que aconteceu?

A vingança era uma coisa curiosa: queríamos a satisfação de saber que tinha acontecido, mas não queríamos ouvir as palavras em voz alta, porque nesse caso teríamos de admitir que tínhamos querido uma prova e isso, de alguma forma, tornava-nos mais vis e menos civilizados. Daniel deu por si a olhar fixamente para Laura, enquanto se sentava na escada.

— Não devia ser eu a fazer-te essa pergunta? — disse ele calmamente.

E eis que, num ápice, aquilo se transformara numa conversa diferente, como um comboio descarrilado. Laura recuou como se ele lhe tivesse batido e as suas faces tingiram-se de rosa vivo.

— Há quanto tempo sabes?

Daniel encolheu os ombros.

— Há algum, suponho.

— Porque é que não disseste nada?

Ele tinha feito a si próprio a mesma pergunta uma centena de vezes nos últimos dias. Tinha fingido não ver as noitadas e as disparidades, porque nesse caso teria sido obrigado a fazer uma

escolha: seria possível amar realmente uma pessoa que era capaz de se apaixonar por outra?

Mas tinha havido um ponto na sua relação com Laura em que Daniel parecia não ter emenda, e ela acreditara que ele podia mudar. Não lhe devia menos do que isso. E, já agora, se ele deixasse a raiva e a vergonha levarem a melhor e a expulsasse de casa, não estaria a agir sob o efeito da adrenalina, da forma como costumava fazer em tempos quando se descontrolava?

Era tão simples quanto isto: se não conseguisse perdoar Laura, se deixasse que aquilo o consumisse, estaria a comportar-se como o homem que já tinha sido.

Mas não tinha palavras para dizer tudo isto.

— Se eu dissesse alguma coisa — replicou Daniel —, tu ter-me-ias dito que era verdade.

— Já acabou, se é que isso tem alguma importância.

Ele olhou atentamente para Laura.

— Por causa de Trixie?

— Antes disso. — Ela deslocou-se sobre o chão de tijoleira, de braços cruzado sobre o peito, e parou sob uma réstia de luz. — Acabei tudo na noite em que ela... em que Trixie... — A frase desfiou-se na ponta.

— Estavas a ter sexo com ele na noite em que a nossa filha foi violada?

— Santo Deus, Daniel...

— *Estavas?* Foi por isso que não atendeste o telefone quando eu te tentei contar o que tinha sucedido com Trixie? — Um músculo retesou-se ao longo da garganta de Daniel. — Como é que ele se chama, Laura? Acho que me deves isso. Acho que tenho o direito de saber quem quiseste quando deixaste de me querer.

Laura afastou-se dele.

— Quero parar de falar sobre isso.

Daniel pôs-se em pé de repente e prendeu Laura contra a parede. O corpo dele parecia uma fortaleza e a sua raiva uma corrente elétrica. Agarrou Laura pelos braços e abanou-a com tanta força que a cabeça dela foi para trás e os seus olhos arregalaram-se de medo. Ele devolveu-lhe as suas próprias palavras:

— O que *tu* queres — disse ele em voz rouca. — O que *tu* queres?

Nessa altura, Laura empurrou-o, revelando-se mais forte do que ele pensara. Andou à volta dele, sem nunca perder o contacto visual, uma domadora de leões que não estava disposta a virar as costas à fera. Foi o suficiente para fazer Daniel cair em si. Ele olhou para as suas mãos, as mãos que a tinham agarrado, como se pertencessem a outra pessoa.

Naquele instante, estava novamente no lodaçal da nascente atrás da escola, em Akiak, sujo de lama e sangue, de punhos bem levantados. Durante a luta, tinha partido duas costelas, perdido um dente e aberto um golpe sobre o olho esquerdo. Estava a cambalear, mas não ia ceder à dor. «Quem se segue?», desafiara Daniel, até que, um por um, todos eles tinham pregado os seus olhares negros e coruscantes no chão.

Abalado, Daniel tentou recambiar a violência para o sítio de onde viera, mas era como voltar a dobrar um paraquedas: uma parte dele arrastava-se entre ele e Laura, uma forma de lembrar que, da próxima vez que saltasse daquela falésia de emoção, podia não conseguir aterrar em segurança.

— Eu não queria magoar-te — murmurou. — Lamento.

Laura baixou a cabeça, mas não antes de ele ter visto lágrimas nos seus olhos.

— Oh, Daniel — disse ela. — Eu também.

Trixie dormiu durante o interrogatório oficioso de Jason Underhill na entrada do ringue de hóquei e no momento que se seguiu, quando foi oficialmente detido. Dormiu enquanto a secretária do departamento policial fazia a sua pausa para almoço e telefonava ao marido para lhe contar quem tinha sido preso ainda não há dez minutos. Dormiu enquanto esse homem contava aos colegas na fábrica de papel que, afinal, Bethel podia não ganhar o campeonato de hóquei do Maine e porquê. E continuava a dormir quando um dos operários da fábrica, ao voltar à noite para casa, parou para tomar uma cerveja com o irmão, repórter do *Augusta Tribune*, que fez uns quantos telefonemas e descobriu que tinha sido mesmo emitido nessa manhã um mandado de captura de um menor acusado de abuso sexual. Dormiu enquanto o repórter telefonava ao Departamento da Polícia de Bethel fingindo ser o pai de uma rapariga que lá tinha estado nesse dia a prestar depoimento, a perguntar se teria lá deixado um chapéu.

— Não, senhor Stone — dissera a secretária —, mas eu ligo-lhe se aparecer.

Trixie continuou a dormir enquanto o artigo era composto e impresso. Continuou a dormir enquanto os jornais eram amarrados com guita e enviados em carrinhas, atirados pelas janelas dos *Hondas* decrépitos dos rapazes que faziam a sua distribuição. E continuava a dormir na manhã seguinte, quando toda a gente em Bethel lia a primeira página. Mas, por essa altura, já sabiam porque

é que Jason Underhill tinha sido levado de um jogo de hóquei da escola secundária de Bethel no dia anterior. Sabiam que Roy Underhill tinha contratado um advogado de Portland para o filho e dizia a quem o quisesse ouvir que ele tinha sido incriminado. E embora o artigo fosse suficientemente ético para nunca a referir pelo nome, toda a gente sabia que tinha sido Trixie Stone, ainda a dormir, que desencadeara aquela tragédia.

Como Jason tinha dezassete anos, o juiz do Tribunal de Primeira Instância atuava na qualidade de juiz de menores. E como Jason tinha dezassete anos, a audiência era à porta fechada. Jason usava o *blazer* e gravata novos que a mãe lhe comprara para as entrevistas nas faculdades. Tinha cortado o cabelo. O seu advogado tinha-se certificado de que o fazia, dizendo que às vezes as decisões de um juiz podiam depender de algo tão insignificante como ele poder ou não ver os olhos do arguido.

Dutch Oosterhaus, o seu advogado, era tão untuoso que, de vez em quando, Jason sentia-se tentado a olhar para o chão que ele pisara para ver se tinha deixado um rasto lustroso. Usava sapatos que chiavam e o tipo de camisa que requer botões de punho. Mas o pai de Jason dizia que Dutch era o melhor advogado do Estado e ia conseguir resolver aquela trapalhada.

Jason não sabia o que diabo Trixie estava a tramar. Eles tinham feito sexo, com vontade. *Consensual*, qualificara Dutch. Se era assim que ela dizia não, então aquela era uma língua estrangeira que Jason nunca aprendera.

E no entanto... Jason tentou esconder as mãos trémulas debaixo da mesa. Tentou parecer confiante e até um pouco chateado,

quando na verdade estava tão assustado que sentia que podia vomitar a qualquer momento.

A procuradora fazia-lhe lembrar um tubarão. Tinha uma cara larga e achatada e cabelo louro quase branco, mas eram os dentes que produziam aquele efeito: eram pontiagudos e grandes, e tinham ar de gostar de rasgar a carne a uma pessoa. Chamava-se Marita Soorenstad e tinha um irmão que fora uma lenda há cerca de dez anos na equipa de hóquei de Bethel, embora isso não parecesse tê-la amaciado em relação a Jason.

— Meritíssimo — disse ela —, embora o MP não peça que o arguido seja detido num estabelecimento prisional, há várias condições que requeremos. Gostaríamos de garantir que não terá contacto com a vítima ou com a sua família. Preferiríamos que integrasse um programa de tratamento da dependência de drogas e álcool. À exceção das aulas, o MP gostaria de pedir que o arguido não tenha permissão para sair de casa, incluindo para participar em eventos desportivos.

O juiz era um homem mais velho com um penteado para disfarçar a careca.

— Vou escolher as condições da libertação, senhor Underhill. Se violar qualquer uma delas, vai acabar preso em Portland, está a perceber?

Jason engoliu em seco e assentiu.

— Não poderá ter qualquer contacto com a vítima ou com a sua família. Tem de estar deitado, sozinho, às dez da noite. Vai manter-se afastado do álcool e drogas e irá iniciar obrigatoriamente aconselhamento em relação ao consumo de substâncias tóxicas. Mas quanto ao pedido do MP relativamente à prisão domiciliária... estou relutante em concordar com isso. Não há necessidade de

arruinar a possibilidade de os Buccaneers ganharem novamente o campeonato estadual quando há sempre tanta gente à volta do ringue em contexto de supervisão. — Fechou a pasta. — Está encerrada a sessão.

Jason conseguia ouvir a mãe chorar atrás dele. Dutch começou a guardar os seus dossiês e atravessou o corredor para falar com o Tubarão. Jason pensou em Trixie a tomar a iniciativa de beijá-lo naquela noite, em casa de Zephyr. Pensou em Trixie horas antes disso, a soluçar no seu carro e a dizer que, sem ele, a sua vida tinha acabado.

Será que, mesmo nessa altura, já planeava acabar com a dele?

Dois dias depois de ter sido abusada sexualmente, Trixie sentia a sua vida fender-se de forma desigual ao longo da linha de falha da violação. A velha Trixie Stone costumava ser uma pessoa que sonhava em voar e, quando tivesse idade para isso, queria saltar de um avião e tentar fazê-lo. A nova Trixie nem sequer conseguia dormir com a luz apagada. A velha Trixie gostava de usar *t-shirts* justas; a nova Trixie ia à cómoda do pai buscar uma *sweatshirt* debaixo da qual se pudesse esconder. A velha Trixie às vezes tomava dois duches por dia, para poder cheirar ao sabonete de pera que a mãe lhe deixava sempre na meia de Natal. A nova Trixie sentia-se suja, por mais vezes que se esfregasse. A velha Trixie sentia que fazia parte de um grupo. A nova Trixie sentia-se sozinha, mesmo quando estava rodeada de pessoas. A velha Trixie teria olhado para a nova Trixie e tê-la-ia considerado uma falhada.

Bateram à porta. Isso também era novidade, pois o pai costumava limitar-se a enfiar a cabeça lá dentro, mas até ele se

tornara sensível ao facto de ela saltar com medo da própria sombra.

— Olá — disse ele. — Sentes-te com forças para ter companhia?

Não sentia, mas acenou afirmativamente, pensando que o pai estava a referir-se a ele, até que abriu mais a porta e ela viu aquela tal Janice, a mulher que prestava apoio a vítimas de abusos sexuais, que tinha estado com ela no hospital. Vestia uma camisola com uma abóbora do Halloween, embora estivessem mais perto do Natal, e tinha sombra para os olhos suficiente para um batalhão de supermodelos.

— Oh! — disse Trixie. — É a senhora.

Aquilo soou um tanto ou quanto grosseiro, e houve alguma coisa nisso que acendeu uma pequena chama debaixo do seu coração. Ser desmancha-prazeres sabia surpreendentemente bem, um compromisso cuidadoso que quase compensava o facto de não poder voltar a ser como era.

— Vou deixá-las falar as duas — disse o pai de Trixie, e embora ela tentasse enviar-lhe mensagens silenciosas com os olhos para não a deixar sozinha com aquela mulher, ele não conseguiu ouvir o seu pedido de socorro.

— Então? — disse Janice, depois de ele fechar a porta. — Como te estás a aguentar?

Trixie encolheu os ombros. Como é que ela não notara no hospital o quanto a voz daquela mulher a irritava? Como um canário *zen*.

— Suponho que ainda te sintas arrasada. É perfeitamente normal.

— Normal — repetiu Trixie em tom sarcástico. — Sim, é *exatamente* assim que me descreveria neste momento.

— Normal é um conceito familiar — disse Janice.

Se era familiar, pensou Trixie, então era o tio maluco que ninguém suportava nas reuniões de família, aquele que falava de si na terceira pessoa e só comia alimentos azuis e de que toda a gente se ria quando voltava para casa.

— É toda uma série de pequenos passos. Vais lá chegar.

Nas últimas quarenta e oito horas, Trixie sentira-se como se estivesse a nadar debaixo de água. Ouvia as pessoas falar e pelo que percebia do que diziam até podia ser croata. Quando se fazia demasiado silêncio, tinha a certeza de que ouvia a voz de Jason, insinuante como fumo, junto ao seu ouvido.

— Fica um bocadinho mais fácil a cada dia que passa — disse Janice, e Trixie de repente odiou-a do fundo do coração. Quem diabo era Janice para saber isso? Não era ela que estava ali sentada, tão cansada que até os ossos lhe doíam. Ela não compreendia como, naquele preciso instante, Trixie gostava de poder adormecer, porque a única coisa por que ansiava era os cinco segundos depois de acordar de manhã em que ainda não se lembrava de nada.

— Às vezes, ajuda deitar tudo cá para fora — sugeriu Janice. — Tocar um instrumento. Gritar no duche. Escrever tudo num diário.

A última coisa que Trixie queria era escrever sobre o que tinha acontecido, a menos que o queimasse depois de acabar.

— Há muitas mulheres que acham que ajuda juntarem-se a um grupo de sobreviventes...

— Para nos podermos sentar todas à roda e falar sobre como nos sentimos uma bosta? — explodiu Trixie. De repente, queria que Janice voltasse para o buraco de onde vinham as boas samaritanas. Ela não queria fazer de conta que tinha a mais pequena hipótese de voltar a sentir-se confortável no seu quarto, na sua vida, no seu

mundo. — Sabe? — disse ela. — Isto foi bem real, mas acho que preferia suicidar-me ou fazer alguma coisa divertida desse género. Não preciso que venha ver como estou.

— Trixie...

— Não faz ideia de como me sinto — gritou Trixie. — Por isso, não fique aí a fingir que estamos juntas nisto. A senhora não estava lá naquela noite. Apenas eu.

Janice avançou até ficar suficientemente perto para Trixie lhe tocar.

— Estávamos em 1972 e eu tinha quinze anos. Ia para casa e atalhei caminho pelo recreio da escola primária. Estava lá um homem que me disse que tinha perdido o cão. Queria saber se eu podia ajudá-lo a procurar. Quando eu estava debaixo do escorrega, deitou-me ao chão e violou-me.

Trixie ficou a olhar para ela, atónita.

— Manteve-me lá por três horas. Durante todo esse tempo, eu só conseguia pensar em como costumava brincar ali, depois das aulas. Os rapazes e as raparigas ficavam sempre em lados opostos da estrutura de escalada. Costumávamos desafiar-nos uns aos outros. Corríamos até ao lado dos rapazes e depois voltámos para porto seguro.

Trixie pregou os olhos no chão.

— Desculpe — sussurrou.

— Pequenos passos — disse Janice.

Naquele fim de semana, Laura aprendeu que não há árbitros cósmicos. Ninguém apita para intervalo, nem mesmo quando o nosso mundo sofre um golpe que nos deixa insanos. A máquina de

lavar louça continua a precisar de ser esvaziada, o cesto da roupa suja fica a transbordar e a amiga do liceu com quem não falamos há seis meses liga para saber as novidades, sem perceber que não lhe podemos contar o que se tem passado na nossa vida sem nos irmos abaixo. Os doze alunos da nossa turma continuam à espera que lá estejamos na segunda-feira.

Laura tinha planeado ficar junto de Trixie e protegê-la enquanto lambia as feridas. Mas Trixie queria estar sozinha, e isso deixou Laura a vaguear por uma casa que era na realidade o domínio de Daniel. Continuavam a dançar à volta um do outro, uma coreografia cuidadosa que implicava sair de uma divisão no momento em que ele entrava, a menos que tivessem mesmo de comunicar.

— Vou tirar licença sem vencimento na faculdade — dissera ela a Daniel no domingo, quando ele estava a ler o jornal. Mas horas depois, quando estavam deitados em lados opostos da cama, com aquele tremendo elefante do caso extraconjugal enfiado no meio deles, ele tinha voltado a tocar no assunto.

— Talvez não devesse fazer isso — disse ele.

Ela olhara atentamente para ele, sem saber o que ele estava a tentar dar a entender. Será que não a queria por perto vinte e quatro horas por dia porque isso era demasiado desconfortável? Pensaria que ela se preocupava mais com a carreira do que com a filha?

— Talvez ajude Trixie ver que a vida continua a correr como de costume — acrescentou ele.

Laura tinha olhado para o teto, para a mancha de humidade com forma de pinguim.

— E se ela precisar de mim?

— Nesse caso, telefone-te — respondeu Daniel friamente. — E podes vir logo para casa.

As palavras dele foram como uma bofetada. Da última vez que ele lhe telefonara, ela não tinha atendido.

Na manhã seguinte, Laura pegou num par de meias e numa das saias que usava para trabalhar. Arranjou um pequeno-almoço que pudesse comer no carro e deixou um bilhete a Trixie. Enquanto conduzia, tomou consciência de que quanto mais longe ficava de casa, mais leve se sentia, até que quando chegou aos portões da faculdade tinha a certeza de que a única coisa que a prendia era o cinto de segurança.

Quando chegou à sala de aula, os alunos já estavam reunidos à volta da mesa, embrenhados numa discussão acalorada. Laura sentira falta daquele entendimento fácil de quem ela era e onde pertencia, o conforto do debate intelectual. Fragmentos da conversa chegaram ao corredor. *Soube pelo meu primo, que anda na secundária... crucificado... já era de esperar.* Por um momento, Laura hesitou do lado de fora da porta, perguntando-se como é que podia ser suficientemente ingénua para pensar que aquela coisa horrível tinha acontecido a Trixie, quando na verdade acontecera aos três. Respirando fundo, entrou na sala e doze pares de olhos viraram-se para ela no mais absoluto silêncio.

— Não parem por minha causa — disse ela em tom monocórdico.

Os alunos mexeram-se desconfortavelmente. Laura tinha querido tanto instalar-se na zona de conforto da faculdade, um lugar tão fixo e imutável que ela tinha a certeza de poder retomar as coisas no ponto em que as largara, mas, para sua surpresa, já não parecia enquadrar-se ali. A faculdade era a mesma e os alunos também. Era Laura quem tinha mudado.

— Professora Stone — disse um dos alunos —, sente-se bem?

Laura pestanejou, ao mesmo tempo que os rostos à sua frente se tornavam mais nítidos.

— Não — disse ela, subitamente exausta pelo pensamento de ter de continuar a enganar alguém. — Não sinto. — A seguir, levantou-se, deixando as suas anotações, o casaco e a turma perplexa, e saiu para o meio da neve, regressando ao lugar de onde nunca devia ter saído.

— Força! — disse Trixie, e fechou os olhos.

Ela estava no Live and Let Dye, um salão de cabeleireiro que ficava perto de casa que atendia sobretudo senhoras idosas e onde, em circunstâncias normais, nem morta a apanhariam. Mas esta era a primeira vez que arriscava sair de casa e, apesar de Janice ter dado a Daniel um folheto sobre como *não* ser superprotetor, ele tinha relutância em deixar Trixie ir demasiado longe.

— Se não voltares dentro de uma hora — dissera o pai —, vou à tua procura.

Ela imaginava-o agora sentado junto à janela que tinha melhor vista para a rua, para a poder ver assim que surgisse lá ao fundo. Mas ela tinha chegado até ali e não ia desperdiçar a saída. Janice tinha-lhe dito que, quando tivesse de tomar uma decisão, devia fazer uma lista dos prós e dos contras e, para Trixie, qualquer coisa que a fizesse esquecer a rapariga que costumava ser só podia ser boa.

— Tem aqui uma bela cabeleira — disse a velha cabeleireira. — Podia doá-la à Locks of Love.

— O que é isso?

— Uma obra de beneficência que faz cabeleiras para doentes com cancro.

Trixie olhou-se no espelho. Gostava da ideia de ajudar alguém que podia estar em pior situação do que ela. Gostava da ideia de alguém que estava pior do que ela, ponto final.

— Está bem — disse Trixie. — O que tenho de fazer?

— Nós tratamos disso — disse a cabeleireira. — Diga-me apenas o seu nome para que a obra de beneficência possa enviar-lhe um bonito postal de agradecimento.

Se estivesse a pensar com clareza, coisa que, convenhamos, não estava, teria inventado um nome falso. Mas talvez o pessoal da Live and Let Dye não lesse os jornais nem visse nada a não ser *The Golden Girls*, porque a cabeleireira nem pestanejou quando Trixie lhe disse quem era. Pôs uma fita à volta do cabelo de Trixie, que lhe dava pela cintura, e atou-a a um cartãozinho impresso com o nome dela. A seguir, pegou na tesoura.

— Diga-lhe adeus — disse a cabeleireira.

Trixie susteve a respiração durante a primeira tesourada. A seguir, notou que se sentia muito mais leve sem o peso de todo aquele cabelo. Imaginou como seria ter o cabelo tão curto que conseguia sentir o vento a passar-lhe por trás das orelhas

— Quero um corte à escovinha — anunciou Trixie.

A cabeleireira hesitou.

— Querida — disse ela —, isso é para *rapazes*.

— Não me interessa — disse Trixie.

A cabeleireira suspirou.

— Deixa-me ver se sou capaz de nos fazer felizes às duas.

Trixie fechou os olhos e sentiu o barulho da tesoura da cabeleireira à volta da cabeça. O cabelo caía em tufos arruivados e

macios, como as penas de um pássaro atingido no ar.

— Adeus — sussurrou.

Tinham comprado a cama extragrande quando Trixie tinha três anos e passava a vida a fugir dos pesadelos que tinha na sua própria cama e ia direitinha para a zona tampão entre os dois. Parecera boa ideia na altura. Nesse tempo, ainda pensavam ter mais filhos, e a cama parecia dizer *casados* com uma assertividade que era impossível não admirar. Contudo, tinham-se apaixonado na cama de um dormitório, em cima de um duplo colchão de espuma. Dormiam tão juntinhos que o calor dos seus corpos se elevava até ao teto como um espírito e acordavam com as mantas no chão. Tendo isso em conta, era espantoso pensar que com todo o espaço que havia agora entre eles, mesmo assim estavam demasiado próximos para se sentirem confortáveis.

Daniel sabia que Laura ainda estava acordada. Tinha chegado a casa da faculdade pouco tempo depois de ter saído e não lhe explicara porquê. Quanto a Daniel, ela só lhe falara esporadicamente, parcas transações de informação: a Trixie tinha comido (não); a polícia tinha telefonado (não, mas a senhora Walstone, que morava ao fundo do quarteirão, sim, como se tivesse alguma coisa a ver com o assunto). Ela lançara-se de imediato num turbilhão de atividade: limpar as casas de banho, aspirar debaixo das almofadas do sofá, ver Trixie entrar pela porta com aquele corte às três pancadas e engolir suficientemente o choque para sugerir um jogo de Monopólio. Ele percebeu que era como se ela estivesse a tentar compensar a sua ausência nos últimos meses, como se se tivesse julgado a si mesma e sentenciado uma pena.

Agora, deitado na cama, ele perguntou-se como é que duas pessoas podiam estar a trinta centímetros de distância uma da outra, mas separados por um milhão de quilómetros.

— Eles sabiam — disse Laura.

— Quem?

— Toda a gente. Na escola. — Ela rolou para o lado dele, para que ele pudesse ver o verde dos seus olhos na escuridão. — Estavam todos a falar sobre isso.

Daniel podia ter-lhe dito que nada daquilo ia desaparecer, pelo menos até ele, Laura e até Trixie conseguirem superá-lo. Aprendera isso quando tinha onze anos e o avô de Cane o levava à sua primeira caçada ao alce. Tinham partido ao anoitecer, no pequeno barco de alumínio, no rio Kuskokwim. Daniel foi largado numa curva e Cane noutra, para cobrirem mais terreno.

Ele tinha-se agachado nos salgueiros, perguntando-se quanto tempo levariam Cane e o avô a regressar, perguntando-se se alguma vez o fariam. Quando o alce saiu delicadamente da vegetação, com as suas pernas altas, dorso malhado e focinho abatado, o coração de Daniel tinha disparado. Levantara a carabina e pensara *Quero isto mais do que tudo*.

Nesse momento, o alce entrou na muralha de vegetação e desapareceu.

A caminho de casa, quando Cane e o avô souberam o que tinha acontecido, murmuraram *kass'aq* e abanaram a cabeça. Será que Daniel não sabia que, se a pessoa pensasse no animal que estava a caçar enquanto o fazia, era o mesmo que mandar um telegrama ao animal a dizer que estava ali?

A princípio, Daniel não tinha feito caso, considerando que se tratava de uma superstição dos esquimós iúpiques, como ter de

lamber a tigela para não escorregar no gelo ou comer a cauda do peixe para se tornar um corredor rápido. Mas, à medida que foi crescendo, aprendeu que uma palavra era uma coisa poderosa. Um insulto não precisava de ser gritado para nos fazer sangrar; uma jura não tinha de ser sussurrada para nos fazer acreditar. Conserve-se um pensamento na cabeça e isso basta para alterar as ações de alguém ou algo que cruze o seu caminho.

— Se queremos que as coisas sejam normais — disse Daniel —, temos de agir como se assim fosse.

— O que queres dizer?

— Talvez Trixie devesse voltar à escola.

Laura ergueu-se sobre um cotovelo.

— *Deves* estar a brincar.

Daniel hesitou.

— Foi Janice quem sugeriu. Não lhe faz nada bem estar aqui sentada todo o dia a reviver o que aconteceu.

— Ela vai vê-lo na escola.

— Há uma ordem judicial em vigor; o Jason não se pode aproximar dela. Ela tem tanto direito de lá estar como ele.

Houve um longo silêncio.

— Se ela voltar — disse finalmente Laura —, tem de ser porque quer fazê-lo.

Daniel teve a súbita sensação de que Laura estava não só a falar sobre Laura, mas também sobre si. Era como se a violação de Trixie fosse uma constante queda de folhas que estavam tão ocupados a limpar que podiam ignorar o facto de que, por baixo delas, o chão perdera a solidez.

A noite exerceu pressão sobre Daniel.

— Trouxeste-o para aqui? Para esta cama?

Laura susteve a respiração.

— Não.

— Imagino-o contigo e nem sequer sei como é que ele é.

— Foi um erro, Daniel...

— Os erros são algo que acontece por acaso. Não saís de casa uma manhã e caís na cama de um tipo qualquer. Pensaste nisso durante um tempo. Fizeste essa escolha.

A verdade tinha queimado a garganta de Daniel e ele deu por si a arfar.

— Também escolhi pôr termo à situação. Escolhi voltar.

— E queres que te *agradeça* por isso? — Ele pôs um braço à frente dos olhos, era melhor ser cego.

O perfil de Laura parecia moldado em prata.

— Queres... queres que eu saia de casa?

Ele tinha pensado nisso. Havia uma parte dele que não queria vê-la na casa de banho a escovar os dentes ou a pôr a chaleira ao lume. Era demasiado normal, uma miragem de um casamento. Mas havia outra parte dele que já não se lembrava de quem ele era sem Laura. Na verdade, era por causa dela que ele se tornara no tipo de homem que era agora. Era como qualquer outra dupla dinâmica que fazia parte integrante da sua arte: não se podia ter força sem fraqueza; não se podia ter luz sem trevas; não se podia ter amor sem perda.

— Não creio que fosse bom para Trixie se te fosses agora embora — disse Daniel finalmente.

Laura rolou sobre si para o encarar.

— Então e tu? Seria bom para ti?

Daniel olhou para ela. Laura tinha sido gravada na sua vida, tão indelével quanto uma tatuagem. Não importava se estava

fisicamente presente ou não; ele tê-la-ia consigo para sempre. Trixie era a prova disso. Mas ele tinha dobrado máquinas de roupa lavada suficientes durante os programas da Oprah e do Dr. Phil para saber como funcionava a infidelidade. A traição era uma pedra debaixo do colchão da cama que partilhávamos, algo que sentíamos a espetar-se em nós, por mais que mudássemos de posição. De que valia ser capaz de perdoar se, lá no fundo, ambos tínhamos de admitir que nunca iríamos esquecer?

Como Daniel não lhe respondeu, Laura rolou até ficar deitada de costas.

— Odeias-me?

— Às vezes.

— Às vezes também me odeio.

— Era assim tão mau? Nós os dois?

Laura abanou a cabeça.

— Então, porque o fizeste?

Ela não respondeu durante muito tempo. Daniel presumiu que ela tinha adormecido. Mas, depois, a voz dela pareceu surgir das pontas das estrelas penduradas do lado de fora da janela.

— Porque ele me fazia lembrar de como tu eras.

Trixie sabia que, à mínima provocação, podia levantar-se, sair da aula e ir refugiar-se na secretaria sem que os professores pestanejassem sequer. O pai tinha-lhe dado o telemóvel dele. *Telefona-me a qualquer hora*, disse ele, *e eu estarei lá antes de desligares*. Ela tivera uma conversa embaraçosa com o diretor da escola, que lhe telefonara a dizer que faria o possível para que a secundária de Bethel fosse um porto seguro para ela. Por esse

motivo, já não tinha Psicologia com Jason; em vez disso, tinha estudo independente na biblioteca. Podia escrever um relatório sobre aquilo que quisesse. Neste momento, estava a pensar num tema: Raparigas que Preferiam Desaparecer.

— Tenho a certeza de que Zephyr e as tuas outras amigas vão ficar felizes por te ver — disse o pai. Nenhum deles mencionou o facto de Zephyr não ter telefonado uma única vez para saber como ela estava. Trixie tentou convencer-se de que era porque Zephyr se sentia culpada por causa da discussão que tinham tido e do que tinha acontecido depois, em consequência disso. Não explicou ao pai que não tinha outras amigas no nono ano. Tinha estado demasiado ocupada a encher o seu mundo com Jason para manter relações antigas ou para se dar ao trabalho de começar novas relações.

— E se eu mudar de ideias? — perguntou Trixie baixinho.

O pai olhou para ela.

— Nesse caso, levo-te para casa. É tão fácil quanto isso, Trix.

Ela olhou de relance pela janela do carro. Estava a nevar, uma fina camada de grandes flocos que ficava suspensa nas árvores e suavizava as arestas da paisagem. O frio infiltrava-se através do gorro que usava. Quem diria que o cabelo que tinha antes a mantinha tão quente? Estava sempre a esquecer-se de que o tinha cortado, nos gestos mais triviais: quando olhava para o espelho e apanhava o choque da sua vida, quando tentava puxar um rabo de cavalo comprido e inexistente de dentro da gola do casaco. Para ser sincera, estava horrível. O cabelo curto fazia os seus olhos parecerem ainda maiores e mais ansiosos; a severidade do corte era mais adequada a um rapaz, mas Trixie gostava dele assim. Se

as pessoas iam ficar a olhar, ela queria saber que era por *parecer* diferente e não por *ser* diferente.

Avistou os portões da escola através das escovas do limpa-para-brisas, com o parque de estacionamento dos alunos à direita. Sob o manto de neve, os carros pareciam um mar de baleias encalhadas. Perguntou-se qual deles seria o de Jason. Imaginou-o já dentro do edifício, onde estava há mais dois dias do que ela, a semear as sementes do seu lado da história que, por esta altura, já teriam dado origem a um matagal.

O pai parou junto ao passeio.

— Eu acompanho-te lá dentro — disse ele.

Toda a energia dentro de Trixie se esfumou. Haveria alguma coisa que gritasse mais *falhada!* do que uma vítima de violação que tinha de ser levada à escola pelo papá?

— Eu posso ir sozinha — insistiu, mas quando ia para abrir o cinto de segurança descobriu que a sua mente não conseguia obrigar os dedos a fazer aquilo que era preciso.

De repente, sentiu as mãos do pai no fecho e a correia soltar-se.

— Se quiseres ir para casa — disse ele suavemente —, não faz mal.

Trixie assentiu, odiando as lágrimas que lhe subiram à garganta.

— Eu sei.

Era estúpido estar assustada. O que podia acontecer dentro daquela escola que fosse pior do que já lhe acontecera? Mas podia-se levar o dia a argumentar consigo mesmo e ainda assim sentir um friozinho no estômago.

— Quando eu era miúdo e vivia na aldeia — disse o pai de Trixie —, o lugar em que morávamos era assombrado.

Trixie pestanejou. Podia contar por uma mão o número de vezes em que o seu pai falara sobre crescer no Alasca. Havia determinados vestígios da sua infância que o faziam ser diferente, como quando o ambiente se tornava demasiado ruidoso e ele tinha de abandonar a sala ou a obsessão que tinha em conservar água, embora tivessem uma fonte inesgotável no poço da casa. O que Trixie sabia era isto: o pai tinha sido o único rapaz branco numa aldeia de esquimós iúpiques chamada Akiak. A mãe, que o criara sozinha, dava aulas lá. Ele tinha saído do Alasca quando tinha dezoito anos e jurara não mais voltar.

— A nossa casa ficava anexa à escola. A última pessoa que lá tinha morado era o antigo diretor, que se tinha enforcado numa trave da cozinha. Toda a gente sabia disso. Às vezes, na escola, o equipamento audiovisual ligava-se, mesmo quando a ficha não estava na tomada. Ou as bolas de basquete que estavam no chão do ginásio começavam a saltar sozinhas. Na nossa casa, as gavetas abriam-se de repente de vez em quando e, às vezes, cheirava a *aftershave*, assim do nada. — O pai de Trixie olhou para ela. — Os iúpiques têm medo de fantasmas. Às vezes, na escola, via miúdos cuspir para o ar, para ver se o fantasma estava suficientemente próximo para lhes roubar a saliva. Ou davam a volta ao edifício três vezes, para que o fantasma não os pudesse seguir até às suas casas.

Encolheu os ombros.

— A questão é que... eu era o miúdo branco. Falava de uma maneira esquisita, tinha um aspeto esquisito e estavam sempre a implicar comigo por causa disso. Tinha tanto medo do fantasma como eles, mas não deixava ninguém saber disso. Assim, sabia que

me podiam chamar uma data de nomes feios... mas que *cobarde* não era um deles.

— O Jason não é um fantasma — disse Trixie baixinho.

O pai puxou-lhe o gorro para cima das orelhas. Os seus olhos estavam tão escuros que ela conseguia ver o seu reflexo neles.

— Bem, nesse caso — disse ele —, parece que não tens nada a recear.

Daniel quase correu atrás de Trixie enquanto ela percorria o passeio escorregadio até à entrada da escola. E se ele estivesse enganado em relação àquilo? E se Janice e os médicos e toda a gente não soubessem até que ponto os adolescentes conseguiam ser cruéis? E se Trixie voltasse para casa ainda *mais* devastada?

Trixie caminhava de cabeça baixa, protegendo-se do frio. O seu blusão verde era como uma mancha na neve. Não se virou para trás para olhar para ele.

Quando ela era pequena, Daniel esperava sempre que Trixie entrasse na escola antes de arrancar. Havia demasiada coisa que podia correr mal: ela podia tropeçar e cair; podia ser abordada por algum rufião; podia ser gozada por um bando de raparigas. Ele gostava de imaginar que o facto de não tirar os olhos dela a imbuiria do poder da segurança, muito à semelhança de como o desenhava num dos seus quadros de banda desenhada num campo de força ondulante e fluido.

Mas a verdade era que Daniel precisava mais de Trixie do que esta alguma vez precisara dele. Sem se aperceber disso, ela encenava todos os dias um espetáculo para ele: saltitava, rodopiava, abria os braços e dava um salto em corrida, como se

pensasse que numa daquelas manhãs ia conseguir levantar voo. Ele observava-a e via como os miúdos tinham facilidade em acreditar num mundo diferente daquele que lhes era apresentado. A seguir, levava o carro até casa e traduzia aquilo, traço por traço, numa página nova.

Lembrava-se de se perguntar quanto tempo levaria até a filha se deixar apanhar pela realidade. Lembrava-se de pensar: *O dia mais triste de todos vai ser aquele em que ela deixar de fingir.*

Daniel esperou até Trixie passar as portas duplas da escola e depois arrancou com cuidado. Precisava de uma carga de areia na traseira da carrinha para a impedir de dar de rabo na neve. Tudo o que fosse preciso, neste momento, para manter o equilíbrio.









1

2

3





3

Trixie sabia a história por detrás do seu verdadeiro nome, mas isso não significava que o detestasse menos. Beatrice Portinari tinha sido o único verdadeiro amor de Dante, a mulher que o inspirara a escrever toda uma série de poemas épicos. A mãe, professora de literatura clássica, tinha preenchido sozinha a certidão de nascimento quando o pai (que queria chamar Sarah à filha recém-nascida) estava na casa de banho.

Mas Dante e Beatrice não eram Romeu e Julieta. Dante conheceu-a quando tinha apenas nove anos e não voltou a vê-la até ter dezoito anos. Ambos se casaram com outras pessoas e Beatrice morreu jovem. Se isso era amor eterno, Trixie não queria fazer parte dele.

Quando Trixie se queixou ao pai, ele disse-lhe que Nicolas Cage tinha dado ao filho o nome de Kal-El, o nome kryptoniano do Super-Homem, e que ela devia estar grata. Mas a secundária de Bethel estava cheia de Mallorys, Dakotas, Crispins e Willows. Trixie tinha passado a maior parte da vida a chamar a professora à parte no primeiro dia de aulas para se assegurar de que ela dizia *Trixie* quando fizesse a chamada, em vez de *Beatrice*, o que faria com que os outros miúdos se desmanchassem a rir. Houve uma altura no quarto ano em que começara a chamar a si mesma Justine, mas não pegou.

Summer Friedman estava nos serviços administrativos da escola com Trixie, a assinar o registo de entrada por ter chegado atrasada. Era alta e loura, com um bronzado permanente, embora Trixie soubesse que tinha nascido em dezembro. Ela virou-se, segurando o passe azul da escola.

— Cabra — sibilou para Trixie ao passar por ela.

— Beatrice? — disse a funcionária. — O diretor está à sua espera.

Trixie só tinha estado uma vez no gabinete do diretor, quando fizera parte do quadro de honra no primeiro período do seu primeiro ano. Chamaram-na durante a hora da direção de turma e tinha passado o tempo a tremer, a tentar descobrir o que teria feito de mal. O diretor Aaronsen estava à espera dela com um sorriso à Monstro das Bolachas no rosto e de mão estendida.

— Parabéns, Beatrice — dissera ele, e tinha-lhe entregado um diploma dourado com o seu nome asqueroso lá impresso.

— Beatrice — disse ele desta vez, quando ela entrou no gabinete. Ela apercebeu-se de que a senhora Gray, a orientadora escolar, também lá estava à espera dela. Será que pensavam que, se visse um homem sozinho, podia entrar em parafuso?

— É bom ter-te de volta — disse o senhor Aaronsen.

É bom estar de volta. A mentira amargou na língua de Trixie, por isso ela voltou a engoli-la.

O diretor olhou para o cabelo dela, ou falta dele, mas era demasiado educado para dizer o que quer que fosse.

— Eu e a senhora Gray só queremos que saibas que as nossas portas estão sempre abertas para ti — disse o diretor.

O pai de Trixie tinha dois nomes. Ela descobrira isso por acaso quando tinha dez anos e andava a bisbilhotar nas gavetas da secretária dele. Enfiada ao fundo de uma delas, atrás das borrachas usadas e das caixas de minas de lapiseira, estava uma fotografia de dois rapazes agachados em frente de um monte de peixe. Um dos rapazes era branco, outro era nativo. No verso estava escrito: Cane e Wass, acampamento de pesca. Akiak, Alasca, 1976.

Trixie tinha levado a foto ao pai, que estava lá fora a cortar a relva. *Quem são estas pessoas?*, perguntara.

O pai tinha desligado o corta-relva. *Já morreram.*

— Se sentires o mínimo desconforto... — estava o diretor Aaronsen a dizer. — Se quiseres um sítio para recuperar o fôlego...

Três horas depois, o pai tinha vindo à procura dela. *O da direita sou eu*, dissera, mostrando-lhe novamente a fotografia. *E este é Cane, um amigo meu.*

O teu nome não é Wass, observara Trixie.

O pai explicara-lhe que no dia a seguir a ter nascido e lhe terem dado o nome, uma anciã da aldeia tinha ido visitá-lo e começara a chamar-lhe Wass, diminutivo de Wassilie, o nome do marido, que tinha caído num buraco do gelo e morrido uma semana antes. Era perfeitamente normal um esquimó iúpique falecido recentemente habitar o corpo de um recém-nascido. Os aldeões riam-se quando viam o bebé Daniel, dizendo coisas como: *Oh, olha, Wass regressou com olhos azuis!* ou *Talvez tenha sido por isso que Wass escolheu o inglês como segunda língua na escola!*

Durante dezoito anos, fora Daniel para a sua mãe branca e Wass para todos os outros. No mundo iúpique, disse ele a Trixie, as almas eram recicladas. No mundo iúpique, nunca ninguém consegue realmente partir.

— ... uma política de tolerância zero — disse o diretor, e Trixie assentiu, embora não tivesse estado a ouvir.

Na noite a seguir ao pai lhe ter contado a história do seu segundo nome, ela tinha uma pergunta pronta quando ele veio aconchegá-la na cama. *Porque é que, quando eu perguntei, disseste que aqueles rapazes tinham morrido?*

Porque é verdade, respondera o pai.

O diretor Aaronsen levantou-se, e o mesmo fez a senhora Gray, e foi assim que Trixie percebeu que pretendiam acompanhá-la à sala de aulas. Entrou imediatamente em pânico. Isto era muito pior do que entrar na escola com o pai; era como ter caças a escoltar um avião para aterrar em segurança: haveria alguém no aeroporto que não estivesse a espreitar pelas janelas e a tentar adivinhar o que acontecera a bordo?

— Hum — disse Trixie. — Acho que prefiro ir sozinha.

Estava quase a começar o terceiro tempo, o que significava que ainda podia passar pelo cacifo antes de ir para a aula de Inglês. Viu o diretor olhar para a orientadora.

— Bem — disse o senhor Aaronsen —, se é isso que queres.

Trixie fugiu do gabinete do diretor, caminhando às cegas por entre o labirinto de corredores que constituía a escola. A segunda aula ainda não tinha terminado, por isso estava tudo muito sossegado: ouvia-se o som desmaiado de um aluno com autorização para ir à casa de banho, o clique abafado de saltos altos, os esforços asmáticos dos instrumentos de sopro lá em cima, na sala da banda. Fez rodar a combinação do seu cacifo, 98-55-96. *Olha lá*, dissera Jason há uma eternidade, *isso não são as medidas da Barbie?*

Trixie encostou a testa ao metal frio. A única coisa que tinha de fazer era ficar sentada nas aulas durante mais quatro horas. Podia encher a cabeça com *O Deus das Moscas* e com $A = pr^2$ e com o assassinio do arquiduque Francisco Fernando. Não tinha de falar com ninguém, se não quisesse fazê-lo. Todos os seus professores tinham sido informados disso. Seria um exército de uma só pessoa.

Quando abriu a porta do cacifo, saiu de lá um mar de cobras que caíram aos seus pés. Baixou-se para apanhar uma. Oito quadrados

de folha de alumínio, dobrados em acordeão pela parte picotada.

Trojan, leu Trixie. *Preservativos de látex lubrificado com estrias para maior prazer.*

— Andam todas a ter sexo — disse Marita Soorenstad, inclinando a cabeça para trás e despejando o resto do pó verde-lima na boca. Nos quinze minutos que Mike Bartholemew passara com a procuradora, ela já consumira três *Pixy Stix*. — As raparigas adolescentes querem que os rapazes se sintam atraídos por elas, mas ninguém lhes ensinou a lidar com as emoções associadas. Estou sempre a ver situações dessas, Mike. As adolescentes acordam e dão com alguém a ter sexo com elas, e não dizem uma palavra. — Amachucou a embalagem de papel na mão e fez uma careta. — Houve um juiz que me disse que isto foi uma bênção quando ele estava a tentar parar de fumar. Mas eu juro que a única coisa que isto me faz é aumentar o açúcar no sangue e deixar-me a língua verde.

— Trixie Stone disse que *não* — observou o inspetor. — Está no seu depoimento.

— E Trixie Stone tinha estado a beber. Coisa que o advogado de defesa vai usar para questionar o seu discernimento. Oosterhaus vai dizer que ela estava embriagada e a jogar *strip* póquer, e a dizer *sim, sim, sim* até tudo acabar, altura em que decidiu dizer que *não*. Vai perguntar-lhe que horas eram quando disse isso, quantos quadros havia nas paredes da sala, que canção estava a tocar na aparelhagem e se a lua estava em Escorpião, pormenores de que ela não se conseguirá lembrar. A seguir, irá dizer que, se ela não consegue lembrar-se de coisas como estas, como diabo pode ter a

certeza se disse ou não a Jason para parar? — Marita hesitou. — Não estou a dizer que Trixie Stone não foi violada, Mike. Só estou a dizer que nem toda a gente vai ver isso com tanta clareza.

— Creio que a família sabe disso — replicou Bartholemew.

— A família nunca sabe disso, digam o que disserem. — Marita abriu o processo sobre Trixie Stone. — O que raio pensavam eles que a filha estava a fazer às duas da manhã?

Bartholemew imaginou um carro capotado na berma da estrada e as equipas de emergência reunidas à volta do corpo que tinha sido projetado pelo para-brisas. Imaginou o técnico de emergência médica que puxou a manga da camisa da filha para cima e viu os hematomas e as marcas de agulha ao longo do mapa das suas veias. Perguntou-se se aquele técnico teria olhado para a camisa de manga comprida de Holly, usada na noite mais quente de julho, e se teria perguntado o que é que os pais dela teriam pensado quando a tinham visto sair de casa com ela vestida.

A resposta a essa pergunta e à de Marita era: *Não estávamos a pensar. Não nos permitíamos pensar, porque não queríamos saber.*

Bartholemew pigarreou.

— Os Stone pensavam que a filha ia dormir a casa de uma amiga, com a supervisão da mãe desta.

Marita abriu um *Pixy Stix* amarelo.

— Fantástico — disse ela, deitando o conteúdo para dentro da boca. — Então, Trixie já tinha mentido uma vez.

Embora os pais não queiram admitir, a escola não tem a ver com a informação que os filhos absorvem enquanto estão sentados numa carteira atravancada, mas sim com o que acontece à sua

volta e apesar disso. São os cinco minutos entre os toques da campainha, quando se descobre em casa de quem é que vai haver festa nessa noite; é pedir emprestada a cor certa de brilho labial antes de ter Francês com o tipo giro que se mudou de Ohio; é ser notada por toda a gente e fingir que se é superior a esse tipo de notoriedade.

Quando toda esta interação social foi cirurgicamente extirpada do dia escolar de Trixie é que ela percebeu quão pouco se importava com a parte académica. Em Inglês, concentrou-se no texto impresso no seu manual até as letras saltarem como pipocas numa frigideira. De vez em quando, ouvia um comentário sarcástico: *O que é que ela fez ao cabelo?* Houve uma única vez em que alguém teve coragem para falar com ela na aula. Foi em Educação Física, durante um jogo de futebol dentro do pavilhão. Uma rapariga da sua equipa tinha vindo ter com ela depois de a professora ter apitado para intervalo.

— Alguém que tivesse sido mesmo violada — sussurrou ela — não estaria aqui a jogar futebol.

A parte do dia que Trixie mais receava era o almoço. No refeitório, a massa de estudantes dividia-se como amebas em grupos polarizados em termos sociais. Havia os jovens do teatro, os praticantes de *skate* e os crânios. Havia as Sete Sexy, um grupo de raparigas que ditava as regras da moda na escola, por exemplo, os meses em que se devia usar calções e o facto de os chinelos de enfiar no dedo estarem completamente ultrapassados. Havia os viciados em café, que passavam a manhã a beber *Java* com os amigos até o autocarro dos cursos vocacionais os levar para as aulas de cabeleireiro e auxiliar de educação infantil. E depois havia uma mesa a que Trixie costumava pertencer, a dos alunos

populares, aquela em que Zephyr e Moss e uma série de jogadores de hóquei se sentavam, a fingir que não sabiam que toda a gente estava a olhar para eles e a dizer que eram uns falsos, quando na realidade esses mesmos miúdos iam para casa e desejavam que o seu próprio grupo de amigos pudesse ser tão fixe quanto eles.

Trixie comprou batatas fritas e leite com chocolate — o almoço de consolação, a que recorria quando fazia asneira num teste ou tinha câibras menstruais — e ficou especada no meio do refeitório, a tentar encontrar um lugar para se sentar. Desde que Jason tinha acabado com ela que Trixie se sentava noutro lugar, mas Zephyr sempre lhe fizera companhia, em sinal de solidariedade. Mas hoje Zephyr estava na sua antiga mesa. Uma frase destacou-se do barulho coletivo: «Ela não se atrevia...»

Trixie segurou no tabuleiro de plástico como se fosse um escudo. Por fim, avançou em direção ao grupo das Meninas do Aquecedor, que se reunia junto a este último. Eram raparigas que usavam calças brancas com elastano e tinham namorados que conduziam carros quitados; raparigas que engravidavam aos quinze anos e depois traziam as ecografias para a escola para se exibirem.

Uma delas, uma miúda do nono ano que parecia estar grávida de nove meses, sorriu para Trixie, e o gesto foi tão inesperado que ela quase tropeçou.

— Há espaço — disse a rapariga, e fez deslizar a sua mochila sobre a mesa para Trixie se poder sentar.

Havia muitos jovens na secundária de Bethel que faziam pouco daquelas raparigas, mas Trixie nunca o fizera. Achava-as demasiado deprimentes para serem alvo de piadas. Pareciam tão indiferentes ao facto de estarem a desperdiçar a sua vida... Não que as suas vidas fossem do género que alguém quisesse, mas mesmo

assim... Trixie perguntava-se se aquelas *t-shirts* que lhes deixavam a barriga à mostra e o orgulho que tinham na sua situação seriam só fachada, uma forma de esconder a tristeza que sentiam com o que lhes acontecera. No fim de contas, se a pessoa agisse como se quisesse determinada coisa, mesmo que não quisesse, podia ser que se conseguisse convencer a si própria e aos outros.

Trixie sabia do que falava.

— Pedi à Donna para ser madrinha do *Elvis* — disse uma das raparigas.

— *Elvis*? — replicou outra. — Pensava que lhe ias chamar *Pilot*.

— E ia, mas depois pensei melhor. E se ele nasce com medo de alturas? Seria terrível para ele.

Trixie mergulhou uma batata frita no *ketchup*. Era fraco e aguado, como sangue. Perguntou-se há quantas horas não falava em voz alta. Se a pessoa nunca usasse a voz, será que esta acabava por murchar e secar? Haveria algum processo de seleção natural envolvido no facto de não falar?

— Trixie.

Levantou os olhos e viu Zephyr a sentar-se no lugar em frente dela. Trixie não coube em si de aliviada. Se Zephyr tinha ido até ali, era porque já não estava zangada com ela, certo?

— Meu Deus, ainda bem que aqui estás — disse Trixie. Queria fazer uma piada, para mostrar a Zephyr que esta podia tratá-la como se não fosse uma anormal, mas não lhe ocorreu absolutamente nada.

— Eu até te tinha telefonado, se não estivesse de castigo até ter para aí uns quarenta anos — disse Zephyr.

Trixie assentiu. Na verdade, era suficiente Zephyr estar ali sentada, agora.

— Então... tu *estás bem*, certo?

— Sim — disse Trixie. Tentou lembrar-se do que o pai dissera nessa manhã: se pensares que estás bem, vais começar a acreditar nisso.

— O teu cabelo...

Ela passou a mão pela cabeça e sorriu nervosamente.

— É de loucos, não é?

Zephyr inclinou-se para a frente, mexendo-se desconfortavelmente no lugar.

— Olha, aquilo que fizeste... bem, resultou. Não há dúvida de que te desforraste do Jason.

— De que estás a *falar*?

— Querias vingar-te por ele ter acabado contigo e conseguiste. Mas, Trixie... uma coisa é dar uma lição a alguém, outra completamente diferente é fazer com que ele seja *preso*. Não achas que já podes parar com isso?

— Tu pensas... — O couro cabeludo de Trixie retesou-se. — Tu pensas que eu inventei isto?

— Trix, toda a gente sabe que tu querias voltar a andar com ele. Convenhamos que é difícil violar alguém que o *deseja*.

— Foste tu que vieste com o plano! Disseste que eu devia deixá-lo com ciúmes! Mas eu nunca esperei... eu não... — A voz de Trixie era fina e vibrante como um arame. — Ele *violou-me*.

Uma sombra tomou conta da mesa quando Moss se aproximou. Zephyr olhou para ele e encolheu os ombros.

— Eu tentei — disse ela.

Ele puxou Zephyr para fora da cadeira.

— Anda embora.

Trixie também se levantou.

— Somos amigas desde o infantário. Como é que podes acreditar mais nele do que em mim?

Algo mudou nos olhos de Zephyr, mas, antes que ela pudesse falar, Moss pôs-lhe um braço sobre os ombros, segurando-a com firmeza ao seu lado.

Então é assim, pensou Trixie.

— Belo cabelo, *G.I. Ho* — disse Moss, enquanto se afastavam.

Fizera-se um silêncio tão grande no refeitório que até as empregadas pareciam estar a observar. Trixie voltou a sentar-se, tentando não reparar em como toda a gente estava a olhar para ela. Costumava tomar conta de um bebé de um ano que gostava muito da seguinte brincadeira: tapava o rosto com as mãos e ficava à espera que as pessoas perguntassem «Onde está o Josh?». Quem lhe dera que fosse assim tão simples. Que bastasse fechar os olhos para desaparecer.

Ao lado dela, uma das Meninas do Aquecedor rebentou o balão da pastilha.

— Quem me dera que Jason Underhill *me* violasse — disse ela.

Daniel tinha feito café para Laura.

Mesmo depois do que ela fizera, mesmo depois de todas as palavras que haviam caído entre eles como uma chuva de flechas, ele tinha feito aquilo por ela. Podia ser apenas por hábito, mas deixou-a à beira das lágrimas.

Ficou a olhar para a cafeteira de vidro, cujo ventre bojudo fumegava com café torrado francês. Ocorreu a Laura que, ao longo de todos aqueles anos de casamento, nunca tinha sido ao contrário: Daniel tinha sido um bom aluno no que tocava aos seus gostos e

aversões; por seu turno, Laura nem sequer frequentara o curso intensivo. Teria sido a complacência que a deixara suficientemente insatisfeita para ter um caso extraconjugal? Ou seria porque não tinha querido admitir que, mesmo que se tivesse aplicado, nunca seria tão boa esposa quanto Daniel era como marido?

Ela tinha entrado na cozinha para se sentar à mesa, espalhar as suas anotações e preparar-se para a aula da tarde. Hoje, graças a Deus, era uma preleção, um grupo impessoal onde só ela falava, e não uma aula mais pequena onde teria de enfrentar novamente as perguntas dos alunos. Nas suas mãos tinha um livro, aberto na famosa ilustração de Doré para o Canto 29, onde Virgílio, o guia de Dante na sua travessia do Inferno, censurava a curiosidade deste último. Mas agora que Laura conseguia sentir o cheiro dos grãos e inalar aquele vapor aromático, já não se conseguia lembrar do que ia dizer aos seus alunos sobre aquele desenho.

Explicar o Inferno ganhava todo um novo significado quando se tinha estado recentemente no meio dele, e Laura imaginou o seu próprio rosto no desenho, em vez do de Dante. Bebeu um gole de café e imaginou estar a beber do rio Lete, que voltava à nascente levando todos os seus pecados com ele.

Havia uma linha muito fina entre o amor e o ódio, estávamos sempre a ouvir esse *cliché*. Mas ninguém nos dizia que o momento em que a atravessávamos seria quando menos esperávamos. Apaixonávamo-nos e abríamos uma porta secreta para deixar entrar a nossa alma gémea. Só não esperávamos que essa proximidade viesse um dia dar a sensação de uma intrusão.

Laura olhou fixamente para a gravura. À exceção de Dante, ninguém escolhia voluntariamente ir para o Inferno. E até Dante se

teria perdido se não tivesse encontrado um guia que já tinha atravessado o Inferno e saído do outro lado.

Estendendo o braço para chegar ao armário, Laura tirou uma segunda caneca e também a encheu de café. Para ser sincera, não fazia ideia se Daniel o tomava com leite, açúcar, ou com ambos. Juntou um bocadinho de cada, como ela gostava de o beber.

Tinha esperança de que aquilo fosse um começo.

Na última edição da revista *Wizard*, Daniel vinha classificado em número nove na lista dos dez melhores artistas de banda desenhada. Lá estava a sua fotografia, oito posições abaixo do rosto sorridente de Jim Lee, que encabeçava a lista. No mês anterior, Daniel tinha sido número dez; era a expectativa crescente em relação a *O Décimo Círculo* que estava a fazer aumentar a sua fama.

Na verdade, tinha sido Laura que dera a notícia a Daniel de que ele estava a ficar famoso. Tinham ido a uma festa de Natal da Marvel, em Nova Iorque, e, quando entraram na sala, ficaram separados no meio daquela gente toda. Mais tarde, ela disse-lhe que, enquanto ele abria caminho por entre a multidão, ouvia toda a gente a falar à sua passagem. *Daniel*, dissera ela, *podes ter a certeza de que as pessoas sabem quem tu és.*

Há uns anos, quando lhe tinham dado pela primeira vez uma história para desenhar, para o porem à prova — uma história medonha, que se passava dentro de um avião cheio de gente —, preocupara-se com coisas a que agora não dava a mínima importância: ter um lápis F em vez de algo demasiado macio, testar a geometria dos arcos, registar a sensação de ter uma régua na

mão. Porém, tinha desenhado de forma mais instintiva quando estava a começar: arte emocional, em vez de cerebral. Por exemplo, da primeira vez que tinha desenhado o Batman para a DC Comics, tivera de reimaginar o herói. A versão de Daniel tinha uma determinada extensão de orelha e largura de cinto que tinham pouco a ver com o progresso histórico da arte em relação àquela personagem e muito mais com o estudo atento da banda desenhada em miúdo e com o recordar o momento em que Batman tinha parecido estar no seu melhor.

Mas hoje desenhar não lhe trazia nenhuma alegria ou alívio. Estava sempre a pensar em Trixie e onde é que ela estaria àquela hora do dia e se seria bom ou mau ela ainda não lhe ter telefonado a dizer como estavam a correr as coisas. Normalmente, quando Daniel se sentia inquieto, levantava-se e andava pela casa ou ia fazer uma corrida para exercitar o cérebro e recuperar a musa perdida. Mas Laura estava em casa — só tinha aulas à tarde — e isso era o suficiente para o manter encafuado no escritório. Era mais fácil enfrentar uma página em branco do que arranjar as palavras certas para reconstruir um casamento.

Hoje, a sua missão era desenhar uma série de painéis no Inferno com demónios do adultério, pecadores que se tinham desejado uns aos outros quando estavam vivos e que, mortos, não podiam separar-se. A ironia de ter de desenhar isto, dada a sua própria situação, não passara despercebida a Daniel. Imaginou o torso de um homem e de uma mulher a nascer de um único corpo que lhes servia de raiz. Imaginou que cada um deles tinha uma asa nas costas. Viu garras prontas a roubar o coração de um herói, porque era exatamente assim que ele se sentia.

Hoje estava a fazer batota, a desenhar as sequências de ação, porque eram as mais interessantes. Andava sempre aos saltinhos na história, para evitar exceder-se no primeiro painel que desenhava. Mas caso comesse a ficar sem tempo para cumprir um prazo, era mais fácil desenhar linhas direitas, edifícios e estradas do que desenhar uma figura de forma dinâmica.

Daniel começou a esboçar uma criatura desajeitada, parecida com um pássaro, metade homem, metade mulher. Desenhou um arremedo de asa... Não, era demasiado parecido com um morcego. Estava precisamente a soprar os resíduos da borracha do papel Miraweb quando Laura entrou no escritório, segurando uma chávena de café.

Ele pousou o lápis e recostou-se na cadeira. Laura raramente o visitava no escritório. A maior parte do tempo, não estava em casa. E quando estava, era sempre Daniel que ia à procura dela e não o contrário.

— O que estás a desenhar? — perguntou ela, olhando para os painéis.

— Nada de jeito.

— Estás preocupado com a Trixie?

Daniel passou uma mão pelo rosto.

— Como é que não havia de estar?

Ela sentou-se aos pés dele, de pernas cruzadas.

— Eu sei. Estou sempre com a sensação de ouvir o telefone tocar. — Olhou para a chávena de café, como que surpreendida por estar a segurá-la. — Oh! — disse. — Trouxe isto para ti.

Ela nunca lhe tinha trazido café. Ele nem sequer gostava de café. Mas ali estava Laura de mão estendida, a oferecer-lhe uma caneca fumegante, e naquele instante Daniel conseguiu imaginar os

dedos dela a cravarem-se como um punhal entre as suas costelas. Conseguiu ver uma asa que lhe saía do meio das omoplatas passar por cima dos músculos do trapézio e envolver-lhe o braço como um xaile.

— Fazes-me um favor? — perguntou ele, tirando-lhe a caneca da mão. Agarrou numa manta que tinha no sofá do escritório e baixou-se para a pôr à volta de Laura.

— Meu Deus! — disse ela. — Não poso para ti há anos!

Quando ele estava a começar, punha-a em cem poses diferentes: de sutiã e cuecas a segurar uma pistola de água; com metade do corpo a cair da cama; pendurada de cabeça para baixo numa árvore do quintal. Ele esperava pelo momento em que aquela pele e estrutura familiar deixava de ser Laura e passava a ser um emaranhado de tendões e uma composição de ossos que ele pudesse traduzir anatomicamente numa personagem disposta da mesma forma na página.

— Para que é a manta? — perguntou Laura, enquanto ele pegava no lápis e começava a desenhar.

— Tu tens asas.

— Sou um anjo?

Daniel levantou os olhos do papel.

— Algo do género — replicou.

Assim que Daniel deixou de ficar obcecado em desenhar a asa, a sua mão começou a voar. Desenhava depressa, as linhas saíam-lhe espontaneamente. Àquele ritmo, a arte era como respirar. Ele não saberia dizer por que razão tinha posto os dedos naquele ângulo em vez de utilizar um mais convencional, mas fazia com que a figura desse a sensação de estar em movimento.

— Levanta um bocadinho a manta, para te tapar a cabeça — ordenou.

Laura assim fez.

— Isto faz-me lembrar a tua primeira história. Só que mais seca.

O primeiro trabalho remunerado de Daniel tinha sido para a Marvel: uma banda desenhada de recurso para a *Ultimate X-Men*. No caso de um artista habitual não cumprir o prazo estabelecido, a sua história autónoma seria usada sem quebrar a continuidade da saga.

Tinham-lhe dado uma história sobre a Tempestade em criança, a dominar o tempo. Em nome da investigação, ele e Laura tinham ido de carro até à costa durante uma trovoadas, com Trixie na sua cadeirinha de bebé. Deixaram-na a dormir no carro e sentaram-se na praia debaixo de chuva torrencial, com um cobertor à volta dos ombros, a ver os raios escrever recados na areia.

Mais tarde, quando regressavam ao carro, Daniel tropeçara num tubo de vidro estranhíssimo. Laura disse-lhe que era um fulgurito, areia fundida no momento em que era atingida pelo raio. O tubo tinha vinte centímetros de comprimento, era áspero por fora e liso ao longo da sua garganta comprida. Daniel tinha-o enfiado num lado da cadeirinha de Trixie, e ainda hoje continuava delicadamente exposto na prateleira do quarto dela.

Aquilo tinha-o espantado: a transformação total, o entendimento de que a mudança radical podia acontecer num abrir e fechar de olhos.

Por fim, Daniel terminou o desenho. Pousou o lápis, fletiu a mão e olhou para a página: aquilo estava bom, melhor do que bom.

— Obrigado — disse ele, levantando-se para tirar a manta de cima dos ombros de Laura.

Ela também se levantou e pegou em duas pontas da manta. Dobraram-na em silêncio, como soldados a dobrar a bandeira de um caixão. Quando se juntaram ao meio, Daniel quis tirar-lhe a manta das mãos, mas ela não a largou. Deslizou as mãos sobre a dobra até elas ficarem em cima das de Daniel, depois levantou timidamente o rosto e beijou-o.

Ele não queria tocar-lhe. Sentiu o corpo dela encostar-se ao seu, com a manta de permeio. Mas o instinto tomou conta dele, numa onda gigantesca, e abraçou Laura com tanta força que ela nem conseguia respirar. O seu beijo foi ávido, violento, um festim para compensar aquilo que perdera. Passado um instante, ela ganhou vida debaixo dele, agarrando-lhe a camisa, puxando-o mais para ela, devorando-o de uma forma como ele não se lembrava de ter feito antes.

Antes.

Com um gemido, Daniel afastou a boca da dela e enterrou o rosto na curva do seu pescoço.

— Estás a pensar nele? — sussurrou.

Laura ficou completamente imóvel e os seus braços caíram.

— Não — disse ela, com as faces quentes e coradas.

A manta estava agora num monte no chão, entre eles. Daniel viu uma nódoa em que não reparara antes. Baixou-se e apanhou-a.

— Bem, *eu* estou.

Os olhos de Laura encheram-se de lágrimas e ela saiu do escritório passado um instante. Quando ouviu a porta fechar-se, Daniel deixou-se cair novamente na sua cadeira. Estava sempre a repisar no facto de que a mulher o traía. Era como um risco numa mesa de madeira polida: tentávamos ver o resto da superfície

resplandecente, mas os nossos olhos e dedos eram atraídos pela parte riscada, a única coisa que a impedia de ser perfeita.

Eram duas e um quarto; só faltava meia hora para ir buscar Trixie à escola. Só faltava meia hora para ela poder servir de proteção, impedindo que Laura e ele se ferissem um ao outro.

Mas em meia hora podia cair um raio. Havia esposas que podiam apaixonar-se por homens que não eram seus maridos. Havia raparigas que podiam ser violadas.

Daniel enterrou o rosto entre as mãos. Por entre os dedos abertos, conseguia ver a figura que desenhara. Metade de um demónio, estava envolta na sua única asa. Era a cara chapada de Laura. E estava a tentar chegar a um coração que Daniel não conseguia desenhar porque há anos que esquecera as suas dimensões.

Jason tinha faltado ao treino. Estava sentado no pretensioso escritório da firma de advogados Yargrove, Bratt & Oosterhaus, a perguntar-se quais seriam os exercícios a que o treinador estava a submeter a equipa. Iam jogar no dia seguinte contra Gray-New Gloucester, e ele ia alinhar de início.

Trixie regressara naquele dia à escola. Jason não a tinha visto — alguém se certificara disso —, mas Moss, Zephyr e uma dúzia de outros amigos tinham-na visto. Ao que parecia, quase rapara o cabelo. Durante a viagem de carro até Portland, tinha-se perguntado como seria caso se tivesse cruzado com Trixie. O juiz tinha dito que isso era causa suficiente para enviar Jason para um centro de detenção juvenil, mas isso devia querer dizer que Jason ficaria em

apuros se fosse à procura de Trixie e não se o destino a pusesse no seu caminho.

Aliás, tinha sido praticamente isso que acontecera.

Ainda não conseguia acreditar que aquilo era real, que estava sentado no gabinete de um advogado e que tinha sido acusado de violação. Estava sempre à espera de que o despertador tocasse a qualquer minuto. A seguir, ia para a escola, encontrava Moss no corredor e dizia *Meu, não vais acreditar no pesadelo que eu tive*.

Dutch Oosterhaus estava a falar com os pais dele, que envergavam as roupas de ir à igreja e olhavam para Dutch como se ele fosse Jesus na terra. Jason sabia que os pais estavam a pagar ao advogado com dinheiro que tinham juntado para o mandar para um ano de preparação numa escola privada, para ele ter mais hipóteses de conseguir chegar a uma equipa universitária de hóquei da primeira divisão. Os observadores da Gould Academy já o tinham ido ver jogar e tinham dito que ele era suficientemente bom.

— Ela estava a chorar — disse Dutch, fazendo rodar uma bela caneta entre os dedos. — Estava a suplicar que voltasses para ela.

— Sim — replicou Jason. — Ela não... ela não aceitou bem o fim do namoro. Houve alturas em que pensei que estava a perder o juízo...

— Sabes se Trixie andava em algum psiquiatra? — perguntou Dutch, tomando uma nota para si. — Até é capaz de ter falado com algum técnico especializado em vítimas de violação. Podemos citar esses registos como prova de instabilidade mental.

Jason não sabia o que Trixie andava a tramar, mas nunca achara que ela fosse doida. Até à festa de sexta-feira à noite, Trixie era tão fácil de ler que isso a distinguia das dúzias de raparigas com quem ele já andara e que alinhavam por causa do estatuto, do sexo ou

dos jogos mentais. Era de loucos, e isto não era coisa que ele admitisse junto dos seus amigos, mas a melhor parte de estar com Trixie não tinha sido o facto de ela ser gira, mas sim o facto de saber que, mesmo que ele não fosse atleta, finalista ou popular, ela teria na mesma querido estar com ele.

Tinha gostado dela, mas não a amara realmente. Pelo menos, achava que não. Não havia faísca quando a via do outro lado da sala e, quando estava com ela, o sentimento geral era de conforto e não de sangue a ferver, fogo e enxofre. Ironicamente, tinha sido para o bem dela que pusera fim à relação. Ele sabia que, se tivesse pedido a Trixie para largar tudo e o seguir mundo fora, ela tê-lo-ia feito. Mas se os papéis se invertessem, ele não o faria. Estavam em lugares diferentes naquela relação e, tal como tudo o que está desalinhado, estavam destinados a colidir mais cedo ou mais tarde. Ao tratar do assunto precocemente — delicadamente, como Jason gostava de pensar — estava apenas a tentar evitar que o coração de Trixie ficasse ainda mais despedaçado.

Mas é claro que se tinha sentido mal ao fazê-lo. O facto de não amar Trixie não significava que não gostasse dela.

E quanto à outra, bem... ele tinha dezassete anos e não se deitava fora algo que nos era oferecido numa bandeja de prata.

— Conta-me o que aconteceu depois de a teres encontrado na casa de banho de Zephyr.

Jason esfregou as mãos na cabeça, deixando o cabelo espetado.

— Ofereci-lhe boleia para casa e ela disse que sim. Mas depois começou a chorar. Tive pena dela, por isso abracei-a.

— Abraçaste-a? Como?

Jason levantou os braços e fletiu-os desajeitadamente à volta de si mesmo.

— Assim.

— O que aconteceu a seguir?

— Ela atirou-se a mim. Beijou-me.

— E o que é que fizeste? — perguntou Dutch.

Jason olhou de relance para a mãe, cujas faces estavam coradas de vergonha. Ele nem queria crer que tinha de dizer aquelas coisas à frente dela. A mãe ia rezar o terço durante uma semana seguida, em sua intenção.

— Retribuí o beijo. Quer dizer, foi como voltar a um velho hábito, sabe? E era óbvio que ela estava interessada...

— Define isso — interrompeu Dutch.

— Ela tirou a camisa — disse Jason, e a mãe estremeceu. — Desapertou-me o cinto e baixou-se para...

Dutch tomou outra nota no seu bloco.

— Ela começou a fazer sexo oral?

— Sim.

— Retribuíste?

— Não.

— Ela disse alguma coisa?

Jason sentiu calor debaixo do colarinho da camisa.

— Disse muitas vezes o meu nome. E não parava de falar de estar a fazer aquilo na sala de outra pessoa. Mas não parecia assustada, era mais como se esse facto a deixasse excitada.

— Ela disse-te que estava interessada em ter relações sexuais?

Jason pensou por um segundo.

— Ela não me disse que *não estava* — redarguiu.

— Pediu-te que parasses?

— Não — disse Jason.

— Sabias que ela era virgem?

Jason sentiu todos os seus pensamentos convergirem numa massa negra e dura, ao perceber que o tinham feito passar por idiota.

— Sim — disse ele, zangado. — Até outubro passado, da primeira vez que fizemos sexo.

Trixie tinha ar de quem travara uma guerra. Assim que ela se atirou para dentro da carrinha, ao lado de Daniel, este foi tomado pelo impulso de entrar de rompante na escola e exigir vingança do corpo estudantil que lhe fizera aquilo. Imaginou-se a andar enfurecido pelos corredores e depois afastou rapidamente essa imagem da cabeça. A última coisa de que Trixie precisava, depois de ter sido violada, era ver que a violência só gerava mais violência.

— Queres falar sobre isso? — disse ele, depois de já irem no carro há uns instantes.

Trixie abanou a cabeça. Puxou os joelhos para cima e pôs os braços à volta deles, como se estivesse a tentar fazer-se o mais pequena possível.

Daniel parou na berma. Esticou os braços sobre o painel de instrumentos para tomar Trixie desajeitadamente nos braços.

— Não tens de lá voltar — prometeu. — Nunca mais.

As lágrimas dela passaram através da sua camisa de flanela. Trixie teria aulas em casa, se preciso fosse. Arranjava-lhe um professor particular. Agarrava na família e mudavam-se para outro lugar.

Janice, a especialista em apoiar vítimas de abusos sexuais, tinha-o aconselhado a não fazer isso. Dissera que os pais e os irmãos queriam sempre proteger a vítima depois do facto consumado, porque se sentiam culpados por não terem feito bem as coisas da primeira vez. Porém, se Daniel travasse as batalhas de Trixie, ela era capaz de nunca mais descobrir por si própria como voltar a ser forte.

Bem, para o diabo com Janice! Ela não tinha uma filha que fora violada. E mesmo que tivesse, não era Trixie.

De repente, ouviu o som de vidro a partir-se quando um carro passou por eles e os rapazes lá dentro atiraram uma embalagem de seis garrafas de cerveja vazias contra a carrinha.

— *Putá!*

A palavra foi berrada através das janelas abertas. Daniel viu os faróis traseiros de um *Subaru* a afastar-se. O passageiro que ia no banco de trás esticou-se pela janela para bater com a palma da mão na do condutor.

Daniel largou Trixie e saiu do carro para a berma. Sentiu o vidro esmigalhado por baixo dos sapatos. As garrafas tinham raspado a pintura da porta da carrinha e tinham-se partido em mil pedaços debaixo dos pneus. A palavra que eles tinham chamado à filha continuava a pairar no ar.

Ele teve uma visão de artista: de Duncan, o seu herói, a transformar-se em Wildclaw... desta vez na forma de um jaguar. Imaginou como seria correr mais rápido do que o vento, dobrar a curva apertada e saltar pela estreita abertura da janela do lado do condutor. Imaginou o carro a guinar de um lado para o outro. Sentiu o cheiro do medo deles. Queria sangue.

Em vez disso, Daniel inclinou-se e pegou nos bocados de vidro maiores. Limpou cuidadosamente o caminho, para poder levar Trixie de volta a casa.

Na noite em que Trixie conheceu Jason, estava com gripe. Os pais tinham ido para uma festa qualquer na sede da Marvel, em Nova Iorque, e ela ia passar a noite a casa de Zephyr. Esta tinha arranjado maneira de ir a uma festa de finalistas nessa noite, e as duas não falavam noutra coisa. Mas assim que as aulas acabaram, Trixie começou a vomitar.

— Acho que vou morrer — disse Trixie a Zephyr.

— Não antes de conviveres com os finalistas — disse Zephyr.

Tinham dito à mãe de Zephyr que iam estudar para um teste de Álgebra com Bettina Majuradee, a rapariga mais inteligente do nono ano, que na realidade não lhes teria passado cartão. Andaram mais de três quilómetros até chegar à casa onde era a festa, que pertencia a um tipo chamado Orson. Por duas vezes, Trixie teve de parar na berma da estrada e vomitar para os arbustos.

— Na verdade, isso até é fixe — dissera-lhe Zephyr. — Vão pensar que já estás bêbeda.

A festa era uma massa contorcida e palpitante de barulho, corpos e movimento. Trixie passou de um quarteto de raparigas a andar à roda para uma mesa de rapazes desconhecidos que estavam a jogar ao jogo de beber álcool conhecido como Beirute, para um grupo de jovens que tentavam fazer uma pirâmide com latas vazias de *Bud*. Passados quinze minutos, sentia-se febril e tonta e foi à casa de banho vomitar.

Cinco minutos depois, abriu a porta e começou a descer o corredor, com a intenção de procurar Zephyr e de se ir embora.

— Acreditas em amor à primeira vista — perguntou uma voz — ou é melhor pedir-te para passares outra vez por mim?

Trixie olhou para baixo e deu com um rapaz sentado no chão, encostado à parede. Usava uma *t-shirt* tão desbotada que ela não conseguia ler o que tinha escrito. O cabelo era preto e os olhos da cor do gelo, mas foi o seu sorriso enviesado, como se tivesse sido construído num declive, que lhe deixou o coração acelerado.

— Acho que nunca te tinha visto — disse ele.

De repente, Trixie perdeu a capacidade de conversar.

— O meu nome é Jason.

— Estou doente — deixou escapar Trixie, amaldiçoando-se assim que pronunciou as palavras. Mesmo que tentasse, não conseguiria parecer mais estúpida.

Mas Jason limitara-se a sorrir de esguelha, novamente.

— Bem, nesse caso, acho que preciso de te fazer sentir melhor — dissera ele, e assim começara tudo.

Zephyr Santorelli-Weinstein trabalhava numa loja de brinquedos. Estava a colar os códigos de barras com os preços nas patas dos animais de peluche quando Mike Bartholemew chegou para falar com ela.

— Então — disse ele depois de se apresentar. — Agora é boa altura?

Ele olhou à volta da loja. Havia *kits* de ciência, máscaras e *Legos*, pistas de berlindes, *kits* para pintar o próprio pufe e bebés que choravam quando se mandava.

— Acho que sim — disse Zephyr.

— Queres sentar-te?

Mas o único lugar para sentar era uma mesinha de chá para crianças, posta com um serviço de porcelana Madeline e *cupcakes* de plástico. Bartholemew conseguia imaginar os seus joelhos a baterem no queixo ou, pior ainda, baixar-se e nunca mais conseguir levantar-se.

— Estou bem assim — disse Zephyr. Pousou a pistola que afixava os códigos de barras e abraçou-se a um urso-polar de peluche.

Bartholemew olhou para o camiseiro justo e para os saltos altos, para a maquilhagem dos olhos, para o verniz escarlate e para o brinquedo que ela tinha nos braços. *O problema é precisamente* esse, pensou.

— Agradeço-te o facto de falares comigo.

— A minha mãe obriga-me.

— Suponho que não tenha ficado muito satisfeita quando soube da tua festinha.

— E ainda ficou menos satisfeita por vocês terem transformado a sala num local de crime.

— Bem — disse Bartholemew. — É o que ela é.

Zephyr resmungou. Pegou na pistola das etiquetas e começou novamente a marcar os peluches.

— Segundo sei, tu e Trixie Stone são amigas há bastante tempo.

— Desde que tínhamos cinco anos.

— Ela mencionou que antes de ter ocorrido este incidente, vocês as duas estavam a discutir. — Fez uma pausa. — Porquê?

— Não me lembro — disse ela, pregando os olhos no balcão.

— Zephyr — disse o detetive —, se tens pormenores que me possas dar, isso pode ajudar a corroborar a história da tua amiga.

— Tínhamos um plano — suspirou Zephyr. — Ela queria fazer ciúmes ao Jason. Estava a tentar fazê-lo voltar para ela, reatar a relação. Era esse o *objetivo*. Ou, pelo menos, foi o que ela me disse.

— O que queres dizer com isso?

— Bem, suponho que quisesse foder Jason de várias formas.

— Ela disse-te que tencionava ter relações sexuais nessa noite?

— Ela disse-me que estava disposta a fazer o que fosse preciso — disse Zephyr.

Bartholemew olhou para ela:

— Viste a Trixie e o Jason a fazer sexo?

— Não gosto de assistir a espetáculos privados. Estava lá em cima.

— Sozinha?

— Com um rapaz. Moss Minton.

— O que estavam a fazer?

Zephyr olhou para o inspetor.

— Nada.

— Estavam a fazer sexo?

— Foi a minha mãe que lhe pediu para me perguntar isso? — disse ela, semicerrando os olhos.

— Limita-te a responder à pergunta.

— Não, está bem? — disse Zephyr. — Íamos fazer. Quer dizer, calculei que fôssemos, mas Moss adormeceu antes disso.

— E tu?

— Suponho que também acabei por adormecer — disse ela encolhendo os ombros.

— Quando?

— Não sei. Duas e meia? Três horas?

Bartholemew olhou para as suas notas.

— Conseguias ouvir a música no teu quarto?

Zephyr olhou para ele, sem perceber.

— *Que* música?

— Os CD que estavas a passar durante a festa. Conseguias ouvi-los lá em cima?

— Não. Quando lá chegámos acima, já alguém tinha desligado a aparelhagem.

Zephyr agarrou no monte de animais de peluche, segurando-os nos braços como se fossem um prémio, e dirigiu-se a uma prateleira vazia.

— Foi por isso que pensei que Jason e Trixie tinham ido para casa.

— Ouviste Trixie gritar por socorro?

Pela primeira vez desde que tinha começado a falar com ela, Bartholemew viu Zephyr sem saber o que dizer.

— Se tivesse ouvido — disse Zephyr, com a voz a vacilar ligeiramente —, tinha ido lá abaixo. — Pousou os ursos lado a lado, quase encostados uns aos outros. — Mas esteve tudo em silêncio a noite inteira.

Até Laura ter conhecido Daniel, nunca fizera nada de errado. Na escola, só tirava Muito Bons. Era conhecida por apanhar o *lixo* das outras pessoas. Nunca tivera uma cárie.

Estudava na Universidade do Estado do Arizona e namorava com um aluno de MBA chamado Walter, que já a tinha levado a três ourivesarias para saber a sua opinião sobre anéis de noivado.

Walter era um homem atraente, seguro de si e previsível. Às sextas-feiras à noite, iam sempre jantar fora, trocavam as entradas a meio da refeição e depois iam ver um filme. Alternavam a escolher os filmes. Depois, enquanto tomavam um café, falavam sobre a qualidade da atuação. A seguir, Walter levava-a de carro ao apartamento dela em Tempe e, depois de uma sessão de sexo previsível, ia para casa porque não gostava de dormir na cama de outras pessoas.

Numa sexta-feira, quando foram ao cinema, estava fechado por causa de uma rotura numa conduta. Ela e Walter decidiram então descer a Mill Avenue, onde nas noites cálidas os artistas de rua juncavam as ruas com os estojos dos seus violinos e malabarismos improvisados.

Também havia vários artistas que desenhavam a lápis e a carvão ou faziam caricaturas com canetas de feltro que cheiravam a alcaçuz. Walter gravitou em direção a um homem inclinado sobre o seu bloco. O artista tinha cabelo preto que lhe chegava ao meio das costas e as mãos cheias de tinta. Atrás dele, estava um expositor improvisado feito em cartão, onde ele afixara desenhos de Batman, Super-Homem e Wolverine.

— Estes desenhos são fantásticos — disse Walter, e Laura pensara na altura que nunca o tinha visto ficar tão entusiasmado com alguma coisa. — Eu colecionava livros de banda desenhada, quando era miúdo.

Quando o artista olhou para cima, os seus olhos azuis muito claros estavam focados em Laura.

— Dez dólares um desenho — disse ele.

Walter pôs o braço à volta de Laura.

— Pode fazer um dela?

Em menos de nada, estava sentada numa grade de garrafas de leite virada ao contrário. Juntou-se uma data de gente a assistir, à medida que o esboço ganhava forma. Laura olhou para Walter, desejando que ele não tivesse sugerido aquilo. Sobressaltou-se quando sentiu os dedos do artista agarrarem-lhe o queixo, virando-lhe novamente o rosto para a frente.

— Não se mexa — avisou ele, e ela sentiu o cheiro a nicotina e uísque.

Quando terminou o desenho, entregou-o a Laura. Ela tinha o corpo de uma super-heroína, musculado e robusto, mas o cabelo, o rosto e o pescoço eram os seus. Uma galáxia girava aos seus pés. Havia pessoas desenhadas em segundo plano, a multidão que se juntara. O rosto de Walter estava quase fora da página. No entanto, ao lado de Laura estava um homem que se parecia com o artista.

— Para que consiga encontrar-me um dia — disse ele, e ela sentiu-se como se uma tempestade tivesse rebentado dentro de si.

Laura olhou para Walter, que estendia a nota de dez dólares. Levantou o queixo e perguntou:

— O que o faz pensar que irei procurá-lo?

— Esperanças vãs.

Quando saíram de Mill Avenue, Laura disse a Walter que era o pior desenho que alguma vez vira: os seus gémeos não eram assim tão grandes e nem morta a apanhariam a usar botas altas até às coxas. Tencionava chegar a casa e pô-lo no lixo. Mas, em vez disso, nessa noite, Laura deu por si a olhar fixamente para os traços arrojados da assinatura do artista: *Daniel Stone*. Examinou o desenho mais atentamente e reparou no que lhe tinha escapado da primeira vez: nas dobras da capa que o homem desenhara havia

algumas linhas mais escuras que as restantes e que soletravam claramente a palavra VEM.

Na biqueira da bota esquerda, estava COMIGO.

Examinou o esboço, perscrutando a multidão à procura do resto da mensagem. Encontrou PARA O nos anéis planetários, no canto superior esquerdo. E no colarinho da camisa envergada pelo homem que parecia Walter estava a palavra INFERNO.

Foi como uma bofetada na cara, como se ele soubesse que ela ia ler o desenho que ele fizera. Furiosa, Laura enfiou o esboço no balde do lixo da cozinha. Mas passou toda a noite às voltas na cama, a desconstruir a linguagem dentro da arte. As pessoas não diziam *vem comigo* para o *inferno*, mas sim *vem comigo ao inferno*. *Para o* sugeria destino, *ao* era como um lugar de passagem. Será que aquilo era um convite e não uma rejeição?

No dia seguinte, tirou o desenho do lixo e sentou-se com a lista telefónica da área de Phoenix.

O Inferno ficava no número 358 de Wylie Street.

Levou uma lupa de um laboratório de biologia da universidade, mas não conseguiu descobrir mais pistas no desenho, em relação a uma hora ou data. Nessa tarde, depois das aulas, Laura foi até Wylie Street. O Inferno era um espaço estreito entre dois edifícios de maiores dimensões — um deles uma loja de venda de artigos para consumo de estupefacientes com cachimbos nas montras, o outro um clube de vídeo com filmes pornográficos. A pequena fachada entre ambos não tinha janelas, apenas uma porta com *graffiti*. Em vez de uma tabuleta normal, havia uma tábua com o nome do estabelecimento escrito à mão a tinta azul.

Lá dentro, o espaço era estreito e comprido, capaz de acomodar um bar e pouco mais. As paredes estavam pintadas de preto.

Apesar de serem três da tarde, havia seis pessoas sentadas no bar, algumas das quais Laura não conseguia identificar em relação ao género. Quando a luz do dia entrou pela porta aberta, viraram-se para ela semicerrando os olhos, como toupeiras a sair das tocas.

Daniel Stone estava sentado no lugar mais próximo da porta. Ergueu uma sobrancelha e apagou o cigarro na madeira do bar.

— Sente-se.

Ela estendeu a mão.

— O meu nome é Laura Piper.

Ele olhou para a mão dela com ar divertido, mas não a apertou. Ela sentou-se no banco e pôs a mala no colo.

— Está à espera há muito tempo? — perguntou, como se aquilo fosse uma reunião de negócios.

Ele riu-se. O som fê-la pensar em poeira de verão levantada por pneus numa estrada de terra batida.

— Toda a minha vida.

Ela não soube como responder.

— Não me deu uma hora específica...

Os olhos dele iluminaram-se.

— Mas descobriu o resto. E, de qualquer forma, eu vivo aqui, basicamente.

— É de Phoenix?

— Alasca.

Para uma rapariga que tinha crescido nos arredores do deserto, não havia nada mais extraordinário ou idealisticamente romântico. Imaginou a neve e os ursos-polares. Esquimós.

— O que o fez vir para cá?

Ele encolheu os ombros.

— Lá, aprendemos os azuis. Eu precisava de ver vermelhos.

Laura levou um momento a perceber que ele estava a falar de cores e dos seus desenhos. Ele acendeu outro cigarro. Aquilo incomodava-a, pois não estava habituada a que fumassem ao pé dela, mas não sabia como pedir-lhe para não o fazer.

— Então — disse ele. — Laura.

Nervosa, começou a encher o silêncio entre eles.

— Havia um poeta que tinha uma Laura como musa. Petrarca. Os sonetos dele são uma verdadeira maravilha.

A boca de Daniel descreveu uma curva.

— Ah, são? Não me diga.

Ela não sabia se ele estava a fazer pouco dela, e tinha agora consciência de que havia outras pessoas no bar a ouvir a sua conversa. Sinceramente, já nem se lembrava porque é que lá tinha ido. Preparava-se para se levantar quando o *barman* pôs um *shot* de uma bebida clara à sua frente.

— Oh! — disse ela. — Eu não bebo.

Sem perder tempo, Daniel esticou o braço e bebeu aquilo de um trago.

Ela estava fascinada por ele, da mesma forma que um entomologista ficaria fascinado por um inseto do outro lado do mundo, um espécime sobre o qual já tinha lido, mas nunca imaginara ter na palma da mão. Havia um frémito inesperado por estar tão perto do tipo de pessoa que evitara toda a sua vida. Olhou para Daniel Stone e não viu um homem cujo cabelo era demasiado comprido e que não se barbeava há dias, cuja *t-shirt* estava a dar as últimas debaixo do blusão coçado e cujas pontas dos dedos estavam manchadas de nicotina e tinta. Em vez disso, viu a pessoa que ela podia ter sido se não tivesse tomado a opção consciente de ser outra pessoa.

— Gosta de poesia — disse Daniel, retomando o fio da conversa.

— Bem, a de Ashbery é boa, mas se leu Rumi... — As palavras morreram-lhe nos lábios, ao aperceber-se de que o que devia ter respondido era *Sim*. — Mas, provavelmente, não me convidou para vir aqui para falarmos de poesia.

— Para mim, não passa de um monte de tretas, mas gosto da forma como os seus olhos brilham quando fala sobre isso.

Laura afastou-se um pouco mais, o máximo que podia estando sentada num banco de bar.

— Quer saber por que razão a convidei a vir aqui? — perguntou Daniel.

Ela assentiu e esqueceu-se de respirar.

— Porque soube que era suficientemente inteligente para descobrir o convite. Porque o seu cabelo tem as cores todas do fogo. — Esticou o braço e pôs a mão no queixo dela, percorrendo-lhe a garganta. — Porque quando lhe toquei aqui, ontem à noite, queria sentir o seu sabor.

Antes que ela percebesse o que ele estava a fazer, Laura deu por si nos braços dele, com a boca dele a mover-se excitada sobre a sua. No seu hálito, havia vestígios de álcool, cigarros e solidão.

Afastando-o com um empurrão, saiu do banco aos tropeções.

— O que está a fazer?

— Aquilo para que cá veio — disse Daniel.

Os outros homens no bar estavam a assobiar. Laura sentiu as faces a escaldar.

— Eu não sei porque é que cá vim — disse ela, e começou a encaminhar-se para a porta.

— Por causa de tudo o que temos em comum — gritou Daniel.

Ela não podia deixar passar aquilo em branco. Virando-se, exclamou:

— Nós não temos *nada* em comum, acredite!

— Ah, não? — Daniel aproximou-se dela, mantendo a porta fechada com um braço. — Disse ao seu namorado que me vinha ver?

Quando Laura ficou calada, ele riu-se.

Laura ficou imóvel sob o peso da verdade: tinha mentido, não só a Walter, mas também a si mesma. Tinha ido ali de livre vontade; tinha ido ali porque não suportava a ideia de não ir. Mas e se a razão por que Daniel Stone a fascinava não tivesse nada a ver com diferença... mas sim com similaridade? E se ela reconhecesse nele partes de si mesma que lá tinham estado sempre, debaixo da superfície?

E se Daniel Stone tivesse razão?

Ela olhou para ele, com o coração aos saltos.

— O que teria feito se eu não tivesse vindo aqui hoje?

Os seus olhos azuis ensombraram-se.

— Esperava.

Laura foi desajeitada e insegura, mas deu um passo em direção a ele. Pensou em Madame Bovary e em Julieta, em veneno a correr nas veias e em paixão a fazer o mesmo.

Mike Bartholemew estava a andar de um lado para o outro junto à máquina de *Coca-Cola* do Serviço de Urgências quando ouviu chamar pelo seu nome. Olhou e deparou-se com uma mulher minúscula de cabelo escuro à sua frente, de mãos enfiadas nos bolsos da bata de médica. *C. Roth, Médica.*

— Gostava de falar consigo sobre Trixie Stone — disse ele.

Ela assentiu, olhando para a multidão que os rodeava.

— Porque é que não vamos para uma das salas de exames vazias?

Não havia lugar onde Mike menos quisesse estar. Da última vez que estivera numa delas, tinha sido para identificar o corpo da filha. Assim que passou a porta, começou a cambalear e a sentir a cabeça a andar à roda.

— Sente-se bem? — perguntou a médica, enquanto ele se segurava à mesa de exames.

— Não é nada.

— Vou buscar-lhe qualquer coisa para beber.

Ela ausentou-se apenas por uns segundos e regressou com um copo de papel de um refrigerador de água. Quando Mike acabou de beber, amachucou o copo na mão.

— Deve ser uma gripe que anda por aí — disse ele, tentando desvalorizar a sua própria fraqueza. — Há algumas perguntas que gostava de lhe fazer com base no seu relatório médico.

— Força.

Mike tirou um bloco e uma caneta do bolso do casaco.

— Disse que o comportamento de Trixie Stone foi calmo quando cá esteve, certo?

— Sim, até ao exame pélvico; ficou um bocadinho transtornada nessa altura. Mas durante o resto do exame esteve muito calada.

— Nada de histerismo?

— Nem todas as vítimas de violação chegam aqui assim — disse a médica. — Algumas estão em estado de choque.

— Ela estava a sangrar?

— Pouco.

— Não devia haver mais sangue, sendo virgem?

A médica encolheu os ombros.

— O hímen pode romper-se quando a rapariga tem oito anos, a andar de bicicleta. Não tem de haver sangue da primeira vez que há relações sexuais.

— Mas a doutora também disse que não havia lesões internas significativas — replicou Mike.

A médica franziu o sobrolho.

— O senhor não devia estar do lado *dela*?

— Eu não tomo partido — disse Mike. — Mas tento compreender os factos e, antes de termos um caso de violação, preciso de me certificar que excluí quaisquer inconsistências.

— Bem, estamos a falar de um órgão feito para acomodar. Lá por não haver lesões internas visíveis, isso não significa que não tenha havido relações sexuais não consentidas.

Mike olhou pouco à vontade para a mesa de exames e, de repente, conseguiu ver a forma imóvel do corpo da filha. Um braço, que tinha escorregado e pendia em direção ao chão, com a nódoa negra dos consumidores de drogas na curva do braço.

— O braço dela — murmurou Mike.

— Os cortes? Fotografei-os para si. Ainda deitavam sangue quando deu entrada — disse a médica —, mas ela não se lembrava de ter visto uma arma durante o ataque.

Mike tirou o instantâneo do bolso, aquele que mostrava o pulso esquerdo de Trixie. Havia o corte fundo que a doutora Roth estava a descrever, ainda irritado e vermelho como uma boca, mas se olhássemos atentamente também se via o padrão prateado e espinhado de cicatrizes mais antigas.

— Há alguma hipótese de Trixie Stone ter feito isto a si própria?

— É uma possibilidade. Hoje em dia, vemos muito disso em raparigas adolescentes. Mas isso não exclui o facto de Trixie ter sido sexualmente abusada.

— Está disposta a afirmar isso em tribunal? — perguntou Mike.

A médica cruzou os braços.

— Alguma vez assistiu à recolha de provas com um *kit* de violação, inspetor?

É claro que ela sabia que não. Não podia, sendo homem.

— Leva mais de uma hora e não só implica um exame externo minucioso, como um exame interno doloroso e igualmente minucioso. Implica ter o corpo examinado com a ajuda de raios ultravioleta e fazer esfregaços em busca de provas. Implica tirar fotografias. Implica perguntas sobre pormenores íntimos relativos aos hábitos sexuais. Implica ter a roupa confiscada. Sou ginecologista obstetra nas Urgências há quinze anos, inspetor, e ainda estou para conhecer uma mulher que esteja disposta a fazer um exame de abuso sexual por mero capricho. — A doutora Roth olhou para Mike. — Sim, eu presto depoimento.

Janice não se limitava a ter chá no seu gabinete. Tinha *Oolong*, *Sleepytime* e chá preto com laranja. *Darjeeling*, *rooibos* e *sencha*. *Longjing*, *matcha*, chá verde, jasmim, *Keemun*. *Lapsang souchong* e Assam: de Yunnan e de Nilgiri.

— Qual queres? — perguntou ela.

Trixie abraçou uma almofada junto ao peito.

— Café.

— Como se eu nunca tivesse ouvido isso antes.

Trixie tinha lá ido com alguma relutância. O pai deixara-a lá e voltava para a ir buscar às cinco horas.

— E se eu não tiver nada para dizer? — perguntara-lhe Trixie no minuto antes de sair do carro.

Mas acontece que ainda não se calara desde que se sentara. Tinha contado a Janice a sua conversa com Zephyr e a forma como Moss tinha olhado através dela como se fosse um fantasma. Tinha falado sobre os preservativos que tinha no cacifo e por que razão não fizera queixa ao diretor. Falou sobre como ouvia as pessoas a murmurar nas suas costas, mesmo quando não estavam a fazê-lo.

Janice instalou-se num monte de almofadas que tinha no chão. O seu gabinete era partilhado por quatro pessoas diferentes que prestavam apoio a vítimas de abusos sexuais e estava cheio de coisas macias a que a pessoa se podia abraçar, se precisasse.

— Parece-me que a Zephyr está um bocadinho confusa neste momento — disse Janice. — Ela pensa que tem de escolher entre ti e Moss, por isso não vai ser uma forma de apoio viável.

— Bem — disse Trixie —, sendo assim, só resta a minha mãe e o meu pai, e eu não posso arrastá-los comigo para a escola.

— Então e os teus outros amigos?

Trixie brincou com a franja da almofada que tinha no colo.

— Eu deixei de estar com eles quando comecei a andar com Jason.

— Deves ter sentido a falta deles.

Ela abanou a cabeça.

— Estava tão doida por Jason que não havia espaço para mais ninguém. — Trixie olhou para Janice. — Isso é amor, não é?

— O Jason alguma vez disse que te amava?

— Eu disse-lhe uma vez. — Sentou-se direita e esticou o braço para pegar no chá que Janice lhe dera, embora tivesse dito que não queria. Sentiu a caneca lisa na palma das mãos a irradiar calor. Trixie perguntou-se se seria aquela a sensação de segurar um coração. — Ele disse que também me amava.

— Quando foi isso?

No dia catorze de outubro, às nove e meia da noite. Estavam na última fila do cinema, de mão dada, a ver um filme de terror para adolescentes. Ela estava a usar a camisola de *mohair* azul de Zephyr, aquela que fazia as suas mamas parecerem maiores do que eram. Jason tinha comprado gomas *Sour Patch Kids* e ela estava a beber *Sprite*. Mas Trixie achou que contar a Janice os pormenores que lhe tinham ficado gravados na memória ia fazê-la parecer demasiado patética, por isso, em vez disso, disse apenas:

— Cerca de um mês depois de estarmos juntos.

— Ele disse que te amava depois disso?

Trixie tinha esperado que fosse ele a dizê-lo primeiro, sem o incitar, mas Jason não o fizera. E ela não voltara a dizê-lo porque tinha demasiado receio de que ele não lhe dissesse o mesmo.

Parecera-lhe ouvi-lo sussurrar essas palavras *depois* daquilo, na outra noite, mas por essa altura estava tão entorpecida que nem tinha a certeza se não inventara aquilo para suavizar o golpe que acabara de sofrer.

— Como é que acabaram o namoro? — perguntou Janice.

Estavam em pé na cozinha de Jason, a comer *M&M's* de uma tigela que se encontrava em cima da mesa. *Acho que era capaz de ser boa ideia começarmos a ver outras pessoas*, dissera ele, quando cinco minutos antes tinham estado a falar sobre uma professora que ia tirar licença o resto do ano para estar com o bebé

que adotara na Roménia. Trixie parou de respirar e o seu pensamento entrou numa roda-viva para tentar descobrir o que fizera de mal. *A culpa não é tua*, dissera Jason. Mas *ele* era perfeito, portanto como é que isso podia ser verdade?

Ele disse que queria que continuassem amigos, e ela assentiu, embora soubesse que era impossível. Como é que ela havia de sorrir quando passasse por ele na escola, quando só lhe apetecia chorar? Como é que ela podia deixar de ouvir as promessas dele?

Na noite em que Jason acabou com ela, tinham ido para casa dele, porque os pais tinham saído. Com medo de que os pais dela pudessem fazer alguma estupidez, como telefonar, Trixie tinha-lhes dito que havia um grande grupo que ia ao cinema. Por isso, depois de Jason largar a bomba, Trixie foi obrigada a passar mais duas horas na sua companhia, até à hora a que o filme teria acabado, quando tudo o que queria era esconder-se debaixo das mantas e chorar até mais não poder.

— Quando Jason acabou contigo — perguntou Janice —, o que fizeste para te sentires melhor?

Cortei-me. A resposta veio tão depressa à cabeça de Trixie que só no último momento é que cerrou os lábios para a manter lá dentro. Mas, ao mesmo tempo, deslizou inconscientemente a mão direita sobre o pulso esquerdo.

Janice estava a observá-la com demasiada atenção. Pegou no braço de Trixie e arregaçou-lhe o punho da camisa.

— Então, isso não aconteceu durante a violação.

— Não.

— Porque é que disseste que sim à médica das Urgências?

Os olhos de Trixie encheram-se de lágrimas.

— Não queria que ela pensasse que eu era maluca.

Depois de Jason ter rompido com ela, Trixie perdeu todo o controlo emocional. Dava por si a soluçar quando ouvia uma determinada canção no rádio do carro e tinha de inventar uma desculpa para o pai. Passava pelo cacifo de Jason, na esperança de se cruzar acidentalmente com ele. Encontrava o único computador da biblioteca cujo ecrã ao sol espelhava a secretária atrás dela e observava Jason no seu reflexo enquanto fingia estar a digitar. Estava a nadar em alcatrão, enquanto o resto do mundo, incluindo Jason, tinha seguido em frente sem problemas.

— Um dia, estava na casa de banho — confessou Trixie —, abri o armário dos medicamentos e vi as lâminas da barba do meu pai. Fi-lo sem pensar. Mas soube-me tão bem afastar o pensamento de tudo o resto. Era um tipo de dor que fazia sentido.

— Há formas construtivas de lidar com a depressão...

— É uma tolice, não é? — interrompeu Trixie. — Amar alguém que nos magoou?

— Ainda é mais tolice pensar que alguém que nos magoa nos ama — redarguiu Janice.

Trixie levantou a caneca. O chá já estava frio. Segurou-a de uma forma que lhe tapava a cara, para Janice não poder olhá-la nos olhos. Se o fizesse, de certeza que ia ver o único segredo que Trixie conseguira guardar: que depois daquela noite, odiava Jason... mas ainda se odiava mais a ela. Porque, mesmo depois do que acontecera, havia uma parte de Trixie que ainda o queria de volta.

Retirado da página das *Cartas ao Editor* do *Portland Press Herald*:

Aos Editores:

Gostaríamos de expressar o nosso choque e revolta perante as acusações dirigidas a Jason Underhill. Qualquer pessoa que conheça Jason sabe que ele não tem um pinga de violência no corpo. Se a violação é um crime de violência e domínio sobre outra pessoa, não deveria haver sinais de violência?

Enquanto a vida de Jason sofreu uma paragem brusca, a chamada vítima deste caso continua a andar por aí, sem se deixar intimidar. Enquanto Jason está a ser retratado como um monstro, a vítima não manifesta aparentemente os sintomas associados a um abuso sexual. Será que não se trata, afinal, de uma violação, mas sim de um caso de remorso de uma jovem após tomar uma decisão que gostaria de não ter tomado?

Se a vila de Bethel tivesse de julgar este caso, Jason Underhill seria seguramente considerado inocente.

Atentamente,

Treze educadores anónimos da Escola Secundária de Bethel... e mais cinquenta e seis signatários.

Os super-heróis nasceram na cabeça de pessoas desesperadas por serem salvas. O primeiro, e possivelmente o mais lendário, chegou na década de 1930, pela mão de Shuster e Siegel, dois desempregados, imigrantes judeus apreensivos, que não conseguiam arranjar trabalho num jornal. Imaginaram um falhado que só tivesse de tirar os óculos e entrar numa cabina telefónica para se transformar no protótipo da virilidade, um mundo em que o parolo ficava com a rapariga no fim. O público, ainda sob o choque da Depressão, recebeu de braços abertos o Super-Homem, que os levava para longe de uma triste realidade.

O primeiro livro de banda desenhada de Daniel também fora sobre partida. Tinha sido desenvolvido a partir de uma história

iúpique sobre um caçador que, estupidamente, partira sozinho e matara uma morsa com um arpão. O caçador sabia que não conseguiria içá-la sozinho, mas, se não largasse a corda, esta arrastá-lo-ia para baixo e ele morreria. O caçador decidiu largar a corda, mas as suas mãos tinham congelado na posição em que estavam e ele foi puxado para debaixo de água. Porém, em vez de se afogar, mergulhou até ao fundo do mar e transformou-se ele próprio numa morsa.

Daniel começou a desenhar o livro um dia, durante o recreio, porque tinha esmurrado um miúdo que tinha feito troça dos seus olhos azuis. Pegara distraidamente num lápis e desenhara uma figura que começou no mar — cheia de barbatanas e presas — e evoluiu para a beira-mar, em posição ereta, desenvolvendo gradualmente braços e pernas e um rosto de homem. Daniel desenhou e desenhou, vendo o seu herói afastar-se daquela aldeia de uma forma que ele próprio não conseguia.

Agora, também parecia não ter escapatória possível. Depois da violação de Trixie, Daniel pouco desenhara. Nesta altura, a única forma de cumprir o prazo era ficar acordado vinte e quatro horas por dia e arranjar uma fórmula mágica para juntar algumas horas a cada dia. Mas ainda não ligara para a Marvel a dar a má notícia. Explicar o *porquê* de ter estado ocupado com outras coisas só iria tornar o que acontecera a Trixie mais real.

Quando o telefone tocou às sete e meia da manhã, Daniel atendeu rapidamente. Naquele dia, Trixie não ia à escola, e Daniel queria que ela ficasse ditosamente adormecida por tanto tempo quanto fosse humanamente possível.

— Tens alguma coisa para me dizer? — quis saber a voz do outro lado.

Daniel ficou cheio de suores frios.

— Paulie — disse. — O que se passa?

Paulie Goldman era o editor de longa data de Daniel e era uma lenda. Conhecido pelo omnipresente charuto e laço vermelho, tinha sido amigo de todos os grandes artistas do ramo: Stan Lee, Jack Kirby, Steve Ditko. Hoje em dia, era igualmente provável encontrá-lo a comer uma sanduíche na sua lojinha preferida com Alan Moore, Todd McFarlane ou Neil Gaiman.

Tinha sido Paulie quem ficara entusiasmado com a ideia de Daniel de criar um romance gráfico destinado a antigos fãs de livros de banda desenhada que eram agora adultos, e que não só o deixara fazer os desenhos, mas também escrever um enredo que os pudesse interessar. Tinha conseguido que a Marvel se juntasse ao projeto, embora estivessem inicialmente reticentes. Tal como todos os editores, experimentar algo que nunca tinha sido feito era considerado anátema, a menos que se tivesse sucesso, caso em que passava a ser *revolucionário*. Mas, dado o *marketing* que a Marvel investira na série Wildclaw, falhar o prazo seria uma catástrofe.

— Por acaso leste o último *Lying in the Gutters*⁴? — perguntou Paulie.

Ele estava a referir-se a uma coluna de mexericos *online* assinada por Rich Johnston. O título tinha um duplo sentido: «gutters» eram os espaços entre os painéis, a estrutura que fazia de uma ilustração de banda desenhada isso mesmo. Johnston incitava os «gutterati» a enviar-lhe furos jornalísticos para publicar nos seus artigos e os «guttersnipes» a espalharem a palavra pela Internet. Com o telefone preso contra o ombro, Daniel foi ao computador, entrou na página e deu uma vista de olhos pelos títulos.

Uma história que não é sobre a Marvel, leu.

A compra de uma banda desenhada de um porco voador que não vai acontecer.

Já não é novidade: In The Weeds, o novo título de Crawl Space, será desenhado por Evan Hohman... mas as páginas já estão a aparecer no eBay.

E no fim de tudo: *Wildclaw recolhe as suas garras?*

Daniel inclinou-se para o ecrã. *Segundo sei, Daniel Stone, a sensação do momento, desenhou... contem bem... ZERO páginas do próximo fascículo do seu Décimo Círculo, quando se aproxima o fim do prazo. Será que a propaganda não passou de uma intrujice? De que serve uma boa série quando não há nada de novo para ler?*

— Isso são tretas — disse Daniel. — Eu tenho desenhado.

— Quanto?

— Eu acabo a tempo, Paulie.

— *Quanto?*

— Oito páginas.

— Oito páginas? Tens de me entregar vinte e duas no final da semana se quiseres que seja impresso a tempo!

— Eu próprio faço isso, se for preciso!

— Ah, sim? E também vais fotocopiar e levar ao distribuidor? Por amor de Deus, Danny! Não estamos no liceu. O cão não pode comer os trabalhos de casa! — Fez uma pausa, e depois disse: — Eu sei que deixas tudo para a última da hora, mas isto nem parece teu. O que se passa?

Como é que se explica a um homem que fez toda a sua vida à custa da fantasia que às vezes a realidade se abatia sobre nós? Na banda desenhada, os heróis escapavam e os vilões perdiam, e nem a morte era permanente.

— A série — disse Daniel baixinho. — Está a sofrer uma ligeira reviravolta.

— O que queres dizer com isso?

— O enredo. Está a tornar-se mais... orientado para a família.

Paulie ficou calado por um momento, a pensar naquilo.

— A família é uma boa coisa — devaneou. — Estás a falar de uma intriga que aproxime mais pais e filhos?

Daniel apertou a ponte do nariz entre o polegar e o indicador.

— Espero que sim — disse.

Trixie estava a eliminar de forma sistemática todos os vestígios de Jason do seu quarto. Atirou para o lixo o primeiro bilhete que ele lhe passara na aula; a série de fotografias palermas que tinham tirado numa cabina em Old Orchard Beach; o mata-borrão verde que tinha na secretária, onde conseguia sentir o nome dele impresso, depois de tê-lo escrito dezenas de vezes no papel.

Foi quando foi deitar o mata-borrão no caixote da reciclagem que viu o jornal, aberto na página que tinha a carta que os pais não tinham querido que ela visse.

«Se a vila de Bethel tivesse de julgar este caso, Jason Underhill seria seguramente considerado inocente.»

O que não diziam naquela horrível carta do editor era que a vila já tinha julgado e condenado a pessoa errada. Subiu a escada a correr até chegar ao seu computador e ligou-se à Internet. Procurou a página do *Portland Press Herald* e começou a digitar uma carta de réplica.

A quem possa interessar, escreveu Trixie.

Sei que é política do vosso jornal manter as vítimas que são menores no anonimato. Mas eu sou uma dessas menores e, em vez de pôr as pessoas a adivinhar, quero que elas saibam o meu nome.

Pensou numa dúzia de raparigas que podiam ler aquilo, raparigas que tinham ficado demasiado assustadas para contar a alguém o que lhes acontecera. Ou na dúzia de raparigas que *tinham* contado a alguém e que podiam ler aquilo e encontrar a coragem de que precisavam para aguentar mais um dia de inferno na escola. Pensou nos rapazes que iriam pensar duas vezes antes de tirarem algo que não lhes pertencia.

O meu nome é Trixie Stone, escreveu.

Viu as letras vacilarem na página; leu os espaços entre as palavras, e todos eles lhe lembraram que era uma cobarde. A seguir, premiu a tecla para apagar.

O telefone tocou precisamente quando Laura entrou na cozinha. Quando atendeu, já Daniel fizera o mesmo lá em cima, numa extensão.

— Queria falar com Laura Stone — disse a pessoa que ligara, e ela deixou cair o copo que segurava no lava-louça.

— Já atendi — disse Laura. Esperou que Daniel desligasse.

— Sinto a tua falta — disse Seth.

Ela não respondeu de imediato; não podia. E se não tivesse atendido o telefone? Será que Seth teria começado a conversar com Daniel? Ter-se-ia apresentado?

— Não voltes a telefonar para aqui — sussurrou Laura.

— Preciso de falar contigo.

Ela tinha o coração a bater de tal maneira que mal conseguia ouvir a própria voz.

— Não posso.

— Por favor, Laura. É importante.

Daniel entrou na cozinha e encheu um copo de água.

— Por favor, risca-me da tua lista telefónica — disse Laura, e desligou.

Em retrospectiva, Laura apercebeu-se de que tinha namorado Daniel por osmose, pegando num pouco do seu atrevimento e fazendo-o seu. Rompeu o namoro com Walter e passou a adormecer nas aulas. Começou a fumar. Crivava Daniel de perguntas sobre o passado de que ele não queria falar. Aprendeu como o seu corpo podia ser um instrumento e como Daniel conseguia tocar uma sinfonia sobre a sua pele.

A seguir, descobriu que estava grávida.

De início, pensou que a razão para não ter contado a Daniel fosse por ter medo de que ele fugisse. Mas, aos poucos, apercebeu-se de que não tinha contado a Daniel porque era *ela* quem estava a pensar em fugir. A realidade atingiu Laura com toda a força, agora que se via a braços com aquela responsabilidade. Aos vinte e quatro anos, não era vida ficar acordada toda a noite para apostar em lutas de galos na cave de um prédio. A longo prazo, de que serviria poder dizer que tinha descoberto a melhor tequila que havia do outro lado da fronteira se a sua tese de doutoramento fosse por água abaixo? Uma coisa era namorar com o lado mais obscuro; outra completamente diferente era criar raízes por lá.

Os pais não levavam os filhos a passear pelas ruas depois da meia-noite. Não moravam na parte de trás de um carro. Não podiam comprar leite em pó, cereais e roupas com o dinheiro incerto que vinha de uns desenhos feitos aqui e ali. Embora, presentemente, Daniel conseguisse atrair Laura da mesma forma que a Lua exerce a sua atração sobre as marés, ela não conseguia imaginar os dois juntos daí a dez anos. Foi obrigada a considerar o facto alarmante de que o amor da sua vida podia não ser pessoa com quem pudesse ficar para sempre.

Quando Laura rompeu com Daniel, convenceu-se de que estava a fazer um favor a ambos. Não falou no bebé, embora sempre tivesse sabido que ia ficar com ele. Às vezes, dava por si a pensar horas a fio, perguntando-se se o bebé teria os mesmos olhos claros de lobo do pai. Deitou fora os cigarros e começou a usar novamente conjuntos de camisola e casaco e a conduzir com o cinto de segurança posto. Arrumou Daniel muito bem na sua cabeça e fingiu não pensar nele.

Passados alguns meses, Laura chegou a casa e deu com Daniel à espera no seu prédio. Olhou para a sua camisola de grávida e depois, furioso, agarrou-a pelos braços.

— Como é que foste capaz de não me contar isto?

Laura entrou em pânico, perguntando-se se teria interpretado mal os traços instáveis da sua personalidade. E se ele não fosse apenas rebelde, mas verdadeiramente perigoso?

— Achei que era melhor se...

— O que ias dizer ao bebé? — perguntou Daniel. — Sobre mim?

— Eu... ainda não tinha pensado nisso.

Laura observou-o atentamente. Daniel tinha-se transformado em alguém que ela não reconhecia. Não era apenas um «Bad Boy»

contra o sistema; era alguém de tal forma transtornado que se esquecera de tapar as cicatrizes.

Ele deixou-se cair nos degraus da entrada.

— A minha mãe disse-me que o meu pai morreu antes de eu nascer. Mas quando eu tinha onze anos, o avião que transportava o correio levou uma carta que me era dirigida. — Daniel olhou para cima. — Ninguém recebe dinheiro de fantasmas.

Laura agachou-se ao lado dele.

— Os carimbos postais eram sempre diferentes, mas, depois dessa primeira carta, ele enviava-me dinheiro todos os meses. Nunca falou das razões para não estar ali connosco. Falava de como eram as montanhas de sal no Utah, ou de como o rio Mississípi era frio quando entrávamos descalços nas suas águas. Disse que um dia havia de me levar a todos esses lugares, para eu poder ver com os meus próprios olhos — disse Daniel. — Esperei durante anos, sabes? Mas ele nunca me veio buscar.

Virou-se para Laura.

— A minha mãe disse que mentiu porque pensou que seria mais fácil ouvir dizer que o meu pai estava morto do que ouvir que ele não tinha querido uma família. Eu não quero que o nosso bebé tenha um pai assim.

— Daniel — confessou ela —, eu não tenho a certeza se quero que o nosso bebé tenha um pai como *tu*.

Ele recuou, como se tivesse sido esbofeteado. Levantou-se devagar e foi-se embora.

Laura passou a semana seguinte a chorar. Depois, uma manhã, quando foi lá fora para ir buscar o jornal, encontrou Daniel a dormir nos degraus da entrada do prédio. Ele levantou-se, e ela não conseguia parar de olhar para ele: o cabelo pelos ombros tinha sido

cortado à escovinha; vestia umas calças caqui e uma camisa azul de tecido Oxford com as mangas arregaçadas. Ele estendeu-lhe uma tira de papel.

— É o cheque que acabei de depositar — explicou Daniel. — Arranjei trabalho na Atomic Comics. Adiantaram-me o salário de uma semana.

Laura escutou e sentiu a sua determinação esboroar-se. E se não tivesse sido ela a única a ficar fascinada com uma personalidade diferente da sua? E se durante todo o tempo em que ela absorvera a rebeldia de Daniel, ele estivesse a olhar para ela como forma de redenção?

E se o amor não fosse o ato de encontrar aquilo que nos faltava, mas sim o processo de cedências mútuas que fazia com que duas pessoas se conjugassem?

— Ainda não tenho dinheiro suficiente — prosseguiu Daniel —, mas quando tiver vou frequentar cursos de arte na universidade comunitária. — Estendeu os braços para Laura, de forma que o bebé ficou equilibrado entre eles. — Por favor — sussurrou. — E se esse bebé for a melhor parte de mim?

— Tu não queres fazer isto — disse Laura, ao mesmo tempo que se aproximava mais dele. — Um dia, vais odiar-me por ter estragado a tua vida.

— A minha vida já está estragada há muito tempo — disse Daniel. — E nunca te irei odiar.

Casaram-se na câmara municipal, e Daniel foi completamente fiel à sua palavra. Deixou de fumar e de beber de um momento para o outro. Foi a todas as consultas de obstetrícia. Quatro meses depois, quando Trixie nasceu, cuidava dela como se fosse feita de luz do sol. Enquanto Laura ensinava os alunos durante o dia, Daniel

brincava com Trixie no parque e no jardim zoológico. À noite, ia para as aulas e começou a fazer artes gráficas como *freelance*, antes de trabalhar para a Marvel. Seguiu Laura, que passou de um lugar de professora em San Diego para outro em Marquette, e depois no Maine, onde estava agora. Tinha o jantar à espera quando ela chegava a casa; enfiava caricaturas de Trixie como Super-Bebé nas bolsas da sua pasta; nunca se esquecia do seu aniversário. Na verdade, era tão perfeito que ela chegava a perguntar-se se o lado rebelde de Daniel teria sido apenas uma encenação para a atrair. Mas depois lembrava-se das coisas mais estranhas, assim de repente: da noite em que Daniel a mordera com tanta força durante o sexo que a deixara a sangrar; do som a ouvi-lo combater inimigos imaginários durante um pesadelo; da vez que ele tatuara o corpo de Laura com canetas de feltro, com cobras e hidras nos braços e um demónio a fugir ao fundo das costas. Há uns anos, nostálgica, tinha ido ao ponto de levar uma das suas canetas de tinta para a cama. «Sabes a dificuldade que é para tirar isso da pele?», dissera Daniel, pondo um ponto final àquilo.

Laura sabia que não tinha o direito de se queixar. Havia mulheres neste mundo cujos maridos as espancavam e que adormeciam a chorar porque eles eram alcoólicos ou jogadores. Havia mulheres neste mundo cujos companheiros tinham dito «Amo-te» menos vezes durante a vida inteira do que as que Daniel dizia numa semana. Laura podia atirar a culpa para onde quisesse, mas o vento frio da verdade havia de trazê-la de volta: ela não tinha estragado a vida de Daniel ao pedir-lhe que mudasse. Tinha estragado a sua.

Mike Bartholemew olhou para o gravador para ter a certeza de que ainda estava ligado.

— Ela pôs-se em cima de mim — disse Moss Minton. — Com as mãos no meu cabelo, a dançar no meu colo, esse tipo de coisas.

O rapaz tinha lá ido de livre vontade, a pedido de Mike, para conversar. Mas em menos de cinco minutos de conversa ficou claro que tudo o que saísse da boca de Moss ia ser indevidamente exagerado pela sua lealdade a Jason Underhill.

— Não sei como dizer isto sem parecer um perfeito idiota — disse Moss —, mas Trixie estava mesmo a pedi-las.

Bartholemew recostou-se na cadeira.

— Tens a certeza disso?

— Bem... sim.

— Tiveste relações sexuais com Trixie nessa noite?

— Não.

— Então, deves ter estado na sala enquanto o teu amigo estava a ter sexo com ela — disse Bartholemew. — Caso contrário, como é que podias saber que ela deu o seu consentimento?

— Eu não estava na sala — disse Moss. — Mas o senhor também não estava. Posso não tê-la ouvido dizer que sim, mas você também não a ouviu dizer que não.

Bartholemew desligou o gravador.

— Obrigado por teres cá vindo.

— Já acabou? — disse Moss, surpreendido. — É só isto?

— É. — O inspetor tirou um cartão do bolso e entregou-o a Moss. — Se te ocorrer mais alguma coisa que me queiras dizer, telefona.

— Bartholemew — leu Moss em voz alta. — Eu tive uma *babysitter* chamada Holly Bartholemew. — Foi quando tinha para aí

uns nove ou dez anos.

— É minha filha.

— A sério? Ela ainda mora por cá?

Mike hesitou.

— Já não.

Moss enfiou o cartão no bolso.

— Da próxima vez que a vir, diga-lhe que eu disse olá.

Fez um arremedo de aceno ao inspetor e foi-se embora.

— Eu digo — retorquiu Mike, ao mesmo tempo que a sua voz se desmanchava como renda.

Daniel abriu a porta e deparou-se com Janice, a mulher que prestava apoio às vítimas de abusos sexuais.

— Oh, não sabia que a Trixie estava à sua espera.

— E não está — respondeu Janice. — Posso falar consigo e com Laura por um instante?

— A Laura está na faculdade — disse ele, ao mesmo tempo que Trixie enfiava a cabeça por cima do corrimão, lá em cima.

Antes, Trixie não teria hesitado; teria descido com a rapidez de um raio, certa de que a visita era para ela.

— Trixie — disse Janice, ao vê-la. — Tenho de te dizer uma coisa de que não vais gostar.

Trixie desceu a escada, pondo-se ao lado de Daniel, como costumava fazer quando era pequena e via alguma coisa que a assustava.

— O advogado de defesa que representa Jason Underhill intimou-nos a apresentar as gravações das minhas conversas com Trixie.

Daniel abanou a cabeça.

— Não compreendo. Isso não é uma violação de privacidade?

— Só quando falamos do arguido. Infelizmente, se formos a *vítima*, a história já é outra. Podemos acabar por ver um diário apresentado como prova ou as transcrições das consultas de psiquiatria. — Olhou para Trixie. — Ou as conversas com a conselheira para casos de violação.

Daniel não fazia ideia do que se tinha passado durante as sessões de Janice com Trixie, mas sentiu a filha a tremer ao lado dele.

— Não pode entregar essas gravações — disse Trixie.

— Se não o fizermos, a nossa diretora vai parar à cadeia — explicou Janice.

— Eu faço isso — disse Daniel. — Eu vou preso em vez dela.

— O tribunal nunca aceitaria uma coisa dessas. Acredite que não é o primeiro pai a oferecer-se.

Não é o primeiro. Daniel juntou as palavras lentamente.

— Isto já aconteceu antes?

— Infelizmente, sim — admitiu Janice.

— Disse-me que o que eu lhe contasse não saía daquela sala! — gritou Trixie. — Disse que me ia ajudar. Como é que *isto* me vai ajudar?

Quando Trixie fugiu escada acima, Janice fez menção de ir atrás dela.

— Deixe-me conversar com ela.

Daniel deu um passo em frente, barrando-lhe o caminho.

— Obrigado — disse ele. — Mas acho que já fez o suficiente.

A lei diz que Jason Underhill tem direito a defender-se, explicou o inspetor Bartholemew pelo telefone. A lei diz que a credibilidade da vítima pode ser questionada. E, com o devido respeito, acrescentou, a sua filha já tem alguns problemas de credibilidade.

Já tinha estado envolvida com este rapaz.

Estava a beber.

Fez algumas declarações inconsistentes.

A resposta de Daniel: *Por exemplo?*

Agora que tinha acabado de falar com o inspetor, Daniel sentia-se aturdido. Subiu a escada e abriu a porta do quarto de Trixie. Ela estava deitada na cama, virada para o outro lado.

— Trixie — disse ele o mais calmamente que conseguiu. — Tu eras mesmo virgem?

Ela ficou imóvel.

— O quê? Agora és *tu* que também não acreditas em mim?

— Tu mentiste à polícia.

Trixie virou-se, aflita.

— Vais dar ouvidos a um estúpido de um inspetor, em vez de...

— *Mas onde é que tu tinhas a cabeça?* — explodiu Daniel.

Trixie sentou-se na cama, surpreendida.

— E *tu*? — gritou ela. — Tu *sabias*. Tinhas de saber o que se estava a passar.

Daniel pensou nas vezes que vira o carro de Jason parar à porta para deixar Trixie depois de uma saída e em que se afastara da janela. Tinha dito a si mesmo que era para lhe dar privacidade, mas seria verdade? Teria mesmo feito vista grossa porque não suportava ver o rosto daquele rapaz junto ao da filha, ver a mão dele aflorar a base do peito de Trixie?

Ele tinha visto toalhas para lavar manchadas de maquilhagem para os olhos que não se lembrava de ver Trixie usar em casa. Tinha ficado calado quando ouvira Laura queixar-se porque o seu par de sapatos favorito, saia ou batom tinham desaparecido, para os vir depois a encontrar debaixo da cama de Trixie. Fingira não reparar que as roupas de Trixie eram agora mais justas e que o seu andar irradiava confiança.

Trixie tinha razão. Lá porque uma pessoa não admitia que algo mudara, isso não significava que não tivesse acontecido. Talvez Trixie tivesse feito asneira... mas ele também fizera.

— Eu sabia — disse ele, espantado por dizer as palavras em voz alta. — Só não *queria* saber.

Daniel olhou para a filha. Ainda havia vestígios de Trixie como menina teimosa... Na curva do queixo, quando cerrava os maxilares, no comprimento das pestanas escuras, nas vilipendiadas sardas. Ainda não tinha desaparecido totalmente.

Enquanto puxava Trixie para os seus braços e a sentia descontrair, Daniel compreendeu que a lei não ia proteger a filha, o que significava que era *e/le* que tinha de o fazer.

— Não pude contar-lhes — soluçou Trixie. — *Tu* estavas lá.

Foi nessa altura que Daniel se lembrou: quando a médica perguntara a Trixie se ela já tinha tido relações antes, ele ainda estava na sala de exames.

A voz dela era um fiozinho, e a verdade estava tão enroscada quanto um caracol.

— Não queria que ficasses zangado comigo! E pensei que, se dissesse à médica que eu e Jason já tínhamos feito aquilo, ela não ia acreditar que eu tinha sido violada. Mas pode acontecer na

mesma, não pode, papá? Lá porque disse que sim antes, isso não significa que não pudesse dizer que não desta vez?

Sentiu-a contorcer-se contra ele, chorando a bom chorar.

Não se assinava um contrato para ser pai, mas a responsabilidade estava escrita com tinta invisível. Havia uma altura em que era preciso apoiar os nossos filhos, mesmo que mais ninguém o fizesse. Cabia-nos a nós reconstruir a ponte, mesmo que tivessem sido os nossos filhos a queimá-la. Talvez Trixie tivesse andado a saltitar à roda da verdade. Talvez tivesse bebido. Talvez tivesse namoriscado na festa. Mas se Trixie dizia que tinha sido violada, então Daniel ia confiar no que ela dizia.

— Querida — disse ele —, eu acredito em ti.

Algumas manhãs depois, quando Daniel tinha ido despejar o lixo, Laura ouviu a campainha tocar. Mas quando chegou ao corredor para ir abrir a porta, Trixie já estava lá, em calças de pijama e *t-shirt*, a olhar para o homem que estava no alpendre.

Seth estava com botas de trabalho e um colete de malha polar e tinha ar de quem não dormia há vários dias. Olhava para Trixie com ar confuso, como se não a reconhecesse. Quando viu Laura aproximar-se, começou imediatamente a falar:

— Tenho de falar contigo — começou, mas ela cortou-lhe a palavra.

Laura tocou no ombro de Trixie.

— Vai lá para cima — disse com firmeza, e Trixie fugiu como um coelho. A seguir, Laura virou-se novamente para Seth. — Não posso *acreditar* que tiveste o descaramento de vir a minha casa.

— Há uma coisa que precisas de saber...

— Sei que não posso voltar a ver-te — disse Laura. Ela tremia, em parte de medo e em parte devido à proximidade de Seth. Tinha sido mais fácil convencer-se de que tinha terminado tudo quando ele não estava à frente dela. — Não me faças isto — sussurrou, e fechou a porta.

Laura ficou encostada à porta por um segundo, de olhos fechados. E se Daniel não tivesse ido ao depósito do lixo, e se tivesse sido ele a abrir a porta em vez de Trixie? Teria reconhecido Seth ao vê-lo, simplesmente pela forma como a sua expressão mudara ao olhar para Laura? Teria apertado o pescoço a Seth?

Se lutassem, teria ficado do lado da vítima. Mas qual deles *era* a vítima?

Recuperando a compostura, Laura subiu a escada em direção ao quarto de Trixie. Não estava certa do que ela sabia ou mesmo se desconfiava. Com certeza que notara que os pais mal se falavam agora e que o pai tinha começado a dormir no sofá. E devia ter-se perguntado por que razão estava Laura no seu gabinete da faculdade, na noite da violação. Mas se Trixie tinha perguntas, tinha-as guardado para si. Era como se compreendesse intuitivamente aquilo que Laura só agora começava a perceber: uma vez admitido o erro, este cresce exponencialmente, até já não haver forma de abafar o assunto.

Laura sentiu-se tentada a fingir que Seth era um vendedor ou qualquer outro desconhecido, mas decidiu que agiria consoante as deixas da própria Trixie. Abriu a porta e deu com Trixie a vestir uma camisola.

— Aquele tipo — disse ela, de cara escondida. — O que estava a fazer aqui?

Bem...

Laura sentou-se na cama.

— Ele não estava cá por tua causa. Quer dizer, não é nenhum repórter ou coisa do género. E não vai voltar. Nunca mais. — Suspirou. — Quem me dera não ter de ter esta conversa.

A cabeça de Trixie apareceu através da abertura da camisola.

— O que foi?

— Já acabou, completamente, a cem por cento. O teu pai sabe, e estamos a tentar... bem, estamos a tentar resolver as coisas. Fiz asneira, Trixie — disse Laura, engasgando-se com as palavras. — Quem me dera poder voltar atrás, mas não posso.

Deu-se conta de que Trixie estava a olhar para ela da mesma forma como costumava olhar para um problema de matemática para o qual não conseguia encontrar resposta.

— Estás a dizer que... tu e ele...

Laura assentiu.

— Sim.

Trixie baixou a cabeça.

— Vocês alguma vez falaram de mim?

— Ele sabia da tua existência. E sabia que eu era casada.

— Não posso crer que tenhas feito isto ao pai — disse Trixie, com a voz a subir de tom. — Ele é, tipo, da *minha* idade. Isso é *nojento*!

Laura cerrou os maxilares. Trixie merecia ter aquele momento de raiva; era-lhe devido como parte da reparação de Laura, mas isso não tornava as coisas mais fáceis.

— Não estava a pensar, Trixie...

— Sim, porque estavas demasiado ocupada a comportar-te como uma *galdéria*.

Laura levantou a mão e por pouco não esbofeteou Trixie. A mão parou a centímetros do rosto da filha, deixando ambas mudas por um momento.

— Não! — exclamou Laura. — Nenhuma de nós deve fazer algo que não possa desfazer.

Fitou Trixie até a fúria se dissipar e as lágrimas chegarem. Laura tomou Trixie nos braços e embalou-a.

— Vocês vão divorciar-se?

A sua voz era aguda como a de uma criança.

— Espero que não — disse Laura.

— Amava-lo?

Ela fechou os olhos e imaginou a poesia de Seth, depositada palavra por palavra na sua própria língua, uma refeição *gourmet* misturada com ritmo e variedade. Sentiu a imediatez de um único momento, quando destrancar uma porta levava demasiado tempo, quando os botões eram arrancados em vez de abertos.

Mas ali estava Trixie, que tinha mamado com a mão enfiada no cabelo de Laura. Trixie, que chuchou no dedo até aos dez anos, mas só quando ninguém via. Trixie, que acreditava que o vento podia cantar e que podíamos aprender as canções se escutássemos com atenção suficiente. Trixie, que era a prova de que, em dada altura, ela e Daniel tinham atingido juntos a perfeição.

Laura encostou os lábios à têmpora da filha.

— Amo-te mais a ti — disse.

Já quase virara uma vez as costas a esta família. Teria sido suficientemente estúpida para ter estado quase a fazê-lo novamente? Agora, estava a chorar tanto quanto Trixie, a ponto de ser impossível dizer qual das duas estava agarrada à outra. Naquele momento, Laura sentiu-se como a sobrevivente de um

descarrilamento, a mulher que sai dos destroços fumegantes e percebe que os seus braços e pernas estão a funcionar e que de alguma forma acabou de sair ilesa de uma catástrofe.

Laura enterrou o rosto na curva do pescoço da filha. Era possível que se tivesse enganado em alguns aspetos. Um milagre podia não ser algo que nos acontecia, mas sim o contrário.

O primeiro lugar onde apareceu foi no ecrã do terminal de computador da biblioteca da escola, onde se podiam procurar os livros pelo número da classificação decimal de Dewey. Daí, espalhou-se aos vinte *iBooks* e dez *iMacs* que estavam no laboratório de informática, enquanto os alunos do nono ano iam a meio de um teste de processamento de texto. Passados outros cinco minutos, estava no monitor da secretária da enfermeira da escola.

Trixie estava numa disciplina opcional, Jornal da Escola, quando aquilo aconteceu. Embora os pais tivessem tentado dissuadi-la de ir à escola, aquele acabava por ser o menor de dois males. A sua casa devia ser um lugar seguro, mas tornara-se um campo minado cheio de explosões iminentes. Ela já sabia que a escola não seria um lugar confortável. E, neste momento, precisava de estar num mundo onde nada a apanhasse de surpresa.

Nas aulas, Trixie estava sentada ao lado de uma rapariga chamada Felice, que tinha acne e um hálito de castor, a única que não se importava agora de ser sua companheira de carteira. Estavam a usar um programa de edição eletrónica para mover colunas de texto sobre a equipa de basquetebol derrotada, quando o ecrã ficou todo azul.

— Senhor Watford — chamou Felice. — Acho que o programa foi abaixo...

O professor foi até lá, esticando o braço entre as duas raparigas para premir as teclas Control-Alt-Delete umas quantas vezes, mas o computador não reiniciava.

— Hummm — disse ele. — Porque é que não preparam antes a coluna à mão?

— Não, espere, está a voltar — disse Felice, ao mesmo tempo que o ecrã recuperava todas as cores. Precisamente no meio, estava Trixie, em pé e meio despida na sala de estar de Zephyr. Era a fotografia que Moss lhe tirara na noite em que tinha sido violada.

— Oh! — exclamou o senhor Watford em voz desmaiada. — Então, pronto.

Trixie sentiu-se como se lhe tivessem espetado um pau nos pulmões. Afastou-se rapidamente do ecrã, agarrou na mochila e correu para os serviços administrativos. Aí, procurou a ajuda da secretária.

— Preciso de falar com o diretor...

A voz partiu-se como um pingente de gelo quando olhou para o computador da secretária e viu o seu próprio rosto a olhar para ela.

Trixie fugiu dali e saiu da escola. Só parou de correr quando chegou à ponte sobre o rio, a mesma ponte em que ela e Zephyr tinham estado no dia antes de ela se ter tornado numa pessoa diferente. Remexeu o interior da mochila, através de lápis soltos, papéis amachucados e caixas de pó compacto, até encontrar o telemóvel que o pai lhe dera para usar em caso de emergência.

— Papá — soluçou ela quando ele atendeu. — Por favor, vem-me buscar.

Só depois de o pai lhe assegurar que estaria ali dentro de dois minutos é que ela desligou e reparou naquilo que lhe escapara quando fizera o telefonema: o protetor de ecrã do telefone do pai, que antes era uma imagem de Rogue, do X-Men, era agora a fotografia de Trixie em *topless*, que tinha chegado a três quartos dos utilizadores de telemóvel em Bethel, Maine.

As pancadas na porta de Bartholemew apanharam-no desprevenido. Era o seu dia de folga, embora ele já tivesse ido à secundária de Bethel e voltado. Tinha acabado de vestir as calças de pijama e uma *sweatshirt* velha da academia de polícia, com uma manga em que Ernestine tinha feito um buraco.

— Vou já — gritou, e quando abriu a porta deparou-se com Daniel Stone.

Não estranhou o facto de Stone ali estar, dado o que acontecera na escola. Também não estranhou o facto de Stone saber onde ele morava. Tal como a maior parte dos polícias, o seu endereço e número de telefone não constavam da lista, mas Bethel era suficientemente pequena para se saber tudo sobre toda a gente. Uma pessoa ia no seu carro e reconhecia as pessoas pelas viaturas que conduziam; passava por uma casa e sabia quem lá residia.

Por exemplo, mesmo antes do caso de Trixie Stone lhe ter chegado às mãos, ele já sabia que havia um artista de banda desenhada com algum renome que vivia ali perto. Ele não tinha lido os livros, mas alguns dos colegas lá da esquadra tinham. Supostamente, ao contrário do seu herói dado à violência, Wildclaw, Daniel Stone era um tipo plácido, que não se importava de dar um autógrafo se a pessoa estivesse atrás dele no supermercado ou na

fila da caixa. Nas poucas vezes que lidara com Stone até agora, este parecera-lhe protetor em relação à filha e frustrado até mais não. Ao contrário de alguns dos homens com que Bartholemew se deparara ao longo da sua carreira, que enfiavam os punhos em paredes de vidro ou afogavam a sua ira em álcool, Daniel Stone parecia ter domínio sobre as suas emoções... até agora. O homem estava na soleira da porta de Bartholemew, literalmente a tremer de raiva.

Stone enfiou uma cópia da agora tristemente famosa fotografia de Trixie na mão de Bartholemew.

— Já viu isto?

Bartholemew já tinha visto. Naquela manhã, durante cerca de três horas seguidas, na escola secundária, nos computadores dos serviços camarários, em todo o lado para onde olhasse.

— Será que a minha filha não foi já suficientemente massacrada?

Bartholemew entrou instintivamente em modo de acalmia, suavizando a sua voz.

— Eu sei que está transtornado, mas nós estamos a fazer tudo o que podemos.

Stone passou os olhos pelo traje de andar por casa de Bartholemew.

— Sim, vê-se que está esfalfado de tanto trabalhar. — Fitou o inspetor. — Você disse-nos que Underhill não podia ter nada a ver com Trixie.

— Os nossos técnicos informáticos ligaram a fotografia ao telemóvel de Moss Minton e não de Jason Underhill.

— Não interessa. Não é a minha filha que vai ser julgada. — Stone fez um ar determinado. — Quero que o juiz saiba que isto

aconteceu.

— Nesse caso, também vai saber que foi a sua filha que tirou a roupa. E vai saber que todas as testemunhas oculares que estavam nessa festa e que eu entrevistei dizem que Trixie estava a atirar-se a uma data de rapazes nessa noite — disse Bartholemew. — Escute, sei que está zangado. Mas não vai querer insistir nisso agora, pois ainda pode acabar por prejudicá-los.

Daniel Stone arrancou-lhe a fotografia da mão.

— Diria isso se esta fosse a *sua* filha?

— Se fosse a minha filha — disse Bartholemew —, ficava radiante. Ficava absolutamente delirante. Porque isso significava que ela ainda estava viva.

A verdade rolou como mercúrio e, tal como qualquer veneno, era a última coisa em que qualquer deles queria tocar. Seria de pensar que, nesta era de tecnologia, devia haver algum tipo de rede entre pais que deixasse um tipo que estava em perigo de perder a filha reconhecer intuitivamente alguém que já atravessara esse deserto. Acontece que o inferno não era ver as pessoas que amávamos magoarem-se, mas sim entrar durante o segundo ato, quando já era demasiado tarde para impedir que isso acontecesse.

Bartholemew estava à espera que Daniel Stone lhe desse as condolências, que lhe dissesse que lamentava ter sido insolente. Mas, em vez disso, o homem lançou a foto ao chão para o meio deles, como se fosse uma luva.

— Então, mais do que qualquer outra pessoa, devia compreender.

Trixie não tinha muito tempo.

A voz da mãe subiu pela escada. A mãe vigiava-a como se fosse uma criança e não a perdera de vista até ela ter ido para a casa de banho. O pai, neste momento, estava a disparatar com o inspetor Bartholemew ou com o superintendente escolar, ou talvez mesmo com ambos. E que diferença faria? Podiam queimar todas as cópias daquela fotografia horrível, mas, mesmo assim, daí a alguns meses, alguém se encarregaria de a desnudar em tribunal.

Sentada na tampa fechada da sanita, bateu acidentalmente com a parte mais sensível do cotovelo na parede.

— Porra! — exclamou, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe vinham aos olhos.

Uma vez, tinham-lhe lavado a boca com sabão por ter testado aquele tipo de palavras. Tinha quatro anos, estava no supermercado com o pai e repetiu aquilo que ele dissera baixinho quando viu que a funcionária da caixa não conseguia fazer as contas para lhe dar o troco: *Use a merda da registadora!*

Ela sabia agora todo o tipo de palavrões, só que não eram os que a maior parte das pessoas considerava linguagem obscena.

Amor.

Ajuda.

Violação.

Parar.

Depois.

Em criança, tinha medo do escuro. A porta do roupeiro tinha de estar sempre bem fechada, com a cadeira da secretária enfiada debaixo do puxador, para não deixar os monstros sair. O cobertor tinha de estar puxado até ao pescoço, caso contrário o diabo podia levá-la. Tinha de dormir de barriga para baixo, senão podia aparecer um vampiro e espetar-lhe uma estaca no coração.

Anos mais tarde, continuava a ter medo, não do escuro, mas dos dias. Uns a seguir aos outros, sem fim à vista.

— Trixie?

Trixie ouviu novamente a mãe e esticou rapidamente a mão para o armário de medicamentos. O mais engraçado, e que ninguém se dera ao trabalho de lhe dizer, era que ser violada não era a pior parte de tudo aquilo por que passara. Na verdade, aquela primeira queda frenética não doía tanto como voltar a levantar-se a seguir.

Era o tipo de puxador que só precisava de um cabide de arame endireitado para soltar o trinco. Assim que Laura entrou na casa de banho, viu o sangue que manchava a parede branca do lavatório, o sangue que se acumulava no chão por baixo de Trixie, o sangue que cobria a camisola de Trixie enquanto ela encostava os pulsos cortados ao peito.

— Oh, meu Deus! — gritou Laura, agarrando os braços de Trixie para tentar parar o fluxo. — Oh, Trixie, não...

As pálpebras de Trixie tremularam. Olhou para Laura durante meio segundo e depois ficou inconsciente. Laura segurou o corpo flácido da filha contra o seu, sabendo que tinha de chegar a um telefone e tendo também a certeza de que se deixasse Trixie sozinha, podia não voltar a vê-la com vida.

Os paramédicos que chegaram minutos depois crivaram Laura de perguntas: há quanto tempo é que Trixie estava inconsciente? Ela já tinha tentado alguma vez o suicídio? Será que Laura sabia de onde tinha vindo a lâmina de barbear? Respondeu a cada uma dessas perguntas, mas eles não lhe fizeram aquela de que estava à espera, aquela para a qual não tinha uma resposta: e se Jason

Underhill não fosse a maior ameaça para Trixie? E se fosse a própria Trixie?

Trixie já fazia aquilo há algum tempo. Não uma tentativa de suicídio declarada, mas automutilação. Os médicos disseram que, ironicamente, podia ter sido isso que a salvara. A maior parte das raparigas que se automutilavam cortavam o pulso na horizontal, em pequenas linhas superficiais. Hoje, Trixie tinha feito um corte mais profundo, mas na mesma direção. As pessoas que estavam mais decididas ou informadas matavam-se fazendo os cortes na vertical, pois isso fazia com que se esvaíssem em sangue mais rapidamente.

De qualquer forma, se Laura não tivesse lá entrado naquela altura, provavelmente eles estariam a olhar para a sepultura da filha e não para a sua cama no hospital.

As luzes do quarto estavam apagadas e Trixie tinha um oxímetro com uma luz vermelha num dos dedos, para controlar os níveis de oxigénio. Alguém, talvez uma enfermeira, tinha-lhe vestido uma bata hospitalar. Daniel não fazia ideia do que acontecera à roupa dela. Seria guardada como prova, como a que ela vestia na noite em que tinha sido violada? Como prova de uma rapariga que queria desesperadamente abdicar do título de *sobrevivente*?

— Sabias? — perguntou Laura baixinho, rasgando a escuridão com a sua voz.

Daniel olhou para ela. A única coisa que conseguia ver era o brilho dos seus olhos.

— Não.

— Achas que devíamos ter dado por isso?

Ela não estava a culpá-lo; não havia essa nota na sua voz. Estava a perguntar se teriam deixado escapar alguma pista, ignorado algum rasto. Estava a tentar determinar o momento em que tudo começara a desintegrar-se.

Daniel sabia que não havia resposta para isso. Era como um número de trapézio: como é que se podia dizer em que segundo é que o acrobata voava, em que momento o base o largava? Não se podia, simplesmente. Fazíamos as nossas deduções a partir do resultado: uma aterragem bem-sucedida ou uma queda em espiral.

— Acho que Trixie estava a fazer o possível para se certificar de que nós *não* dávamos por isso.

Teve uma súbita recordação de Trixie vestida de cacho de uvas, um ano, por altura do Dia das Bruxas. Tinha cinco anos e estava entusiasmadíssima com a máscara — tinham passado um mês a fazer globos em papel machê na cave e a pintá-los de roxo — mas, quando chegou a altura da «doçura ou travessura», recusou-se a vesti-la.

Estava escuro lá fora, havia monstros e bruxas, em suma, imensas razões para uma criança ficar assustada. *Trix*, perguntara ele, *de que é que tens medo?*

Como é que vais saber quem sou, disse ela finalmente, *se não pareço eu?*

A cabeça de Laura estava inclinada sobre as mãos entrelaçadas e os seus lábios moviam-se. Ela já não ia à igreja, mas tinha sido educada na fé católica. Daniel nunca tinha sido particularmente religioso. Em miúdo, ele e a mãe não iam à igreja, embora a maior parte dos vizinhos fosse. Os iúpiques receberam a religião cristã por via da Igreja Moraviana, e esta tinha-se implantado rapidamente. Para um esquimó, não havia qualquer contradição em acreditar que

Jesus era o seu Salvador e que a alma de uma foca vivia na sua bexiga até um caçador a devolver ao mar.

Laura afastou o cabelo do rosto de Trixie.

— Dante acreditava que Deus punia os suicidas prendendo o espírito da pessoa no tronco de uma árvore. No dia do Julgamento Final, eram os únicos pecadores que não recuperavam as suas almas, pois já se tinham tentado livrar delas.

Por acaso, Daniel sabia disso. Era um dos poucos pontos da pesquisa de Laura que o intrigava. Sempre achara irónico que nas aldeias iúpiques, onde havia uma verdadeira epidemia de suicídio entre os adolescentes, não existisse uma única árvore.

Nessa altura, Trixie mexeu-se. Daniel observou-a, à medida que ela tomava consciência do quarto desconhecido. Os seus olhos arregalaram-se, esperançados, e depois ensombraram-se, desiludidos, ao perceber que apesar das suas melhores intenções continuava neste mundo.

Laura foi para cima da cama e abraçou Trixie com força. Estava a segredar-lhe qualquer coisa. Quem dera a Daniel ter tanta facilidade com as palavras quanto ela. Mas ele não tinha o à-vontade de Laura com a língua; não conseguia manter Trixie em segurança com promessas. A única coisa que podia fazer era pintar o mundo com novas cores até se tornar um lugar onde ela quisesse estar.

Daniel ficou ali tempo suficiente para ver Trixie estender os braços para Laura e agarrar-se a ela com força. A seguir, esgueirou-se do quarto, passando por enfermeiras, auxiliares e pacientes que estavam demasiado cegos para testemunhar a metamorfose que estava a acontecer diante dos seus olhos.

Eis o que Daniel comprou:

Luvras de trabalho e um rolo de fita adesiva.

Uma embalagem de trapos.

Fósforos.

Uma faca de pescador.

Conduziu o carro durante cinquenta quilómetros até uma vila diferente e pagou em dinheiro.

Estava decidido a não deixar nenhuma prova. Seria a palavra dele contra a de Daniel e, como Daniel estava a aprender, isso significava que a vítima não iria vencer.

Jason descobriu que a única altura do dia em que a sua mente estava verdadeiramente ocupada era durante o treino de hóquei. Ele entregava-se ao jogo com toda a determinação, patinando rapidamente e segurando o taco com segurança e graciosidade. Era muito simples: se desse cem por cento no hóquei, não havia espaço para mais nada, como ficar atormentado com o boato que corria na escola de que Trixie Stone tinha tentado matar-se.

Estava no balneário a equipar-se para o treino quando ouviu dizer isso e começou a tremer de tal maneira que teve de entrar num dos compartimentos da casa de banho para se sentar. Uma rapariga de quem gostara, uma rapariga com quem *dormira*, quase morrera. Ficou completamente passado ao imaginar Trixie a rir com o cabelo comprido caído sobre a cara e depois, no minuto seguinte, visualizar aquele rosto debaixo de terra e cheio de vermes.

Quando se recompôs, Moss estava no balneário a apertar os patins. Tinha sido Moss quem, à laia de brincadeira, entrara no sistema informático da escola e enviara a fotografia que tinha tirado

a Trixie durante o jogo de póquer. Jason tinha ficado completamente furioso, mas não podia dizer isso em voz alta aos colegas que batiam com a palma da mão na sua e lhe diziam que estavam do lado dele. O seu próprio advogado tinha dito que ele não podia ter pedido um golpe de sorte mais favorável à sua defesa. Mas e se tivesse sido aquela partida a fazer com que Trixie perdesse a cabeça? Ele já estava a ser acusado de algo que não fizera. Tê-lo-iam culpado também pela sua morte?

— Não há dúvida de que és o gajo mais azarado deste planeta — dissera Moss, dando voz ao outro pensamento que Jason tinha na cabeça. Se Trixie tivesse sido bem-sucedida, os seus problemas teriam desaparecido.

Agora, o treino tinha acabado e, com isso, viria a conversa habitual que iria desembocar inevitavelmente em Trixie. Jason apressou-se a sair do gelo e a tirar as sucessivas camadas de equipamento. Foi o primeiro jogador a sair do rink e o primeiro jogador a chegar ao carro. Sentou-se ao volante, ligou a ignição e depois pousou a cabeça no volante por um segundo. *Trixie*.

— Meu Deus! — murmurou.

Jason sentiu a lâmina da faca na maçã de Adão antes de ouvir a voz ao seu ouvido.

— Isso mesmo! — disse Daniel Stone. — Começa a rezar.

Daniel obrigou Jason a levar o carro até um pântano, perto do rio. Já tinha passado por lá uma ou duas vezes e sabia que os caçadores locais gostavam dele para caçar veados e alces, e que os seus carros ficavam bem escondidos enquanto eles ocupavam as suas posições. Daniel gostava dele sobretudo porque as plantas

de folha persistente tinham ocupado o terreno até à beira da água, criando um manto suficiente para impedir a neve de cobrir o chão, o que significava que as pegadas deles se perderiam no terreno lodoso em vez de serem preservadas.

Ameaçou o rapaz com a faca, encostando Jason a um pinheiro até ele ficar de joelhos. Depois, amarrou-lhe os braços e os tornozelos com fita adesiva, para que ele ficasse bem preso. Durante todo esse tempo, Daniel não parava de pensar no que Laura tinha dito sobre Dante — a alma de Trixie presa naquela árvore, com o corpo de Jason à volta dela. Essa imagem foi o bastante para lhe dar força para dominar um atleta de dezassete anos, quando Jason começou a dar luta.

Jason debateu-se, tentando libertar-se da fita adesiva até os pulsos e tornozelos ficarem em carne viva, enquanto Daniel fazia uma fogueira. Por fim, o rapaz encostou-se à árvore, deixando pender a cabeça para a frente.

— O que me vai fazer?

Daniel pegou na faca e passou-a sob a bainha da *t-shirt* de Jason. Fê-la subir até à garganta do rapaz numa longa linha, cortando o tecido ao meio.

— Isto — disse.

Daniel continuou a cortar a roupa de Jason de forma sistemática até o rapaz ficar nu e a tiritar. Atirou as tiras de algodão e ganga para as chamas.

Por essa altura, já Jason batia os dentes.

— Como é que eu vou voltar para casa?

— O que te leva a pensar que te vou deixar fazer isso?

Jason engoliu em seco, com os olhos postos na faca que Daniel continuava a segurar.

— Como é que ela está?

Daniel sentiu o portão de granito que o refreava rebentar dentro de si. Como é que aquele filho da mãe achava que tinha o direito de perguntar por Trixie? Inclinando-se, Daniel encostou a lâmina aos testículos de Jason.

— Queres saber como é esvaíres-te em sangue? Queres mesmo saber o que ela sentiu?

— Por favor — implorou Jason, ficando lívido. — Oh, meu Deus, não faça isso!

Daniel pressionou ligeiramente, até uma linha de sangue surgir na virilha de Jason.

— Eu não lhe fiz nada, juro! — gritou Jason, tentando afastar-se da mão de Daniel. — Não fiz. Pare! Meu Deus! Por favor, pare!

Daniel pôs o rosto a uns meros centímetros do de Jason.

— Porque é que hei de fazê-lo? *Tu* não paraste.

Naquele momento, entre a razão e a raiva, Trixie invadiu o pensamento de ambos. Foi quanto bastou para Jason se deixar ir abaixo, começando a soluçar; foi quanto bastou para Daniel se lembrar de quem era. Olhou para baixo, para a mão que segurava a faca. Olhou para Jason, a pestanejar. A seguir, abanou a cabeça para desanuviar as ideias.

Daniel já não estava na tundra, e aquilo não era nenhum armazém de aldeia onde fosse roubar bebidas alcoólicas ou dinheiro. Ele era marido e pai. Em vez de ter algo a provar, tinha tudo a perder.

Erguendo a lâmina, Daniel levantou-se, a cambalear. Arremessou a faca uns trinta metros, para que caísse no meio do rio, e depois voltou para o pé de Jason, que estava aflito para respirar. Tirou as chaves do carro dele do próprio bolso e

embrulhou-as no único pedaço de misericórdia que lhe restava. Enfiou-as na mão de Jason, ainda preso com a fita adesiva.

Não foi compaixão que levou Daniel a mudar de ideias, e também não foi bondade. Foi sim perceber que, contra todas as probabilidades, tinha algo em comum com Jason Underhill. Tal como Daniel, Jason tinha aprendido da forma mais dura que nunca somos as pessoas que pensamos ser. Somos aquelas que fingimos, com todas as forças, não nos podermos tornar.

⁴ Caído na sarjeta. (*N. da T.*)



1. The first part of the document is a title page. It contains the title of the document, the author's name, and the date of the document. The title is "The History of the United States", the author is "John Adams", and the date is "1776".



O TERCEIRO NÍVEL
DO INFERNO É PARA
OS GLUTOES.



ESTÃO CONDENADOS
A AFOGAR-SE CONTINUAMENTE
NOS PANTANOS SOB O PESO
DA SUA PRÓPRIA GULA.
É CÉRBERO, O CÃO DE TRÊS
CABEÇAS, QUE OS GUARDA.



UM MONTE DE PESSOAS
QUE PRECISAM DE
EMAGRECER E UM CÃO?
NÃO PARECE MUITO
ASSUSTADOR.



ESQUECI-ME
DE DIZER QUE É UM
CÃO MUITO GRANDE!





FOGE PARA
AS GRUTAS!



HUM... DIZ-ME QUE
ESTÁS PRESTES A
TRANSFORMAR-TE NUM
ANIMAL SUCIENTEMENTE
PODEROSO PARA
FAZER FRENTE
ÀQUELA FERA.



QUEM ME DERA
QUE FOSSE ASSIM
TÃO FÁCIL.

O PROBLEMA
É QUE... EU NÃO
CONTROLO AS MINHAS
TRANSFORMAÇÕES.
É COMO SE ELAS ME
CONTROLASSEM.

É TUDO O QUE
POSSO FAZER PARA
CONTROLAR AS MINHAS
AÇÕES QUANDO ESTOU
NA FORMA ANIMAL. É COMO
SE ME TORNASSE MENOS
HOMEM E MAIS ANIMAL
A CADA DIA QUE
PASSA.



MORRO DE MEPO.
E SE UM DIA O HOMEM
QUE EU SOU DESAPARECER...
E SÓ FICAR O ANIMAL?

MAS...
COMO É QUE ISSO
ACONTECEU?





A MINHA
MEMÓRIA... ESTÁ UM
POUCO TURVA.

ESTAVA A TRABALHAR
NA SEGURANÇA
DE UMA CONDOTA...
AINDA NÃO HÁ UM ANO.

OLHA,
DUNCAN...



...O QUE
SE PASSA NO
SETOR SEIS?

PROVAVELMENTE,
É SÓ UM LOBO.
VOU VER.



QUEM
ESTÁ AÍ?



A ÚLTIMA COISA DE QUE
ME LEMBRO É DOS OLHOS...
A TRESPASSAR-ME.



SÓ ME ENCONTRARAM
HORAS DEPOIS.



TINHA SIDO MORDIDO
NA GARGANTA... MAS
AINDA ESTAVA VIVO.



OS MÉDICOS DA EMPRESA
FIZERAM-ME UM PENSO
E DISSERAM-ME QUE
ESTAVA DE BOA SAÚDE...



... E DAÍ A UMA SEMANA JÁ
ESTAVA DE VOLTA AO TRABALHO.







ACORDEI NO MEIO
DA ESCURIDÃO.

E DEPOIS,
DE REPENTE, FICOU
TUDO ILUMINADO...

... E EU PUDE
VER...

... O QUE TINHA
ACONTECIDO.





4

Jason levou meia hora a cortar a fita adesiva com as chaves. Quando conseguiu puxar os braços para a frente, o sangue ardia ao voltar a circular e sentiu uma forte dor que se sobrepunha à dormência provocada pelo frio. Levantou-se aos tropeções, correndo para o local onde Stone o obrigara a deixar a carrinha, rezando para que ainda lá estivesse.

A única roupa que ele tinha estava no saco do equipamento de hóquei, por isso acabou por vestir uma camisola de malha e as calças almofadadas. Estava à espera de ser emboscado a qualquer momento. As suas mãos tremiam tanto que precisou de quatro tentativas para enfiar a chave na ignição.

Conduziu até à esquadra, a pensar que não ia deixar o pai de Trixie safar-se depois de ter feito uma coisa daquelas. Mas, ao entrar no parque de estacionamento, ouviu novamente a voz de Daniel Stone na sua cabeça: *Conta isto a alguém*, dissera ele, *e eu mato-te*. Sinceramente, não lhe custava a acreditar. Havia qualquer coisa nos olhos dele, qualquer coisa de inumano, que fez com que Jason pensasse que ele era capaz de tudo.

Estava tão embrenhado nos seus pensamentos que nem viu o peão que estava a atravessar o parque. Quando Jason travou a fundo, o carro deu um solavanco e parou. O inspetor Bartholemew, o mesmo homem que prendera Jason, estava com uma mão sobre o capô, a olhar fixamente para Jason. E, de repente, Jason lembrou-se do que o juiz dissera na audiência prévia: se Jason tivesse algum contacto com Trixie Stone ou com a sua família, seria enviado para um centro de detenção juvenil. Já estava acusado de violação. Se contasse o sucedido à polícia, será que iam acreditar nele? E se

confrontassem Daniel Stone e ele dissesse em que tinha sido Jason que o abordara?

O inspetor foi até à porta do condutor.

— Senhor Underhill — disse. — O que o traz aqui?

— Eu... Eu pensei que era capaz de ter um furo — disse ele a custo.

O inspetor deu a volta ao veículo.

— Não me parece. — Aproximou-se mais do carro; Jason viu-o fazer uma rápida avaliação visual. — Há mais alguma coisa em que o possa ajudar?

Estava mesmo ali, preso por trás da barreira dos seus dentes: *Ele arrastou-me, amarrou-me e ameaçou-me*. Mas Jason deu por si a abanar a cabeça.

— Não, obrigado.

Engatou a mudança e saiu do parque em velocidade de caracol, ciente de que Bartholemew o observava.

Naquele momento, Jason tomou a decisão de não contar a ninguém o que se tinha passado: nem aos amigos, nem aos pais, nem ao advogado. Nem à polícia. Tinha demasiado medo de que o facto de contar a verdade, neste caso, se virasse contra ele.

Deu por si a perguntar-se: Trixie também teria sentido o mesmo?

Da mesma forma que os bêbedos tinham uma garrafa de gim escondida no autoclismo e os toxicodependentes guardavam um *kit* de emergência na bacia de um casaco velho, Daniel tinha um bloco e uma caneta no carro. No parque de estacionamento do hospital, começou a fazer um esboço. Mas em vez de um herói de banda desenhada, começou a desenhar a filha. Desenhou-a quando

tinha apenas minutos de vida, embrulhada num cobertor como se fosse *sushi*. Desenhou-a a dar os seus primeiros passos. Eternizou momentos: o aniversário em que ela lhe tinha feito esparguete para o pequeno-almoço; a peça de teatro da escola em que ela caíra do palco para cima do público; o hotel instalado num arranha-céus que eles tinham visitado e onde haviam passado horas a carregar em todos os botões do elevador, para ver se os andares eram todos iguais.

Quando começou a sentir tantas câibras que já não conseguia traçar nem mais uma linha, Daniel pegou nos desenhos e saiu do carro, indo direito ao quarto de Trixie.

As sombras projetavam-se sobre a cama como dedos de um gigante. Trixie tinha voltado a adormecer; numa cadeira ao lado dela, Laura também passava pelas brasas. Olhou as duas, por um momento. Não havia dúvida: Trixie era tal qual a mãe. Não era apenas uma questão de cores. Às vezes, lançava-lhe um olhar ou fazia uma expressão que lhe fazia lembrar Laura há uns anos. Até se perguntara se a razão para amar tanto Trixie seria pelo facto de, através dela, poder voltar a apaixonar-se pela esposa.

Agachou-se à frente de Laura. A deslocação do ar junto à sua pele fê-la mexer-se. Os seus olhos abriram-se e fitaram os de Daniel. Por uma fração de segundo, começou a sorrir, tendo esquecido onde estava, o que acontecera à filha e o que correria mal entre os dois. Daniel sentiu as mãos a cerrarem-se, como se pudesse agarrar o momento antes que desaparecesse de vez.

Ela olhou para Trixie, para se certificar de que continuava a dormir.

— Onde é que andaste?

Daniel não lhe podia contar a verdade.

— Andei por aí às voltas, no carro.

Ele despiu o casaco e começou a pôr os desenhos que fizera sobre o cobertor verde-claro da cama de hospital. Lá estava Trixie a sentar-se ao seu colo no dia em que Daniel recebeu o telefonema a dar conta da morte da mãe e a perguntar-lhe: *Se toda a gente morresse, o mundo parava?* Trixie a segurar uma lagarta e a perguntar se era rapaz ou rapariga. Trixie a empurrar-lhe a mão quando ele lhe limpava uma lágrima da face e a dizer: *Não apagues os meus sentimentos!*

— Quando é que fizeste isso? — sussurrou Laura.

— Hoje.

— Mas são tantos...

Daniel não respondeu. Não conhecia palavras suficientemente grandes para explicar a Trixie o quanto a amava, por isso queria que ela acordasse coberta de memórias.

Queria recordar porque é que não se podia dar ao luxo de esquecer.

Foi com o seu amigo Cane que Daniel aprendeu que a linguagem era uma força a ter em conta. Como a maior parte dos esquimós iúpiques, Cane vivia segundo três regras. A primeira era que os pensamentos e as ações estavam inextricavelmente ligados. Quantas vezes tinha o avô de Cane explicado que não se podia abater convenientemente um alce enquanto se estava a tagarelar sobre qual das raparigas do quinto ano tinha de encomendar um sutiã a sério? Era preciso manter o alce no pensamento, para dar azo a que ele viesse ter novamente connosco durante outra caçada.

A segunda regra era que os pensamentos individuais eram menos importantes do que o conhecimento coletivo dos mais velhos. Por outras palavras, faz o que te mandam e para de te queixar.

Mas era a terceira regra que Daniel tinha mais dificuldade em compreender: a noção de que as palavras eram tão poderosas que tinham a capacidade de fazer outra pessoa mudar de ideia... mesmo que não chegassem a ser pronunciadas. Foi por isso que, quando a Igreja Moraviana apareceu naquelas regiões remotas e o reverendo disse aos iúpiques que tinham de deixar o acampamento de pesca ao domingo para assistir aos serviços religiosos sobre Jesus, todos concordaram, embora na realidade não tencionassem lá ir. O que aos olhos do reverendo constituía uma mentira flagrante, para os esquimós iúpiques era uma forma de respeito: gostavam demasiado do reverendo para lhe dizerem que ele estava errado; em vez disso, limitavam-se a concordar e a proceder de forma diversa.

Em última análise, foi esta regra que separou Daniel e Cane. «Amanhã vai ser um bom dia para caçar», dizia Cane a Daniel, e Daniel concordava. Mas no dia seguinte Cane ia com o avô à caça de caribus e não dizia a Daniel para ir com eles. Daniel levou anos até ter coragem para perguntar a Cane por que motivo não o convidava.

— Mas eu convido-te — disse ele, confuso. — Sempre.

A mãe de Daniel tentou explicar-lhe: Cane nunca iria ter diretamente com ele a dizer-lhe para ir à caça, pois Daniel podia ter outros planos. Seria uma falta de respeito fazer um convite formal porque o simples facto de pronunciar essas palavras poderia fazer com que Daniel mudasse de ideias sobre o que queria fazer no dia

seguinte, e Cane gostava demasiado de Daniel para correr esse risco. Mas quando se tem treze anos, as diferenças culturais pouco importam. O que sentia era cada minuto de um sábado passado sozinho, quando o que mais desejava era ter ido com eles. O que notava era a sua solidão.

Daniel começou a isolar-se porque isso o magoava menos do que ser rejeitado. Nunca lhe passou pela cabeça que um rapaz iúpique que não era capaz de convidá-lo para ir caçar pudesse ter ainda mais dificuldade em perguntar-lhe o que fizera para o deixar tão zangado. Passados dois anos, Daniel tinha começado a ocupar o seu tempo: vandalizava a escola, embriagava-se e roubava motos de neve. Cane era simplesmente alguém que Daniel conhecera.

Só passado um ano, quando Daniel estava junto ao corpo de Cane no ginásio e tinha as mãos cobertas com o sangue dele, é que percebeu que os iúpiques estavam certos. Uma palavra podia ter mudado tudo. Uma palavra podia ter-se espalhado como fogo.

Uma palavra podia tê-los salvado a ambos.

Seria possível determinar o momento em que a nossa vida começava a desmoronar?

Para Laura, parecia que cada caso que encontrava tinha um antecedente. A violação de Trixie. O seu caso com Seth. A sua gravidez inesperada. A decisão que tomara de encontrar Daniel depois de ele a ter desenhado. A primeira vez que pôs os olhos nele e soube que tudo o que visse a partir daí nunca mais seria o mesmo. O desastre era uma avalanche que ganhava uma velocidade tal que nos preocupávamos mais em sair do seu caminho do que em encontrar a pedrinha que estava no seu centro.

Laura tinha mais facilidade em perceber o momento em que a vida de Trixie fora arruinada. Tudo começara e terminara com Jason Underhill. Se ela nunca o tivesse conhecido, se nunca tivesse andado com ele, nada daquilo teria acontecido. Nem a violação, nem as automutilações, nem mesmo a tentativa de suicídio. Laura tinha refletido sobre isso naquele dia: Jason era o culpado de tudo. Tinha sido a causa das decepções de Trixie; tinha sido a razão para Laura não ter conseguido ver a filha com clareza.

Deitou-se sozinha na cama, totalmente desperta. Dormir estava fora de questão, com Trixie ainda no hospital. Os médicos tinham-lhe assegurado que iriam vigiar Trixie como falcões e que, se estivesse tudo bem, poderiam trazê-la para casa no dia seguinte, mas isso não impedia Laura de se perguntar se estaria confortável, se haveria uma enfermeira a tomar conta dela naquele momento.

Daniel também não conseguia dormir. Ela tinha ouvido os seus passos lá em baixo, a movimentarem-se como perguntas em aberto. Mas ouvia-o agora a subir a escada. Passado um momento, ele estava ao lado da cama.

— Estás acordada? — perguntou ele baixinho.

— Ainda não preguei olho.

— Posso... posso fazer-te uma pergunta?

Ela manteve os olhos pregados no teto.

— Sim.

— Tens medo?

— De quê?

— De te esqueceres?

Laura compreendeu o que ele estava a tentar dizer. Embora falar sobre o que tinha acontecido a Trixie fosse a coisa mais difícil do mundo, tinham de fazê-lo. Se não o fizessem, corriam o risco de

perder — por comparação — a memória da pessoa que Trixie costumava ser.

Era uma situação sem saída: se não deixassem o trauma para trás, não podiam seguir em frente. Mas se o deixassem para trás, estavam a desistir voluntariamente de ser a pessoa que eram antes daquilo ter acontecido.

Era por isso que, mesmo quando não estavam a discutir ativamente o assunto, a palavra *violação* pairava como fumo sobre as suas cabeças. Era por isso que, mesmo quando estavam educadamente a conversar, o único pensamento na cabeça de Laura e Daniel era *infidel*.

— Daniel — admitiu Laura —, tenho medo o tempo todo.

Ele deixou-se cair de joelhos e ela levou um momento a perceber que ele estava a chorar. Não se lembrava de alguma vez ter visto Daniel chorar. Ele costumava dizer que já tinha gasto o seu quinhão de lágrimas em miúdo. Laura sentou-se na cama e as mantas escorregaram de cima dela. Pôs as mãos sobre a cabeça baixa de Daniel e afagou-lhe o cabelo.

— Chiu — disse ela, e puxou-o para cima da cama e para os seus braços.

A princípio, teve a ver com consolo: com Laura ser capaz de proporcioná-lo e Daniel poder descontraír um pouco nas suas mãos. Mas a seguir Laura sentiu o ar mover-se como líquido à medida que o corpo de Daniel se encostava ao seu, desesperado, as suas ações cheias de *agora* e *carência*. Ela sentiu a pulsação acelerar sob os seus dedos enquanto recuava no tempo e se lembrava dele assim, há anos, e da forma como ela reagia. Depois, Daniel parou tão abruptamente quanto começara. Às escuras, ela só conseguia ver o brilho dos seus olhos.

— Desculpa — murmurou ele, afastando-se.

— Não peças desculpa — disse ela, e agarrou-se a ele.

Foi quanto bastou para Daniel quebrar o último fio de contenção. Ele montou cerco a Laura e não lhe deu tréguas. Arranhou-lhe a pele e mordeu-lhe a garganta. Agarrou-lhe as mãos e prendeu-lhas por cima da cabeça.

— Olha para mim — exigiu ele, até os olhos dela se abrirem e fitarem os seus. — Olha para mim — voltou a dizer, e entrou nela.

Daniel esperou até ela estar debaixo dele, a contorcer-se, a postos para quando ele se viesse. Quando os braços dele a puxaram para mais perto, ela atirou a cabeça para trás e deixou-se ir. Sentiu a hesitação de Daniel e a sua queda gloriosa e temerária.

Enquanto o suor dele arrefecia no seu próprio corpo, Laura escreveu uma mensagem sobre a omoplata direita de Daniel. *D-E-S-C-U-L-P-A*, escreveu, embora soubesse que as verdades que se escondem sorrateiramente por trás de uma pessoa são as que ela tem menos probabilidade de ver.

Segundo os iúpiques, era uma vez um homem que estava sempre a discutir com a mulher. Brigavam por tudo e por nada. A mulher dizia que o marido era preguiçoso. O marido dizia que a mulher só queria dormir com outros homens. Por fim, a mulher foi ter com um xamã na aldeia e implorou-lhe que a transformasse noutra criatura. *Tudo menos uma mulher*, disse ela.

O xamã transformou-a num corvo. Ela voou para longe e construiu um ninho, onde acasalava com outros corvos. Mas todas as noites dava por si a voar de volta à aldeia. Acontece que os corvos não podem entrar dentro das casas, por isso pousava no

telhado, esperando vislumbrar o marido. Imaginava razões para ele ter de vir cá fora.

Uma noite, ele saiu porta fora e parou sob o céu estrelado. *Oh*, pensou ela, *és tão lindo*.

As palavras caíram nas mãos estendidas do marido e, sem mais nem menos, o corvo voltou a ser uma mulher. Sem mais nem menos, o homem quis que ela voltasse a ser sua mulher.

Na manhã seguinte, o frio introduziu-se na casa. Daniel vinha a bater o dente ao descer a escada para ir fazer o café. Telefonou para o hospital: Trixie tinha tido uma noite boa.

Bom, ele também. O seu erro tinha sido não admitir o que estava mal entre ele e Laura. Talvez fosse preciso roçar o fundo para conseguir voltar à superfície.

Estava inclinado sobre a lareira, a pôr acendalhas no papel a que deitara lume, quando Laura apareceu com uma camisola por cima do pijama de flanela. Tinha o cabelo espetado na parte de trás e as faces ainda coradas de um sonho.

— B'dia — murmurou ela, e passou por ele para encher um copo de sumo de laranja.

Daniel esperou que ela dissesse alguma coisa sobre a noite anterior, que admitisse que as coisas tinham mudado entre eles, mas Laura nem sequer o olhava nos olhos. A sua audácia esmoreceu de imediato. E se aquela teia em que se tinham enredado na noite anterior não fosse um primeiro passo, como ele pensava... mas sim um erro? E se durante todo o tempo que estivera com ele desejasse não estar?

— O hospital diz que podemos ir buscar a Trixie às nove — disse ele em tom neutro.

Ao ouvir notícias de Trixie, Laura virou-se.

— Como é que ela está?

— Ótima.

— Ótima? Ela tentou matar-se ontem!

Daniel voltou a baixar-se.

— Bem, então, em comparação com ontem, acho que ela está ótima!

Laura baixou os olhos para a bancada.

— Talvez isso seja verdade para todos nós — disse.

Ela tinha o rosto corado, e Daniel percebeu que ela não estava envergonhada, mas nervosa. Levantou-se e entrou na cozinha até ficar ao lado dela. Em alguma altura entre terem ido para a cama na noite anterior e o nascer do sol naquela manhã, o mundo tinha mudado por baixo deles. Não era por causa do que tinham dito um ao outro, mas sim do que ficara por dizer: que perdoar e esquecer estavam interligados, eram dois lados da mesma moeda, e no entanto não podiam existir ambos em simultâneo. Escolher um significava que sacrificávamos o facto de ver o outro.

Daniel pôs o braço à volta da cintura de Laura e sentiu-a tremer.

— Está frio lá fora — disse ela.

— Um frio brutal.

— Tinhas ouvido falar que vinha aí um tempo destes?

Daniel encarou-a.

— Acho que ninguém previu.

Abriu os braços e Laura avançou para eles, fechando os olhos enquanto se encostava a ele.

— Suponho que são coisas que acontecem — redarguiu, ao mesmo tempo que um jato de faúlhas subia pela chaminé.

Não se podia sair do hospital por razões de segurança. Se a pessoa tropeçasse antes de passar a porta, podia intentar uma ação. No entanto, se optasse por se atirar para a frente de um carro assim que se visse lá fora, ninguém queria saber disso para nada.

Trixie estava a pensar nisso.

Já tivera de ir falar com um psiquiatra naquela manhã e, aparentemente, ia ter de continuar a fazê-lo duas vezes por semana *ad eterno*, tudo porque tinha visto uma argola de metal na casa de banho e tentara apanhá-la. Não importava se aquelas sessões acabassem por ir parar ao tribunal, tal como acontecera com as que tivera com Janice, a especialista em prestar apoio a vítimas de abusos sexuais. Ela tinha de comparecer, caso contrário teria de ficar no hospital, no piso da psiquiatria, com uma companheira de quarto que comia o próprio cabelo. Também ia ter de tomar medicação sob o olhar atento dos pais, que iriam verificar o interior das bochechas e debaixo da língua para terem a certeza de que ela não estava apenas a fingir engoli-la. Desde que chegara ao hospital naquela manhã, a mãe fazia um esforço tão grande para sorrir que Trixie quase esperava ver o seu rosto a abrir fissuras. E o pai não parava de perguntar-lhe se precisava de alguma coisa. *Sim*, apetecia-lhe responder. *De uma vida*.

Trixie alternava entre desejar que a deixassem sozinha e perguntar-se por que razão toda a gente a tratava como se fosse leprosa. Mesmo quando aquele estúpido psiquiatra estava sentado à frente dela, a perguntar-lhe coisas como *Acha que está em perigo*

de querer matar-se neste momento?, ela sentiu-se como se estivesse a assistir à cena de um camarote e aquilo fosse uma comédia. Estava sempre à espera de que a rapariga que fazia *dela* dissesse algo inteligente, tipo *Ah, sim, obrigada, gostava de me matar neste momento... mas vou controlar-me até o público sair*. Em vez disso, viu a atriz que na verdade ela era a encolher-se como um bolinho da sorte e desatar a chorar.

O que Trixie queria acima de tudo era o que não podia ter: voltar a ser o tipo de rapariga que se preocupava com coisas como testes de ciências e se conseguiria entrar em alguma faculdade, em vez de ser o tipo de rapariga com quem todos se preocupavam.

Sobreviveu à viagem até casa fechando os olhos quase de imediato e fingindo que tinha adormecido. Mas, em vez disso, escutou a conversa dos pais no banco da frente:

Achas que é normal a forma como a voz dela soa?

O que queres dizer com isso?

Tu sabes. Como se faltasse a maior parte das notas.

Talvez seja dos medicamentos.

Eles disseram que iam levar umas semanas a fazer efeito.

Então, como é que havemos de mantê-la em segurança entretanto?

Trixie quase teria sentido pena dos pais se não tivesse tanta certeza de que a culpa era deles. No fim de contas, a mãe não tinha nada de ter aberto a porta da casa de banho no dia anterior.

Sentiu a verdade que andava a esconder, como um chocalatinho de menta que podia durar uma eternidade se a pessoa fosse suficientemente cuidadosa; a verdade que não tinha contado ao psiquiatra nem aos médicos ou aos pais, por mais que eles

tentassem arrancar-lha. Ia engoli-la inteira antes de cuspi-la cá para fora.

Trixie fingiu espreguiçar-se e bocejar ao aproximarem-se da curva para entrar na rua deles. A mãe virou-se para trás, ainda com aquele sorriso tipo máscara no rosto.

— Estás acordada!

O pai olhou para ela pelo retrovisor.

— Precisas de alguma coisa?

Trixie virou-se e espreitou pela janela. Talvez *tivesse* morrido, afinal. E aquilo era o Inferno.

Precisamente quando Trixie decidiu que as coisas não podiam piorar, o carro parou no caminho da entrada e ela viu Zephyr à sua espera. A última conversa que tinham tido não convidava a futuras conversas, além de ter deixado Trixie com a sensação de que estava de quarentena e impedida de contactar com o resto do mundo. Mas, neste momento, era Zephyr que parecia nervosa.

Zephyr bateu na janela.

— Hum, senhora Stone! Eu gostava de falar com a Trixie.

A mãe franziu o sobrolho.

— Não me parece que seja a melhor altura...

— Laura — interrompeu o pai, e olhou para Trixie pelo retrovisor: *É contigo.*

Trixie saiu do banco de trás. Tinha os ombros descaídos, de forma que os pulsos ainda ficavam mais escondidos pelas mangas do casaco.

— Olá — disse ela cuidadosamente.

Zephyr estava como Trixie se sentira nas últimas vinte e quatro horas: como se fosse completamente feita de lágrimas e estivesse a tentar manter alguma aproximação à forma humana para os outros

não notarem que era uma simples poça de água. Seguiu Trixie para dentro de casa e depois até ao quarto, lá em cima. Houve um momento assustador, quando Trixie passou pela casa de banho e pensou se alguém a teria limpo depois do que sucedera no dia anterior. Mas a porta estava fechada e ela fugiu para dentro do seu próprio quarto para não continuar a pensar nisso.

— Estás bem? — perguntou Zephyr.

Trixie não se ia deixar levar por aquele número de falsa simpatia.

— Quem é que te desafiou a fazer isto?

— O quê?

— Será que estão à espera de que voltes com um caracol do meu cabelo para provares que estiveste comigo? Ah, é verdade, não tenho cabelo. Cortei-o quando comecei a ficar psicótica.

Zephyr engoliu em seco.

— Ouvi dizer que quase morreste.

Quase não conta, costumava dizer o pai de Trixie. *A não ser em ferraduras e granadas de mão.*

E em casos de violação?

— Não me digas que quase te importaste — disse Trixie.

De repente, o rosto de Zephyr franziu-se.

— Tenho sido uma idiota chapada! Estava zangada contigo, porque pensava que tinhas planeado vingar-te de Jason e não tinhas confiado o suficiente em mim para me contares...

— Eu nunca...

— Não, espera, deixa-me acabar — disse Zephyr. — E estava zangada contigo por causa daquela noite, por Moss estar a dar-te mais atenção do que a mim. Queria vingar-me de ti, por isso disse... disse o mesmo que toda a gente dizia. Mas depois soube que estavas no hospital e não parava de pensar em como teria sido

horrível se tu... se tu, *tu sabes*, antes de eu ter hipótese de te dizer que acredito em ti. Sinto que a culpa disto foi minha. Faria qualquer coisa para te compensar.

Não havia forma de dizer se Zeph estava a dizer a verdade e, mesmo que estivesse, isso não significava que Trixie confiasse nela. O mais provável era Zephyr ir a correr ter com Moss, Jason e o resto da equipa de hóquei e brindá-los com histórias sobre a aberração. Mas também podia ser que não fosse; talvez a razão para Zephyr ali estar não tivesse nada a ver com culpa ou com a mãe ter-lhe dito para lá ir, mas simplesmente com o facto de ela se lembrar, como Trixie, que outrora, quando tinham cinco anos, eram as únicas duas pessoas do mundo que sabiam que as fadas viviam dentro dos armários da cozinha e se escondiam debaixo dos tachos e panelas quando as pessoas abriam as portas.

Trixie olhou para ela.

— Queres saber como é que o fiz?

Zephyr disse que sim com a cabeça e aproximou-se.

Trixie puxou lentamente o adesivo que lhe prendia a ligadura à volta do pulso e desenrolou a gaze até o ferimento ficar visível: aberto e serrilhado, inflamado.

— Uau! — exclamou Zephyr. — Isso é *doentio*. Doeu?

Trixie abanou a cabeça.

— Viste luzes ou anjos ou... Deus?

Trixie pensou sobre isso. A última coisa de que se lembrava era do rebordo enferrujado do radiador, em que concentrou a atenção antes de desmaiar.

— Não vi nada.

— Já calculava — suspirou Zephyr, e depois olhou para Trixie e sorriu.

Trixie deu por si a retribuir o sorriso. Pela primeira vez desde há muito tempo, quando disse ao cérebro para o fazer, este obedeceu.

Três dias depois de Trixie se ter tentado matar, Daniel e Laura estavam no gabinete de Marita Soorenstad, com Trixie no meio deles. O inspetor Bartholemew estava sentado à esquerda deles e, atrás da secretária, a procuradora do MP abriu um pacote de *Pixy Stix*.

— Sirvam-se — disse ela, e depois virou-se para Trixie. — Fico muito contente por estares connosco. Pelo que sei, isso não era uma certeza absoluta aqui há uns dias.

Daniel estendeu o braço e deu a mão à filha. Parecia gelo.

— A Trixie sente-se muito melhor.

— Por quanto tempo? — perguntou a procuradora, entrelaçando as mãos sobre a secretária. — Não quero parecer insensível, senhor Stone, mas a única coisa consistente neste caso até agora tem sido a falta de consistência.

Laura abanou a cabeça.

— Não compreendo...

— Enquanto procuradora, o meu trabalho é apresentar factos aos jurados que lhes possibilitem considerar, para lá de qualquer dúvida razoável, que a vossa filha foi vítima de uma violação perpetrada por Jason Underhill. No entanto, os factos que vou apresentar são os que a vossa filha nos apresentou. E isso significa que o nosso caso é tão bom quanto a informação que ela me facultou e tão sólido quanto a imagem que ela passar no banco de testemunhas.

Daniel sentiu os maxilares cerrarem-se.

— Creio que quando uma rapariga se tenta suicidar, isso deve ser um bom indicador de que está traumatizada.

— Ou isso, ou de instabilidade mental.

— Então, vai desistir simplesmente? — exclamou Laura, incrédula. — Não leva um caso a julgamento se achar que vai ser difícil ganhar?

— Eu nunca disse isso, senhora Stone. Mas tenho a obrigação ética de não levar um caso a tribunal se nem mesmo *eu* tiver a certeza de que aconteceu um crime.

— Tem as provas — disse Daniel. — Aquele *kit* de violação.

— Sim. O mesmo *kit* de violação que permitiu ao laboratório encontrar vestígios de sémen na boca de Trixie, quando declarou não ter feito sexo oral nessa noite. Por outro lado, Jason Underhill alega que a relação sexual foi consensual e que foi oral e vaginal. — A procuradora virou uma página do processo. — Segundo Trixie, ela gritou *não* enquanto estava a ser violada, mas disse que a sua amiga Zephyr não teria conseguido ouvir por causa da música. Porém, segundo outras testemunhas, não havia música a tocar na altura da violação.

— Estão todos a mentir — disse Daniel.

Marita olhou-o fixamente.

— Ou então é Trixie quem está a mentir. Ela mentiu-lhe quando disse que ia dormir simplesmente a casa da amiga nessa noite. Mentiu sobre ter perdido a virgindade na noite da violação...

— *O quê?* — disse Laura, de queixo caído, e nesse momento Daniel lembrou-se de que não chegara a contar-lhe o que o inspetor dissera. Ter-se-ia esquecido mesmo ou tê-lo-ia feito de forma intencional?

— ... ela mentiu à médica das Urgências sobre os cortes no pulso, alguns dos quais tinham sido feitos muito antes daquela sexta-feira à noite — prosseguiu Marita. — O que suscita a questão: sobre que mais estará Trixie a mentir?

— Quero falar com o seu chefe — exigiu Laura.

— O meu chefe irá dizer-lhe que tenho mais uma centena de casos para levar a tribunal que podiam estar a merecer a minha atenção. Não tenho tempo para uma vítima que grita por socorro por causa de um lobo inexistente.

Daniel não conseguiu olhar para Trixie. Se o fizesse, era capaz de se ir abaixo. No local onde crescera, um rapaz iúpique que gritasse «aí vem lobo!» transformava-se simplesmente nesse animal para todo o sempre. Os familiares diziam que estava a pedi-las e ele passava o resto da vida a observar a sua antiga família de longe, através de olhos cor de âmbar.

Daniel virou-se para o inspetor, que estava a fazer um ótimo trabalho a tentar desaparecer contra as paredes apaineladas da década de 1970.

— Conte-lhe sobre a fotografia.

— Ele já contou — disse Marita. — E vou ter um trabalhão para manter isso fora da sala de audiências.

— É um perfeito exemplo de como Trixie está a ser perseguida...

— Não nos diz nada sobre a noite da violação, a não ser que Trixie não era nenhuma menina do coro antes do que aconteceu.

— *Querem fazer o favor de se calar?* — Ao som da voz de Trixie, todos os olhares se viraram. — Eu estou aqui, caso não tenham reparado. Por isso, podem parar de falar sobre mim como se eu *não* estivesse?

— Com certeza, Trixie, adorávamos ouvir o que tens a dizer. Hoje.

Trixie engoliu em seco.

— Eu não queria mentir.

— Estás a admitir que o fizeste? — replicou a procuradora.

— Havia tantos... buracos. Achei que ninguém ia acreditar no que aconteceu se não me conseguisse lembrar da história toda. — Puxou as mangas ainda mais para cima dos pulsos. Daniel tinha-a visto fazer isso nos últimos dias e isso deixava-o de coração apertado. — Lembro-me de ter ido para casa de Zephyr e da gente toda que lá estava. Não conhecia a maior parte. Havia um grupo de raparigas a jogar o Arco-Íris...

— Arco-Íris? — disse Daniel.

Trixie começou a remexer na bainha do casaco.

— É um jogo em que toda a gente põe um batom de uma cor diferente e os rapazes... a pessoa vai com eles... — Abanou a cabeça.

— Aquele que tiver o pénis mais colorido no final da noite ganha — disse Marita em tom neutro. — Está certo?

Daniel ouviu Laura a respirar fundo enquanto Trixie assentia.

— É isso — sussurrou. — Mas eu não joguei. Pensei que era capaz... queria fazer ciúmes ao Jason, mas não consegui. Depois disso, toda a gente foi para casa, exceto Jason, Moss, eu e Zephyr, e foi quando começámos a jogar póquer. Moss tirou-me a fotografia e Jason ficou danado com ele, e é aí que surge o vazio. Sei que estava na casa de banho quando ele me encontrou, mas não me consigo lembrar de como é que chegámos à sala. Na verdade, não consigo lembrar-me de nada até ele estar em cima de mim.

Pensava que, se esperasse tempo suficiente, ia lembrar-me de tudo. Mas isso não aconteceu.

A procuradora e o inspetor trocaram um olhar.

— Estás a dizer — clarificou Marita — que acordaste quando ele estava a ter relações contigo?

Trixie acenou afirmativamente.

— Lembras-te de mais algum pormenor?

— Estava com uma dor de cabeça horrível. Pensei que ele me tinha batido com a cabeça no chão ou coisa do género.

Bartholemew foi ter com a procuradora. Debruçou-se por cima do ombro dela e folheou o conteúdo do processo até chegar a uma determinada página e apontar.

— A médica do Serviço de Urgência observou um estado mental aparentemente dissociativo. E durante a entrevista inicial no Departamento da Polícia, ela estava sem reação.

— Mike — disse a procuradora —, tem dó!

— Se for verdade, isto passa a ser abuso sexual agravado — pressionou Bartholemew. — E todas as inconsistências na história de Trixie funcionariam a favor da acusação.

— Íamos precisar de provas. As drogas de violação ficam na circulação sanguínea durante setenta e duas horas, no máximo.

Bartholemew tirou um relatório laboratorial do processo.

— Nesse caso, ainda bem que tens uma colheita efetuada seis horas depois.

Daniel estava completamente perdido.

— De que é que estão a falar?

A procuradora virou-se.

— Neste momento, este caso está a ser tratado como abuso sexual de um menor sobre outro menor. Mas isso muda se o abuso

tiver sido cometido enquanto Trixie estava inconsciente ou se lhe tiver sido dada uma substância que prejudicasse a sua capacidade de avaliar ou controlar o ato sexual. Nesse caso, pela lei, Jason Underhill teria de ser julgado como adulto.

— Está a dizer que Trixie foi drogada? — disse Daniel.

A procuradora fixou o olhar em Trixie.

— Ou isso — replicou ela — ou a sua filha está a tentar safar-se de mais um buraco.

— *Special K*, vitamina K, *Kit Kat*, *Blind Squid*, *Valium* para Gatos, *Roxa*, tem uma dúzia de nomes diferentes nas ruas — disse Venice Prudhomme, tirando as luvas de látex e atirando-as para o caixote do lixo, junto aos pés de Bartholemew. — A cetamina é um anestésico não barbitúrico de ação rápida usado tanto em animais como em seres humanos. Alegadamente, é também um estimulante sexual. Os jovens gostam dela como «droga de clube» porque, em termos moleculares, é muito semelhante ao pó de anjo, o *PCP*. Produz um estado dissociativo e fá-los sentir como se tivessem a mente separada do corpo. Estamos a falar de alucinações... amnésia.

Mike tinha implorado a Venice que fizesse a análise no laboratório estadual, apesar de ter dois meses de trabalho em atraso. Em troca, prometera-lhe dois bilhetes na zona mais exclusiva do estádio dos Bruins. Venice era mãe solteira e tinha um filho doido por hóquei, uma mulher que não ganhava o suficiente para gastar 85 dólares por bilhete; ele sabia que ela não ia conseguir recusar a proposta. O que ele ainda não sabia era onde é

que ia *arranjar* dois bilhetes para a zona mais exclusiva do estádio dos Bruins com o salário que ganhava.

Até agora, as análises de Trixie tinham dado negativo para *GHB* e *Rohypnol*, as duas drogas de violação mais comuns. Nesta altura, Mike estava prestes a admitir que Trixie os tinha enganado outra vez. Olhou para o ecrã do computador, para a sequência incompreensível de números.

— Quem é que vende cetamina em Bethel, Maine? — perguntou retoricamente.

— É perfeitamente legal quando é *Ketaset* e é vendido aos veterinários em líquido. Nessa forma, é fácil de usar como droga de violação. É inodora e insípida. Deitas um pouco na bebida de uma rapariga e ela fica desacordada em menos de um minuto. Durante as horas seguintes, fica entorpecida e cooperante e, o melhor de tudo, não se lembra do que aconteceu. — Quando o computador exibiu a última análise, Venice olhou atentamente para os resultados. — Dizes que a tua vítima te tem mentido?

— O suficiente para me fazer desejar estar a trabalhar pela defesa — disse Mike.

Ela tirou um marcador fluorescente do ninho de tranças e sublinhou a amarelo um dos campos: um resultado positivo para a presença de cetamina.

— Podes continuar o teu trabalho — replicou Venice. — Trixie Stone estava a dizer a verdade.

Ao contrário do que as pessoas pensavam, os esquimós não tinham uma centena de palavras para neve. Depois de ir às raízes da língua iúpique, encontravam-se apenas quinze: *qanuk* (flocos de

neve), *kannevvluk* (neve fina), *natquik* (queda de neve), *nevluk* (neve que se agarra), *qanikcaq* (neve no solo), *muruanek* (neve macia e alta sobre o solo), *qetrar* (crosta sobre a neve), *nutaryuk* (neve que acabou de cair), *qanisqineq* (neve a flutuar na água), *kengaruk* (banco de neve), *utvak* (bloco de neve), *navcaq* (cornija de neve), *pirta* (tempestade de neve), *cellallir* (nevão) e *pirrelvag* (tempestade violenta).

No que dizia respeito à neve, Daniel pensava nos iúpiques. Espreitava pela janela e uma dessas palavras ou derivados vinha-lhe à cabeça antes das inglesas. Mas havia nevões ali, no Maine, que não tinham termo equivalente no Alasca. Como a neve que acompanhava o vento de nordeste. Ou o tipo de neve que pousava como gansos, durante a estação das chuvas. Ou a tempestade de gelo que fazia com que as agulhas dos pinheiros parecessem feitas de cristal.

Em alturas como essa, Daniel não conseguia pensar em nada. Como agora: tinha de haver um termo para o tipo de tempestade que ia ser o primeiro nevão da estação com altura para ser medido. Os flocos eram do tamanho do punho de uma criança e caíam tão depressa que parecia haver um rasgão no céu cinzento como chumbo. Tinha nevado em outubro e novembro, mas não assim. Este era o tipo de tempestade que fazia com que os superintendentes escolares cancelassem os jogos de basquetebol à tarde e criava longas filas à porta da loja da Goodyear; este era o tipo de tempestade que fazia com que os condutores que não eram dali parassem na autoestrada e obrigava as donas de casa a comprar uns litros de leite a mais.

Era o tipo de neve que caía com tanta rapidez que nos apanhava desprevenidos. Ainda não tínhamos tirado as pás do sótão, onde as

arrumáramos no mês de maio; não tínhamos tempo de cobrir os rododendros vacilantes com os seus ridículos tipis em madeira.

Daniel apercebeu-se de que era o tipo de neve em que não tínhamos tempo para guardar o ancinho e a tesoura de podar com que aparávamos as sebes, por isso acabávamos a andar aos círculos, esperando tropeçar neles antes que as lâminas enferrujassem de vez. Mas isso nunca acontecia. Em vez disso, acabávamos por perder as coisas com que não tínhamos tido cuidado, e o nosso castigo era não voltar a vê-las até à primavera.

Trixie não se conseguia lembrar da última vez que tinha saído para brincar na neve. Quando era miúda, o pai costumava construir um pequeno trenó no quintal para ela deslizar na neve, mas a dada altura deixou de ser fixe fazer figura de parva quando se virava, e tinha trocado as suas *Sorels* com sola de borracha por botas de salto mais elegantes.

Não conseguia encontrar as botas de neve — estavam soterradas debaixo de uma imensidão de coisas no roupeiro. Por isso, foi buscar as da mãe, que estavam a secar na entrada, já que a mãe tinha cancelado a aula da tarde na sequência da tempestade. Trixie enrolou um cachecol à volta do pescoço e enfiou um chapéu na cabeça que dizia DRAMA QUEEN à frente, a vermelho. Calçou um par de luvas de esqui do pai e saiu para a rua.

Era o que a mãe costumava chamar neve de boneco de neve, suficientemente húmida para aderir uma à outra. Trixie fez uma bola. Começou a rolá-la pelo relvado como uma ligadura, deixando atrás de si uma longa língua castanha de relva acachapada.

Passado um bocado, inspecionou os danos. O jardim parecia uma colcha de retalhos, com riscas brancas a delimitar triângulos e quadrados feitos de relva. Pegando noutro punhado de neve, Trixie começou a rolar uma segunda bola de neve, e uma terceira. Passados alguns minutos, estava no meio delas, perguntando-se como é que tinham ficado tão grandes tão depressa. Ela não ia conseguir pôr uma em cima da outra. Como é que teria conseguido fazer um boneco de neve quando era pequena? Talvez não o tivesse feito. Talvez alguém o tivesse feito por ela.

De repente, a porta abriu-se e a mãe apareceu, a gritar pelo seu nome e a tentar ver através dos flocos que continuavam a cair. Parecia frenética, e Trixie levou um momento a perceber: a mãe não sabia que ela tinha vindo cá para fora; a mãe continuava com medo que ela se matasse.

— Estou aqui — disse Trixie.

Não era que a morte por tempestade de neve fosse má ideia. Quando Trixie era miúda, costumava escavar um esconderijo na montanha de neve deixada pelo limpa-neves. Ela chamava-lhe o seu iglu, embora o pai lhe tivesse dito que os esquimós na América não viviam neles. Mas, depois, ela leu um artigo de jornal sobre um miúdo em Charlotte, Vermont, que tinha feito exatamente a mesma coisa e o teto desabara sobre a sua cabeça, sufocando-o ainda antes de os pais darem pela sua falta, e nunca mais voltou a fazê-lo.

A mãe saiu e ficou de imediato enterrada até aos tornozelos na neve. Trazia as botas de Trixie, que devia ter desencantado no roupeiro, depois de Trixie ter requisitado as suas *Sorels*.

— Queres ajuda? — perguntou a mãe.

Trixie não queria. Se quisesse, teria convidado alguém para ir lá para fora com ela. Mas não conseguia imaginar como é que havia

de pôr a estúpida da barriga em cima da base do boneco de neve.

— Está bem — concordou.

A mãe agarrou num dos lados da bola e fez força, enquanto Trixie tentava levantá-la pela frente. Mesmo juntas, não conseguiam fazê-la mexer-se.

— Bem-vinda ao Quarto Círculo — disse a mãe a rir.

Trixie caiu de rabo no chão. Só a mãe para transformar aquilo numa aula de estudos clássicos.

— Tens os avaros de um lado e os gananciosos do outro — disse a mãe. — Empurram pedras uns contra os outros para toda a eternidade.

— Tinha esperança de conseguir acabar isto antes disso.

A mãe virou-se.

— Ora, Trixie Stone. Isso era uma *piada*?

Desde que viera do hospital, tinha havido muito pouco disso lá em casa. Quando aparecia uma comédia na televisão, mudava-se logo de canal. Quando se sentia um sorriso aflorar, era reprimido. A felicidade não parecia particularmente apropriada, não com tudo o que se passara ultimamente. Trixie pensou que era como se estivessem todos à espera de que alguém brandisse uma varinha mágica e dissesse *Está tudo bem, agora. Segue em frente*.

E se fosse *ela* a pessoa que devia brandir essa varinha?

A mãe começou a esculpir uma rampa de neve. Trixie deixou-se cair ao lado dela, empurrando a bola de neve do meio cada vez mais para cima, até ficar em cima da base de maiores dimensões. Enfiou neve entre as linhas de junção. A seguir, levantou a cabeça e empoleirou-a lá em cima.

A mãe bateu palmas... exatamente quando o boneco de neve se inclinou e caiu. A cabeça rolou até uma das calhas da janela da

cave; a parte central abriu-se como um ovo. Só a enorme esfera que servia de base permaneceu intacta.

Frustrada, Trixie atirou-lhe com uma bola de neve, de lado. A mãe viu-a fazer isso e tratou de moldar a sua própria bola. Segundos depois, estavam ambas a arremessá-las contra a base até esta se rachar ao meio, sucumbir ao ataque e se esboroar entre elas em grandes pedaços de icebergue.

Por essa altura, Trixie estava deitada de costas, ofegante. Há algum tempo que não se sentia tão *normal*. Ocorreu-lhe que, se as coisas tivessem acabado de outra forma uma semana antes, podia não estar a fazer nada daquilo. Tinha-se concentrado de tal forma naquilo de que queria fugir neste mundo que se esquecera de pensar naquilo que iria perder.

Quando morremos, não podemos apanhar flocos de neve com a língua. Não podemos inspirar o inverno bem fundo nos pulmões. Não nos podemos deitar de costas na cama e ver as luzes do limpa-neves da vila. Não podemos chupar um pingente de gelo até nos doer a testa.

Trixie olhou para cima, para os flocos que caíam.

— Estou contente.

— Com o quê?

— Com o facto de não... tu sabes... *ter resultado*.

Sentiu a mão da mãe agarrar a sua. As luvas de ambas estavam ensopadas.

Iam entrar e enfiar a roupa na secadora. Passados dez minutos, estariam como novas.

Trixie sentiu vontade de chorar. Era lindo saber o que vinha a seguir.

Devido à tempestade, o treino de hóquei tinha sido cancelado. Jason foi para casa depois da escola, tal como estipulado pelos termos da sua fiança, e enfiou-se no quarto a ouvir os White Stripes no *iPod*. Fechou os olhos e executou mentalmente passes para Moss: passes aéreos, rebatidas simples e discos que entravam na parte superior da baliza.

Um dia, as pessoas iam falar sobre ele, e não era só devido ao caso de violação. Diriam coisas como *Oh, Jason Underhill, sempre soubemos que ele ia conseguir*. Haviam de pôr uma camisola igual à dele por cima do espelho do bar da vila, com o nome para a frente, e os jogos dos Bruins teriam precedência sobre qualquer outra programação na única televisão montada ao canto.

Jason tinha muito trabalho pela frente, mas ia conseguir. Um ano ou dois de preparação, a seguir algum hóquei universitário, e talvez até lhe acontecesse como a Hugh Jessiman em Dartmouth e fosse escolhido na primeira ronda de contratações para a NHL. O treinador tinha dito a Jason que nunca vira um avançado com tanto talento natural como Jason. E tinha dito que, quando se queria muito uma coisa, só era preciso aprender a ir lá buscá-la.

Ele estava a reviver esta fantasia pela centésima vez quando a porta do quarto se abriu de repente. O pai de Jason entrou, furioso, e arrancou os auscultadores do *iPod* dos ouvidos de Jason.

— O que foi? — disse Jason, sentando-se.

— Queres contar-me o que deixaste de fora da primeira vez? Queres contar-me onde arranjaste a porcaria das drogas?

— Eu não *consumo* drogas — disse Jason. — Porque é que faria algo que ia dar cabo do meu jogo?

— Oh, eu acredito em ti — disse o pai em tom sarcástico. — Acredito que tu não tomaste nada.

A conversa estava a tomar rumos que Jason não conseguia acompanhar.

— Então, porquê essa fúria toda?

— Porque Dutch Oosterhaus me ligou para o trabalho para discutir um relatório laboratorial que recebeu hoje. O resultado da análise que fizeram ao sangue de Trixie Stone e que prova que alguém a deixou inconsciente ministrando-lhe uma droga.

Jason sentiu o calor a subir-lhe pela espinha.

— E sabes o que mais me disse Dutch? Agora, que há droga envolvida, a procuradora tem provas suficientes para te julgar como adulto.

— Eu não...

Uma veia começou a latejar na têmpora do pai.

— Deitaste tudo a perder, Jason. Deitaste tudo a perder por causa de uma prostituta insignificante.

— Eu não a droguei. Eu não a violei. Ela deve ter adulterado essa análise porque... porque... — A voz de Jason morreu-lhe nos lábios. — Santo Deus! Não acreditas em mim!

— Ninguém acredita — disse o pai com ar cansado. Antes de sair do quarto, tirou do bolso de trás uma carta que já tinha sido aberta e entregou-a a Jason.

Jason deixou-se cair sobre a cama. Tinha sido remetida pela Academia de Bethel e endereçada a caneta ao treinador de hóquei. Começou a ler: *Face às circunstâncias recentes... retirar a sua oferta inicial de uma bolsa de estudo para o primeiro ano... certos de que entenderá a nossa posição e o seu reflexo na academia.*

A carta caiu-lhe das mãos, pairando no ar até pousar no tapete. O *iPod*, sem os auscultadores, emitiu um brilho azul mudo. Quem

teria imaginado que o som que a vida fazia ao desintegrar-se era o silêncio total?

Jason enterrou o rosto entre as mãos e, pela primeira vez desde que tudo começara, desatou a chorar.

Assim que a tempestade parou e as ruas foram desobstruídas, os lojistas de Bethel saíram para limpar a neve dos passeios com as suas pás e falar sobre a sorte deste último nevão não ter feito o presidente da câmara cancelar o Festival de Inverno anual.

Realizava-se sempre na sexta-feira antes do Natal e era uma forma de impulsionar a economia local. A Main Street era interditada ao trânsito pelas luzes azuis dos carros da polícia. As lojas ficavam abertas até tarde, e a pousada servia cidra quente de graça. As luzes de Natal piscavam como pirilampos nos ramos nus das árvores. Um agricultor com veia empreendedora transportava uma rena com ar doente até lá e cercava-a com uma vedação portátil: um pequeno zoo do Polo Norte. O dono da livraria, vestido de Pai Natal, chegava às sete da tarde e ficava o tempo que fosse preciso para ouvir os pedidos de todas as crianças que esperavam na fila.

Este ano, num esforço para ligar os heróis desportivos locais à comunidade, a praça em frente do edifício da câmara municipal tinha sido vedada e inundada para criar um rink de gelo improvisado. As IceCaBabes, uma equipa de patinagem artística local, tinha feito um exercício de demonstração ao princípio da noite. Agora, era a vez da equipa de hóquei da Escola Secundária de Bethel jogar com um grupo de escuteiros locais.

Depois de tudo o que acontecera, Jason não estava a pensar ir... até o treinador telefonar e dizer que ele tinha uma obrigação

para com a equipa. Porém, o treinador não especificara em que estado teria de chegar. Era uma viagem de quinze minutos até à baixa e, pelo caminho, bebeu um quinto da garrafa de *Jack Daniel's* do pai.

Moss já estava no gelo quando Jason se sentou num banco e tirou os patins para fora.

— Estás atrasado — disse Moss.

Jason apertou os atacadores com um nó duplo, pegou no taco e passou por Moss empurrando-o com força.

— Estás aqui para falar ou para jogar hóquei?

Patinou tão rapidamente até ao centro do rink que teve de ziguezaguear por entre alguns miúdos vacilantes. Moss foi ter com ele e trocaram o disco numa série de passes complicados. Nas linhas laterais, os pais aplaudiam, pensando que fazia tudo parte da exibição.

O treinador chamou para o início do jogo, e Jason patinou para ocupar a sua posição. O miúdo dos escuteiros que lhe fazia frente dava-lhe pela cintura. O disco foi largado e a equipa da secundária deixou os miúdos ficarem com ele. Mas Jason defendeu o rapaz que ia a patinar pelo rink fora, roubou-lhe o disco e levou-o até à baliza. Levantou-o de forma a entrar no canto superior direito da rede, onde o guarda-redes minúsculo não tinha a menor hipótese de pará-lo. Brandiu o taco no ar e olhou para os colegas de equipa, mas eles tinham ficado para trás e a multidão já não estava a aplaudir.

— Então, não é para marcar? — berrou em voz arrastada. — Ou será que as regras também mudaram aqui?

Moss levou Jason para o lado do rink.

— Meu, isto é hóquei recreativo e eles são apenas miúdos.

Jason assentiu e foi-se embora. Encontraram-se para outra disputa de disco e, desta vez, quando os miúdos ficaram com ele, Jason patinou lentamente para trás, sem fazer menção de ir atrás dele. Pouco habituado a jogar sem as tábuas que delimitavam o campo, tropeçou no rebordo plástico do revestimento do rinque e caiu nos braços da multidão. Viu o rosto de Zephyr Santorelli-Weinstein e meia dúzia de outros lá da escola.

— Desculpem — resmungou, levantando-se a cambalear.

Quando voltou a entrar no gelo, Jason foi direito ao disco, batendo num jogador com um movimento de ancas para o tirar do caminho. Só que, desta vez, o adversário tinha metade do seu tamanho e um terço do seu peso, e foi projetado no ar.

O rapaz embateu no guarda-redes, que deslizou para dentro da rede e ficou esparramado, a chorar. Jason viu o pai do miúdo entrar no gelo com os sapatos de andar na rua.

— O que é que se passa contigo hoje? — disse Moss, aproximando-se.

— Foi um acidente — replicou Jason, e o amigo recuou ao sentir o cheiro a álcool.

— O treinador vai desancar-te. Vai-te embora. Eu encubro-te.

Jason olhou para ele.

— Vai! — disse Moss.

Jason olhou uma última vez para o rapaz e para o pai, e depois patinou até ao local onde tinha deixado as botas.

Eu não morri, porém perdi o sopro da vida:

Imaginei só aquilo em que me tornei,

Quando sem nenhuma dessas duas coisas fiquei.

Laura leu os versos de Lúcifer no último canto do *Inferno* e depois fechou o livro. Lúcifer era de longe a personagem mais fascinante do poema; imerso até à cintura no lado de gelo, com as suas três cabeças a devorar um festim de pecadores. Tendo sido em tempos um arcanjo, tinha seguramente liberdade de escolha. Aliás, foi isso que o fez confrontar Deus. Portanto, se Lúcifer tinha escolhido o seu caminho de livre vontade, teria sabido antecipadamente que ia acabar a sofrer?

Pensaria, até certo ponto, que o merecia?

Pensaria isso alguém que desempenhasse o papel oposto ao do herói?

Ocorreu a Laura que tinha pecado em cada um dos círculos. Cometera adultério. Traíra o seu benfeitor — a universidade — ao seduzir um aluno... o que também podia ser considerado perfídia, se considerassem que Seth tinha sido um peão inocente naquele jogo. Desafiara Deus ao ignorar os votos de casamento e desafiara a família ao distanciar-se de Trixie quando a filha mais precisava dela. Mentira ao marido, tivera manifestações de ira, semeara a discórdia e tinha sido uma conselheira fraudulenta de um aluno que viera à procura de uma mentora e acabara com uma amante.

Praticamente, a única coisa que Laura não fizera era matar alguém.

Tirou de trás da secretária uma cabeça humana em porcelana que encontrara numa venda de garagem. Era lisa e branca e estava dividida em subsecções identificadas na área do cérebro: *perspicácia, glória, vingança, felicidade*. Ela tinha-lhe posto uma bandolete com dois chifres de diabo vermelhos, uma prenda de uma aluna num Dia das Bruxas. Agora, tirou a bandolete e experimentou-a em si.

Alguém bateu à porta e, passado um instante, Seth entrou no gabinete.

— Tens mesmo esses corninhos na cabeça — disse ele — ou estás apenas feliz por me ver?

Ela arrancou a bandolete da cabeça.

— Cinco minutos. — Ele fechou a porta e trancou-a. — Deves-me isso.

As relações pareciam ser sempre fisicamente dolorosas: apaixonávamo-nos e logo ficávamos de coração partido ou perdíamos a cabeça. Não era de estranhar que as pessoas saíssem da experiência cheias de cicatrizes. O problema com um casamento, ou talvez a sua força, estava no facto de se prolongar por algum tempo e deixarmos de ser a pessoa que éramos no início. Se tivéssemos sorte, ainda nos conseguiríamos reconhecer mutuamente anos mais tarde. Se não tivéssemos, acabávamos no nosso gabinete com um rapaz quinze anos mais novo a pôr o coração nas nossas mãos abertas.

Muito bem. Se era para ser sincera, tinha adorado a forma como Seth sabia o que era um anapesto e uma *canzone*. Adorava ver o reflexo dos dois numa vidraça quando passavam pela montra de uma loja e o facto de isso a deixar sempre surpreendida. Adorava jogar Scrabble numa tarde chuvosa, quando devia estar a classificar trabalhos ou a participar numa reunião do departamento. Mas lá por ter dado parte de doente naquele dia, isso não significava que não continuasse a ser professora. Lá porque tinha abandonado a família, isso não significava que não continuasse a ser esposa e mãe. O seu maior pecado, vistas bem as coisas, tinha sido esquecer-se de tudo isso.

— Seth — disse ela —, não sei como tornar isto mais fácil. Mas...

As palavras morreram-lhe nos lábios, ao perceber o que se preparava para dizer: *Mas eu amo o meu marido.*

Sempre amei.

— Precisamos de falar — disse Seth baixinho. Levou a mão ao bolso de trás das calças de ganga e atirou um jornal enrolado para cima da mesa.

Laura já o tinha visto. A primeira página dava conta da nova acusação apresentada pela procuradora. Jason Underhill seria julgado como adulto devido à presença de drogas de violação no sangue da vítima.

— Cetamina — disse Seth.

Laura pestanejou. Pelo que a procuradora dissera, a droga encontrada no organismo de Trixie nem sequer era uma das drogas de violação mais populares. E também não vinha citada no jornal.

— Como é que sabes?

Seth sentou-se na ponta da secretária.

— Tenho de te contar uma coisa — disse ele.

— Já vou! — gritou Trixie através da porta aberta quando o pai buzinou pela terceira vez. Santo Deus! Não lhe apetecia nada ir à vila agora e não tinha culpa de que o queijo de piza que ele estava a usar para fazer o jantar tivesse criado bolor suficiente para ser classificado como antibiótico. Não estava a fazer nada que não pudesse interromper, mas o que a aborrecia era a questão de princípio: nenhum dos pais se sentia à vontade para perder Trixie de vista.

Enfiou o primeiro par de botas que encontrou e saiu de casa, em direção à carrinha.

— Não podemos comer só sopa? — perguntou Trixie, sentando-se no banco, quando o que queria dizer era: *O que é preciso para voltares a confiar em mim?*

O pai engatou a primeira para fazer a longa descida.

— Eu sei que queres que te deixe em casa sozinha. Mas espero que também saibas porque é que não o posso fazer.

Trixie revirou os olhos em direção à janela.

— Como queiras.

Ao aproximarem-se da vila, viram uma data de carros. As pessoas com anoraques e cachecóis de cores vivas andavam pela rua como um monte de *confetti*. Trixie sentiu o estômago embrulhado.

— Qual é a comemoração? — murmurou. Tinha visto cartazes por toda a escola: GELO = BELO. NÃO SEJAS UM FLOCO DE NEVE. VEM AO FESTIVAL DE INVERNO!

Trixie encolheu-se no banco quando três raparigas passaram tão perto do carro que até tocaram no para-choques dianteiro. *Toda a gente* ia ao Festival de Inverno. Quando ela era miúda, os pais levavam-na lá para fazer festinhas às renas velhas que estavam junto à loja das máquinas fotográficas. Lembrava-se de ver vulgares professores, médicos e empregadas de mesa a tornarem-se por uma noite intérpretes vitorianos de cânticos de Natal. No ano anterior, Trixie tinha sido um duende, juntamente com Zephyr; ambas tinham dois pares de *collants* de patinagem vestidos e estavam encarregadas de distribuir bengalas doces aos miúdos que se sentavam ao colo do Pai Natal.

Este ano, descer a Main Street ia ser uma experiência completamente diferente. De início, ninguém a veria, porque estava escuro lá fora. Mas depois alguém havia de esbarrar nela, por acaso. *Desculpa*, diria, e depois veria quem ela era. Logo trataria de avisar os amigos, que se iam pôr a apontar. A seguir, iam comentar entre si o facto de ela estar sem maquilhagem e de parecer que não lavava o cabelo há uma semana. Antes de chegar à outra ponta da Main Street, os seus olhares teriam queimado as costas do seu casaco como luz do sol através de uma lupa, iniciando um fogo que iria reduzi-la a um monte de cinzas.

— Papá — disse ela —, não podemos ir para casa?

O pai olhou para ela. Tinha sido obrigado a desviar-se da Main Street e estava agora estacionado num parque atrás do supermercado. Trixie via que ele estava a ponderar o custo de chegar ao seu destino em relação ao extremo desconforto que ela sentia... tomando ainda em linha de conta a sua tentativa de suicídio.

— Tu ficas no carro — transigiu o pai. — Eu volto já.

Trixie acenou afirmativamente e viu-o atravessar o parque de estacionamento. Fechou os olhos e contou até cinquenta. Escutou o som da sua própria pulsação.

Só que aquilo que Trixie pensara querer mais do que tudo — ficar sozinha — acabou por se revelar absolutamente aterrador. Quando ouviu bater a porta do carro ao lado dela, deu um salto. Os faróis iluminaram-na quando o carro fez marcha-atrás para sair e ela enfiou a cabeça no colarinho do casaco para o condutor não a ver.

O pai tinha saído do carro há três minutos quando ela começou a entrar em pânico. Não era preciso muito mais tempo do que isso para comprar a porcaria do queijo, pois não? E se alguém chegasse

àquele parque de estacionamento e a visse ali sentada? Quanto tempo levaria até se juntar uma multidão e começarem a chamar-lhe galdéria e prostituta? Quem a salvaria se decidissem dar murros nas janelas, começar uma caça às bruxas ou mesmo linchá-la?

Espreitou pelo para-brisas. Levaria quinze segundos, no máximo, a chegar à porta do supermercado. Por esta altura, o pai já devia estar na fila da caixa. Podia esbarrar em alguém conhecido, mas pelo menos não estava sozinha.

Trixie saiu do carro e começou a correr pelo parque de estacionamento. Conseguia ver as janelas do supermercado e a fila de carrinhos de compras junto à parede exterior.

Vinha lá alguém. Não conseguia ver se era o pai... A figura parecia suficientemente grande, mas o candeeiro estava por trás, obscurecendo-lhe as feições. Se fosse o pai, ele ia vê-la primeiro, apercebeu-se Trixie. E se não fosse o pai, então ela ia passar pelo desconhecido à velocidade da luz.

Mas quando Trixie desatou a correr, pisou um bocado de gelo fino e os seus pés cederam debaixo dela. Torceu uma perna e sentiu que ia cair. No momento antes de a sua anca esquerda bater no passeio, foi amparada justamente pela pessoa que estava a tentar evitar.

— Estás bem? — disse ele, e ela olhou para cima e deu com Jason a segurá-la pelo braço.

Ele largou-a quase tão depressa quanto a segurara. A mãe de Trixie tinha dito que Jason não se podia aproximar dela, não podia cruzar o seu caminho. Se o fizesse, era enviado para um centro de detenção juvenil antes do julgamento. Mas ou a mãe estava enganada ou Jason se tinha esquecido disso, porque ele afastou

qualquer receio que o fizera soltá-la e começou novamente a avançar sobre ela. Cheirava a destilaria e tinha a voz rouca.

— O que é que tu lhes disseste? O que estás a tentar fazer-me?

Trixie lutou para respirar. O frio infiltrava-se pela parte de trás das calças de ganga e tinha água na bota que quebrara o gelo à superfície.

— Eu não... Eu não estou...

— Tens de lhes contar a verdade — implorou Jason. — Eles não acreditam em mim.

Isto era novidade para Trixie e cortou como uma faca através do seu medo. Se eles não acreditavam em *Jason* e não acreditavam *nela*, em quem é que *eles* acreditavam?

Ele agachou-se à frente dela e foi quanto bastou para Trixie se sentir a voltar *àquele momento*. Era como se a violação estivesse a acontecer novamente, como se ela não conseguisse controlar um único centímetro do seu corpo.

— Trixie — disse Jason.

As mãos dele nas suas coxas, enquanto ela tentava afastar-se.

— Tens de fazê-lo.

O corpo dele sobre o seu, a prendê-la pelas ancas.

— Agora.

Agora, dissera ele, atirando a cabeça para trás enquanto saía de dentro dela e espalhava o sémen sobre a sua barriga. Agora, dissera ele, mas por essa altura já era demasiado tarde.

Trixie respirou fundo e gritou o mais alto que conseguiu.

De repente, Jason já não estava inclinado sobre ela. Trixie olhou para cima e viu-o a lutar, a tentar esquivar-se aos socos do pai dela.

— Papá! — gritou. — Para!

O pai virou-se, a sangrar de um lábio fendido.

— Trixie, entra para o carro.

Ela não entrou. Afastou-se da briga e ficou no halo do candeeiro público, a ver o pai, o mesmo homem que apanhava as aranhas que apareciam no quarto dela e as levava para o exterior num copo de papel, o mesmo homem que nunca lhe batera, esmurrar Jason repetidamente. Estava simultaneamente horrorizada e fascinada. Era como conhecer alguém que nunca vira e descobrir que ele tinha vivido ao seu lado o tempo todo.

O som da carne a bater em carne lembrou a Trixie o som das anchovas que os pescadores batiam com força contra as docas em Portland, para as imobilizar antes de serem filetadas. Tapou os ouvidos e olhou para o chão, para o saco plástico de farripas de mozzarella que tinha caído e se abrira debaixo das botas deles durante a luta.

— Se alguma vez — ofegou o pai —, *alguma vez*...

Deu um soco na barriga de Jason.

— ... *alguma vez* voltares a aproximar-te da minha filha...

Novo golpe atingiu-lhe o maxilar, do lado direito.

— Eu mato-te.

Mas precisamente quando ele fazia recuar a mão para desferir novo golpe, um carro passou pelo parque de estacionamento, iluminando tudo.

O último homem em que Daniel batera já estava morto. No ginásio do liceu, em Akiak, Daniel tinha atirado Cane ao chão, embora a sua cabeça já tivesse um buraco de bala. Fizera isso porque queria que Cane lhe dissesse para parar. Queria que Cane se sentasse e lhe desse um soco.

O diretor da escola tinha entrado cautelosamente no meio deste pesadelo, interiorizando os soluços de Daniel, a espingarda caída e o sangue que espirrara sobre as bancadas. *Daniel*, dissera o diretor, chocado. *O que é que fizeste?*

Daniel tinha fugido porque era mais rápido do que o diretor e mais rápido do que a polícia. Durante alguns dias, foi suspeito de homicídio e gostou disso. Se Daniel tivesse tido intenção de matar Cane, então não se podia sentir tão culpado por não ter conseguido impedir que isso acontecesse.

Quando Daniel deixou a aldeia, os boatos em torno dele já tinham esmorecido. Toda a gente sabia que era a espingarda de caça de Cane e que a arma não tinha as impressões digitais de Daniel. Cane não tinha deixado um bilhete de suicídio — isso era raro, na aldeia —, mas deixara a camisola de básquete em cima da mesa para a irmã mais nova. Daniel tinha sido ilibado, mas mesmo assim deixou o Alasca. Não era por ter medo do futuro; era por não conseguir vislumbrá-lo, ponto final.

De vez em quando, ainda acordava com um pensamento preso como algodão no céu da boca: os mortos não ficam com nódoas negras.

Esta noite, tinha ficado retido atrás de uma velhota que estava a pagar a conta do supermercado com moedas pequenas. Tinha estado o tempo todo a questionar a sua decisão. De início, após a tentativa de suicídio, Trixie tinha ficado distante e calada, mas ao longo dos últimos dias a sua personalidade vinha ao de cima de vez em quando. No entanto, assim que chegaram à vila, Trixie tinha ficado parada e inexpressiva, como se tivesse sofrido uma recaída. Daniel não queria deixá-la no carro sozinha, mas também não suportava a ideia de obrigá-la a deixar aquela zona de segurança.

Quanto tempo podia levar a comprar um único artigo? Tinha-se apressado a entrar na loja, pensando apenas em Trixie e em levá-la de volta a casa o mais depressa possível.

Foi quando passou debaixo do candeeiro que viu: a mão daquele filho da mãe no braço da filha.

Para alguém que nunca cedera à raiva, seria difícil de compreender. Mas, para Daniel, era o mesmo que vestir um velho casaco de camurça macia que estava encafudado há tanto tempo no roupeiro que ele tinha a certeza de que já o dera a alguém que necessitava de abafo. O pensamento lúcido deu lugar ao sentimento puro e duro. O seu corpo começou a arder; a raiva zumbia-lhe nos ouvidos. Via tudo através de uma névoa carmesim, sentia o sabor do próprio sangue e mesmo assim sabia que não ia conseguir parar. Enquanto exultava com os nós dos dedos raspados e com a adrenalina que o fazia antecipar-se, Daniel começou a lembrar-se de quem costumava ser.

Todas as rixas com rufiões em Akiak, todas as cenas de pugilato com bêbedos à porta de um bar, todas as janelas que partira para conseguir entrar num local fechado à chave... era como se Daniel tivesse saído completamente do seu corpo e estivesse a ver o tornado que aí fixara residência. No meio de tal ferocidade, perdeu-se, que era o que ele sempre tivera esperança de que acontecesse.

Quando terminou, Jason tremia tanto que Daniel percebeu que só a sua mão na garganta do rapaz o mantinha em pé.

— Se alguma vez... *alguma vez* voltares a aproximar-te da minha filha — disse Daniel —, eu mato-te.

Ele olhou para Jason, tentando memorizar a sua expressão quando soube que tinha sido derrotado, pois Daniel queria voltar a vê-la no seu rosto no dia em que pronunciassem o veredito na sala

de audiências. Ele recolheu o braço, concentrando-se no local mesmo por baixo do queixo do rapaz — o local onde um soco bem aplicado o deixaria inconsciente — quando, de repente, os faróis de um carro a aproximar-se incidiram sobre ele.

Foi a oportunidade de que Jason precisava para desequilibrar Daniel. Empurrou-o e desatou a correr. Daniel pestanejou, perdendo a concentração. Agora, que tinha acabado, não conseguia fazer com que as mãos parassem de tremer. Virou-se para a carrinha, onde dissera a Trixie para esperar, e abriu a porta.

— Lamento que tenhas tido de ver... — disse Daniel, calando-se ao perceber que a filha não estava ali.

— Trixie! — gritou, perscrutando o parque de estacionamento. — Trixie, onde estás?

Estava demasiado escuro. Daniel não conseguia ver nada, por isso começou a percorrer os corredores entre os carros. Teria Trixie ficado tão transtornada ao vê-lo transformar-se num animal que preferira ir de mal a pior, afastar-se dele o mais possível, mesmo que isso significasse ter de fugir para a vila?

Daniel começou a descer Main Street a correr, a chamar por ela. No meio da escuridão, aquele comportamento frenético passava por festivo. Empurrou para o lado grupos que entoavam cânticos de Natal, dividiu famílias que vinham de mãos dadas. Foi contra uma mesa onde se fazia açúcar na neve, com miúdos a enrolar longas tiras de xarope de ácer cristalizado à volta de pauzinhos de gelado. Subiu para um banco do passeio, para ficar num nível mais alto que a multidão e poder procurá-la.

Havia centenas de pessoas, mas Trixie não era uma delas.

Voltou para o carro. Era possível que tivesse ido para casa, embora ainda levasse bastante tempo a fazer os seis quilómetros e

meio a pé, no meio da neve. Ele podia levar a carrinha e começar à procura... Mas e se ela não tivesse saído da vila? E se ela voltasse à procura dele e ele lá não estivesse?

Por outro lado, e se ela tivesse ido para casa e Jason a encontrasse primeiro?

Ele estendeu a mão para o porta-luvas e procurou o telemóvel. Ninguém atendeu em casa. Após uma ligeira hesitação, ligou para o gabinete de Laura.

Da última vez que o fizera, ela não tinha atendido.

Quando ela atendeu ao primeiro toque, os joelhos de Daniel cederam de alívio.

— A Trixie desapareceu.

— *O quê?*

Ele conseguia ouvir o pânico na voz de Laura.

— Estamos na vila... ela estava no carro à espera... — O que ele estava a dizer não fazia sentido, e ele sabia disso.

— Onde é que estás?

— No parque de estacionamento por trás do supermercado.

— Vou a caminho.

Quando a linha emudeceu, Daniel enfiou o telemóvel no bolso do casaco. Talvez Trixie tentasse ligar-lhe. Pôs-se em pé e tentou reconstituir a luta com Jason, mas não conseguiu fazê-lo: tanto podiam ter sido três minutos como trinta. Trixie tanto podia ter fugido dali ao primeiro soco ou depois do último. Ele estava tão concentrado em fazer estragos que tinha perdido a filha de vista enquanto ela estava em pé, à frente dele.

— Por favor — sussurrou ele a um Deus que pusera de parte há anos. — Por favor, faz com que ela esteja bem.

De repente, um movimento ao longe chamou-lhe a atenção. Virou-se e viu uma sombra a atravessar atrás do silvado na outra ponta do parque de estacionamento. Daniel saiu do círculo de luz projetado pelo candeeiro público e caminhou em direção ao ponto onde vira uma sobreposição na escuridão.

— Trixie — chamou. — És tu?

Jason Underhill estava em pé, com as mãos agarradas ao parapeito de madeira da ponte, tentando ver se o rio já estava completamente gelado. O rosto doía-lhe como tudo nos sítios onde o pai de Trixie lhe batera, sentia as costelas a latejar e não fazia ideia de como é que ia explicar o rosto esmurrado na manhã seguinte, sem revelar que tinha violado os termos da fiança e interagido, não com um, mas com dois membros da família Stone.

Se iam julgá-lo como adulto, será que isso afetava o resto? Quando descobrissem que se tinha aproximado de Trixie, seria enviado para uma cadeia a sério, em vez de ir para um centro de detenção juvenil?

Talvez não fizesse diferença. A Academia de Bethel não queria que ele jogasse no próximo ano. As suas esperanças de se tornar profissional um dia eram iguais a zero. E porquê? Porque ele tinha sido atencioso naquela noite, em casa de Zephyr Santorelli-Weinstein e voltara para trás para se certificar de que Trixie estava bem.

Há três semanas, era o jogador de hóquei do secundário mais bem classificado do estado do Maine. Tinha uma média de 3,7 e queda para *hat tricks*, e mesmo os miúdos que não o conheciam fingiam que sim. Ele podia ter tido a sua dose de raparigas do

secundário e até mesmo algumas da faculdade local, mas tinha sido suficientemente estúpido para engraçar com Trixie Stone: um buraco negro humano camuflado de rapariga com um coração tão límpido que a pessoa podia olhar para ele e ver-se.

Jason tinha dezassete anos e a sua vida estava acabada.

Jason olhou para o gelo por baixo da ponte. Se o julgamento começasse antes de chegar a primavera... se ele *perdesse*... quanto tempo passaria até ver o rio novamente a correr?

Inclinou-se, com os cotovelos sobre o parapeito de madeira, e fingiu que conseguia vê-lo agora.

Daniel estava sentado debaixo do candeeiro quando Laura veio a correr ter com ele.

— Ela voltou?

— Não — disse ele, levantando-se devagar. — E se está em casa, não atende o telefone.

— Está bem — disse Laura, começando a andar num pequeno círculo. — Está bem.

— Não, não está bem. Eu envolvi-me numa briga com Jason Underhill. Ele tinha as mãos em cima dela. E eu... eu passei-me. Dei-lhe uma sova, Laura. E Trixie viu tudo. — Daniel respirou fundo. — Talvez devêssemos ligar a Bartholemew.

Laura abanou a cabeça.

— Se telefonares à polícia, vais ter de lhes dizer que estavas a lutar com Jason — disse ela categoricamente. — Isso é *agressão*, Daniel. As pessoas são presas por isso.

Daniel ficou calado, a pensar no seu encontro anterior com Jason, na floresta, com uma faca. Tanto quanto sabia, o rapaz não

tinha contado nada a ninguém. Mas se se soubesse que Daniel lhe dera uma tarefa, era possível que o outro incidente viesse à tona.

E não era apenas agressão, também se podia classificar como rapto.

Virou-se para Laura.

— Então, o que fazemos?

Ela aproximou-se mais, com a luz do candeeiro a cair-lhe sobre os ombros, como um manto.

— Vamos nós à procura dela — disse.

Laura entrou em casa a correr e a chamar por Trixie, mas não obteve resposta. A tremer, entrou na cozinha às escuras, ainda com o casaco vestido. Abriu a torneira e salpicou o rosto com água fria.

Isto não podia ter acontecido.

Ela e Daniel tinham montado uma estratégia: ele procurava Trixie pelas ruas enquanto Laura ia para casa, não fosse ela aparecer. *Precisas de te acalmar*, disse ela a si mesma. *Isto vai tudo resolver-se.*

Quando o telefone tocou, ela pegou logo nele. *Trixie*. Mas durante o momento em que levou o auscultador ao ouvido, ocorreu-lhe outro pensamento: e se fosse a polícia?

Laura engoliu em seco.

— Estou?

— Senhora Stone... fala Zephyr. A Trixie está? Preciso de falar com ela.

— Zephyr — repetiu Laura. — Não, a Trixie não está... Estiveste com ela esta noite?

— Eu? Hum... Não.

— Bem. — Laura fechou os olhos. — Eu digo-lhe que telefonaste.

Desligou o telefone, sentou-se à mesa da cozinha e preparou-se para o que quer que viesse a seguir.

Todos os verões, havia feiras itinerantes que passavam pelo Maine. Chegavam em caravanas que se abriam para revelar jogos: derrubar objetos com bola, enfiar argolas num pino, rebentar balões com dardos. Um enorme camião branco desdobrava-se, como um veado a levantar-se quando acorda, e transformava-se no carrossel; outro passava a ser a Casa das Aventuras de Indiana Jones. Havia diversões para crianças pequenas: balões de ar quente que não saíam do chão, sapos gigantes com línguas cor-de-rosa que caçavam moscas em pequenos círculos, um carrossel digno de uma princesa. Mas aquela por que Trixie ansiava, ano após ano, era a Montanha-Russa do Dragão.

A montanha-russa tinha uma enorme cabeça pintada de um dragão do Ano Novo chinês, cinco carros e uma cauda arqueada com arabescos dourados. Era igualmente um daqueles camiões que se metamorfoseava: um trilho de aço com curvas apertadas que terminava numa estação. O feirante responsável pela montanha-russa tinha um rabo de cavalo comprido e fino e tantas tatuagens nos braços que era preciso ver de perto para perceber que não eram mangas.

Trixie tentava sempre entrar no primeiro carro, aquele que ficava mesmo atrás da boca do dragão. Para diversão de crianças, a montanha-russa era surpreendentemente rápida e o carro da frente

era o mais veloz de todos, com a pessoa a ser sacudida de um lado para o outro com mais força e a parar mais bruscamente.

No verão em que Trixie tinha onze anos, subiu para o carro da frente, como de costume, e percebeu que havia alguma coisa de errado. Não conseguia puxar a barra de segurança para baixo, sobre os joelhos. Teve de se virar de lado e encaixar-se no carro como pôde. Trixie estava convencida de que a montanha-russa não era a mesma, que eles tinham adquirido uma versão mais recente e reduzido as proporções, mas o feirante disse que nada mudara.

Estava a mentir. Ela percebeu porque enquanto ele dizia isso e afastava o rabo de cavalo para trás, não parava de olhar para os dizeres que ela tinha na *t-shirt*, sobre o peito: BETHEL FARM «A» SOFTBALL.

Até esse momento, Trixie estava ansiosa por ir para o segundo ciclo e pelos privilégios inerentes. Brincara com a palavra *adolescente* na ponta da língua, gostando da forma como borbulhava, como sais de banho efervescentes. Até então, não tinha pensado que havia uma troca e que podia deixar de caber em lugares onde antes se sentia confortável.

No verão seguinte, quando Trixie tinha doze anos, deixaram-na na feira com Zephyr. Em vez de irem andar nas diversões, compraram cebola frita e andaram pelo meio da multidão, à procura de miúdos conhecidos.

Trixie estava a pensar em tudo isto enquanto estava especada, a tremer de frio, à frente do Banco de Bethel. Era meia-noite e o Festival de Inverno era apenas uma recordação. As barreiras com que a polícia bloqueara a Main Street tinham sido retiradas; as luzes de Natal tinham sido desligadas. Os caixotes do lixo estavam a

transbordar de copos de papel, garrafas plásticas de cidra e bengalas doces partidas.

O banco tinha uma grande janela espelhada que sempre fascinara Trixie. Hoje em dia, quando passava por lá, dava uma olhadela para se mirar ou via se havia mais alguém a fazer o mesmo. Mas em miúda, o espelho tinha-a apanhado de surpresa. Durante anos, escondeu dos pais o segredo de que havia uma rapariga em Bethel exatamente igual a ela.

No reflexo, Trixie viu o pai a aproximar-se. Olhou para ele ou, na verdade, para o gémeo dele, parado ao lado da sua própria gémea. No momento em que ele lhe tocou, foi como se tivesse quebrado um feitiço. Estava tão cansada que mal se tinha em pé.

Ele amparou-a quando vacilou.

— Vamos para casa — disse ele, e levantou-a nos braços.

Trixie pousou a cabeça no ombro dele. Viu as estrelas brilhar e piscar em padrões, um alfabeto que toda a gente parecia saber, mas que ela não conseguia ler por mais que tentasse.

Quando Daniel voltou, o carro de Laura estava estacionado na entrada. Tinha sido esse o plano: ela ia para casa e esperava aí, para o caso de Trixie ter ido para lá. Daniel percorria as ruas de Bethel, para o caso de ela não o ter feito. Trixie estava a dormir profundamente quando ele a tirou da carrinha e a levou para cima, para o quarto. Aí, desatou-lhe os atacadores das botas e abriu-lhe o fecho do anoraque. Ainda pensou em ajudá-la a vestir o pijama, mas acabou por puxar as mantas para cima de Trixie, completamente vestida.

Quando ele se levantou, Laura estava parada à porta. Ao ver Trixie, os seus olhos arregalaram-se e ficou branca como a cal.

— Oh, Daniel! — sussurrou ela, intuindo o pior. — Aconteceu uma coisa.

— Não aconteceu nada — disse Daniel baixinho, tomando-a nos braços. Laura, que parecia sempre saber a coisa certa a fazer e a coisa certa a dizer, estava completamente desnorteada. Ela pôs os braços à volta da cintura de Daniel e desatou a chorar. Ele fê-la sair para o corredor às escuras e fechou a porta do quarto de Trixie, para não a incomodar.

— Ela está em casa — disse ele, forçando um sorriso, embora pudesse ver os arranhões nos nós dos dedos e conseguisse sentir as nódoas negras a aflorar na pele. — É a única coisa que importa.

Na manhã seguinte, Daniel avaliou os estragos ao espelho da casa de banho. Tinha o lábio aberto; tinha um hematoma na têmpora direita; os nós dos dedos da mão direita estavam inchados e em carne viva. Mas este inventário não incluía os estragos feitos na sua relação com a filha. Como ela adormecera, exausta, Daniel ainda não tivera oportunidade de explicar o que lhe acontecera na noite anterior, em que animal se transformara.

Lavou a cara e secou-a com a toalha. Como é que se explicava à nossa filha — vítima de uma *violação*, por amor de Deus! — que a violência num homem era como energia: transformada, mas nunca destruída? Como é que se dizia a uma rapariga que estava a esforçar-se tanto por começar de novo que não era possível obliterar o passado?

la ser um daqueles dias em que a temperatura não ia subir acima dos zero graus. Dava para perceber pelo frio nos ossos que sentia ao assentar os pés descalços no soalho de madeira e pela forma como os pingentes de gelo pareciam setas lá fora, suspensos da janela da cozinha. Trixie estava ao pé do frigorífico, com as calças do pijama de flanela, uma *t-shirt* que desaparecera da cómoda de Daniel e um roupão azul que já não lhe servia. Os seus pulsos e mãos ficaram demasiado de fora das mangas quando quis tirar o sumo de laranja.

Laura levantou os olhos da mesa, onde estava a ler atentamente o jornal, à procura, presumiu Daniel, de algum artigo sobre a sua rixa com Jason na noite anterior.

— Bom dia — disse Daniel com alguma hesitação. Os seus olhos encontraram-se e transmitiram toda uma conversa sem que tivessem de dizer uma palavra: *Como é que ela está? Ela disse alguma coisa? Ajo como se fosse um dia normal? Finjo que a noite passada nunca aconteceu?*

Daniel pigarreou.

— Trixie... temos de falar.

Trixie não olhou para ele. Desenroscou a tampa do *Tropicana* e começou a despejá-lo num copo.

— Acabou-se o sumo de laranja — disse ela.

O telefone tocou. Laura levantou-se para atender e levou o auscultador para a sala adjacente à cozinha.

Daniel deixou-se cair no lugar deixado vago pela mulher e observou Trixie, na bancada. Ele amava-a e, em troca, ela confiava nele, e a sua recompensa tinha sido vê-lo transformar-se num animal diante dos seus olhos. Na verdade, não era assim tão

diferente do que devia ter sentido durante a violação e isso, só por si, era o suficiente para Daniel se odiar.

Laura voltou e desligou o telefone. Os seus movimentos eram tensos, a expressão parada.

— Quem era? — perguntou Daniel.

Laura abanou a cabeça e tapou a boca com a mão.

— Laura — insistiu ele.

— Jason Underhill suicidou-se ontem à noite — sussurrou ela.

Trixie abanou a embalagem vazia.

— Acabou-se o sumo de laranja — repetiu.

Na casa de banho, Trixie pôs a água quente a correr durante quinze minutos até entrar no duche, deixando o pequeno espaço encher-se de vapor, para não ter de ver o seu reflexo no espelho. A notícia tinha fixado residência em casa deles, e agora, depois disso, ninguém sabia o que fazer. A mãe tinha-se escapulido da cozinha como um fantasma. O pai afundara-se à mesa, com a cabeça entre as mãos e de olhos fechados. Distraído, nem sequer deu por isso quando Trixie saiu da cozinha. Nenhum dos pais estava por perto para a ver desaparecer na casa de banho ou para lhe pedir que deixasse a porta aberta, como tinham feito na semana anterior, para poderem estar de olho nela.

De que serviria?

Já não ia haver julgamento por violação. Não havia necessidade de se certificarem de que não acabava internada num hospital psiquiátrico antes de ser chamada a depor. Podia enlouquecer à vontade. Podia conseguir uma cama numa ala psiquiátrica durante

os próximos trinta anos e passar cada minuto desse tempo a pensar no que fizera.

Havia uma lâmina de barbear *Bic* escondida. Tinha caído para trás do armário do lavatório e Trixie tratara de deixá-la lá, para uma emergência.

Agora, foi à procura dela e pô-la em cima da bancada. Bateu-lhe com força com um frasco de gel de banho em plástico até a armação rosa se partir e deixar sair a lâmina. Passou a ponta do dedo sobre o fio e sentiu a pele levantar-se como uma casca de cebola.

Pensou no que costumava sentir quando Jason a beijava e ela respirava o ar que ele acabara de expirar. Tentou imaginar como era deixar de respirar para sempre. Pensou na cabeça dele a ir para trás quando o pai lhe batera, e nas últimas palavras que ele lhe dissera.

Trixie despiu o pijama e entrou no duche. Agachou-se na banheira e deixou a água jorrar sobre ela. Chorou em grandes soluços molhados e cinzentos que ninguém conseguia ouvir por causa do barulho da canalização, e cortou o braço, não para se matar, pois não merecia uma saída tão fácil, mas apenas para libertar alguma da dor antes que esta explodisse dentro dela. Cortou algumas linhas e um círculo, na dobra do cotovelo: *NÃO*.

O sangue redemoinhou cor-de-rosa entre os seus pés. Ela olhou para a sua tatuagem. A seguir, levantou a lâmina e fez golpes oblíquos sobre as letras, formando uma grelha de cortes, até nem mesmo Trixie se lembrar do que tentara dizer.







O QUINTO NÍVEL:
O PANTANO DO ESTIGE
E OS COLÉRICOS.



O SEXTO NÍVEL:
A CIDADE DE DITE
E OS HERÉTICOS.

O SÉTIMO NÍVEL:
O BOSQUE DOS
SUICIDAS.

EU
CONHEÇO-TE,
NÃO
CONHEÇO?



5

Quando o fantasma de Jason Underhill apareceu nessa noite, Trixie estava à espera dele. Era transparente e tinha a cara branca, com um golpe fundo na parte de trás da cabeça. Ela olhou através dele e fingiu não reparar que ele se tinha materializado do nada.

Ele era a primeira pessoa que Trixie conhecia a ter morrido. Tecnicamente, não era bem assim: a avó tinha morrido no Alasca quando Trixie tinha quatro anos, mas Trixie nunca a vira. Lembrava-se do pai sentado à mesa da cozinha, ainda com o telefone na mão, embora a pessoa do outro lado tivesse desligado, e o silêncio a pousar sobre a casa como um grande corvo preto.

Jason estava sempre a olhar para o chão, como se precisasse de ver as suas pegadas. Trixie tentou não olhar para os hematomas no seu rosto nem para o sangue no colarinho.

— Não tenho medo de ti — disse ela, embora não estivesse a dizer a verdade. — Não me podes fazer nada.

Perguntou-se se os fantasmas teriam os poderes dos super-heróis, se conseguiriam ver através do linho e da flanela as suas pernas a tremer, se conseguiriam engolir as palavras que ela dissesse e cuspir essa mentira como uma bala.

Jason inclinou-se até ficar tão próximo que a sua mão passou através de Trixie, provocando-lhe uma sensação de frio. Ele conseguiu atraí-la para a frente, como se fosse magnético e ela se tivesse dissolvido em mil limalhas. Puxando-a até ficar direita na cama, beijou-a na boca. Sabia a terra negra e a correntes lodosas. «Ainda não está tudo acabado entre nós», disse Jason, e depois desapareceu aos poucos, sendo a pressão sobre os seus lábios a última coisa a evaporar-se.

Depois disso, Trixie ficou deitada na cama, a tremer. Pensou no frio intenso que se instalara sob o seu esterno, como um segundo coração feito de gelo. Pensou no que Jason dissera e perguntou-se porque é que ele tinha tido de morrer antes de sentir o mesmo que ela sempre sentira por ele.

Mike Bartholemew agachou-se em frente das pegadas de botas que levavam ao parapeito da ponte do qual Jason saltara, uma coreografia secreta dos últimos passos do rapaz. Pondo uma régua junto à pegada mais definida, tirou uma fotografia digital. A seguir, agarrou numa lata de *spray* e pulverizou leves camadas de cera vermelha sobre a área. A cera preservava a neve, para que quando ele tirasse a mistura de gesso dentário e água que preparara para fazer um molde, não derretesse nenhum dos pormenores das estrias.

Enquanto esperava que o molde secasse, desceu a margem escorregadia até ao local que estava a ser passado a pente fino pelos investigadores criminais. Na qualidade de inspetor, já tivera dois suicídios naquele mesmo local, um dos poucos em Bethel onde a queda era suficientemente grande para provocar danos graves.

Jason Underhill tinha caído de lado. A cabeça quebrara o gelo e estava parcialmente submersa. A mão encontrava-se coberta de terra e folhas amassadas. A neve ainda estava manchada de rosa com a poça de sangue que se formara debaixo da sua cabeça.

Para todos os efeitos, Jason tinha feito um favor aos contribuintes, poupando-lhes o custo de um julgamento e de uma eventual pena de prisão. Ser julgado por violação enquanto adulto aumentava os riscos e tornava as consequências potencialmente

mais devastadoras. Bartholemew já tinha visto indivíduos suicidarem-se por muito menos.

Ajoelhou-se ao lado de Jerry, um dos investigadores forenses.

— O que tens?

— Maria DeSantos, só que vinte graus mais frio.

Maria DeSantos tinha sido a última suicida naquele local, mas estivera desaparecida durante três semanas no pico do verão até o fedor do corpo em decomposição ter atraído uma pessoa que andava de caiaque no rio.

— Encontraste alguma coisa?

— Uma carteira e um telemóvel. Podia haver mais coisas, mas a neve está muito alta. — Jerry levantou os olhos da colheita de sangue que estava a fazer ao corpo. — Viste o miúdo no jogo de demonstração, ontem à noite, na vila?

— Estava de serviço.

— Ouvi dizer que lhe fizeram uma marcação cerrada... e mesmo assim fez uma jogatana. — Jerry abanou a cabeça. — É uma pena, se queres saber a minha opinião.

— Não quero — disse Bartholemew e levantou-se.

Já tinha estado em casa dos Underhill para lhes dar a notícia da morte do filho. Greta Underhill abrira a porta, olhara para a cara dele e desatara a chorar. O marido aparentara uma calma que era apenas superficial. Agradeceu a Bartholemew por tê-los informado e disse que gostava de ver Jason. A seguir, saiu para a neve sem casaco e descalço.

Tinha sido o próprio chefe de Bartholemew a dar-lhe a notícia sobre Holly. Ele soube que o pior tinha acontecido quando viu o chefe da polícia espcado no seu alpendre, a meio da noite. Lembrava-se de ter exigido que o levassem de carro ao local, onde

ficou junto ao *rail* de proteção que o carro dela transpusera. Também se lembrava de ir identificar o corpo de Holly na morgue do hospital. Bartholemew tinha afastado o lençol para ver as marcas nos braços dela, as mesmas a que fizera vista grossa enquanto pai. Tinha posto a mão sobre o coração de Holly, só para ter a certeza.

Os Underhill queriam ver Jason e tiveram esse privilégio antes do início da autópsia. Nesse sentido, acidentes, suicídios e homicídios eram todos iguais: qualquer morte que ocorresse sem qualquer testemunha era automaticamente entregue ao médico-legista para determinar a sua causa. Tinha mais a ver com a natureza humana do que com procedimentos policiais. A verdade é que todos queremos saber o que correu mal, mesmo quando não há uma resposta para essa pergunta.

Na segunda-feira após o suicídio de Jason Underhill, foram chamados dois psicólogos à escola secundária para ajudar os alunos a fazer o luto. A equipa de hóquei passou a usar uma faixa preta no braço e ganhou três jogos seguidos, jurando alcançar o título estadual em homenagem ao colega de equipa falecido. A secção desportiva do jornal de Portland dedicou uma página inteira aos feitos desportivos de Jason.

Nesse mesmo dia, Laura foi ao supermercado. Deambulou ao acaso pela loja, pegando em coisas como toranjas e sacos de ameixa sem caroço, amêndoa laminada e bolas de mozzarella de búfala. Sabia que tinha uma lista algures na carteira, artigos vulgares como pão, leite e detergente para a louça, mas havia uma parte dela que sentia que as coisas normais já não tinham cabimento e não valia a pena comprá-las. Por fim, deu por si na

secção de congelados, com a porta aberta e o frio a infiltrar-se através das botas. Devia haver uma centena de sabores diferentes de gelado. Como é que podíamos escolher, sabendo que depois tínhamos de ir para casa e viver com a escolha que fizéramos?

Estava a ler os ingredientes de um sorvete de pêssago quando ouviu duas mulheres a falar no corredor ao lado, escondidas pelas arcas frigoríficas.

— Que tragédia — disse uma delas. — Aquele rapaz ia longe.

— Ouvi dizer que Greta Underhill não é capaz de sair da cama — acrescentou a segunda mulher. — O pastor dela disse ao meu que até é possível que ela não consiga ir ao funeral.

Há uma semana, apesar das acusações de violação, Jason continuava a ser um herói para a maior parte da vila. Mas, agora, a morte tinha-lhe granjeado alturas míticas.

Laura fechou os dedos sobre a barra do carrinho das compras. Dobrou a esquina até ficar cara a cara com as mulheres que estavam a falar.

— Sabem quem sou? — As senhoras olharam uma para a outra e abanaram a cabeça. — Sou a mãe da rapariga que Jason Underhill violou.

Ela disse aquilo para criar um efeito de choque. Disse-o na remota esperança de que as senhoras pudessem pedir desculpa. Mas nenhuma delas disse o que quer que fosse.

Laura empurrou o carrinho das compras em direcção a uma caixa vazia. A funcionária tinha uma madeixa de cabelo azul e uma argola no lábio inferior. Laura levou as mãos ao carrinho e tirou uma caixa de facas de plástico — quando é que tinha tirado aquilo da prateleira?

— Sabe? — disse ela à funcionária. — Na verdade, não preciso disto.

— Não há problema. Podemos voltar a pô-las lá.

Seis pacotes de molho holandês em pó, protetor solar e um remédio para eliminar verrugas.

— Na verdade — disse Laura —, também não vou levar estas coisas.

Esvaziou o resto do carrinho: tirinhas de *bacon*, comida para bebé e leite de coco tailandês; um copo de chupar líquidos, elásticos para o cabelo e um quilo de malaguetas verdes; o sorvete de pêssago. Ela olhou para os artigos que estavam na passadeira rolante como se estivesse a vê-los pela primeira vez.

— Não quero nada disto — disse Laura, como se a culpa não fosse exclusivamente sua.

A doutora Anjali Mukherjee passava a maior parte do tempo na morgue, não só porque era a médica-legista do condado, mas também porque, quando se arriscava a ir lá acima, ao hospital propriamente dito, era constantemente confundida com uma estudante de medicina ou, pior, com uma voluntária. Media um metro e meio e tinha as feições delicadas de uma criança, mas Mike Bartholemew já a tinha visto embrenhada sobre uma incisão em forma de Y a determinar a causa de morte da pessoa que estava na sua maca.

— O indivíduo tinha uma taxa de álcool no sangue de zero vírgula doze — disse Anjali, enquanto remexia numa série de radiografias e se dirigia para a caixa de luz na parede.

Por lei, o limite era de 0,10; isso significava que Jason Underhill estava consideravelmente embriagado quando se atirara do parapeito da ponte. *Pelo menos, não ia a conduzir*, pensou Bartholemew. *Pelo menos, só se matou a ele*.

— Ali — disse a médica-legista a apontar para uma radiografia.

— O que vê?

— Um pé?

— É por isso que ganha bem. Venha aqui por um segundo. —

Anjali desocupou a mesa de laboratório e bateu-lhe com a mão. — Suba!

— Eu não quero...

— Suba, Bartholemew.

Contra vontade, subiu para cima da mesa. Olhou para baixo, para o alto da cabeça de Anjali.

— E estou a fazer isto porquê?

— Salte.

Bartholemew deu um saltinho.

— Eu queria dizer para saltar para o chão.

Ele balançou os braços e depois saltou, caindo agachado.

— Bolas, continuo sem conseguir voar.

— Caiu de pés — disse Anjali. — Como a maior parte das pessoas que saltam. Quando vemos suicidas como este, as radiografias mostram fraturas nos tornozelos e compressões verticais na coluna, que não estão presentes nesta vítima.

— Está a dizer-me que ele não caiu?

— Não, ele caiu. Há lesões de contragolpe no cérebro que sugerem aceleração. Quando alguém cai e bate com a parte de trás da cabeça, observam-se lesões na parte frontal do cérebro porque

este continua a cair depois de o crânio parar e embate nele com força.

— Talvez ele tenha saltado e caído de cabeça — sugeriu Bartholemew.

— Curiosamente, também não vi o tipo de fraturas associadas a isso. Mas deixe-me mostrar-lhe o que descobri.

Anjali entregou-lhe duas fotografias, ambas do rosto de Jason Underhill. Eram idênticas, exceto o olho negro e os hematomas ao longo da têmpora e maxilar, na segunda.

— Anda a espancar os cadáveres, Angie?

— Isso só resulta antes da morte — replicou Anjali. — Tirei estas fotografias com uma diferença de dez horas. Quando o trouxeram, não tinha hematomas... a não ser uma hemorragia subtil na área facial que podia ter sido provocada pela queda. Mas ele estava deitado sobre esse lado da cara quando foi encontrado, e a acumulação de sangue pode ter ocultado as contusões. Quando foi trazido para a morgue e colocado de barriga para cima, o sangue redistribuiu-se. — Tirou a radiografia que tinham estado a examinar. — Quando era bolseira em Patologia Forense, tivemos uma desconhecida que chegou sem traumatismos externos aparentes, a não ser uma ligeira hemorragia nos músculos infra-hioideu do pescoço. Quando terminámos a autópsia, havia a marca óbvia de duas mãos na garganta.

— E ele não podia ter batido em algum lado ao cair?

— Já estava à espera que perguntasse isso. Olhe para aqui — disse Anjali, pondo outra radiografia na caixa de luz.

Bartholemew assobiou baixinho.

— Isso é o rosto dele, certo?

— Era.

Ele apontou para uma fissura ao longo da têmpora.

— Isto parece uma fratura.

— Foi onde ele embateu no solo — disse Anjali. — Mas olhe com mais atenção.

Bartholemew semicerrou os olhos. No malar e na maxila, havia linhas de falha mais pequenas e desmaiadas.

— No caso de uma pancada e queda subsequente, as linhas de fratura provocadas pela queda são bloqueadas pelas provocadas pela pancada inicial. Uma lesão craniana causada por uma queda encontra-se normalmente ao nível da aba de um chapéu. No entanto, um forte soco no rosto atinge normalmente um ponto inferior.

A fratura na têmpora de Underhill irradiava em direção à órbita e ao malar, mas parava abruptamente numa daquelas pequenas fissuras.

— O indivíduo também tinha extravasamento de hemácias nos tecidos à volta da maxila e das costelas.

— E isso significa o quê?

— É um hematoma que não chegou a acontecer. Significa que o tecido foi lesado, mas o indivíduo morreu antes que o sangue se decompusesse e ficasse negro e azulado.

— Então, talvez ele tenha estado envolvido numa rixa antes de decidir saltar — disse Bartholemew, com a cabeça a fervilhar de possibilidades.

— Também pode estar interessado nisto. — Anjali entregou-lhe uma lamela com umas partículas minúsculas. — Retirámo-las das pontas dos dedos do indivíduo.

— O que é isto?

— São lascas consistentes com o parapeito da ponte. Também havia fragmentos de madeira na parte de baixo do blusão. — Anjali olhou de relance para Bartholemew. — Eu não creio que este miúdo se tenha suicidado saltando da ponte — disse. — Acho que foi empurrado.

Quando Daniel ouviu soluçar, presumiu imediatamente que era Trixie. Desde que tinham sabido a notícia sobre Jason, ela desfazia-se em lágrimas sem que nada o fizesse prever: à mesa de jantar, enquanto escovava os dentes ou via um anúncio na televisão. Estava tão firmemente entrincheirada nas suas memórias que Daniel não sabia como libertá-la e trazê-la de volta ao mundo real.

Às vezes, ele abraçava-a. Outras vezes, sentava-se apenas ao lado dela. Nunca tentava impedir as suas lágrimas; achava que não tinha esse direito. Só queria que ela soubesse que estava ali, se precisasse dele.

Desta vez, quando o choro começou, Daniel seguiu o som até ao andar de cima. Mas em vez de encontrar Trixie a soluçar, entrou no seu próprio quarto e deu com a mulher sentada no chão, abraçada a um monte de roupa lavada.

— Laura?

Ela virou-se ao ouvir o seu nome, enxugando as faces.

— Desculpa... é errado, eu sei... mas continuo a pensar nele.

Nele. O coração de Daniel sofreu um baque. Quanto tempo levaria até conseguir ouvir uma frase como aquela e não se sentir como se tivesse levado um soco?

— É só porque... — Limpou as lágrimas dos olhos. — É só porque ele também era filho de alguém.

Jason. O alívio imediato que Daniel sentiu ao saber que Laura não estava a chorar por causa do homem sem nome com quem dormira evaporou-se ao perceber que ela estava a chorar por alguém que não merecia esse tipo de piedade.

— Tenho tido tanta sorte, Daniel — disse Laura. — E se Trixie tivesse morrido na semana passada? E se... e se me tivesses dito para sair de casa?

Daniel estendeu o braço para prender o cabelo de Laura atrás da orelha. Talvez fosse preciso estarmos quase a perder algo para nos apercebermos do seu valor. Talvez fosse assim com eles os dois.

— Nunca te teria deixado ir embora.

Laura estremeceu, como se as palavras dele produzissem um choque elétrico no seu corpo.

— Daniel, eu...

— Não precisas de chorar por nossa causa — disse ele, apertando-lhe o ombro — porque vamos todos ficar bem.

Sentiu Laura dizer que sim com a cabeça junto a ele.

— E não tens de chorar por Jason — disse Daniel — porque ele merece estar morto.

Ele ainda não tinha dito aquilo em voz alta, mas era o que pensava desde que Laura recebera aquele telefonema uns dias antes. Era precisamente esse o tipo de mundo que ele desenhava: um mundo em que as ações tinham consequências e em que a vingança e a retaliação eram o pulsar de uma história. Jason magoara Trixie, portanto merecia ser castigado.

Laura recuou e fitou-o de olhos arregalados.

— O que foi? — disse Daniel em tom de desafio. — Estás chocada por eu pensar dessa maneira?

Ela ficou calada por um instante.

— Não — admitiu Laura. — Apenas pelo facto de o teres dito em voz alta.

Assim que Bartholemew introduziu no seu programa informático a fotografia digital das pegadas encontradas na ponte e as comparou com a impressão a tinta da bota de Jason, obteve uma correspondência. Contudo, havia outra pegada com um rasto de sola diferente do de Jason, possivelmente do sapato do suspeito.

Com um suspiro, Bartholemew desligou o ecrã do computador e tirou para fora o saco com as provas recolhidas no local do crime. Procurou o telemóvel que Jerry tinha encontrado próximo da vítima. Um *Motorola*, idêntico ao que Bartholemew usava, pois ali, no Maine, não havia o leque de opções disponível numa grande cidade. Provavelmente, Jason tinha-o comprado na mesma loja que ele. Provavelmente, tinha sido o mesmo vendedor a programá-lo.

Bartholemew começou a premir teclas. Não havia mensagens, nem de texto nem de voz. Mas havia uma gravação.

Premiu a tecla de função *8 e, de repente, o som de uma rixa encheu a sala. Ouviam-se socos, grunhidos e gemidos. Ouviu a voz de Jason, apelos sumidos e outra voz familiar: «Se alguma vez voltares a aproximar-te da minha filha, eu mato-te.»

Bartholemew levantou-se, pegou no casaco e saiu para ir à procura de Daniel Stone.

— O que é que achas que acontece quando morres? — perguntou Zephyr.

Trixie estava deitada de barriga para baixo em cima da cama, a folhear a revista *Allure* e a ver malas e sapatos que nunca teria dinheiro para comprar. De qualquer forma, ela não comprava malas. Não queria ser o tipo de pessoa que não conseguia levar aquilo que precisava no bolso de trás das calças.

— Decompões-te — disse Trixie, e mudou de página para ver o anúncio seguinte.

— Isso é absolutamente nojento — replicou Zephyr. — Pergunto-me quanto tempo levará.

Trixie também já se perguntara o mesmo, mas não ia admitir isso. Todas as noites desde que morrera, Jason visitava o quarto dela na altura mais escura da noite. Às vezes, ficava apenas a olhar até que ela acordasse; outras vezes, conversava com ela. Mas acabava por se ir embora, atravessando-a de repente.

Sabia que ele ainda não tinha sido sepultado e talvez fosse por isso que continuava a visitá-la. Quando o seu corpo começasse a decompor-se dentro do caixão, talvez deixasse de lhe aparecer aos pés da cama.

Desde que Trixie saíra do hospital que era como nos velhos tempos: Zephyr ia lá a casa depois das aulas e contava-lhe tudo o que ela estava a perder: a briga entre duas chefes de claqué que gostavam do mesmo rapaz, o professor substituto de Francês que não sabia dizer uma única palavra nessa língua, a aluna do décimo ano que tinha sido internada com anorexia. Zephyr também era a fonte de informação sobre a forma como a escola estava a digerir a morte de Jason. Os orientadores escolares tinham organizado uma sessão sobre depressão na adolescência; o diretor tinha utilizado o sistema de altifalantes durante os anúncios aos alunos para lhes pedir um momento de silêncio em memória do colega; o cacifo de

Jason transformara-se num altar, decorado com bilhetes, autocolantes e pequenos peluches. Trixie percebeu que era como se Jason tivesse ganhado uma dimensão sobre-humana depois da morte, como se agora ainda fosse ter mais dificuldade em evitá-lo.

Zephyr rolou sobre si.

— Achas que morrer dói?

Não tanto como viver, pensou Trixie.

— Achas que vamos para algum lado... depois? — perguntou Zephyr.

Trixie fechou a revista.

— Não sei.

— Gostava de saber se é como aqui. Se há mortos que são populares e mortos que são uns chatos. Tu percebes.

Aquilo parecia a escola e, na maneira de ver de Trixie, seria mais parecido com o Inferno.

— Suponho que seja diferente consoante as pessoas — disse ela. — Por exemplo, se *tu* morresses, haveria um suprimento infinito de maquilhagem da Sephora. Para o Jason, é um grande ringue de hóquei.

— Mas será que as pessoas se misturam? Será que os jogadores de hóquei se dão com pessoas que só comem chocolate? Ou com as que jogam *Nintendo* vinte e quatro horas por dia?

— Talvez haja bailes ou coisa do género — disse Trixie. — Ou um quadro de anúncios, para sabermos o que os outros estão a planear e podermos alinhar, ou não, conforme nos apetecer.

— Aposto que comer chocolate no Céu não é nada de mais — disse Zephyr. — Se pudermos comê-lo sempre que quisermos, provavelmente não sabe tão bem. — Encolheu os ombros. — Aposto que todos nos observam aqui em baixo, porque sabem que

estamos melhor do que eles e que somos demasiado estúpidos para percebermos isso. — Olhou de lado para Trixie. — Adivinha o que ouvi dizer.

— O quê?

— Que lhe tinham desfeito a cabeça à pancada.

Trixie sentiu o estômago às voltas.

— Isso é apenas um boato.

— Não é nada. A namorada do irmão da Marcia Breen é enfermeira e viu Jason quando o levaram para o hospital. — Rebentou um balão de pastilha elástica. — Se foi para o Céu, espero que tenha uma grande ligadura ou que tenha feito cirurgia plástica ou coisa do género.

— O que te leva a pensar que ele vai para o Céu? — perguntou Trixie.

Zephyr estacou.

— Eu não queria... Eu só... — O seu olhar deslizou em direção a Trixie. — Trix, estás mesmo satisfeita por ele ter morrido?

Trixie olhou para as suas mãos, no colo. Por um momento, pareceu-lhe que pertenciam a outra pessoa — paradas, pálidas, demasiado pesadas para o resto do corpo. Obrigou-se a abrir novamente a revista e fingiu que estava entretida com um anúncio de tampões para não ter de responder a Zephyr. Talvez depois de lerem algum tempo, ambas se esquecessem do que Zephyr perguntara. Talvez, passado esse tempo, Trixie já não tivesse receio da sua resposta.

Segundo Dante, quanto mais nos internamos no Inferno, mais frio fica. Quando Daniel imaginava o Inferno, via a vastidão branca e

deserta do delta de Yukon-Kuskokwim onde crescera. Em pé sobre o rio gelado, era possível avistar fumo a elevar-se no ar, ao longe. Um esquimó iúpique sabia que era água que produzia vapor ao entrar em contacto com o ar frígido, mas uma ilusão de ótica poderia levar-nos a acreditar noutra coisa. Podíamos pensar que estávamos a ver a respiração do diabo.

Quando Daniel desenhou o nono círculo do Inferno, era um mundo de planos e ângulos, uma sincronia de linhas brancas, uma terra feita de gelo. Era um lugar onde quanto mais nos esforçávamos por fugir, mais enterrados ficávamos.

Daniel tinha acabado de dar os toques finais ao rosto do diabo quando ouviu um carro parar no caminho da entrada. Pela janela do escritório, viu o inspetor Bartholemew sair do seu *Taurus*. Daniel já sabia que aquele momento ia chegar. Soubera assim que chegara àquele parque de estacionamento e vira Jason Underhill com Trixie.

Daniel abriu a porta antes de o inspetor bater.

— Bem — disse Bartholemew. — Isto é que é serviço!

Daniel tentou dar a resposta social adequada, mas era como se tivesse acabado de sair novamente da aldeia, bombardeado por sensações que não conhecia: cores, lugares e discursos que nunca vira ou ouvira.

— O que posso fazer por si? — perguntou ele finalmente.

— Queria saber se podemos conversar um minutinho — disse Bartholemew.

Não, pensou Daniel. Mas levou o inspetor para a sala e disse-lhe para se sentar.

— Onde está o resto da família?

— Laura está a dar aulas — disse Daniel. — E Trixie está lá em cima com uma amiga.

— Como é que ela reagiu à notícia da morte de Jason Underhill?

Haveria uma resposta certa para aquela pergunta? Daniel deu por si a ensaiar mentalmente possíveis respostas antes de as equilibrar na língua.

— Ficou muito transtornada. Creio que se sente parcialmente responsável.

— Então, e o senhor? — indagou o inspetor.

Ele pensou na conversa que tinha tido com Laura naquela manhã.

— Eu queria que ele fosse castigado pelo que fez — disse Daniel. — Mas nunca lhe desejei a morte.

O inspetor fitou-o durante um longo minuto.

— Ah, sim?

Ouviu-se um baque surdo por cima deles e Daniel olhou para lá. Trixie e Zephyr encontravam-se lá em cima há cerca de uma hora. Da última vez que Daniel lá tinha ido ver, estavam a ler revistas e a comer bolachas.

— Viu Jason Underhill ontem à noite? — perguntou o inspetor Bartholemew.

— Porquê?

— Estamos a tentar determinar a hora aproximada do suicídio.

O pensamento de Daniel retrocedeu rapidamente. Teria Jason contado alguma coisa à polícia sobre o incidente na floresta? Teria o tipo que passara por eles de carro durante a rixa conseguido vê-lo bem? Haveria outras testemunhas?

— Não, não vi Jason — mentiu Daniel.

— Hum. Podia jurar que o vi na vila.

— Talvez tenha visto. Fui com Trixie ao minimercado para comprar queijo. Íamos fazer piza para o jantar.

— Mais ou menos a que horas?

O inspetor tirou um bloco e um lápis do bolso e isso deixou Daniel momentaneamente sem ação.

— Sete — disse ele. — Talvez sete e meia. — Fomos só à loja e depois voltámos.

— E a sua esposa?

— Laura estava a trabalhar na faculdade e depois veio para casa.

Bartholemew tomou uma nota no bloco.

— Então, nenhum de vocês encontrou Jason?

Daniel abanou a cabeça.

Bartholemew voltou a enfiar o bloco no bolso do peito.

— Bem, então é tudo — disse.

— Lamento não poder ajudá-lo — respondeu Daniel, pondo-se em pé.

O inspetor também se levantou.

— Deve estar aliviado. É óbvio que a sua filha já não vai ter de se sentar no banco das testemunhas.

Daniel não soube o que responder. Lá por o caso de violação não ir para a frente, isso não significava que Trixie pudesse fazer tábua rasa de tudo o que acontecera. Talvez não tivesse de depor, mas também não voltaria a ser a pessoa que era.

Bartholemew dirigiu-se para a porta.

— Esta sexta à noite, a vila estava uma loucura, com o Festival de Inverno e tudo isso — disse ele. — Conseguiu o que queria?

Daniel ficou petrificado.

— Desculpe?

— O queijo. Para a piza.

— Ficou uma maravilha — disse Daniel, forçando um sorriso.

Quando Zephyr se foi embora, um pouco mais tarde, Trixie ofereceu-se para a acompanhar à porta. Ficou a tiritar, no caminho de entrada, pois nem se dera ao trabalho de vestir um casaco. O som dos saltos de Zephyr foi-se tornando cada vez menos audível até Trixie já não a conseguir ver. Preparava-se para voltar para dentro quando uma voz falou por trás dela:

— É bom ter alguém que vela por nós, não é?

Trixie virou-se e deu com o inspetor Bartholemew no jardim da entrada. Parecia estar cheio de frio, como se já estivesse ali à espera há algum tempo.

— Assustou-me — disse ela.

O inspetor fez sinal com a cabeça em direção ao fundo do quartoirão.

— Vejo que voltaram a falar uma com a outra.

— Sim, ainda bem. — Ela pôs os braços à volta do corpo. — Veio... hum... falar com o meu pai?

— Já falei. Tinha esperança de falar contigo.

Trixie olhou de relance para a janela iluminada lá em cima, onde sabia que o pai ainda estava a trabalhar. Quem lhe dera que ele estivesse ali com ela, naquele momento. Ele saberia o que dizer. E o que não dizer.

Mas quando um polícia queria falar connosco, tínhamos de falar com ele, não é verdade? Se dissesse que não, ele saberia imediatamente que havia alguma coisa de errado.

— Está bem — disse Trixie —, mas podemos ir lá para dentro, certo?

Era estranho levar o inspetor até ao vestíbulo. Tinha a sensação de que ele estava a fazer-lhe buracos nas costas da camisa com o

olhar, como se soubesse alguma coisa sobre Trixie que ainda nem ela própria sabia.

— Como te sentes? — perguntou o inspetor Bartholemew.

Instintivamente, Trixie puxou as mangas mais para baixo, escondendo os cortes recentes que fizera no duche.

— Estou bem.

O inspetor Bartholemew sentou-se num banco de teca.

— Sobre o que aconteceu ao Jason... não te culpes por isso.

As lágrimas subiram-lhe à garganta, escuras e amargas.

— Sabes, fazes-me lembrar um pouco a minha filha — disse o inspetor. Sorriu para Trixie e depois abanou a cabeça. — Estar aqui... também não seria fácil para ela.

Trixie baixou a cabeça.

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro.

Imaginou o fantasma de Jason: azulado pela lua, ensanguentado e distante.

— Foi doloroso? A forma como ele morreu...

— Não. Foi rápido.

Ele estava a mentir, Trixie sabia disso. Nunca pensara que um polícia pudesse mentir. Ele não disse mais nada durante tanto tempo que Trixie acabou por olhar para ele, e foi aí que percebeu que ele estava precisamente à espera de que o fizesse.

— Há alguma coisa que me queiras contar, Trixie? Sobre sexta-feira à noite?

Uma vez, Trixie estava no carro quando o pai atropelou um esquilo. Apareceu de repente e, no instante anterior ao impacto, Trixie tinha visto o animal a olhar para eles com a perceção de que não tinha escapatória.

— O que tem sexta-feira à noite?

— Aconteceu alguma coisa entre o teu pai e Jason, não foi?

— Não.

O inspetor suspirou.

— Trixie, nós já sabemos da briga.

O pai tinha-lhe contado? Trixie olhou para o teto, desejando ser o Super-Homem e ter visão de raios X ou conseguir comunicar telepaticamente, como o Professor Xavier, do *X-Men*. Queria saber o que o pai dissera; queria saber o que devia dizer.

— Foi Jason quem começou — explicou e, depois de começar, as palavras saíram-lhe em catadupa. — Ele agarrou-me. O meu pai puxou-o e eles lutaram um com o outro.

— O que aconteceu depois disso?

— O Jason fugiu... e nós viemos para casa. — Hesitou. — Fomos nós as últimas pessoas a vê-lo... *vivo*?

— É isso que estou a tentar descobrir.

Era possível que fosse por isso que Jason estava sempre a ir ter com ela, agora. Porque se Trixie ainda conseguisse vê-lo, então talvez ele não tivesse morrido. Olhou para Bartholemew.

— O meu pai estava apenas a proteger-me. Sabe disso, não sabe?

— Sim — disse o inspetor. — Sim, sei.

Trixie esperou que ele dissesse mais alguma coisa, mas Bartholemew parecia estar noutro lugar, a olhar para a tijoleira do chão da entrada.

— Já... acabámos?

O inspetor Bartholemew acenou afirmativamente.

— Sim, obrigado, Trixie. Eu saio, não precisas de me acompanhar.

Trixie não sabia o que mais havia de dizer, por isso abriu a porta que dava para o resto da casa e fechou-a atrás de si, deixando o inspetor sozinho na entrada. Ia a meio da escada quando Bartholemew pegou na bota do pai, pressionou a sola numa almofada de tinta que tirou do bolso e depois fez o mesmo numa folha de papel branco.

A médica-legista telefonou enquanto Bartholemew estava à espera do seu pedido na janela de *drive-through* de um Burger King.

— Feliz Natal — disse Anjali quando ele atendeu o telemóvel.

— Está uma semana adiantada — disse Bartholemew.

A empregada que estava na janela piscou-lhe o olho.

— Ketchupmostardasaloupimenta?

— Não, obrigado.

— Ainda nem sequer lhe disse o que tenho.

— Espero que seja um elo probatório incontestável.

Na janela do *drive-through*, a empregada ajustou o chapéu de papel.

— São cinco dólares e trinta e três.

— Onde está? — perguntou Anjali.

Bartholemew abriu a carteira e tirou uma nota de vinte.

— A entupir as artérias.

— Começámos a limpar o corpo — explicou a médica-legista. — A terra na mão da vítima? Acontece que não é terra. É sangue.

— Então, ele arranhou a mão a tentar segurar-se?

A rapariga inclinou-se e tirou-lhe a nota dos dedos.

— Eu consigo determinar o grupo sanguíneo no laboratório a partir de uma mancha de sangue seco, e este era O positivo. Jason

era B positivo. — Ela deixou-o processar a informação. — Era sangue, Mike, mas não de Jason Underhill.

O pensamento de Bartholemew disparou: se tinham o sangue do assassino, podiam ligar um suspeito ao crime. Seria bastante fácil obter uma amostra de ADN de Daniel Stone quando ele menos o esperasse — saliva retirada de um envelope que ele tivesse fechado ou do rebordo de uma lata de refrigerante atirada para o lixo.

O rasto da bota de Stone não tinha apresentado correspondência, mas Bartholemew não considerava que isso constituísse impedimento a efetuar uma detenção. Havia centenas de pessoas na vila, na sexta-feira à noite; a questão não era quem tinha atravessado a ponte, mas sim quem *não* o tinha feito. Por outro lado, uma prova com base no sangue podia ser incriminatória. Bartholemew imaginou Daniel Stone na ponte gelada a ir atrás de Jason Underhill. Imaginou Jason a tentar mantê-lo à distância. Pensou na conversa que tivera com Daniel e no penso que lhe cobria os nós dos dedos da mão direita.

— Vou a caminho — disse Bartholemew a Anjali.

— Eh! — disse a empregada do Burger King. — Então e a comida?

— Não tenho fome — disse ele, saindo da fila de recolha.

— Não quer o troco? — gritou a rapariga.

Mike não respondeu.

— Papá — perguntou Trixie, quando estava com os braços mergulhados no lava-louça a lavar os pratos —, como é que eras em miúdo?

O pai não levantou os olhos da mesa de cozinha que estava a limpar com uma esponja.

— Muito diferente de ti — disse ele. — Graças a Deus.

Trixie sabia que o pai não gostava de falar do tempo que passara no Alasca, mas ela começava a pensar que precisava de saber mais sobre isso. Sempre tivera a sensação de que o pai era o suburbano típico: o tipo de homem que cortava a relva todos os sábados e lia a secção de desporto antes das outras, o tipo de pai que era suficientemente afável para prender uma borboleta monarca entre as mãos em concha para que Trixie pudesse contar as manchas pretas que ela tinha nas asas. Mas esse homem pacífico nunca teria sido capaz de esmurrar Jason repetidamente, com ele a sangrar e a suplicar-lhe que parasse. Esse homem nunca teria ficado tão tomado pela fúria a ponto de esta lhe distorcer as feições e transformá-lo num desconhecido.

Trixie decidiu que a resposta devia estar na parte da vida de que o pai nunca queria falar. Talvez Daniel Stone tivesse sido uma pessoa completamente diferente, pessoa essa que desaparecera com a chegada de Trixie. Ela perguntou-se se isso aconteceria com todos os pais, se antes de terem filhos todos eles teriam sido outras pessoas.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ela. — Porque é que sou assim tão diferente de ti?

— Era um elogio. Eu era um terror quando tinha a tua idade.

— Como? — perguntou Trixie.

Ela viu-o a medir as palavras, à procura de um exemplo que estivesse disposto a partilhar em voz alta.

— Bem, para começar, estava sempre a fugir.

Trixie tinha fugido uma vez, quando era pequena. Dera duas voltas ao quarteirão e, por fim, sentara-se na sombra fresca de uma sebe no seu próprio quintal. O pai encontrou-a lá em menos de uma hora. Ela estava à espera de que ele se zangasse, mas, em vez disso, rastejara sob os arbustos e sentara-se ao seu lado. Colheu uma dúzia de bagas vermelhas que lhe estava sempre a dizer para não comer e esmagou-as na palma da mão. A seguir, tinha-lhe pintado uma rosa na bochecha e deixara-a desenhar riscas na dele. Tinha lá ficado com ela até o sol começar a descer no horizonte e depois dissera-lhe que, se ainda fizesse tenção de fugir, talvez fosse melhor ir andando, embora ambos soubessem que, por essa altura, Trixie já não ia a lado nenhum.

— Quando eu tinha doze anos — disse o pai —, roubei um barco e decidi ir a Quinhagak. Não há nenhuma estrada que leve à tundra. Chega-se e parte-se de avião ou barco. Estávamos em outubro, fazia muito frio e era o fim da época de pesca. O motor do barco deixou de funcionar e eu fiquei à deriva no mar de Bering. Não tinha comida, apenas alguns fósforos e um bocadinho de gasolina, quando de repente vi terra. Era a ilha Nunivak e, se não chegasse lá, a próxima paragem era na Rússia.

Trixie ergueu uma sobrancelha.

— Estás a inventar isso tudo.

— Juro por Deus. Remei como um louco. E precisamente quando percebi que tinha hipótese de chegar a terra, vi os recifes. Se chegasse à ilha, o barco ia ficar feito em bocados. Prendi o depósito de combustível ao meu corpo com fita adesiva, para poder flutuar quando o barco afundasse.

Isto parecia uma história extravagante de sobrevivência, daquelas que o pai escrevia para uma das personagens dos seus

livros de banda desenhada... Ela tinha lido dezenas delas. Durante todo este tempo, presumira que eram produto da imaginação do pai. No fim de contas, aquelas audaciosas façanhas não se coadunavam com o pai com quem crescera. Mas e se *e/le* fosse o super-herói? E se o mundo que o pai criava diariamente, cheio de feitos incríveis, atos temerários e árdua sobrevivência, não fosse algo com que ele sonhara, mas sim algo que ele realmente vivera?

Tentou imaginar o pai a andar para cima e para baixo no mar mais agitado e frio do mundo, a lutar por chegar a terra. Tentou imaginar esse rapaz e depois imaginou-o adulto, há umas noites, a agredir Jason a soco.

— O que aconteceu? — perguntou Trixie.

— Um tipo do Departamento de Caça e Pesca que estava a fazer uma última ronda avistou a fogueira que fiz depois de ter ido dar à ilha e salvou-me — disse o pai. — Depois disso, fugi uma ou duas vezes por ano, mas nunca consegui chegar muito longe. É como um buraco negro: as pessoas que vão para o Alasca desaparecem da face da Terra.

— Porque é que querias tanto sair de lá?

O pai foi até ao lava-louça e espremeu a esponja.

— Não havia lá nada para mim.

— Então, na verdade não estavas a fugir de lá — disse Trixie. — Estavas a correr noutra direção.

Mas o pai já não a ouvia. Ele estendeu a mão para fechar a torneira do lava-louça, agarrou-a pelos cotovelos e virou-lhe a face interior dos braços para a luz.

Ela esquecera-se dos pensos, que tinham saltado com a água e o detergente. Esquecera-se de não arregaçar as mangas. Além do golpe que tinha no pulso e que estava agora a cicatrizar, o pai podia

ver os novos cortes que fizera no duche, aqueles que lhe subiam pelo braço como uma escada.

— Querida — sussurrou o pai. — O que é que fizeste?

Trixie ficou com as faces a arder. A única pessoa que sabia que ela se cortava era Janice, que prestava apoio a vítimas de violação e que o pai expulsara daquela casa há uma semana. Trixie tinha ficado grata por esse pequeno favor cósmico: com Janice fora de cena, o seu segredo podia continuar a sê-lo.

— Não é o que pensas. Eu não tentei matar-me outra vez. É só... É só... — Pregou os olhos no chão. — É esta a *minha* maneira de fugir.

Quando finalmente arranjou coragem para olhar novamente para cima, a expressão do pai quase lhe partiu o coração. O monstro que ela tinha visto no parque de estacionamento na outra noite desaparecera, substituído pelo pai em quem confiara durante toda a sua vida. Envergonhada, tentou soltar-se, mas ele não a largou. Esperou até ela se cansar de se debater, como costumava fazer quando ela era pequena. A seguir, abraçou-a com tanta força que Trixie mal conseguia respirar. Foi quanto bastou para começar a chorar como fizera naquela manhã, no duche, ao saber do que tinha acontecido a Jason.

— Desculpa — soluçou Trixie junto à camisa do pai. — Desculpa.

Ficaram assim na cozinha durante o que lhes pareceu horas, com bolhinhas de detergente a flutuar à sua volta e pratos brancos como ossos a secar no escorredor metálico. Trixie supunha que era possível que toda a gente tivesse duas caras: só que algumas pessoas conseguiam escondê-lo melhor do que outras.

Trixie imaginou o pai a saltar para uma água tão fria que nem conseguia respirar. Imaginou-o a ver o barco a partir-se aos bocados à sua volta. Apostava que se lhe tivessem perguntado — mesmo quando estava sentado na tal ilha, completamente encharcado e a morrer de frio — diria que teria feito tudo outra vez.

Talvez ela fosse mais parecida com o pai do que pensava.

A receita secreta de Empada de Tristeza tinha sido passada da bisavó de Laura para a avó e depois para a mãe e, embora ela não se lembrasse de lhe terem transmitido essa informação, quando tinha onze anos já sabia os ingredientes de cor, os cuidados a ter para a massa não queimar e para as cenouras não se desfazerem no caldo, e exatamente quantas dentadas seriam precisas para o peso que o comensal sentia no seu coração desaparecesse. Laura sabia que os ingredientes em si não tinham nada de extraordinário: um frango, quatro batatas, alho francês, mais branco do que verde, cebolinhas e natas batidas, folhas de louro e manjerição. O que fazia da Empada de Tristeza uma força a ter em consideração era a forma como se podia encontrar o improvável em qualquer garfada: uma explosão de canela misturada com vulgar pimenta, casca de limão e vinagre a dar um toque especial à massa, já para não falar do ritual de preparação, que exigia que o cozinheiro fosse de costas até ao armário para tirar os ingredientes, cortasse a manteiga só com a mão esquerda e, é claro, temperasse a mistura com uma lágrima sua.

Normalmente, era Daniel quem cozinhava, mas, quando eram necessárias medidas desesperadas, Laura punha um avental e tirava para fora a forma de grés da bisavó, aquela que vinha com

uma cor diferente de cada vez que saía do forno. Ela tinha feito Empada de Tristeza para o jantar na noite em que Daniel soubera da morte da mãe — um funeral a que não assistiria e uma mulher por quem nunca chorara, tanto quanto Laura sabia. Fez Empada de Tristeza na tarde em que o periquito de Trixie bateu num espelho da casa de banho e se afogou na sanita. E fê-la na manhã a seguir à primeira vez em que dormira com Seth.

Hoje, quando fora ao minimercado para comprar os ingredientes, dera por si especada no meio de um dos corredores, sem se lembrar de nada. A receita, que sempre lhe tinha sido tão familiar quanto o próprio nome, varrera-se-lhe da memória. Não sabia dizer se das especiarias constava cardamomo ou coentros. Esqueceu-se completamente de comprar ovos.

E as coisas não ficaram mais fáceis quando Laura chegou a casa. Tirou uma panela do armário e ficou a pensar no que diabo teria de pôr lá dentro. Frustrada, obrigou-se a sentar-se à mesa da cozinha e escrever aquilo que recordava da receita, ciente de que havia enormes lacunas e ingredientes em falta. A mãe, que morrera quando Laura tinha vinte e dois anos, tinha-lhe dito que escrever a receita era uma boa forma de lha roubarem; Laura odiava pensar que aquela magia ia acabar por causa da sua falta de cuidado.

Foi enquanto estava a olhar para os espaços em branco na página que Trixie desceu do quarto.

— O que estás a fazer? — perguntou ela, inspecionando a miscelânea de ingredientes que estava em cima da bancada.

— Empada de Tristeza — respondeu a mãe.

Trixie franziu o sobrolho.

— Falta-te o vinagre. E as cenouras. E metade das especiarias.

— Recuou até à despensa e começou a tirar frascos. — Já para não

falar do *frango*.

O frango. Como é que ela se esquecera *disso*?

Trixie tirou uma tigela e começou a medir a farinha e o fermento para a massa.

— Não tens Alzheimer, pois não?

Laura não se lembrava de alguma vez ter ensinado a filha a fazer Empada de Tristeza e, no entanto, ali estava Trixie a passar o batedor de ovos para a mão esquerda e a fechar os olhos enquanto deitava o leite. Laura levantou-se da mesa da cozinha e começou a descascar as cebolas que comprara, mas quando ia a meio já não sabia porque é que estava a fazer aquilo.

Estava demasiado ocupada a recordar a expressão do rosto de Daniel quando terminara a sua primeira fatia, depois de ter sabido da morte da mãe. A forma como as rugas verticais entre os olhos tinham desaparecido e como as suas mãos haviam parado de tremer. Estava a pensar quantas doses seriam precisas para a sua família voltar mais ou menos ao normal. Estava a perguntar-se como é que a mãe nunca tinha achado suficientemente importante dizer-lhe que saltar uma etapa podia ter graves consequências, não só para a pessoa que estava a comer, mas também para o cozinheiro.

O telefone tocou quando tinham acabado de pôr a tampa de massa na empada e de pintar as suas iniciais com baunilha.

— É a Zeph — disse Trixie a Laura. — Podes desligar quando eu atender lá em cima?

Entregou o telefone à mãe e, passados instantes, Laura ouviu-a numa extensão. Por mais tentada que se sentisse a ouvir a conversa, desligou. Quando se virou, viu a empada pronta e à espera de ir ao forno.

Era como se a tivessem largado lá do alto em cima da bancada.

— Bem — disse ela em voz alta, encolhendo os ombros. Pegou nela para a enfiar no forno.

Uma hora depois, quando a empada estava a arrefecer, Laura andava de volta dela. Tinha-a feito para o jantar, mas deu por si à procura de um garfo. A migalha apenas para provar transformou-se num bocadinho; e o que começou por ser um bocadinho transformou-se numa garfada cheia. Encheu as bochechas e queimou a língua. Comeu até não haver migalhas na forma, até todas as cenouras, alhos e feijão-manteiga terem desaparecido. E continuava com fome.

Até àquele momento, tinha-se esquecido dessa particularidade da Empada de Tristeza: por mais que se comesse, nunca se ficava cheio.

Quando Venice Prudhomme viu Bartholemew entrar no seu laboratório, disse-lhe que não ainda antes de ele lhe ter feito a pergunta. O que quer que ele quisesse, não podia fazê-lo. Tinha apressado a análise à droga de violação e isso já fora suficientemente difícil, mas o laboratório estava em transição, a passar de um sistema de ADN de oito *loci* para um de dezasseis, e o volume de trabalho atrasado já habitual tinha assumido proporções gigantescas.

Pelo menos, ouve-me, dissera ele, e começara a implorar.

Venice tinha ouvido, de braços cruzados. *Pensava que isto era um caso de violação.*

E era. Até o violador ter morrido e a tese de suicídio não se ter comprovado.

O que te leva a pensar que tens o criminoso certo?

É o pai da vítima de violação, dissera Bartholemew. *Se a tua filha fosse violada, o que ias querer fazer com o autor do crime?*

No final, Venice continuou a dizer que não. Ia precisar de bastante tempo para fazer um teste de ADN completo, mesmo que o pusesse à frente dos outros. Mas o desespero dele deve tê-la impressionado, porque lhe disse que, pelo menos, podia dar-lhe um avanço. Ela tinha feito parte a equipa de validação do sistema de dezasseis *loci* e ainda tinha alguns restos do seu *kit*. O processo de extração de ADN era o mesmo; podia usar aquela amostra para correr os outros *loci* assim que fosse possível.

Bartholemew adormeceu à espera de que ela completasse o teste. Às quatro da manhã, Venice ajoelhou-se ao lado dele e abanou-o para o acordar.

— Queres a boa notícia ou a má?

Ele suspirou.

— A boa.

— Já tenho os teus resultados.

Isso era uma *excelente* notícia. A médica-legista já tinha dito a Bartholemew que a terra e o sedimento do rio na mão da vítima podiam ter contaminado o sangue a ponto de impossibilitar o teste de ADN.

— Qual é a má?

— Tens o suspeito errado.

Mike olhou-a fixamente.

— Como é que sabes? Eu ainda nem sequer te dei uma amostra de controlo de Daniel Stone.

— Talvez a miúda que foi violada tivesse ainda mais vontade de se vingar do que o pai. — Venice pôs-lhe os resultados à frente. —

Fiz um teste de amelogenina, que é um teste que fazemos ao ADN nuclear para determinar o sexo. E sabes que mais? — Venice olhou para ele. — O tipo que lá deixou aquela gota de sangue é uma *rapariga!*

Foi Zephyr quem deu os pormenores a Trixie. O serviço religioso era às duas horas, na Igreja Metodista de Bethel, seguindo-se o funeral no Cemitério de Westwind. Ela disse que a escola ia fechar mais cedo, por haver tanta gente que queria estar presente. Tinham pedido aos seis elementos mais novos da equipa de hóquei para carregar o caixão. Em memória de Jason, três raparigas finalistas tinham pintado o cabelo de preto.

O plano de Trixie era simples: ia dormir durante o funeral de Jason, nem que tivesse de engolir um frasco inteiro de *NyQuil* para o fazer. Correu os estores do quarto, criando uma noite artificial, e enfiou-se debaixo das mantas, mas passado um instante já estava a atirá-las para trás.

Não estás a pensar que te vou deixar safar, pois não?

Ela sabia que ele estava ali ainda antes de abrir os olhos. Jason estava encostado à cómoda, com um cotovelo já a entrar na madeira. Os seus olhos tinham desaparecido quase por completo; Trixie só conseguia ver os buracos, profundos como o céu.

— Vai a vila em peso — murmurou Trixie. — Não vais dar pela minha falta.

Jason sentou-se em cima das mantas. *Então e tu, Trix? Vais dar pela minha falta quando eu não estiver aqui?*

Virou-se de lado, desejando que ele se fosse embora. Mas, em vez disso, sentiu-o enroscar-se por trás dela e sentiu as suas

palavras sobre o ouvido, como geada. *Se não fores*, sussurrou ele, *como é que irás saber que me fui mesmo embora?*

Ela sentiu-o desaparecer pouco depois disso, levando consigo todo o ar do quarto. Por fim, arquejante, Trixie saiu da cama e abriu as três janelas do quarto. Estavam seis graus lá fora e o vento agitava as cortinas. Ela ficou à frente de uma das janelas e viu pessoas de fato escuro e vestido preto a sair das suas casas e a entrarem em carros que passavam pela sua casa, como que atraídos por um íman.

Trixie despiu-se e ficou a tiritar no quarto de vestir. Qual era a roupa certa para levar ao funeral do único rapaz que alguma vez amara? Serapilheira e cinzas, uma coroa de espinhos, tristeza? Do que ela precisava era de um manto de invisibilidade, como o que o pai às vezes desenhava para os heróis dos seus livros de banda desenhada, algo simples que impedisse as pessoas de lhe apontarem o dedo e de murmurarem que aquilo era tudo culpa dela.

O único vestido de cor escura que Trixie possuía era de manga curta, por isso escolheu umas calças pretas e conjugou-as com um casaco de malha azul-marinho. De qualquer forma, ia ter de usar botas, por causa da neve, e ficavam mal com uma saia. Não sabia se conseguia fazer aquilo — estar junto à sepultura de Jason enquanto o nome dela passava de um lado para o outro como uma caixa de chocolates — mas sabia que, se ficasse no quarto durante o funeral, como planeara, tudo voltaria para a assombrar.

Olhou novamente à volta do quarto, procurando em cima da cómoda, debaixo da cama e nas gavetas da secretária algo que lhe faltava, mas acabou por ter de sair sem a sua coragem, caso contrário arriscava-se a chegar atrasada.

Durante os seus ensaios de rebeldia, Trixie tinha aprendido quais as tábuas do soalho que gritavam como traidoras e quais as que guardavam um segredo. A mais problemática ficava mesmo em frente da porta do escritório do pai; às vezes perguntava-se se teria sido ele que mandara o empreiteiro fazer isso de propósito, a pensar no futuro. Para passar por ele sem fazer barulho, Trixie tinha de ir rente à parede interior da casa, depois deslizar na diagonal e esperar não bater no corrimão. A partir daí, bastava evitar o terceiro e sétimo degraus, e podia sair de casa. Podia apanhar o autocarro que parava a três quarteirões de sua casa, ir nele até ao centro da vila e depois a pé até à igreja.

A porta do escritório do pai estava fechada. Trixie respirou fundo, rastejou, deslizou e saltitou silenciosamente escada abaixo. O chão da entrada parecia uma cena de esquartejamento: uma confusão de botas espalhadas, blusões abandonados e luvas largadas. Trixie tirou o que precisava do monte, enrolou um cachecol à volta da metade inferior do rosto e abriu a porta com cautela.

O pai estava sentado na carrinha, com o motor a trabalhar, como se estivesse à espera dela. Mal a viu sair de casa, desceu o vidro da janela.

— Entra.

Trixie aproximou-se da carrinha e espreitou lá para dentro.

— Onde vais?

O pai esticou-se e abriu-lhe a porta.

— Ao mesmo lugar que tu.

Quando o pai se virou no lugar para fazer marcha-atrás no caminho da entrada, Trixie viu a camisa de colarinho e a gravata que ele usava debaixo do blusão de inverno.

Seguiram em silêncio durante dois quarteirões. Depois, ela perguntou, finalmente:

— Como é possível que queiras ir?

— Não quero.

Trixie viu a neve a rodopiar para longe dos pneus e a pousar em segurança na linha divisória da estrada. Os pontos entre o tracejado pintado diziam em código Morse o resto da frase que o pai não terminara: *Mas tu queres.*

Laura estava sentada no centro estudantil, desejando ter pelo menos um oitavo da esperteza das senhoras que davam conselhos no «Correio da Annie». Pareciam saber todas as respostas, sem terem sequer passado pela experiência.

A seguir à morte de Jason, tinha ficado viciada naquela coluna, ansiando tanto por ela como pelo café matinal. *A minha nora vestia o 36 quando casou, e agora veste o XXL. Ela é uma pessoa maravilhosa, mas a sua saúde preocupa-me. Já lhe ofereci livros e vídeos com programas de treino, mas nada disso ajudou. O que posso fazer?*

— *Magricela de Savannah*

O meu filho de 14 anos começou a substituir os seus boxers por tangas de seda que encontrou num catálogo. Será alguma moda que ainda não chegou à minha cidade natal, ou devo preocupar-me com a hipótese de travestismo?

— *Nervosa do Nevada*

A minha tia-avó confidenciou-me um segredo no leito de morte: a minha mãe nasceu em resultado de uma relação extraconjugal. Digo à minha mãe que sei a verdade?

— *Confusa da Califórnia*

A obsessão de Laura derivava em parte do facto de ela não ser a única que tinha perguntas. Algumas das cartas eram fúteis, outras cortavam-lhe o coração. Todas elas deixavam entrever uma verdade universal: nos cruzamentos da vida, metade de nós está destinada a virar na direção errada.

Abriu o jornal na página certa, passando pela tira de banda desenhada e pelas palavras-cruzadas até encontrar a coluna de conselhos, e quase entornou a chávena de café. *Tive um caso. Acabou, e lamento que tenha acontecido. Quero contar ao meu marido para poder começar de novo. Será que devo?*

— *Arrependida de Rochester*

Laura até se esqueceu de respirar.

Nunca é demais dizer isto, assim começava a resposta das colunistas. *Aquilo que as pessoas desconhecem não pode magoá-las. Já fez um grande mal ao seu marido. Acha mesmo que é justo fazê-lo sofrer para poder limpar a sua consciência? Seja adulta, escreviam. As ações têm consequências.*

O seu coração batia com tanta força que ela levantou os olhos, certa de que toda a gente na sala estava a olhar para ela.

Tivera o cuidado de não fazer a si mesma a pergunta que se impunha: se Trixie não tivesse sido violada e se Daniel não tivesse ligado para o seu gabinete na noite em que ela estava a terminar o caso com Seth, teria chegado a confessá-lo? Ou tê-lo-ia guardado para si, como uma pedra na alma, um cancro que lhe nublava a memória?

Aquilo que as pessoas desconhecem não pode magoá-las.

O problema de dizer a verdade era que pensávamos que estávamos a fazer tábuas rasas, a começar de novo, mas nunca

funcionava dessa forma. Não era possível apagar o que se tinha feito. Como Laura sabia agora, a mancha continuaria lá sempre que ele olhasse para ela e antes que se lembrasse de esconder a desilusão no seu olhar.

Laura pensou no que não tinha contado a Daniel, nas coisas que ele não lhe contara. As melhores decisões num casamento não eram baseadas na sinceridade, mas no número de vítimas que a verdade podia causar comparado com o número poupado pela ignorância.

Com muito cuidado, dobrou o jornal e rasgou-o devagarinho ao longo do vinco. Fê-lo até ter recortado a coluna de conselhos. A seguir, dobrou o artigo e enfiou-o debaixo da alça do sutiã. A tinta esborratou os dedos de Laura, como acontecia às vezes quando lia o jornal. Imaginou uma tatuagem capaz de atravessar carne, osso e sangue e chegar ao coração, como um aviso, uma lembrança para não cometer o mesmo erro.

— Estás pronta? — perguntou Daniel.

Trixie estava sentada na carrinha há cinco minutos, a ver os habitantes da vila a congregarem-se na minúscula igreja metodista. O diretor da escola já tinha entrado, assim como o presidente da câmara e os membros do conselho municipal. Duas estações de televisão locais estavam a transmitir a partir dos degraus da igreja, com pivôs que Daniel reconheceu do noticiário da noite.

— Sim — disse Trixie, mas não esboçou qualquer movimento para sair da carrinha.

Daniel tirou as chaves da ignição e saiu da carrinha. Deu a volta até à porta do passageiro e abriu-a, desapertando o cinto de

segurança de Trixie, como costumava fazer quando ela era bebé. Segurou-lhe a mão quando ela saiu, sob o choque do frio.

Deram três passos.

— Papá — disse ela, parando. — E se eu não conseguir fazer isto?

A sua hesitação fê-lo querer levá-la de volta para a carrinha e escondê-la de forma tão segura que nunca mais ninguém a magoasse. Mas isso não era possível, tal como aprendera da forma mais penosa.

Ele pôs-lhe um braço à volta da cintura.

— Nesse caso, faço-o eu por ti — disse, e fê-la subir os degraus da igreja, passando pelos grandes olhos chocados das câmaras de televisão e pela pista de obstáculos dos sussurros sibilantes, até chegar ao lugar onde precisava de estar.

Por um único momento, a atenção de todos quantos estavam na igreja deixou de se centrar no rapaz que estava no caixão coberto de lírios e passou para a rapariga que vinha a entrar pelas portas duplas. Lá fora, deixado sozinho, Mike Bartholemew saiu de trás do tronco grosso de um carvalho e agachou-se ao lado do rasto de pegadas que Daniel e Trixie Stone tinham deixado na neve. Colocou uma régua ao lado da pegada mais nítida do rasto mais pequeno e tirou uma câmara do bolso para uns quantos instantâneos. A seguir, pulverizou a pegada com cera e deixou a película vermelha secar sobre a neve antes de espalhar o gesso dentário para fazer um molde.

Quando as pessoas regressaram aos carros para o cortejo fúnebre até ao cemitério para a cerimónia de enterro, Bartholemew

estava a voltar para o departamento da polícia, esperando comparar a bota de Trixie Stone com a pegada misteriosa deixada na neve sobre a ponte, no local onde Jason Underhill morrera.

— Abençoados os que choram — disse o pastor —, pois serão consolados.

Trixie encostou-se mais à parede do fundo da igreja. A partir dali, estava completamente bloqueada pelas pessoas que tinham ido assistir ao serviço fúnebre de Jason. Não tinha de olhar para o caixão reluzente. Não tinha de ver a senhora Underhill, amparada pelo marido.

— Amigos, estamos aqui reunidos para nos consolarmos e apoiarmos uns aos outros neste momento de luto... mas, acima de tudo, estamos aqui para recordar e celebrar a vida mortal de Jason Adam Underhill e o seu futuro abençoado ao lado de Nosso Senhor Jesus Cristo.

As palavras do pastor foram pontuadas pelo tossicar de homens que tinham prometido não chorar e pelos soluços inquietos de mulheres que tinham sido suficientemente inteligentes para não fazer uma promessa que não podiam cumprir.

— Jason era um desses meninos de ouro que parecia ter uma estrelinha a acompanhá-lo. Hoje, recordamo-lo pela forma como nos fazia rir com uma piada e com a dedicação que punha em tudo o que fazia. Recordarmo-lo como filho e neto carinhoso, primo querido e amigo dedicado. Recordamo-lo como atleta dotado e estudante diligente. Mas, acima de tudo, recordamo-lo porque Jason, no curto tempo que passou connosco, conseguiu tocar todos e cada um de nós.

A primeira vez que Jason tocara em Trixie, estavam no carro dele, e ele ensinava-a ilegalmente a conduzir. *Tens de carregar na embraiagem quando engatas as mudanças*, explicara, enquanto ela fazia sacolejar o pequeno *Toyota* num parque de estacionamento vazio. *Talvez devesse esperar até ter dezasseis anos*, dissera Trixie depois de deixar o carro ir abaixo pela enésima vez. Jason tinha entrelaçado os dedos nos dela sobre a alavanca das mudanças, guiando os seus movimentos, até ela não conseguir pensar em mais nada a não ser na temperatura da mão dele a aquecer a sua. Nessa altura, Jason sorria para ela. *Para quê esperar?*

A voz do pastor elevou-se como uma trepadeira.

— No capítulo três do Livro das Lamentações, ouvimos estas palavras: «A paz foi desterrada da minha alma, já nem sei o que é a felicidade»; por isso digo: «Desapareceu a minha glória e toda a esperança que tinha no Senhor». Nós, a quem Jason deixou para trás, temos de nos perguntar se seriam estes os pensamentos que lhe pesavam no coração e que o levaram a acreditar que não havia outra saída.

Trixie fechou os olhos. Tinha perdido a virgindade num campo de tremoço atrás do ringue, onde eram despejadas as aparas retiradas pelo nivelador de gelo, um pequeno inverno artificial no meio das flores de setembro. Jason tinha pedido a chave emprestada ao responsável pelo campo e levava-a a patinar depois de o ringue ter encerrado nesse dia. Ele tinha-lhe apertado os patins e dito para fechar os olhos. A seguir, pegara-lhe nas mãos, patinando para trás tão depressa que lhe deu a sensação de ir cair. *Estamos a escrever em cursiva*, disse-lhe ele enquanto seguia em linha reta. *Consegues ler?* A seguir, patinou por toda a extensão do ringue descrevendo ângulos, círculos e arabescos. *AMO-A?*, arriscara Trixie, e Jason rira-

se. *Está lá perto*, dissera. Mais tarde, naquele mesmo campo, com o monte de neve a escondê-los, Jason movera-se novamente veloz como um raio, e Trixie tivera dificuldade em acompanhar o ritmo. Quando entrou dentro dela, ela virou a cabeça para ver os tremoceiros a balouçar nas suas hastes trémulas, para que ele não se apercebesse de que a tinha magoado.

— Nos últimos dias, a família e amigos de Jason têm-se debatido com perguntas relativas às circunstâncias da sua morte. Talvez tenham sentido uma fração da dor que Jason sentiu nessas últimas horas sombrias. São capazes de ter recordado a última vez que falaram com ele. São capazes de se ter perguntado se haveria alguma coisa que devessem ter dito ou feito... e se isso teria mudado alguma coisa.

De repente, Trixie viu Jason a prendê-la sobre o tapete branco da sala de Zephyr. Se ela tivesse sido suficientemente corajosa para espreitar naquela noite, teria visto os hematomas a surgir-lhe no maxilar e o sorriso a decompor-se no seu rosto?

— Nas Tuas mãos, Senhor, entregamos o teu servo Jason Underhill. Oramos para que reconheças este Teu filho...

Sentiu o hálito dele nos lábios, mas sabia a vermes. Os seus dedos agarravam-lhe os pulsos com tanta força que ela olhou para baixo e viu apenas os ossos, à medida que a carne os largava.

— Recebe-lo na Tua misericórdia infinita. Concede-lhe a paz e a vida eterna na Tua luz.

Trixie tentou agarrar-se às palavras do pastor. Ela também ansiava pela luz, mas a única coisa que conseguia ver eram as riscas pretas e azuis das noites em que Jason vinha assombrá-la. Ou talvez estivesse a ver as noites em que tinha ido ter com ele de livre vontade. Estava tudo misturado, agora. Não conseguia separar

o Jason verdadeiro do fantasma; não conseguia destrinçar o que quisera do que não quisera.

Talvez tivesse sido *sempre* assim.

O grito começou tão lá no fundo que ela pensou que era apenas um eco, como um diapasão que não conseguia parar de tremer. Trixie não se apercebeu de que o som transbordava de dentro dela, levando o caixão de Jason como uma maré e arrebatando-o dos seus suportes. Ela não sabia que tinha caído de joelhos e que todos os olhares da congregação estavam postos nela, tal como haviam estado antes do início do serviço religioso. E não conseguia acreditar que o salvador que o pastor invocara tivesse atravessado o telhado da igreja para a levar lá para fora, onde podia respirar novamente... pelo menos até ter arranjado coragem para abrir os olhos e ver que estava longe e em segurança, aninhada nos braços do pai.

As pegadas das botas de Trixie correspondiam. Infelizmente, eram *Sorels*, marca que representava uma grande percentagem de todo o calçado de inverno vendido no estado do Maine. Não havia nenhuma fissura significativa na sola nem qualquer tacha cravada na borracha que provasse sem margem para dúvida que tinha sido a bota de Trixie que estivera naquela ponte na noite em que Jason Underhill morrera, e não qualquer outra pessoa que calçasse o 38 e usasse aquele tipo de calçado.

Enquanto vítima de violação, tinha motivo para ser suspeita, mas a marca de uma bota por si só, de uma bota usada por centenas de pessoas, não seria causa provável suficiente para convencer um juiz a emitir um mandado para a detenção de Trixie.

— Ernie, sai daqui — disse Bartholemew, repreendendo a porquinha que levava a passear. Para ser sincero, não era muito profissional levar uma porca para um local de crime, mas ele andava a trabalhar dia e noite e não podia deixar Ernestine sozinha em casa durante mais tempo. Achava que não havia problema, desde que a mantivesse longe da área que os técnicos tinham isolado com um cordão de segurança.

— Não vás para o pé da água — disse Bartholemew. A porca olhou para ele e desatou a correr para a margem do rio. — Está bem — disse ele. — Afoga-te, a ver se me importo.

Mas, de qualquer forma, Bartholemew inclinou-se sobre o parapeito da ponte para ver a porca caminhar à beira do rio. O local onde o corpo de Jason quebrara o gelo estava novamente solidificado, mais translúcido do que o restante. Uma bandeirola laranja fluorescente agafada a uma estaca assinalava a extremidade norte do local do crime.

O álibi de Laura Stone tinha sido comprovado: os registos telefónicos punham-na na faculdade e depois na sua residência. Mas havia várias testemunhas que tinham visto Daniel e Trixie Stone no Festival de Inverno. Um condutor até os tinha visto aos dois num parque de estacionamento com Jason Underhill.

Trixie *podia* ter assassinado Jason, apesar da diferença de tamanho. Jason estava embriagado, e um empurrão bem dado podia tê-lo feito cair da ponte. Isso não explicava os hematomas e fraturas no rosto de Jason, mas Bartholemew não considerava que Trixie fosse responsável por isso. O mais provável era as coisas terem-se passado da seguinte maneira: Jason viu Trixie na vila e começou a conversar com ela, mas Daniel Stone surpreendeu-os. Deu uma sova no rapaz, Jason fugiu e Trixie seguiu-o até à ponte.

Inicialmente, Bartholemew pensara que Daniel tinha mentido sobre não ter visto Jason naquela noite, na vila, e que Trixie lhe contara sobre a briga para encobrir o pai. Mas e se tivesse sido ao contrário? E se Trixie tivesse dito a verdade e Daniel, sabendo que a filha já tinha estado em contacto com Jason nessa noite, tivesse mentido para a proteger?

De repente, Ernestine começou a fossar, enterrando o focinho. Só Deus sabia o que encontrara... A única coisa com que já aparecera tinha sido um rato morto que estava debaixo das fundações da sua garagem. Observou-a com interesse moderado enquanto ela criava um monte de neve suja atrás de si.

E foi então que viu alguma coisa a brilhar.

Bartholemew deslizou pelo declive íngreme da margem do rio, calçou uma luva que tirou do bolso e recuperou um relógio de pulso da neve que estava por trás de Ernestine.

Era um *Eddie Bauer* de homem, de mostrador azul e correia de lona. Faltava-lhe a fivela. Bartholemew olhou para a ponte, tentando imaginar a trajetória e a distância até ali. Poderia o braço de Jason ter batido no parapeito e arrancado a fivela? A médica-legista tinha encontrado lascas nos dedos do rapaz... Teria perdido o relógio enquanto tentava desesperadamente agarrar-se?

Agarrou no telemóvel e marcou o número da médica-legista.

— Daqui fala Bartholemew — disse ele quando Anjali atendeu.
— Jason Underhill usava relógio?

— Não trazia nenhum quando cá chegou.

— Acabei de encontrar um no local do crime. Haverá alguma maneira de saber se lhe pertence?

— Espere aí. — Bartholemew ouviu-a remexer em papéis. — Tenho aqui fotografias da autópsia. Há uma faixa de pele no pulso

esquerdo um pouco mais clara do que a tonalidade do resto do braço. Porque é que não vai ver se os pais reconhecem o relógio?

— Essa é a minha próxima paragem — disse Bartholemew. — Obrigado. — Quando desligou e começou a enfiar o relógio num saco de recolha de provas, reparou em algo que não tinha visto antes: um cabelo preso à volta do botão usado para acertar as horas.

Tinha cerca de dois centímetros e meio e era grosso. Parecia ter raiz, como se tivesse sido arrancado.

Mike pensou na boa aparência de Jason, no seu cabelo escuro e olhos azuis. Segurou o relógio junto ao tecido branco da manga da sua própria camisa, para comparar. Destacado pela cor do fundo, o cabelo era tão vermelho quanto um pôr do sol, tão vermelho quanto a vergonha, tão vermelho quanto qualquer outro cabelo na cabeça de Trixie Stone.

— Duas vezes numa semana? — disse Daniel, abrindo a porta ao inspetor Bartholemew, que estava novamente especado no alpendre. — Devo ter ganhado a lotaria.

Daniel ainda tinha vestida a camisa que levara ao funeral, embora tivesse tirado a gravata e a tivesse pendurado numa das cadeiras da cozinha. Conseguia sentir o inspetor a observar a casa por cima do seu ombro direito.

— Tem um minuto, senhor Stone? — perguntou Bartholemew. — E já agora... a Trixie está? Seria ótimo se ela pudesse sentar-se connosco.

— Está a dormir — disse Daniel. — Fomos ao funeral de Jason, e ela ficou muito transtornada. Quando chegámos a casa, foi direita

para a cama.

— E a sua esposa?

— Está na faculdade. Parece que só pode contar comigo, para já.

Levou Bartholemew para a sala e sentou-se à frente dele.

— Não estava à espera de que fosse ao funeral de Jason Underhill — disse o inspetor.

— Foi ideia de Trixie. Acho que ela queria pôr um ponto final no assunto.

— Diz que ela ficou transtornada durante a cerimónia?

— Creio que foi demais para ela, em termos emocionais. — Daniel hesitou. — Mas não veio aqui para perguntar isso, pois não?

O inspetor abanou a cabeça.

— Senhor Stone, na noite do Festival de Inverno, disse que não esteve com Jason. Mas Trixie contou-me que o senhor bateu em Jason.

Daniel sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Quando é que Bartholemew teria falado com Trixie?

— Devo presumir que a sua filha estava a mentir?

— Não, eu é que estava — disse Daniel. — Tive medo de que me acusasse de agressão.

— Trixie também me disse que Jason fugiu.

— É verdade.

— E ela seguiu-o, senhor Stone?

Daniel pestanejou.

— O quê?

— Estou a perguntar-lhe se ela seguiu Jason Underhill até à ponte.

Ele lembrou-se da luz do carro a iluminá-los e do minuto em que Jason se escapara. Ouviu-se a chamar por Trixie e a aperceber-se de que ela não estava ali.

— Claro que não — disse.

— Isso é interessante, pois tenho marcas de botas, sangue e cabelo que a põem no local do crime.

— Qual local do crime? — indagou Daniel. — Jason Underhill suicidou-se.

O inspetor limitou-se a levantar os olhos. Daniel pensou na hora que passara à procura de Trixie, depois de ela ter fugido. Lembrou-se dos cortes que vira nos braços de Trixie no dia em que ela estava a lavar a louça, ferimentos que ele presumira terem sido autoinfligidos e não provocados por outra pessoa que estava a tentar desesperadamente segurar-se.

Daniel tinha legado a Trixie as suas covinhas, os seus dedos compridos e a sua memória fotográfica. Mas o que dizer dos outros marcadores hereditários? Será que um progenitor podia transmitir o gene da vingança, da raiva, da fuga? Será que uma característica que ele enterrara há tanto tempo podia vir ao de cima onde ele menos esperava: na sua filha?

— Gostava mesmo de falar com Trixie — disse Bartholemew.

— Ela não matou Jason.

— Formidável — replicou o inspetor. — Nesse caso, não se irá importar de nos dar uma amostra de sangue para comparar com as provas materiais, de forma a podermos excluí-la. — Entrelaçou as mãos entre os joelhos. — Porque é que não vai ver se ela está quase a acordar?

Embora Daniel soubesse que a vida não funcionava assim, acreditava realmente que tinha hipótese de salvar a filha, ao contrário do que acontecera na noite em que fora violada, como se existisse alguma espécie de conta-corrente cósmica de vitória e derrota. Podia arranjar um advogado. Podia levá-la para as Fiji ou Guadalcanal, ou para um lugar onde nunca os encontrassem. Podia fazer o que fosse necessário; só precisava de elaborar um plano.

O primeiro passo era falar com ela antes do inspetor.

Depois de convencer Bartholemew a esperar na sala — no fim de contas, Trixie ainda passava metade do tempo assustada com a própria sombra —, Daniel subiu a escada. Estava a tremer, apavorado com o que ia dizer a Trixie e ainda mais receoso de ouvir a sua resposta. A cada degrau que subia, pensava em rotas de fuga: o sótão, a varanda do quarto dele. Lençóis atados uns aos outros e lançados por uma janela.

Daniel decidiu que lhe ia perguntar à queima-roupa, quando ela estivesse demasiado envolta no véu prateado do sono para conseguir disfarçar. Consoante a sua resposta, logo a levava a Bartholemew para provar que ele estava enganado, ou aos confins do mundo.

A porta do quarto de Trixie continuava fechada; com o ouvido lá encostado, Daniel escutou apenas silêncio.

Depois de terem chegado a casa, a seguir ao funeral, Daniel tinha-se sentado na cama de Trixie, com ela enroscada no seu colo, da forma como costumava pegar-lhe outrora durante episódios de gastroenterite, a esfregar-lhe a barriga ou as costas até ela conseguir adormecer. Agora, rodou lentamente a maçaneta, esperando acordar Trixie aos poucos.

A primeira coisa em que Daniel reparou foi que estava muito frio. A segunda foi que a janela estava aberta.

O quarto parecia o rescaldo de uma tempestade tropical. Roupas amarfanhadas no chão. Lençóis enrolados aos pés da cama. Maquilhagem, papéis soltos e revistas tinham sido despejados no chão — o conteúdo de uma mochila em falta. A escova de dentes e a escova de cabelo tinham desaparecido. E a jarrinha de barro onde Trixie guardava o dinheiro estava vazia.

Teria Trixie ouvido o inspetor lá em baixo? Teria partido ainda antes de Bartholemew chegar? Ela era apenas uma adolescente; não podia ir muito longe.

Daniel foi até à janela e seguiu o rasto em ziguezague da sua fuga na neve, desde o quarto até ao telhado inclinado, daí para o longo braço do ácer, através do relvado até chegar à calçada nua, ponto em que desaparecia simplesmente. Pensou nas palavras que ela lhe dissera no dia anterior, quando ele vira os cortes no braço: *É esta a minha maneira de fugir.*

Frenético, olhou para o telhado coberto de gelo. *Podia ter-se matado*, pensou.

E logo a seguir: *E ainda pode.*

E se Trixie conseguisse chegar a algum lugar onde ninguém a impedisse, se ela quisesse engolir comprimidos, cortar os pulsos ou adormecer no meio de uma nuvem de monóxido de carbono?

Uma pessoa nunca era quem nós pensávamos. Isso era verdade em relação a ele; talvez também fosse verdade em relação a Trixie. Talvez — ao contrário do que desejava acreditar e do que esperava — ela *tivesse* matado Jason.

E se Daniel não fosse o primeiro a encontrá-la?

E se *fosse*?





HUM,
DUNCAN?

DUNCAN,
NAAAAO!

DUNCAN...
BASTA, TEMOS
DE IR.







6

Dezembro já ia suficientemente adiantado para todas as estações de rádio passarem apenas canções de Natal. O esconderijo de Trixie ficava diretamente por cima do lugar do condutor, na pequena saliência do caminhão de carga sobre a cabina. Ela tinha visto o caminhão na exploração de laticínios que ficava a seguir aos campos de desporto da escola secundária. Com as portas abertas e sem ninguém por perto, tinha subido lá para dentro e escondera-se naquele recanto, servindo-se do feno para se camuflar.

Eles tinham carregado dois vitelos — não lá em baixo, como Trixie calculara, mas quase em cima dela, no espaço estreito onde estava enroscada. Trixie supôs que fosse porque, assim, não se iriam levantar durante a viagem. Assim que arrancaram, Trixie pôs a cabeça de fora da palha e olhou para um vitelo. Tinha olhos grandes como planetas e, quando ela lhe estendeu o dedo, o vitelo chupou com força.

Na paragem seguinte, outra quinta que ficava menos de dez minutos depois, uma enorme vaca Holstein subiu a rampa a coxear para entrar na parte de trás do caminhão. Olhou diretamente para Trixie e mugiu.

— É uma pena — disse o camionista, enquanto o agricultor empurrava a vaca por trás.

— Ela escorregou no gelo — disse ele. — Vá, entra!

A seguir, a porta fechou-se e ficou tudo escuro.

Ela não sabia para onde iam nem estava particularmente interessada em saber. Antes disto, o sítio mais longe onde Trixie tinha ido sozinha fora o Maine & Mall. Perguntou-se se o pai já

andaria à sua procura. Gostava de lhe poder telefonar a dizer que estava bem, mas, dadas as circunstâncias, não podia fazê-lo. Talvez até *nunca mais* pudesse.

Deitou-se sobre o pelo macio de um dos vitelos. Cheirava a erva, a ração e a luz do dia e, de cada vez que respirava, ela sentia-se subir e descer. Perguntou-se por que razão os animais estariam em trânsito. Talvez fossem para outra quinta durante o Natal ou participar em alguma peça alusiva. Imaginou as portas a abrir-se e os trabalhadores de jardineiras a chegar para levarem os vitelos. Iam encontrar Trixie e dar-lhe leite fresco e gelado caseiro, e nem lhes passaria pela cabeça perguntar-lhe como é que tinha ido parar às traseiras de um camião de gado.

De certa forma, isso também era um mistério para Trixie. Ela tinha visto o inspetor no funeral de Jason, embora ele pensasse que estava escondido. E depois, quando toda a gente pensava que ela estava a dormir, tinha ficado na varanda e ouvido o que ele dissera ao pai.

O suficiente para saber que tinha de sair dali.

Sentia-se de alguma forma orgulhosa de si própria. Quem diria que ia conseguir fugir sem carro e com apenas duzentos dólares no bolso? Nunca se considerara o tipo de pessoa que reagia com calma face a uma crise e, no entanto, só sabíamos aquilo de que éramos capazes quando chegávamos ao momento em causa. A vida era apenas uma sucessão de lugares onde nos surpreendíamos continuamente.

Devia ter adormecido durante algum tempo, ensanduichada entre os joelhos e as barrigas redondas dos dois vitelos, mas, quando o camião voltou a parar, eles tentaram levantar-se, o que era impossível naquele espaço acanhado. Lá em baixo, a vaca

começou a mugir, uma nota grave que ricocheteava. Ouviu-se o som de um fecho a ser aberto, uma enorme chiadeira, e as portas da parte de trás do caminhão abriram-se.

Trixie piscou os olhos por causa da luz e viu o que não tinha conseguido ver antes: a vaca tinha uma lesão na pata dianteira direita, que a fazia coxear. Os vitelos Holstein que a ladeavam eram machos, não serviam para produzir leite. Espreitou pelas portas duplas e franziu os olhos para conseguir ler a placa ao fundo do caminho de acesso: Carnes LaRue and Sons, Berlin, NH.

Aquilo não era uma quinta pedagógica nem um parque de diversões, como Trixie imaginara. Era um matadouro.

Ela saltou do seu poiso, assustando os animais, já para não falar do camionista que estava a desamarrar a corda que prendia a vaca, e saiu disparada pelo longo caminho de gravilha. Trixie correu até sentir os pulmões a arder, até chegar a algo que parecia ser uma vila, com um Burger King e um posto de gasolina. O Burger King fê-la pensar nos vitelos, o que a levou a pensar que ia ser vegetariana se alguma vez conseguisse livrar-se daquele pesadelo.

De repente, ouviu uma sirene. Trixie ficou petrificada, de olhos postos nas luzes azuis giratórias do carro da polícia.

O carro passou por ela a apitar, para acorrer a alguma emergência.

Passando a mão pela boca, Trixie respirou fundo e começou a andar.

— Ela desapareceu — disse Daniel Stone, desesperado.

Os olhos de Bartholemew semicerraram-se.

— Desapareceu?

Seguiu Stone até ao andar de cima e parou à porta do quarto de Trixie, que dava ideia de ter sido atingido por uma bomba.

— Não sei onde ela está — disse Stone, com a voz a fraquejar.
— Não sei quando se foi embora.

Bartholemew levou menos de um segundo a determinar que aquilo não era mentira. Em primeiro lugar, Stone ausentara-se menos de um minuto, o que não dava tempo para avisar a filha de que estava sob suspeita. Em segundo lugar, Daniel Stone parecia tão surpreendido quanto Bartholemew com o desaparecimento de Trixie e estava à beira do pânico.

Por um segundo, Bartholemew perguntou-se por que motivo uma adolescente que não tinha nada a esconder havia de desaparecer de repente. Mas logo a seguir lembrou-se de como era descobrir que a nossa filha não estava onde pensávamos, e mudou de estratégia.

— Quando foi que a viu pela última vez?

— Antes de ela ir fazer uma sesta... por volta das três e meia.

O inspetor tirou um bloco de notas do bolso.

— O que vestia?

— Não tenho a certeza. Provavelmente, mudou de roupa a seguir ao funeral.

— Tem alguma fotografia recente?

Bartholemew seguiu Stone até ao rés do chão e viu-o passar um dedo pelas lombadas dos livros que se encontravam numa prateleira da sala, até tirar finalmente o anuário do oitavo ano da secundária de Bethel. Folheou-o até chegar à letra «S», de onde tirou uma série de instantâneos — uma foto de 13x18 e algumas tipo passe.

— Nunca chegámos a emoldurá-las — murmurou Stone.

Nas fotografias, o rosto sorridente de Trixie repetia-se como uma serigrafia de Andy Warhol. A rapariga da foto tinha cabelo ruivo comprido preso com ganchos. O seu sorriso era ligeiramente exagerado e tinha um dente da frente torto. A rapariga da foto não tinha sido violada. Talvez até nunca tivesse sido beijada.

Bartholemew teve de tirar as fotografias de Trixie da mão do pai. Ambos os homens estavam dolorosamente conscientes de que Stone fazia um enorme esforço para não se ir abaixo. As lágrimas que se derramavam por um filho não tinham paralelo. Queimavam a garganta e as córneas. Deixavam uma pessoa cega.

Daniel Stone olhou-o fixamente.

— Ela não fez nada de mal.

— Fique descansado — replicou Bartholemew, consciente de que aquilo não era resposta. — Eu vou encontrá-la.

A última preleção que Laura deu antes das férias de Natal foi sobre a meia-vida da transgressão.

— Há algum pecado que Dante tenha deixado de fora? — perguntou Laura. — Ou qualquer mau comportamento atual que não existisse em 1300?

Uma rapariga acenou afirmativamente.

— Toxicodependência. Não há nenhuma *bolgia* para os drogados.

— É a mesma coisa que a gula — disse outra aluna. — Dependência é dependência. Não importa qual a substância.

— Canibalismo?

— Não, Dante incluiu isso — disse Laura. — O conde Ugolino. Junta-o à bestialidade.

— Condução perigosa?

— Filippo conduz os seus cavalos de forma imprudente. Um prenúncio da sanha rodoviária italiana. — Laura olhou à volta da sala silenciosa. — A pergunta que temos de fazer talvez não seja se há algum pecado recente típico do século vinte e um, mas sim se as pessoas que definem o que é pecado terão mudado, fruto dos tempos.

— Bem, o mundo é completamente diferente — observou um aluno.

— Sim, mas reparem como continua o mesmo. Avareza, cobardia, depravação, necessidade de controlar os outros... isto está presente desde sempre. Talvez hoje em dia um pedófilo crie um *site* de pornografia infantil, em vez de andar pelos túneis do metro, ou um homicida opte por uma serra elétrica, em vez de usar as mãos nuas. A tecnologia ajuda-nos a ser mais criativos na forma como pecamos, mas isso não significa que o pecado em si seja diferente.

Um rapaz abanou a cabeça.

— Parece que devia existir um círculo completamente diferente para alguém como Jeffrey Dahmer⁵, não acha?

— Ou para as pessoas que inventaram os *reality shows* — interveio outro, e toda a turma se riu.

— É curioso pensar que Dante não teria posto Jeffrey Dahmer tão fundo no inferno quanto Macbeth — disse Laura. — E porquê?

— Porque a coisa mais baixa que se pode fazer é ser desleal para com alguém. Macbeth matou o seu próprio rei! Isso seria como o Eminem dar cabo do Dr. Dre.

O aluno estava literalmente correto. No *Inferno*, os crimes de paixão e desespero eram quase tão graves quanto os crimes de

traição. Os pecadores que estavam nos círculos superiores eram culpados de se entregar aos seus apetites, mas sem usar de malícia com terceiros. Os pecadores que se encontravam nos níveis intermédios do Inferno tinham cometido atos de violência contra si próprios ou outros. Mas o nível mais fundo do Inferno estava reservado à fraude, que Dante considerava o pior pecado de todos. Havia traição à família: aqueles que assassinavam parentes. Havia traição ao país: para os agentes duplos e espiões que andavam pelo mundo. Havia traição ao benfeitor: Judas, Bruto, Cássio e Lúcifer, todos eles se tinham virado contra os seus mentores.

— Será que a hierarquia de Dante ainda funciona? — perguntou Laura. — Ou acham que, no nosso mundo, a ordem dos votados às penas eternas devia ser alterada?

— Eu acho que é pior guardar a cabeça de alguém no frigorífico do que vender segredos da segurança nacional aos chineses — disse uma rapariga —, mas isso sou eu.

Outro aluno abanou a cabeça.

— Eu não percebo porque é que ser infiel ao nosso rei é pior do que ser infiel ao marido. Se tiverem um caso extraconjugal, vão parar apenas ao segundo círculo do inferno. Isso é safarem-se com a maior das facilidades.

— Tem a ver com a intenção — acrescentou um aluno. — Como homicídio involuntário e homicídio doloso. É quase como se Dante te desculpasse, se fizeres algo no calor do momento; mas, se tiveres premeditado tudo, vais ver-te em grandes apuros.

Nesse momento, embora fosse professora daquela cadeira e até daquele tema em particular há uma década, Laura apercebeu-se que havia um crime que Dante não contemplara e que pertencia ao

lugar mais fundo do Inferno. Se o pior pecado de todos era trair os outros, então o que dizer das pessoas que mentiam a si próprias?

Devia haver um décimo círculo, um local minúsculo do tamanho da cabeça de um alfinete, com espaço para massas infinitas. Estaria cheio de professores que se escondiam em torres de marfim, em vez de enfrentarem as famílias desfeitas. De meninas que tinham crescido de um dia para o outro. De maridos que não falavam do seu passado, mas que o confiavam a uma página em branco. De mulheres que fingiam conseguir ser a esposa de um e a amante de outro e manter esses dois papéis distintos. De quem quer que dissesse a si mesmo que estava a viver uma vida perfeita, apesar de todas as provas em contrário.

Ouviu uma voz dirigir-se-lhe:

— Professora Stone? Sente-se bem?

Laura concentrou-se na rapariga da fila da frente que tinha feito a pergunta.

— Não — disse ela baixinho. — Não sinto. Podem ir todos de férias um bocadinho mais cedo.

À medida que os estudantes debandavam, encantados com a sorte inesperada, Laura pegou na pasta e no casaco. Foi até ao parque de estacionamento, entrou no carro e começou a conduzir.

Laura percebeu que as mulheres que escreviam o «Correio de Annie» estavam enganadas. O facto de não enunciar os factos em voz alta não apagava a sua existência. O silêncio era apenas uma forma mais sóbria de mentir.

Ela sabia para onde ia, mas, antes de lá chegar, o telemóvel tocou.

— É a Trixie — disse Daniel e, de repente, o que ele tinha para dizer tornou-se muito mais importante do que o que ela pudesse ter.

A Aldeia do Pai Natal em Jefferson, New Hampshire, estava cheia de mentiras. Havia renas transplantadas a definhar num celeiro fictício, uma imitação de duendes a martelar numa oficina e um Pai Natal falsificado sentado num trono com uma data de miúdos em fila para lhe dizerem o que queriam para o grande dia. Havia pais a fingir que aquilo era mesmo a sério, até mesmo a Rena do Nariz Vermelho robotizada. E depois havia a própria Trixie a tentar agir como se fosse normal, quando na verdade era a maior mentirosa de todos.

Trixie viu uma menina subir para o colo do Pai Natal falso e puxar-lhe pela barba com tanta força que a arrancou. Seria de pensar que uma miúda, mesmo tão pequena, fosse ficar desconfiada, mas nunca acontecia. As pessoas acreditavam naquilo em que queriam acreditar, independentemente do que tinham diante dos seus olhos.

E era por isso que ela estava ali, não é verdade?

Em miúda, é claro que Trixie tinha acreditado no Pai Natal. Durante anos, Zephyr, que era meia judia e uma pessoa muito prática, fez-lhe notar as discrepâncias: como é que o Pai Natal podia estar na Filene's e na BonTon ao mesmo tempo? Se era mesmo o Pai Natal, não devia *saber* o que ela queria sem que fosse preciso *pedir*? Trixie gostava de poder juntar as crianças que estavam naquele edifício e salvá-las, como Holden Caulfield no último livro que ela lera para a disciplina de Inglês. *Lição de realidade*, diria. *O Pai Natal é uma intrujice. Os vossos pais mentiram-vos.*

E vão voltar a fazê-lo, podia acrescentar. Os seus próprios pais tinham-lhe dito que ela era linda, quando na verdade tinha feições angulosas e pernas arqueadas. Tinham-lhe prometido que havia de encontrar o seu Príncipe Encantado, mas este tinha-lhe dado com

os pés. Tinham-lhe dito que se respeitasse a hora limite para chegar a casa, arrumasse o quarto e cumprisse a sua parte do acordo, a manteriam em segurança e, no entanto, vejam só o que tinha acontecido.

Saiu de trás de um abeto de onde vinham canções de Natal e olhou em volta para ver se havia alguém a observá-la. De certa forma, teria sido mais fácil ser apanhada. Era difícil estar constantemente a olhar por cima do ombro, à espera de ser reconhecida. Tinha ficado preocupada com o facto de o camionista que lhe dera boleia poder ter comunicado o seu paradeiro à polícia estadual. E tinha a certeza de que o homem que estava a vender os bilhetes na Aldeia do Pai Natal tinha olhado para baixo, para comparar o seu rosto com o que aparecia num cartaz de pessoas procuradas.

Trixie esgueirou-se para a casa de banho, onde pôs água no rosto e tentou respirar fundo para se controlar, da forma como fizera na aula de Ciências quando estavam a dissecar uma rã e ela sentiu que estava prestes a vomitar em cima da colega. Fingiu que tinha qualquer coisa no olho e deixou-se ficar em frente ao espelho até já não haver mais ninguém na casa de banho.

A seguir, Trixie meteu a cabeça debaixo da torneira. Era daquelas que tinha de ser pressionada para a água correr, por isso ela tinha de estar constantemente a fazê-lo para conseguir um jorro contínuo. Tirou a camisola e enrolou-a à volta do cabelo, depois foi para um compartimento e sentou-se na sanita, a tremer de frio só com a *t-shirt*, enquanto remexia na mochila.

Tinha comprado a tinta no Wal-Mart, quando o camionista parara para comprar cigarros. A cor chamava-se *Night in Shining Armour*,

mas a Trixie parecia um preto bem normal. Abriu a caixa e leu as instruções.

Com alguma sorte, ninguém acharia estranho ela estar na casa de banho durante trinta minutos. Além de que ninguém iria estar na casa de banho durante trinta minutos. Trixie enfiou as luvas e misturou a tinta com o peróxido, chocalhou e esguichou a solução no cabelo. Esfregou-a um pouco e pôs o saco de plástico na cabeça.

Também devia pintar as sobrancelhas? Nem sabia se era possível.

Ela e Zephyr costumavam conversar sobre como se podia ser adulto muito antes de chegar aos vinte e um anos. A idade não era tão importante como os acontecimentos marcantes: fazer uma viagem sem os pais, comprar cerveja sem ser multado, fazer sexo. Quem lhe dera poder contar a Zeph que era possível crescer num instante, que era possível olhar para baixo e ver a linha na areia que dividia a vida que tinha agora da que costumava ter.

Trixie perguntou-se se, tal como o pai, nunca mais voltaria a casa. Perguntou-se quão grande seria o mundo, quando o atravessamos a valer, em vez de passarmos o dedo sobre um mapa. Um fiozinho de líquido correu-lhe pelo pescoço; ela limpou-o com um dedo antes que chegasse ao decote da *t-shirt*. A tinta veio tão escura quanto óleo de motor. Por um instante, fingiu que estava a sangrar. Não ficaria surpreendida se o seu interior se tivesse tornado tão negro como toda a gente suspeitava.

Daniel estacionou em frente das grandes montras da loja de brinquedos e viu a mão de Zephyr entregar umas notas e algumas

moedas de troco a uma mulher idosa. Zephyr tinha o cabelo apanhado em tranças e vestia duas camisolas de manga comprida, uma por cima da outra, como se tivesse planeado ter frio, independentemente de tudo. Por entre as sombras e o vidro, era quase possível fingir que ela era Trixie.

Nem pensar que Daniel ia ficar sentado em casa, à espera de que a polícia encontrasse Trixie e lhe arrancasse uma explicação. Por isso, assim que Bartholemew se foi embora e depois de ter confirmado que ele não estava apenas escondido ao fundo do bairro, Daniel tinha começado a pensar no que sabia sobre Trixie que os polícias desconheciam. Para onde podia ter ido, em quem podia confiar.

Neste momento, havia poucas pessoas que se enquadrassem nessa categoria.

A cliente saiu da loja e Zephyr viu-o à espera à porta.

— Olá, senhor Stone — disse ela, dizendo adeus.

Tinha as unhas pintadas de roxo. Era a mesma cor que Trixie tinha naquela manhã; Daniel percebeu que deviam tê-lo aplicado juntas da última vez que Zephyr estivera lá em casa. O simples facto de ver Zephyr quando queria tão desesperadamente ver Trixie fazia-o ter dificuldade em respirar.

Zephyr estava a olhar para trás dele.

— A Trixie veio consigo?

Daniel tentou abanar a cabeça, mas a intenção perdeu-se algures entre o pensamento e a ação. Olhou para a rapariga que talvez conhecesse melhor a filha do que ele alguma vez a conhecera, por mais que lhe custasse a admiti-lo.

— Zephyr — disse ele —, tens um minuto?

Para a idade que tinha, Daniel Stone era *atraente*. Zephyr até o dissera uma ou duas vezes a Trixie, embora ela tivesse ficado completamente passada, porque era o pai dela e tudo o mais. Mas, além disso, o senhor Stone sempre fascinara Zephyr. Desde a altura em que conhecera Trixie, nunca o tinha visto perder a cabeça. Nem quando elas derramaram acetona em cima da cómoda da senhora Stone, nem quando Trixie teve negativa no teste de Matemática, nem mesmo quando foram apanhadas a fumar na garagem de Trixie. Era contra a natureza humana ser assim tão calmo, como se fosse um daqueles pais da cidade de Stepford incapazes de se sentirem provocados. Bastava pensar na sua própria mãe: Zephyr dera uma vez com ela a arremessar os pratos todos contra a cerca do quintal, por ter descoberto que o falhado com quem namorava andava a enganá-la com outra. Zephyr e a mãe tinham concursos de gritos. Na verdade, tinha sido a mãe quem lhe ensinara os palavrões mais fixes.

Por outro lado, Trixie tinha-os aprendido com Zephyr. Esta até tentara desviar Trixie para comportamentos menos próprios, simplesmente com o intuito de irritar o senhor Stone, mas nada funcionara. Ele era uma espécie de ator de telenovela por cuja história trágica nos apaixonávamos: lindo de se ver, mas ao mesmo tempo sabíamos que o que víamos não era tão bom como parecia.

Mas hoje havia algo de diferente. O senhor Stone não se conseguia concentrar; mesmo enquanto crivava Zephyr de perguntas, os seus olhos não paravam de andar de um lado para o outro. Estava muito longe de ser a figura paternal serena e amigável que toda a vida invejara, de tal forma que, se Zephyr não fosse suficientemente sensata, teria presumido que não era Daniel Stone quem estava à sua frente.

— A última vez que falei com Trixie foi ontem à noite — disse Zephyr, inclinando-se sobre o balcão da loja de brinquedos. — Telefonei-lhe por volta das dez horas para falar sobre o funeral.

— Ela falou-te em ir a algum lado depois disso?

— Trixie não anda com vontade de sair, ultimamente.

Como se ele não soubesse disso...

— É muito importante que me digas a verdade, Zephyr.

— Senhor Stone — disse ela —, porque é que havia de mentir?

Uma resposta implícita pairou entre eles: *porque já o fizeste antes*. Estavam ambos a pensar no que ela dissera à polícia depois da noite da violação. Ambos sabiam que os ciúmes podiam subir como uma maré, apagando os acontecimentos rabiscados na margem da nossa memória.

O senhor Stone respirou fundo.

— Se ela te telefonar... importas-te de lhe dizer que ando a tentar encontrá-la... e que vai ficar tudo bem?

— Ela está metida em apuros? — perguntou Zephyr, mas por essa altura já o pai de Trixie tinha saído da loja.

Zephyr viu-o ir-se embora. Não se importava que ele pensasse que era uma má amiga. Na verdade, era exatamente o oposto. Era por já ter procedido mal uma vez com Trixie que fizera o que fizera.

Zephyr premiu a tecla da caixa registadora que fazia com que a gaveta se abrisse. Tinham passado três horas desde que roubara todas as notas de vinte dólares e as entregara a Trixie. Três horas eram um bom avanço, pensou.

FUI À PROCURA DE TRIXIE, dizia o bilhete. VOLTO JÁ.

Laura foi ao quarto de Trixie, como se tudo aquilo pudesse ser um grande equívoco, como se pudesse abrir a porta e encontrar Trixie lá dentro a abanar silenciosamente a cabeça ao ritmo do seu *iPod*, enquanto se esforçava por resolver uma equação de álgebra. Mas ela não estava lá, é claro, e o pequeno espaço estava todo revirado. Perguntou-se se teria sido obra de Trixie ou da polícia.

Pelo telefone, Daniel dissera que aquilo se transformara, de repente, numa investigação de homicídio. Que, afinal, a morte de Jason não tinha sido acidental. E que Trixie tinha fugido.

Havia tanta coisa para resolver que Laura nem sabia por onde começar. As suas mãos tremiam enquanto inspecionava os vestígios da vida da filha, como uma arqueóloga a olhar para os artefactos e a tentar perceber a jovem que os usara. O pompom e o lápis Lisa Frank... Esses pertenciam à Trixie que ela pensava ter conhecido. Eram as outras coisas que ela não conseguia compreender: o CD com letras que deixaram Laura de queixo caído, o anel de prata em forma de caveira, o preservativo escondido num estojo de pó compacto. Talvez ela e Trixie ainda tivessem muito em comum: aparentemente, enquanto Laura se estava a transformar numa mulher que tinha dificuldade em reconhecer, a filha fizera outro tanto.

Sentou-se na cama de Trixie e pegou no auscultador do telefone. Quantas vezes se intrometera nas conversas telefónicas entre a filha e Jason, dizendo-lhe que estava na hora de dar as boas-noites e ir para a cama? *Só mais cinco minutos*, suplicava Trixie.

Se tivesse dado esses minutos a Trixie, todas essas noites, será que isso teria significado mais um dia para Jason? E se tirasse esses cinco minutos agora, poderia corrigir tudo o que correra mal?

Laura precisou de três tentativas para marcar o número da esquadra e estava à espera de que o inspetor Bartholemew a atendesse quando Daniel entrou no quarto.

— O que estás a fazer?

— A ligar para a polícia — disse ela.

Ele deu duas passadas e tirou-lhe o auscultador da mão, desligando o telefone.

— Não faças isso.

— Daniel...

— Laura, eu sei porque é que ela fugiu. Eu fui acusado de homicídio quando tinha dezoito anos e também fiz a mesma coisa.

Perante esta confissão, Laura perdeu completamente o fio ao pensamento. Como é que era possível viver com um homem durante quinze anos, senti-lo mexer-se dentro de si, ter uma filha dele e não saber algo tão fundamental quanto isto sobre ele?

Ele sentou-se à secretária de Trixie.

— Ainda vivia no Alasca. A vítima era o meu melhor amigo, Cane.

— E foste... foste tu?

Daniel hesitou.

— Não da forma como eles pensaram.

Laura olhou-o fixamente. Pensou em Trixie, que andava sabe Deus onde, a fugir por causa de um crime que não podia ter cometido.

— Se não eras culpado... então porque é que...

— Porque Cane continuava morto.

Nos olhos de Daniel, Laura conseguia agora ver as coisas mais surpreendentes: o sangue de mil salmões esventrados de uma ponta à outra, o gelo de veias azuis tão grosso que fazia doer as

solas dos pés, o perfil de um corvo pousado num telhado. Nos olhos de Daniel, ela percebeu algo que antes tinha relutância em admitir para si própria: apesar de tudo, ou talvez por causa disso, ele compreendia melhor a filha do que ela.

Ele mudou de posição, batendo no rato do computador com o cotovelo. O ecrã ganhou vida, revelando várias janelas abertas: Google, iTunes, Sephora.com, e o doloroso sobreviventedeviolação.com, cheio de poesia escrita por raparigas como Trixie. Mas o MapQuest? Quando Trixie nem sequer tinha idade para conduzir?

Laura debruçou-se por cima do ombro de Daniel para pegar no rato. *ENCONTRE!*, prometia o *site*. Havia caixas vazias para preencher: morada, cidade, estado, código postal. E, em baixo, a azul vivo: *Estamos a ter dificuldade em encontrar uma rota para o seu local*.

— Oh, meu Deus! — exclamou Daniel. — Já sei onde ela está.

O pai de Trixie costumava levá-la à floresta e ensinar-lhe como ler o mundo para saber sempre para onde se dirigia. Ele interrogava-a sobre a identificação de árvores: o *bouquet* feérico das agulhas num abeto, os sulcos estreitos de um freixo, a bétula envolta em papel, os braços nodosos de um ácer. Um dia, quando estavam a examinar uma árvore com arame farpado a passar pelo meio do seu tronco — *quanto tempo achas que isto levou?* — houve algo na floresta que chamou a atenção de Trixie: sol a bater em metal.

O carro abandonado estava atrás de um carvalho que tinha sido rachado por um raio. Duas das janelas estavam partidas; algum

animal fizera a sua casa no estofo do banco de trás. Uma trepadeira crescera do solo da floresta, entrara pela janela e enrolara-se em torno do volante.

Onde achas que está o condutor?, perguntara Trixie.

Não sei, replicara o pai. *Mas já se ausentou há muito tempo.*

Ele disse que, provavelmente, a pessoa que lá tinha deixado o carro não queria estar preocupada com o facto de poderem rebocá-lo. Mas isso não impediu Trixie de inventar explicações mais extravagantes: o homem tinha sido ferido na cabeça e começara a andar, acabando por subir uma montanha e morrer de hipotermia, e os seus ossos ainda agora continuavam expostos ao sol, a sul do quintal da casa deles; o homem estava a fugir da Máfia e tinha conseguido iludir assassinos profissionais numa perseguição de carro; o homem tinha deambulado até à vila, amnésico, e passara os dez anos seguintes sem saber quem era.

Trixie estava a sonhar com o carro abandonado quando alguém bateu com a porta do compartimento ao lado do dela. Acordou sobressaltada e olhou para o relógio. Se deixasse o produto demasiado tempo no cabelo, com certeza que este ia cair pela raiz, ficar roxo ou coisa do género. Ouviu a descarga do autoclismo, água a correr e depois o barulho lá fora quando a porta se abriu. Quando se fez novamente silêncio, saiu do compartimento e passou o cabelo por água no lavatório.

Tinha riscas de tinta na testa e no pescoço, mas o seu cabelo ruivo, que inspirara o pai a chamar-lhe malagueta quando era bebé, tinha agora a cor de um matagal de espinheiros, de uma roseira sem recuperação possível.

Enquanto enfiava a camisola estragada no fundo do caixote do lixo, entrou uma mãe com dois rapazinhos. Trixie susteve a

respiração, mas a mulher nem a olhou segunda vez. Talvez fosse mesmo assim tão fácil. Saiu da casa de banho, passou por um novo Pai Natal que tinha entrado ao serviço e dirigiu-se ao parque de estacionamento. Pensou no homem que deixara o carro na floresta. Talvez tivesse encenado a própria morte. Talvez o tivesse feito com o único propósito de começar de novo.

Se um adolescente quisesse desaparecer, o mais provável é que seja bem-sucedido. Era por isso que os fugitivos eram tão difíceis de localizar... até serem apanhados numa rede de tráfico de droga ou prostituição. A maior parte dos adolescentes que desapareciam fazia-o para serem independentes ou para escapar a situações de abuso. No entanto, ao contrário de um adulto, que podia ser localizado através do registo dos levantamentos nas caixas de Multibanco, dos alugueres de viaturas e das listas de passageiros das linhas aéreas, um miúdo tinha mais probabilidade de pagar em dinheiro, de andar à boleia e de passar despercebido no meio dos transeuntes.

Pela segunda vez numa hora, Bartholemew parou o carro no bairro onde viviam os Stone. Trixie Stone estava agora oficialmente registada como desaparecida e não como fugitiva da justiça. Isso não podia acontecer, nem mesmo que todos os sinais apontassem para o facto de ela se ter ido embora porque sabia que estava prestes a ser acusada de homicídio.

No sistema jurídico americano, não se podia usar o desaparecimento de um suspeito como causa provável. Mais tarde, durante o julgamento, o procurador podia apresentar a fuga de Trixie como prova de culpa, mas não chegaria a haver julgamento

se Bartholemew não conseguisse convencer um juiz a emitir um mandado para a detenção de Trixie Stone, para que no momento em que fosse localizada pudesse ser detida.

O problema era que, se Trixie não tivesse fugido, ele ainda não estaria a prendê-la. Santo Deus! Dois dias antes, Bartholemew estava convencido de que Daniel Stone era o criminoso... até as provas materiais provarem o contrário. Mas *provar* era um termo dúbio. Ele tinha uma pegada de bota que correspondia ao calçado de Trixie, mas também ao de milhares de outros habitantes. Tinha sangue na vítima que pertencia a uma mulher, o que só excluía metade da população. Tinha um cabelo da mesma cor do de Trixie, um cabelo com uma raiz cheia de ADN não contaminado, mas não havia uma amostra do de Trixie para fazer a comparação nem meios iminentes de obtê-la.

Qualquer advogado de defesa conseguiria safar o cliente usando os buracos daquela investigação. Bartholemew precisava de encontrar Trixie Stone para poder ligá-la especificamente ao homicídio de Jason Underhill.

Bateu à porta dos Stone. Mais uma vez, ninguém veio abrir, mas desta vez, quando Bartholemew experimentou a maçaneta, a porta estava trancada. Pôs as mãos em concha à volta do vidro e espreitou a entrada.

O casaco e as botas de Daniel Stone tinham desaparecido.

Foi até meio da garagem anexa, até uma janela minúscula, e espreitou lá para dentro. O *Honda* de Laura Stone, que não estava lá duas horas antes, encontrava-se agora estacionado num dos lugares. A carrinha de Daniel Stone tinha-se evaporado.

Bartholemew bateu com a mão na parede exterior da casa e praguejou. Não podia provar que Daniel e Laura Stone tinham ido

tentar encontrar Trixie antes da polícia, mas teria apostado que sim. Quando a nossa filha desaparece, não vamos fazer compras ao supermercado. Ficamos quietos à espera de que nos digam que estão a trazê-la para casa sã e salva.

Bartholemew apertou a cana do nariz e tentou pensar. Talvez isto fosse uma bênção disfarçada. No fim de contas, os Stone tinham mais hipóteses de encontrar Trixie do que ele. E seria muito mais fácil Bartholemew localizar dois adultos do que a sua filha de catorze anos.

E entretanto? Bem, podia arranjar um mandado de busca para a casa, mas não lhe serviria de nada. Nenhum laboratório digno desse nome aceitaria uma escova de dentes da casa de banho de Trixie como amostra de ADN viável. Ele precisava era da rapariga em pessoa e de uma amostra do seu sangue devidamente aprovada pelo laboratório.

Coisa que, nesse mesmo instante, Bartholemew percebeu que já tinha num *kit* de violação selado, prova para um julgamento que não iria acontecer.

No oitavo ano, como parte das aulas de Saúde, Trixie tivera de tomar conta de um ovo. Tinham dado um a cada aluno, com a indicação de que tinham de mantê-lo intacto durante uma semana, nunca o podiam deixar sozinho e tinham de «alimentá-lo» de três em três horas. Isto devia funcionar como um poderoso contraceptivo: uma forma de os miúdos perceberem que ter um bebé era muito mais difícil do que parecia.

Trixie levou a missão a sério. Batizou o ovo de Benedict e fez um pequeno transportador para ele que usava à volta do pescoço.

Pagou cinquenta cêntimos à professora de Inglês para tomar conta do ovo enquanto estava na aula de Educação Física; levou-o ao cinema com Zephyr. Segurava-o na palma da mão durante as aulas e habituou-se ao seu toque, forma e peso.

Ainda agora não sabia dizer como é que o ovo se rachara. Trixie deu por isso a caminho da escola, uma manhã. O pai tinha minimizado a negativa que ela recebera, dizendo que era um trabalho estúpido e que uma criança não era como um ovo. Mesmo assim, Trixie perguntara-se se a sua benevolência teria alguma coisa a ver com o facto de ele também ter falhado na vida real: caso contrário, como explicar a diferença entre o que ele pensava que Trixie andava a fazer e aquilo que ela realmente fazia?

Agora, levantou o punho do casaco e olhou para a rede de cicatrizes. Supunha que aquela fosse a sua rachadela impercetível, e era apenas uma questão de tempo até ela se fazer completamente em bocados.

— Maldito Humpty Dumpty — disse ela em voz alta.

Uma criança pequena sentada ao colo da mãe no lugar ao lado de Trixie bateu palmas.

— Dumpty! — gritou o menino. — Cai! — Atirou-se para trás tão depressa que Trixie teve a sensação de que ele ia esmagar a cabeça no chão do terminal de autocarros.

A mãe agarrou-o antes que isso acontecesse.

— Trevor, para com isso, está bem? — A seguir, virou-se para Trixie. — Ele é um grande admirador do Homem-Ovo.

Na verdade, a mulher não passava de uma rapariga. Talvez tivesse mais uns anos que Trixie, mas não muitos. Usava um velho cachecol azul enrolado ao pescoço e um casaco militar. Pelo número de sacos que os rodeava, dava ideia de que iam mudar-se

definitivamente, mas a verdade é que, tanto quanto Trixie sabia, era assim que as pessoas com filhos tinham de viajar.

— Não percebo as canções infantis — disse a rapariga. — Quer dizer, porque é que todos os cavalos e homens do Rei haviam de tentar reconstruir um ovo?

— E, antes de mais, o que é que o ovo estava a fazer em cima do muro? — replicou Trixie.

— Exatamente. Acho que a Mãe Gansa estava pedrada. — Sorriu para Trixie. — Para onde vai?

— Canadá.

— Nós vamos para Boston — disse, deixando o menino sair do seu colo.

Trixie tinha vontade de perguntar à rapariga se o filho era dela. Se tinha sido um acidente. Se, mesmo depois de fazer o que toda a gente considera ser o maior erro da nossa vida, deixamos de pensar nisso como um erro e passamos a vê-lo como a melhor coisa que podia ter acontecido.

— Huh, Trev, és tu? — A rapariga agarrou no bebé pela cintura e levantou-o em direção ao seu rosto, com o rabo para cima. Fez uma careta para a coleção de sacos espalhados aos seus pés. — Importa-se de tomar conta das minhas coisas enquanto faço uma remoção de resíduos tóxicos?

Ao levantar-se, bateu com o saco das fraldas na mochila aberta, entornando o seu conteúdo pelo chão.

— Oh, merda!

— Eu apanho — disse Trixie, enquanto a rapariga ia para a casa de banho com Trevor. Começou a guardar as coisas: umas chaves em plástico que tocavam uma canção da Disney, uma laranja, uma caixa de quatro lápis de cor. Um tampão com metade do celofane

tirado, um elástico para o cabelo. Algo que podia ter sido em tempos uma bolacha. Uma carteira.

Trixie hesitou. Disse para consigo que ia só espreitar o nome da rapariga, pois não queria perguntar e correr o risco de iniciar uma conversa.

A carta de condução de Vermont não tinha nada a ver com as do Maine. Em primeiro lugar, não tinha fotografia. A única vez que Zephyr convencera Trixie a ir a um bar, tinha usado uma carta de condução de Vermont como identificação falsa. «Um metro e sessenta e cinco é bastante aproximado», dissera Zephyr, embora Trixie tivesse menos dez centímetros do que isso. Olhos castanhos, dizia a carta, quando os dela eram azuis.

Fawn Abernathy morava no número 34 da First Street, em Shelburne, Vermont. Tinha dezanove anos. Era exatamente da mesma altura que Trixie, e esta tomou isso como um presságio.

Deixou a Fawn o cartão de Multibanco e metade do dinheiro. Mas enfiou o American Express e a carta no bolso. A seguir, Trixie apressou-se a sair do terminal de autocarros de Vermont e apanhou o primeiro táxi parado junto ao passeio.

— Para onde? — perguntou o taxista.

Trixie espreitou pela janela.

— Aeroporto — disse.

— Eu não pedia se não fosse uma emergência — suplicou Bartholemew. Olhou à volta do gabinete de Venice Prudhomme, cheio de pilhas enormes de dossiês, impressões informáticas e transcrições de depoimentos.

Ela suspirou, sem se dar ao trabalho de tirar os olhos do microscópio.

— Mike, para ti, é sempre uma emergência.

— Por favor. Tenho um cabelo com raiz que foi encontrado no corpo do rapaz morto e tenho o sangue de Trixie muito bem preservado no *kit* de violação. Se existir correspondência de ADN, é quanto basta para obter um mandado de detenção.

— Não — disse Venice.

— Eu sei que tens muito trabalho atrasado e...

— Não é por isso — interrompeu ela, olhando para Bartholemew.

— Nem penses que vou abrir um *kit* de violação selado.

— Porquê? Trixie Stone deu o seu consentimento para a recolha do sangue.

— Enquanto vítima — observou Venice. — Não para provar que cometeu um crime.

— Tens de deixar de ver *Lei e Ordem*.

— Talvez sejas tu quem tem de começar.

Bartholemew franziu o sobrolho.

— Não acredito que vais fazer isto.

— Eu não vou fazer nada — disse Venice, debruçando-se novamente sobre o seu microscópio. — Pelo menos, até que um juiz me mande fazê-lo.

O verão na tundra era um sonho. Desde que o Sol nascia até às duas da manhã, as pessoas não dormiam muito em Akiak. Os miúdos juntavam-se à volta de bebidas alcoólicas e erva, quando as conseguiam arranjar, ou deixavam para trás papéis dos chocolates e latas entornadas de refrigerante, quando não conseguiam. Os mais

pequenos mergulhavam na água esverdeada e turva do Kuskokwim, embora mesmo em agosto continuassem a perder a sensibilidade nos tornozelos passados poucos segundos. Todos os anos havia alguém que se afogava numa das aldeias iúpiques; a água estava demasiado fria para alguém conseguir ficar lá tempo suficiente para aprender a nadar.

Quando Daniel tinha oito anos, passou o mês de julho a caminhar descalço ao longo das margens do Kuskokwim. Uma muralha de amieiros e salgueiros revestia um dos lados do rio; do outro, a erva descia até à água a partir de um talude com três metros de altura. Os mosquitos colavam-se-lhe ao rosto sempre que ele parava de andar; às vezes, entravam-lhe nos ouvidos, zumbindo como um avião. Daniel ficava a ver os dorsos gordos do salmão real a erguerem-se como tubarões em miniatura no meio do rio. Os homens da aldeia tinham partido nos seus barcos de pesca de alumínio, aqueles que tinham estado adormecidos na margem como baleias encalhadas durante todo o inverno. Os acampamentos de pesca salpicavam a margem: cidades unicelulares feitas de tendas brancas ou estacas nodosas pregadas umas às outras e cobertas com lonas azuis que batiam ao vento como os aventais de velhotas ansiosas. Sobre mesas de contraplacado, as mulheres cortavam o salmão-real e o salmão-vermelho em tiras e depois penduravam-nas para secar enquanto chamavam pelos filhos. *Kaigtuten-qaa?* Tens fome? *Qinucetaanrilgu kinguqliin!* Não provoques o teu irmãozinho!

Ele apanhou um galho velho, uma correia de ventoinha e uma mola para papel antes de o ver: um bico picado a sair do sedimento. Não podia ser... ou podia? Era preciso ter um olho bem treinado para conseguir destrinçar uma presa de marfim ou um osso fossilizado no meio dos destroços de madeira putrefactos, mas

Daniel sabia que já acontecera. Havia miúdos na escola, os mesmos que troçavam dele por ser *kass'aq* e que se riam por ele não saber como dar um tiro numa ptármiga ou não conseguir encontrar o caminho de volta da tundra num trenó, que tinham encontrado dentes de mastodonte ao longo das margens do rio.

Agachando-se, Daniel escavou junto à base, ao mesmo tempo que o rio entrava no buraco e soterrava os seus progressos. Era mesmo uma presa, ali, debaixo das suas mãos. Imaginou que se prolongava para lá do lençol freático, ainda maior do que a que estava em exposição em Bethel.

Dois corvos observavam-no da margem, crocitando um comentário detalhado à medida que Daniel puxava e levantava. As presas de mamute podiam ter três metros ou mais de comprimento; podiam pesar uma centena de quilos. Talvez nem fosse um mamute, mas sim um *quugaarpak*. Os iúpiques contavam histórias sobre a enorme criatura que vivia no subsolo e só saía à noite. Se fosse apanhada cá em cima quando havia sol, mesmo que ténue, todo o seu corpo se transformaria em osso e marfim.

Daniel passou horas a tentar libertar o dente, mas estava demasiado preso e demasiado fundo. Marcou o local, espezinhando as canas altas e deixando um monte de pedras na margem para indicar o sítio onde a presa estaria à espera.

No dia seguinte, Daniel voltou com uma pá e um cepo de madeira. Tinha um vago plano para construir um dique para represar o fluxo de água enquanto retirava o dente do sedimento. Passou pelas mesmas pessoas que trabalhavam no acampamento de pesca, pela curva onde os amieiros tinham caído da margem para a água e pelos dois corvos a crocitar, mas, quando chegou ao local

onde tinha encontrado a presa no dia anterior, esta tinha desaparecido.

Dizem que é impossível entrar duas vezes no mesmo rio. Talvez fosse esse o problema ou talvez a corrente fosse tão forte que tinha levado o monte de pedras que Daniel deixara a marcar o local. Ou talvez fosse, como os miúdos iúpiques diziam, porque Daniel era demasiado branco para fazer aquilo que eles faziam tão naturalmente como respirar: encontrar História com as próprias mãos.

Só quando David chegou novamente à aldeia é que se apercebeu de que os corvos o tinham seguido até lá. Toda a gente sabia que, quando um pássaro pousava no nosso telhado, isso significava companhia. Mas um bando de corvos significava algo completamente diferente: que a solidão era o nosso destino e que não havia esperança de mudar de rumo.

Marita Sorenstad levantou os olhos assim que Bartholemew entrou no seu gabinete.

— Lembra-se de um tipo chamado David Fleming? — perguntou ela.

Ele deixou-se cair na cadeira à frente dela.

— Devia?

— Em 1991, violou e tentou matar uma rapariga de quinze anos que vinha da escola para casa de bicicleta. A seguir, matou alguém noutra condado e foi pedido um parecer ao Supremo Tribunal sobre se a amostra de ADN recolhida para o primeiro caso podia, ou não, ser utilizada como prova no segundo.

— E então?

— Então, no Maine, se recolher uma amostra de sangue de um suspeito para um caso, pode utilizá-la para testes subsequentes num caso diferente — disse Marita. — O problema é que Trixie Stone consentiu em fazê-lo porque era a vítima, e isso é muito diferente de consentir por ser suspeita.

— E não há aí nenhuma lacuna?

— Depende — disse Marita. — Há três situações quando falamos de uma amostra individual que foi dada com base num consentimento, por oposição à que foi dada com base num mandado. Na primeira, a polícia diz ao indivíduo que a amostra será usada em qualquer investigação. Na segunda, a polícia diz ao indivíduo que a amostra só será usada para determinada investigação. Na terceira, a polícia obtém o consentimento depois de dizer que a amostra será usada para investigar um crime em particular, mas não menciona outras utilizações. Está a acompanhar-me, até agora?

Bartholemew assentiu.

— O que disse exatamente a Trixie Stone sobre o *kit* de violação?

Ele recuou à noite em que conhecera a rapariga e os pais no hospital. Bartholemew não podia ter a certeza, mas imaginava que tivesse dito o que normalmente dizia às vítimas de agressão sexual: que aquilo ia ser usado para o caso de violação e que a prova de ADN era muitas vezes aquilo em que o júri mais confiava.

— Não falou em usá-la noutro caso potencial, não? — perguntou Marita.

— Não — disse ele, franzindo o sobrolho. — A maior parte das vítimas de violação já tem problemas suficientes com esse caso.

— Bem, isso significa que o âmbito do consentimento foi ambíguo. A maioria das pessoas presume que, quando a polícia pede uma amostra para ajudar a resolver um crime, não vai usar indefinidamente essa amostra para outros fins. E pode recorrer-se a um argumento de peso, dizendo que, na ausência de consentimento explícito, conservar a amostra e reutilizá-la não é razoável em termos constitucionais. — Tirou os óculos. — Parece-me que tem duas opções. Pode ir ter com Trixie Stone e pedir-lhe autorização para utilizar a amostra de sangue que tem no *kit* de violação numa nova investigação ou pode ir ter com um juiz e obter um mandado para uma nova amostra de sangue.

— Nenhuma das duas vai funcionar — disse Bartholemew. — Ela está desaparecida.

Marita olhou para ele.

— Está a brincar?

— Quem me dera.

— Então seja mais criativo. Em que outros lugares poderá haver uma amostra do ADN dela? Será que lambe envelopes no clube de teatro ou na Juventude Democrata?

— Estava demasiado ocupada a cortar os braços para manter outras atividades extracurriculares — disse Bartholemew.

— Quem a tratou? A enfermeira da escola?

Não, aquele tinha sido o grande segredo de Trixie; ela teria tido grande dificuldade em escondê-lo, sobretudo se andava a cortar-se enquanto estava na escola. Mas isso suscitava a pergunta: o que usava ela para estancar o sangue? Pensos, gaze, lenços de papel?

E haveria alguma dessas coisas no seu cacifo?

O piloto da Arctic Circle Air tinha sido contratado para levar um veterinário que ia para Bethel para a corrida de cães de trenó K300.

— Também vais para lá? — perguntou o veterinário, e embora Trixie não fizesse ideia de onde era, assentiu. — É a primeira vez?

— Hum, sim.

O veterinário olhou para a mochila que ela levava.

— Deves pertencer à equipa.

E pertencia; tinha jogado na equipa de futebol da secundária naquele outono.

— Era ponta de lança — disse Trixie.

— O resto da equipa foi ontem para os postos de controlo — disse o piloto. — Perdeste o avião?

Aquilo, para ela, era grego.

— Fiquei doente — disse Trixie. — Com gripe.

O piloto içou a última caixa de provisões para a barriga do avião.

— Bem, se não te importares de ir juntamente com a carga, não me importo de dar boleia a uma rapariga bonita.

O *Short Skyvan* tinha um ar pouco fiável: parecia uma autocaravana com asas. O interior estava juncado de sacos e paletes.

— Podes esperar pelo voo de amanhã — disse o piloto —, mas vem aí uma tempestade. Provavelmente, vais ficar no aeroporto durante toda a corrida.

— Preferia ir já — disse Trixie, e o piloto ajudou-a a subir.

— Cuidado com o corpo — disse ele.

— Oh, eu estou bem.

— Não estava a falar de *ti*. — O piloto esticou a mão e bateu com os nós dos dedos num caixão de pinho.

Trixie precipitou-se para o outro lado do estreito compartimento de carga. Estavam à espera que voasse até Bethel junto de uma urna?

— Pelo menos, sabes que esse não fala pelos cotovelos! — O piloto riu-se e depois fechou Trixie lá dentro.

Ela sentou-se em cima dos sacos e encostou-se à parede de metal rebitada. Através da rede que a separava do piloto e do veterinário, conseguia ouvi-los falar. O avião ganhou vida e começou a vibrar.

Há três dias, se alguém lhe tivesse dito que ia estar num autocarro voador ao lado de um cadáver, teria negado terminantemente. Mas o desespero faz coisas espantosas a uma pessoa. Trixie lembrava-se do seu professor de História ter contado à turma sobre um homem faminto numa colónia da Virginia que tinha matado, salgado e comido a mulher num inverno, antes mesmo de os outros colonos terem dado pela sua falta. Aquilo que se considerava impossível num dia podia parecer promissor no outro.

Quando o avião deixou o solo, o caixão de pinho deslizou em direção a Trixie, ficando encostado às solas dos seus sapatos. *Podia ser pior*, pensou ela. Podia não estar num caixão, mas sim dentro de um saco. Podia não ser um tipo qualquer, mas sim Jason.

Subiram em direção à noite, uma massa rica misturada com estrelas. Ali em cima, estava ainda mais frio. Trixie puxou as mangas do blusão para baixo.

Ooooooh.

Inclinou-se em direção à rede para falar para a frente do *cockpit*. O veterinário já estava a dormir.

— Disse alguma coisa? — gritou ela para o piloto.

— Não!

Trixie voltou a recostar-se na parede lateral do avião e ouviu de novo a nota abafada e longa de alguém que cantava o que lhe ia na alma.

Vinha de debaixo da tampa do caixão de pinho.

Trixie ficou paralisada. Devia ser o motor. Ou talvez o veterinário ressonasse. Mas desta vez foi ainda mais alto, e ela conseguiu determinar que tinha origem no caixão: *Ohhhh*.

E se a pessoa não estivesse morta? E se o tivessem prendido naquele caixão e ele estivesse a tentar sair? E se estivesse a arranhar o interior, com lascas de madeira debaixo das unhas, a perguntar-se como tinha ido ali parar?

Ohhh, suspirou o cadáver. *Nããã*.

Ela levantou-se de joelhos, agarrando o ombro do piloto através da rede.

— Pare o avião — gritou. — Tem de parar agora!

— Devia ter ido antes de partirmos — redarguiu o piloto.

— Aquele corpo... não está morto!

Por esta altura, já tinha acordado o veterinário, que se virou para trás no seu lugar.

— O que é que se passa?

Trixie não era capaz de olhar para o caixão; se o fizesse, haveria um braço a sair de lá, um rosto a persegui-la nos seus pesadelos, uma voz a dizer-lhe que sabia o segredo que ela não contara a ninguém.

Oooooh.

— Lá está — disse Trixie. — Não ouvem?

O veterinário riu-se.

— São os pulmões a expandir. Como quando levamos um pacote de batatas fritas para o avião e ele fica cheio de ar após a descolagem. É isso que estás a ouvir: ar a passar pelas cordas vocais. — Sorriu para ela. — Talvez seja melhor reduzires a cafeína.

Envergonhada, Trixie virou-se para o caixão. Conseguia ouvir o piloto e o veterinário a comentar a sua estupidez e sentiu as faces a arder. O corpo — mortinho da silva, morto como a madeira que o rodeava — continuava a cantar: uma nota isolada que enchia o avião como um réquiem, como a verdade que ninguém queria ouvir.

— Isto é mesmo um choque — disse Jeb Aaronsen, o diretor da secundária de Bethel. — A Trixie parecia estar a dar-se tão bem na escola.

Bartholemew não tinha muita paciência para aquele diretor, que também não tinha notado nenhuma alteração no comportamento da sua filha quando lá estudava. Aaronsen punha sempre a sua cara de tragédia, mas não parecia capaz de impedir a tragédia seguinte.

Bartholemew estava cansado. Tinha seguido a pista dos Stone até ao aeroporto, onde haviam embarcado num avião para Seattle. Esse tinha ligação com outro que aterrava em Anchorage pouco antes da meia-noite. Tinham pago 1292,90 dólares por cada bilhete, segundo o agente do American Express que tinha dado a dica ao inspetor.

Agora, sabia para onde ia Trixie. Só tinha de convencer um juiz que era preciso trazê-la de volta.

Bartholemew tinha acordado o diretor e brandido o mandado de busca. As únicas outras pessoas que estavam na escola àquela hora da noite eram os zeladores, que acenavam com a cabeça e

tiravam os carrinhos do lixo do caminho quando os homens passavam. Era estranho, quase sinistro, estar numa escola tão manifestamente destituída de alvoroço.

— Nós sabíamos que o... incidente foi... difícil para ela. — A senhora Gray, a orientadora, tinha Trixie debaixo de olho.

Bartholemew nem sequer se deu ao trabalho de responder. A administração na secundária de Bethel não era diferente de qualquer outro grupo de adultos na América: em vez de verem o que estava mesmo debaixo do seu nariz, fingiam que tudo era exatamente como queriam que fosse. O que é que a senhora Gray estava a fazer enquanto Trixie cortava os braços e os pulsos? Ou, já agora, quando Holly faltara às aulas e deixara de comer?

— Trixie sabia que podia vir ter connosco caso se sentisse ostracizada — disse o diretor, e depois parou em frente de um cacifo verde-tropa. — É este.

Bartholemew levantou o alicate que tinha trazido do corpo de bombeiros e cortou o cadeado de combinação. Abriu a lingueta metálica do cacifo, fazendo saltar dezenas de preservativos lá de dentro, como um ninho de cobras. Bartholemew pegou numa das fiadas de *Trojans*.

— Ainda bem que ela não estava a ser ostracizada — disse.

O diretor murmurou qualquer coisa e desapareceu ao fundo do corredor, deixando Bartholemew sozinho. Ele enfiou um par de luvas de borracha e extraiu um saco de papel do bolso do casaco. A seguir, tirou os restantes preservativos das entranhas do cacifo e aproximou-se mais para investigar.

Havia um manual de Álgebra. Um exemplar muito manuseado de *Romeu e Julieta*. Quarenta e seis cêntimos em moedas de diferente valor. Uma régua. Uma mola de papel partida. Montado na porta,

por baixo de um autocolante que dizia HOOBASTANK, estava um pequeno espelho com uma flor pintada ao canto. Tinham-lhe batido com força suficiente para o rachar e faltava-lhe o canto inferior esquerdo.

Bartholemew deu por si a olhar para ele e a perguntar-se o que Trixie Stone vira ali. Teria visto a rapariga que era no início do nono ano? Na verdade, uma miúda a observar o que se passava no corredor atrás de si e desejando fazer parte disso? Ou teria visto a sombra em que se tornara: uma das dezenas de adolescentes sem rosto que frequentavam a secundária de Bethel e que conseguiam chegar ao fim do dia, um passo de cada vez, rezando para não chamar a atenção de ninguém?

Bartholemew espreitou novamente para dentro do cacifo de Trixie. Era como uma natureza morta.

Não havia gaze nem caixa de pensos. Não havia nenhuma camisa amarfanhada a um canto, manchada com o sangue de Trixie. Bartholemew estava prestes a desistir quando reparou na orla de uma fotografia, enfiada entre a parede metálica do fundo e a base do cacifo. Com uma pinça, Bartholemew conseguiu tirá-la.

Era a fotografia de duas vampiras, com as bocas a escorrerem sangue. Bartholemew olhou duas vezes e depois voltou a olhar e percebeu que as raparigas estavam a segurar um balde de cerejas meio comido. A da esquerda era Zephyr Santorelli-Weinstein. A sua boca tinha um tom de carmesim muito vivo e os dentes também estavam manchados. A outra rapariga devia ser Trixie Stone, embora ele tivesse dificuldade em identificá-la. Na foto, estava a rir-se tanto que os olhos não passavam de fendas. O cabelo era quase da mesma cor da fruta e caía-lhe pelas costas abaixo.

Até ter visto aquilo, tinha-se esquecido. Quando Bartholemew conheceu Trixie Stone, o seu cabelo dava-lhe pela cintura. Da segunda vez que se encontraram, os seus caracóis tinham sofrido um corte brutal. Lembrava-se de Janice, a conselheira de vítimas de violação, lhe ter dito que isso era um passo positivo, uma doação que Trixie fizera a uma obra de beneficência que fazia perucas para pacientes com cancro.

Uma obra de beneficência que devia ter recebido, registado e etiquetado o cabelo de Trixie Stone.

Daniel e Laura estavam sentados num bar do aeroporto, à espera. Uma tempestade de neve em Anchorage atrasara o voo de ligação de Seattle e até agora já se tinham passado três horas, três horas que Trixie levava de avanço sobre eles.

Laura já tomara três bebidas. Daniel não sabia se era por causa do medo que ela tinha das alturas e de voar em geral, ou por estar preocupada com Trixie, ou ambas as coisas. É claro que havia a hipótese de estarem enganados e de Trixie ter rumado a sul, para o México, ou estar a dormir numa estação de comboios na Pensilvânia. Mas também era verdade que Trixie não seria a primeira rapariga em apuros a ir para o Alasca. Havia tantos foragidos da justiça que acabavam lá, na última grande fronteira, que os Estados há muito que tinham desistido de gastar dinheiro para os ir buscar. Em vez disso, era a polícia estadual do Alasca que dava caça a esses fugitivos. Daniel lembrava-se de ter lido artigos de jornal sobre pessoas que eram arrastadas para fora de cabanas no meio do mato e extraditadas, acusadas de violação, rapto ou homicídio. Perguntou-se se a fotografia de Trixie estaria a

ser enviada por *mail* às autoridades no Alasca e se já teriam começado a procurá-la.

Mas havia uma diferença entre procurar e caçar, diferença que ele aprendera com Cane e o seu avô. «Tens de expurgar a mente dos pensamentos sobre o animal», costumava dizer o velhote, «caso contrário ele vai ver-te a aproximar.» Daniel concentrava-se, desejando ser menos branco e mais como Cane, que, se lhe dissessem «Não penses num elefante roxo», conseguia mesmo *não* pensar num elefante roxo.

A diferença aqui era que, se Daniel queria encontrar Trixie, não se podia dar ao luxo de *parar* de pensar nela. Dessa forma, ela saberia que ele estava à sua procura.

Daniel afastou um copo de martíni que já estava no bar quando eles se tinham sentado — as sobras de alguém. Não era preciso limpar o que sujávamos; havia sempre alguém que o fazia por nós. Essa era uma das diferenças entre a cultura esquimó e a cultura branca que ele nunca entendera: as pessoas dos Estados Unidos continentais não tinham responsabilidades para com os outros. Punham as suas necessidades e preocupações à frente das de toda a gente; tratavam da sua vida. Se interferissem nos assuntos de alguém, mesmo com a melhor das intenções, podiam de repente ser responsabilizados pelo que corresse mal. O bom samaritano que tirava um homem de um carro a arder podia ser processado pelas lesões provocadas durante esse ato.

Por outro lado, os iúpiques sabiam que toda a gente estava interligada: homem e animal, desconhecido e desconhecido, marido e mulher, pai e filho. Corta-te e mais alguém sangrará. Resgata outra pessoa e poderás salvar-te a ti próprio.

Daniel estremeceu à medida que lhe vinham à cabeça mais memórias. Havia imagens desconexas, como as montanhas Kilbuck ao longe, rebaixadas pela inversão do ar provocada pelas temperaturas extremamente baixas. Havia sons estranhos, como a ária plangente dos cães dos trenós à espera de jantar. E havia cheiros muito nítidos, como o das tiras oleosas de salmão a secar, que o vento trazia do acampamento de pesca. Sentia-se como se estivesse a pegar no fio de uma vida que se esquecera de tecer e cujo padrão esperavam que ele respeitasse.

E, contudo, no aeroporto havia milhares de lembranças de como tinha vivido nas últimas duas décadas. Os viajantes saíam das mangas, puxando a bagagem de mão com rodas e carregando prendas em sacos de grandes armazéns. O cheiro a café forte chegava-lhe do Starbucks que ficava em frente. As canções de Natal ecoavam nos altifalantes de forma contínua, interrompidas esporadicamente pela chamada de um bagageiro para levar uma cadeira de rodas.

Quando Laura falou, ele quase saltou do assento.

— O que achas que vai acontecer?

Daniel olhou para ela.

— Não sei. — Fez uma careta, pensando em tudo o que podia correr mal para Trixie a partir de agora: queimaduras provocadas pelo gelo, febre, animais que não podia enfrentar, perder-se no caminho. Perder-se.

— Só queria que ela tivesse vindo ter comigo, em vez de fugir.

Laura pregou os olhos na mesa.

— Talvez tenha tido medo de que pensasses o pior.

Será que ele era assim tão transparente? Embora Daniel tivesse dito a si mesmo que Trixie não matara Jason, embora o tivesse dito

até ficar rouco, havia uma semente de dúvida que começara a florescer e que sufocava o seu otimismo. A Trixie que ele conhecia não podia ter matado Jason; mas também já tinha ficado provado que havia muita coisa sobre Trixie que ele não sabia.

Mas o mais extraordinário era que isso não importava. Trixie podia ter-lhe dito que tinha matado Jason com as próprias mãos, e ele teria compreendido. Quem melhor do que Daniel para saber que toda a gente tinha um animal dentro de si, que às vezes saía do seu esconderijo?

O que ele gostava de poder ter dito a Trixie era que ela não estava sozinha. Ao longo das últimas duas semanas, essa metamorfose também tinha acontecido com ele. Daniel raptara Jason e espancara o rapaz. Mentira à polícia. E agora ia para o Alasca, o lugar que mais odiava ao cimo da terra. Daniel Stone estava a desaparecer aos poucos e não tardaria a ser novamente um animal, tal como os iúpiques acreditavam.

Daniel ia encontrar Trixie, nem que isso significasse que tinha de palmilhar todo o Alasca para o fazer. Ia encontrá-la, nem que tivesse de voltar a vestir a sua antiga pele: mentir, roubar, magoar quem se atravessasse no seu caminho. Ia encontrar Trixie e ia convencê-la de que nada que ela pudesse fazer ou dizer faria com que ele a amasse menos.

Só esperava que quando ela visse no que se tornara por ela, Trixie sentisse a mesma coisa.

O quartel-general da corrida K300 já estava em plena atividade quando Trixie lá chegou com o veterinário pouco passava das seis. Havia listas afixadas em quadros brancos: os nomes dos condutores

dos trenós, com grelhas para anotar o seu progresso numa dúzia de postos de controlo. Havia livros de regras e mapas da corrida. Atrás de uma mesa, estava uma mulher a atender uma série de telefones e a responder às mesmas perguntas vezes sem conta. Sim, a corrida começava às oito da noite. Sim, DeeDee Jonrowe tinha o dorsal número um. Não, não tinham voluntários suficientes.

As pessoas que chegavam de moto de neve despiam várias camadas de roupa assim que entravam na Long House Inn. Toda a gente usava calçado com solas tão grossas, que pareciam *Moon Boots*, e barretes de pele de foca com abas que pendiam sobre as orelhas. Havia fatos de neve de uma só peça e anoraques em pele cheias de bordados. Quando entrava algum condutor de trenó, era tratado como se fosse uma estrela de *rock*: as pessoas faziam fila para lhe dar um aperto de mão e para lhe desejar boa sorte. Todos pareciam conhecer-se.

Seria de pensar que, num ambiente daqueles, Trixie parecesse ridiculamente deslocada, mas, se alguém deu pela sua presença, não pareceu importar-se. Ninguém a impediu quando ela tirou uma tigela de guisado da panela elétrica que estava na mesa ao fundo e depois voltou lá, passados segundos, para ir buscar outra dose. Não era carne de vaca — sinceramente, até tinha medo de descobrir o que era — mas era a primeira coisa que comia em quase dois dias e, nesta altura, tudo era delicioso.

De repente, a mulher que estava atrás da mesa levantou-se e veio ao encontro de Trixie. Ela ficou siderada, antevendo um momento difícil.

— Deixa-me adivinhar — disse ela. — És a Andi?

Trixie esboçou um sorriso forçado.

— Como é que sabe?

— Os outros membros da equipa dos Voluntários Jesuítas telefonaram de Tuluksak e disseram que vinhas pela primeira vez e que tinhas ficado retida pela neve no Exterior.

— No exterior, onde?

A mulher sorriu.

— Desculpa, é o que chamamos aqui a todos os outros Estados. Vamos arranjar alguém para te levar ao posto de controlo antes de chegarem os condutores dos trenós.

— Tuluksak — repetiu Trixie. A palavra sabia a ferro. — Estava à espera de ir para Akiak.

— Bem, Tuluksak é onde pomos todos os Voluntários Jesuítas que trabalham aqui. Não te preocupes, ainda nunca perdemos nenhum. — Acenou com a cabeça em direção a uma caixa. — A propósito, o meu nome é Jen. E seria ótimo se me pudesses ajudar a levar isto para a linha de partida.

Trixie pegou na caixa, que estava cheia de equipamento de fotografia, enquanto Jen puxava a sua máscara de esqui para cima do nariz e da boca.

— Talvez seja melhor lebares o casaco — disse ela.

— Eu só trouxe isto — replicou Trixie. — Os meus... hum, amigos é que têm as minhas coisas.

Nem sequer sabia se aquela mentira faria sentido, uma vez que não percebera os comentários de Jen acerca dos Voluntários Jesuítas e de Tuluksak. Mas Jen limitou-se a revirar os olhos e arrastou-a até uma mesa cheia de artigos alusivos à K300 para vender.

— Toma — disse ela, atirando-lhe um grande blusão de malha polar, luvas e um barrete que se apertava debaixo do queixo com

velcro. Tirou um par de botas e um pesado anoraque de trás das mesas da organização.

— Isto vai-te ficar grande, mas o Harry vai estar demasiado bêbedo, logo, para dar pela sua falta.

Quando Trixie seguiu Jen para fora da Long House, o inverno acertou-lhe em cheio no rosto. Não era apenas frio, como acontecia no Maine em dezembro. Era um frio de enregelar os ossos, daquele que se entranhava à volta da coluna e transformava a respiração em cristais minúsculos que se agarravam às pestanas juntamente com gelo. A neve amontoava-se de ambos os lados do passeio e as motos de neve estavam estacionadas em ângulo reto entre umas quantas carrinhas enferrujadas.

Jen foi direita a uma dessas carrinhas. Era branca, mas uma das portas era vermelha, como se tivesse sido amputada de um monte de sucata diferente e transplantada naquele. Havia tufos de enchimento e molas a sair do banco do lado do passageiro. Não havia cintos de segurança. Não se parecia nada com a carrinha do pai de Trixie, mas ao sentar-se lá dentro as saudades de casa cravaram-se como uma faca entre as suas costelas.

Jen persuadiu o motor a começar a trabalhar.

— Desde quando é que os Jesuítas começaram a recrutar gente nos parques infantis?

O coração de Trixie começou a bater com mais força.

— Oh, eu tenho vinte e um anos — disse ela. — Só pareço muito mais nova.

— Ou isso, ou sou eu que estou a ficar demasiado velha. — Acenou em direção a uma garrafa de *Jägermeister* enfiada no cinzeiro. — Se quiseses beber, estás à vontade.

Trixie desenroscou a tampa da garrafa. Bebeu um gole hesitante, e depois cuspiu a bebida sobre o painel de instrumentos.

Jen riu-se.

— Pois é. Voluntária Jesuíta. Tinha-me esquecido. — Viu Trixie a tentar limpar o que sujara com a luva. — Não te preocupes, acho que tem álcool suficiente para ser considerado líquido de limpeza.

Fez uma curva apertada para a direita, virando a carrinha sobre a orla de um banco de neve. Trixie entrou em pânico: não havia estrada. A carrinha deslizou sobre uma colina cheia de gelo até à superfície de um rio congelado, e depois Jen começou a conduzir em direção ao seu centro.

Tinha sido erguida uma linha de partida e uma meta improvisadas, com duas longas pistas inclinadas vedadas por cordões de segurança e uma faixa por cima que anunciava a K300. Ao lado dela, estava um camião de plataforma, em cima da qual estava um homem a testar um microfone. Havia um fluxo contínuo de carrinhas decrepitas e motos de neve a chegar ao gelo e a estacionar em linhas irregulares. Algumas puxavam atrelados com nomes de canis pintados; outras traziam uma série de cães a ladrar na parte de trás. Ao longe, via-se um *hovercraft*, que Jen explicou que trazia o correio até ali. Esta noite, servia cachorros quentes de graça, em honra da corrida.

Um par de enormes projetores iluminava a noite e, pela primeira vez desde que aterrara ali, Trixie teve uma boa panorâmica da tundra do Alasca. A paisagem era feita de cambiantes de azul pálido e prateado; o céu era uma tigela de estrelas entornada sobre os capuzes das crianças iúpiques equilibradas nos ombros dos pais. O gelo prolongava-se até perder de vista. Ali, era fácil perceber como

é que as pessoas tinham pensado em tempos que podiam cair da borda do mundo.

Tudo lhe parecia familiar, por mais impossível que isso fosse. E depois percebeu que *era* mesmo familiar. Era exatamente assim que o pai desenhava o Inferno.

Enquanto os condutores atrelavam os cães aos trenós, a multidão juntou-se à volta da pista inclinada. Equipada para o frio extremo, toda a gente parecia enorme e inchada. As crianças estendiam as mãos para os cães cheirarem, ficando enredadas nas correias.

— Andi. Andi?

Quando Trixie não respondeu — esquecera-se que tinha dado este nome, desta vez —, Jen bateu-lhe com a mão no ombro. Ao lado dela estava um rapaz iúpique, pouco mais velho do que Trixie. Tinha um rosto largo cor de avelã e, curiosamente, não usava nenhum gorro.

— O Willie vai levar-te a Tuluksak — disse Jen.

— Obrigada — respondeu Trixie.

O rapaz não a olhou nos olhos. Deu meia-volta e começou a andar, e Trixie supôs que fosse a deixa para o seguir. Parou junto a uma moto de neve, fez sinal com a cabeça em direção a ela, e depois afastou-se.

Willie desapareceu rapidamente na noite que circundava a luz do projetor. Trixie hesitou ao lado da moto, sem saber o que devia fazer. Segui-lo? Descobrir como é que aquela coisa se ligava?

Trixie tocou numa dos braços do guiador. A moto cheirava a gás de escape, como o corta-relva do pai.

Preparava-se para procurar um botão para a ligar quando Willie regressou, segurando um grande anoraque com pele de lobo preta

no capuz. Continuando a evitar olhá-la, estendeu-lho. Quando ela não pegou nele, mostrou-lhe por gestos que o devia vestir.

Ainda estava quente por dentro. Trixie perguntou-se a quem teria ele tirado o casaco e se a pessoa em questão estaria agora a tremer de frio. As suas mãos ficaram perdidas nas mangas e, quando ela puxou o capuz para cima, este impedia que o vento lhe batesse no rosto.

Willie subiu para a moto e esperou que Trixie fizesse o mesmo. Ela olhou para ele: e se ele não soubesse o caminho para Tuluksak? E mesmo que soubesse, o que ia ela fazer quando toda a gente percebesse que Trixie não era a pessoa de quem estavam à espera? Mais importante ainda, como é que ela havia de subir para a parte de trás daquela coisa sem ter de se encostar ao rapaz?

Com toda a roupa que tinham vestida, ficavam como sardinha em lata. Trixie chegou-se o mais que podia para a borda do assento, segurando-se com as mãos enluvadas às barras laterais. Willie puxou a corda para ligar a máquina e avançaram lentamente para não assustar os cães. Ele manobrou em torno da pista inclinada e depois acelerou o motor, de forma que quase voavam pelo gelo fora.

Se estava frio quando andava por ali, estava cinquenta vezes mais frio numa moto de neve que se deslocava a toda a velocidade. Trixie nem imaginava como seria se não tivesse o anoraque; mesmo assim, estava a tremer de frio dentro dele e tinha os punhos cerrados.

O farol na parte da frente da máquina iluminava um minúsculo triângulo de visibilidade à frente deles. Não havia nada parecido com uma estrada. Não havia sinais de trânsito, nem semáforos, nem rampas de saída.

— Olha lá — berrou Trixie para o vento. — Tu sabes para onde vais?

Willie não respondeu.

Trixie agarrou-se com mais firmeza. Era vertiginoso seguir àquela velocidade sem conseguir ver. Inclinou-se para a esquerda enquanto Willie passava por cima de um banco de neve, através de um arvoredo estreito e depois saía novamente para um braço do rio gelado.

— O meu nome é Trixie — disse ela, não porque esperasse uma resposta, mas para impedir os dentes de baterem uns nos outros. Depois de falar, lembrou-se que se fizera passar por outra pessoa. — Bem, é Trixie, mas chamam-me Andi. — *Meu Deus*, pensou, *Será que conseguia parecer mais estúpida, se quisesse?*

O vento bateu nos olhos de Trixie, que ficaram cerrados com o gelo, quando começaram a lacrimejar. Deu por si a aconchegar-se para a frente, com a testa quase a tocar nas costas de Willie. O calor desprendia-se dele em ondas.

Enquanto prosseguiam viagem, ela fingiu que estava deitada de bruços nas traseiras da carrinha de caixa aberta do pai, a senti-la vibrar por baixo dela enquanto ele a fazia ressaltar no parque de estacionamento do *drive-in*. O fundo metálico da caixa da carrinha junto à sua face ainda estava quente depois do dia todo ao sol. Iam comer tantas pipocas que a mãe sentiria o cheiro delas na sua roupa, mesmo depois de as ter posto a lavar.

Uma rajada de vento gélido bateu-lhe em cheio no rosto.

— Estamos quase a chegar? — perguntou Trixie, e depois, perante o silêncio de Willie: — Ao menos, falas *inglês*?

Para sua surpresa, ele travou até a moto parar. Willie virou-se, continuando a evitar olhá-la nos olhos.

— São noventa quilómetros — disse ele. — Vais passar o tempo todo a dar à língua?

Magoada, Trixie virou-se e reparou na luz feérica que se espalhava sobre a superfície do rio, mais acima. Conseguiu ligá-la à sua origem no céu: um banho de luz rosa, branca e verde que lhe fazia lembrar os rastos de fumo deixados pelo fogo de artifício do 4 de Julho.

Quem diria que, quando se fazia um corte na barriga do céu noturno, este sangrava cor?

— É lindo — sussurrou Trixie.

Willie seguiu o seu olhar.

— *Qiuryaq*.

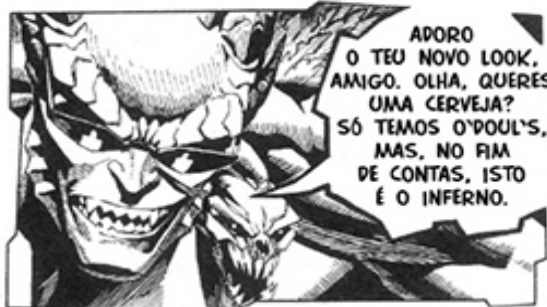
Ela não sabia se aquilo significava *Cala-te* ou *Segura-te* ou talvez até *Desculpa*. Mas, desta vez, quando ele ligou a moto, ela inclinou o rosto para a aurora boreal. Olhar para cima ali era hipnótico e menos excruciante do que tentar ver a estrada imaginária. Olhar para cima ali quase permitia imaginar que estavam prestes a chegar a casa.

⁵ Assassino em série americano, responsável pela morte de dezassete homens. (*N. da T.*)



ONDE
ESTÁ A MINHA
FILHA?

NÃO
QUERES
PASSAR ALGUM
TEMPO COM UM
VELHO AMIGO,
PRIMEIRO?



ADORO
O TEU NOVO LOOK.
AMIGO. OLHA, QUERES
UMA CERVEJA?
SÓ TEMOS O'DOUL'S,
MAS, NO FIM
DE CONTAS, ISTO
É O INFERNO.



CUIDADO!
ELE É UM
TRAPACEIRO!

PORQUE
É QUE ELE FALA
COMO SE ME
CONHECESSE?



OLHA, AÍ ESTÁ UMA
IDEIA PARA UM NOVO
NÍVEL DO INFERNO...
PESSOAS QUE FALAM
À TUA FRENTE
COMO SE TU NÃO
ESTIVESSES LÁ.



MAS...
É IMPOSSÍVEL
CONHECER-TE.



QUERES
APOSTAR?



DEVES
LEMBRAR-TE
DAQUELA NOITE,
NA CONDUTA.



O QUE
ESTÁS AQUI
A FAZER?

PERDESTES MESMO
A MEMÓRIA QUANDO
ESCOLHESTE ESTA FORMA.

JÁ NÃO
TEMOS NADA
EM COMUM.

TEMOS TUDO
EM COMUM,
E SÓ PASSEI
POR AQUI
PARA TE
LEMBRAR
DISSO.

LIMITEI-ME
A DESPERTAR EM TI
O QUE JÁ LÁ ESTAVA.

MAS COMO
É QUE SABIAS
DISSO?

DUNCAN,
MEU AMIGO...
NÃO TE LEMBRAS
DO CÉU?



IMPOSSÍVEL.

VIRGÍLIO,
DIZ-LHE A
VERDADE.

ELE ANTES
CHAMAVA-SE
LÚCIFER. ERA UM
ARCANJO...
O BRACO-DIREITO
DE DEUS.

HOUE UMA
DISPUTA NO CÉU
SOBRE SE HAVIAM OU
NÃO DE DAR O LIVRE-
-ARBITRIO AOS
HUMANOS.

LÚCIFER FOI
EXPULSO DO CÉU...
E ENVIADO PARA
O INFERNO.

ESPERA...
SE SATANÁS
ERA O BRACO-
-DIREITO DE
DEUS, ENTÃO
QUEM ERA
EU?

PAPÁ!





ONDE ESTÁ
ELA?



NO ÚLTIMO
NÍVEL DO
INFERNO.



MAS... ESTE
É O ÚLTIMO
NÍVEL DO
INFERNO.

NÃO
ACREDITES EM
TUDO QUANTO
LÊS.



PORQUE É QUE
LEVASTE A MINHA
FILHA?

ISTO NUNCA
SE TRATOU DA TUA
FILHA, DUNCAN, MAS
SIM DE TE
ATRAIR AQUI.



TEREI TODO
O GOSTO EM MANDAR-TE
PARA JUNTO DA TUA FILHA.
SE FORES BEM-SUCEDIDO,
TU E ELA SERÃO LIVRES
DE IR PARA CASA.

MAS SE FALHARES...
ELA MORRE,
TU MORRES E EU
FIÇO LIVRE.

ESTÁ BEM.
O QUE TENHO
DE FAZER?

NÃO FAÇO
IDEIA. NUNCA
NINGUÉM QUE
TENHA ENTRADO
NO DÉCIMO CÍRCULO
VOLTOU VIVO PARA
CONTAR OS
PORMENORES.



Max Giff-Reynolds tinha feito carreira a centrar-se nas coisas que a maior parte das pessoas nunca via: uma fibra de um tapete presa na bainha do casaco de uma vítima, um grão de areia deixado no local de um crime que era oriundo de uma determinada parte do país, o pó de um moinho de café usado no fabrico de uma bomba suja. Sendo um dos duzentos microscopistas forenses do país, era muito requisitado. O mais provável era Mike Bartholemew nunca ter conseguido chegar perto dele para uma análise à amostra de cabelo de Trixie caso não conhecesse Max do tempo em que ele era um «cromo» pequeno e magricela na faculdade, quando eram colegas de quarto e Bartholemew lhe servia de guarda-costas em troca de lições particulares de Química e Física.

Bartholemew tinha ido de carro até Boston nessa noite com uma madeixa do cabelo de Trixie Stone no banco ao lado dele. O salão Live and Let Dye nem sequer o tinha enviado ainda para a Locks of Love; estava guardado numa gaveta na sala das traseiras, junto ao peróxido e à parafina. Agora, estava em cima da bancada, à espera que Max lhe dissesse alguma coisa de útil.

O laboratório estava cheio de caixas com pó, cabelo e fibras para comparação. Havia um *poster* do herói de Max, Edmond Locard, pendurado por cima do seu microscópio de luz polarizada. Bartholemew lembrava-se de Max ler livros sobre Locard, o pai da ciência forense, ainda na Universidade de Maine.

— Ele queimou as impressões digitais — dissera-lhe Max uma vez com admiração — só para ver se elas se regeneravam com o mesmo padrão!

Haviam passado quase trinta anos desde que se tinham licenciado, mas Max estava igual. Mais calvo, mas continuava magro, com uma curva permanente nas costas de estar debruçado sobre o microscópio.

— Hum — disse ele.

— O que significa isso?

Max afastou-se da bancada de trabalho.

— O que sabes sobre cabelo?

Bartholemew sorriu, olhando para a careca brilhante do outro homem.

— Mais do que tu.

— O cabelo tem três camadas que são importantes em termos de ciência forense — disse Max, ignorando o seu comentário. — O córtex, a cutícula e a medula. Se pensares num cabelo como um lápis, a medula é a grafite, o córtex a madeira e a tinta por fora é a cutícula. Às vezes, a medula está aos bocados e difere de cabelo para cabelo na mesma cabeça humana. As células do córtex têm pigmento e é para elas que estou a tentar encontrar correspondência entre as tuas duas amostras. Estás a acompanhar, até agora?

Bartholemew assentiu.

— Olhando para um cabelo, posso dizer-te se é humano ou não. Posso dizer-te se tem origem caucasiana, negroide ou mongólica. Posso dizer-te de que ponto do corpo saiu e se o cabelo foi arrancado à força, queimado ou esmagado. Posso dizer-te que um cabelo exclui um suspeito, mas não posso usá-lo para identificar um em particular.

Falava enquanto se debruçava novamente sobre o microscópio.

— O que vejo em ambas as amostras é um diâmetro do veio e variação de diâmetro moderados, medula contínua, textura macia. Isso significa que são ambos de uma cabeça humana. A tonalidade, valor e intensidade da cor são praticamente idênticos. A ponta da tua amostra foi cortada por tesoura, a outra ainda tem a raiz, que é suave e está deformada, o que me diz que foi arrancada. O pigmento varia um pouco entre as duas amostras, embora não o suficiente para retirar qualquer conclusão. No entanto, o córtex do cabelo que encontrei no corpo da vítima é muito mais proeminente do que os cabelos na amostra identificada.

— A amostra identificada veio de um corte de cabelo efetuado três semanas antes do homicídio — disse Bartholemew. — Será possível que durante essas três semanas o córtex tenha ficado mais... como é que disseste?

— Proeminente — completou Max. — Sim, é possível, sobretudo se o suspeito tiver feito algum tratamento capilar à base de químicos ou tiver estado excessivamente exposto ao sol ou ao vento. Teoricamente, também é possível que dois cabelos da mesma cabeça humana tenham simplesmente um aspeto diferente. Mas, aqui, também há a possibilidade de estarmos a falar de duas cabeças diferentes. — Olhou para Bartholemew. — Se me pedisses para testemunhar em frente de um júri, eu não poderia dizer de forma conclusiva que estes dois cabelos provinham da mesma pessoa.

Bartholemew sentiu-se como se tivesse levado um soco no peito. Tinha tanta certeza de estar na pista certa e de que o desaparecimento de Trixie Stone indiciava o seu envolvimento no homicídio de Jason Underhill...

— Escuta — disse Max, olhando-o nos olhos. — Não há muita gente a quem eu diga isto, mas a microscopia nem sempre é uma ciência exata. Mesmo quando penso que observo *realmente* uma correspondência, digo aos inspetores para obterem uma análise do ADN para confirmar o que o microscópio diz.

Mike suspirou.

— Só tenho raiz num dos cabelos. Isso exclui o teste de ADN.

— Exclui o ADN *nuclear* — corrigiu Max. Inclinou-se e tirou um cartão da secretária. Escreveu qualquer coisa no verso e entregou-o a Bartholemew. — Skip é minha amiga e trabalha num laboratório privado na Virginia. Diz que vais da minha parte.

Bartholemew pegou no cartão. SKIPPER JOHANSEN, leu. GENETTA LABS. ADN MITOCONDRIAL.

Quando a tempestade chegou, Trixie já tinha os dedos dos pés dormentes. Estava num estado quase catatónico, embalada pelo frio e pelos gases de escape da moto de neve. Assim que sentiu o gelo bater-lhe no rosto, Trixie recuperou a consciência. Continuavam algures no rio: o cenário não era diferente de há uma hora, a não ser o facto de as luzes no céu terem desaparecido, levadas por nuvens cinzentas que chegavam à linha do horizonte.

A neve uivava. A visibilidade era cada vez pior. Trixie começou a imaginar que tinha caído numa das vinhetas de banda desenhada do pai, daquelas cheias do «crepitar de Kirby»: a explosão de bolhas brancas que Jack Kirby, um desenhador da velha guarda, tinha inventado para indicar um campo de energia. As formas na escuridão transformavam-se em vilões na arte do pai: os ramos

retorcidos transformavam-se nos braços com garras de uma bruxa; os pingentes de gelo eram as presas de um demónio.

Willie abrandou a moto de neve e depois parou-a. Gritou para Trixie, para se sobrepor ao rugido do vento.

— Temos de esperar que isto passe. O tempo vai melhorar quando amanhecer.

Trixie queria responder-lhe, mas tinha passado tanto tempo a cerrar os maxilares que não conseguia abri-los o suficiente para falar.

Willie foi à parte de trás da moto e começou à procura de alguma coisa. Estendeu-lhe uma lona azul.

— Enfia isto debaixo das lagartas — disse ele. — Podemos usá-la para nos livrarmos do vento.

Deixou-a entregue a si própria e desapareceu no meio das espirais de neve. Trixie tinha vontade de chorar. Sentia tanto frio que já nem conseguia classificar aquilo como frio; não fazia ideia do que ele queria dizer com *lagartas* e só queria ir para casa. Agarrou a lona junto ao anoraque, sem se mexer, desejando que Willie regressasse.

Via-o a entrar e a sair do feixe de luz projetado pelo farol da moto de neve. Parecia andar a partir ramos de uma árvore morta, junto à margem. Quando viu que Trixie continuava sentada na moto, dirigiu-se a ela. Trixie estava à espera de que ele gritasse que não ia carregar com ela, mas em vez disso ele cerrou os lábios e ajudou-a a sair.

— Anda aqui para baixo — disse ele, e fê-la sentar-se de costas para a moto antes de embrulhar esta última na lona e puxá-la para cima dela, criando um avançado para cortar o vento.

Não era perfeito. A lona tinha três rasgões e a neve e o gelo passavam inexoravelmente por eles. Willie agachou-se aos pés de Trixie e tirou alguma da casca aos ramos de bétula que tinha apanhado, enfiando-a no meio de bocados de choupo e amieiro. Deitou um bocadinho de gasolina da moto por cima do monte e incendiou-a com um isqueiro que tirou do bolso. Só quando conseguiu sentir o calor das chamas junto à pele é que ela se perguntou até que ponto estaria frio ali fora.

Trixie lembrava-se de ter aprendido que o corpo humano era constituído por cerca de sessenta por cento de água. Quantos graus abaixo de zero teriam de estar para a pessoa morrer literalmente congelada?

— Anda — disse Willie. — Vamos buscar erva.

A última coisa que Trixie queria fazer naquele momento era fumar erva. Tentou abanar a cabeça, mas até mesmo esse conjunto de músculos tinha deixado de funcionar. Como ela não se levantou, ele deu meia-volta, como se nem valesse a pena preocupar-se com ela.

— Espera — disse Trixie, e ele parou, embora não olhasse para ela. Trixie queria explicar-lhe que os seus pés pareciam blocos e que sentia umas picadas tão fortes nos dedos que tinha de estar sempre a morder o lábio inferior. Queria dizer-lhe que lhe doíam os ombros por tentar não tremer. Queria dizer-lhe que estava assustada e que quando pensara em fugir, aquilo não estava no programa. — Eu não consigo mexer-me — disse Trixie.

Willie ajoelhou-se ao lado dela.

— O que é que não sentes?

Ela não sabia como responder àquilo. Conforto? Segurança?

Ele começou a desapertar os atacadores das botas de Trixie. Com espírito prático, pôs as mãos em concha à volta de um dos seus pés.

— Eu não tenho saco-cama. Deixei o meu primo Ernie levá-lo. Ele vai conduzir um dos trenós, e os representantes da organização veem sempre se tens um antes de a corrida começar.

A seguir, precisamente quando Trixie começava a mexer os dedos e a sentir uma queimadura excruciante que lhe ia das unhas ao arco do pé, Willie levantou-se e foi-se embora.

Voltou passados alguns minutos com um braçado de erva morta. Ainda tinha resíduos de neve; Willie desenterrara-a da beira do rio. Colocou a erva nas botas e luvas de Trixie e disse-lhe para enfiar alguma debaixo do anoraque.

— Quanto tempo vai nevar? — perguntou Trixie.

Willie encolheu os ombros.

— Porque é que não falas?

Willie balouçou-se sobre os calcanhares, esmigalhando a neve com as botas.

— Porque é que pensas que é preciso falar para dizer alguma coisa? — Tirou as luvas e aqueceu as mãos no fogo. — Tens queimaduras em fase preliminar.

— O que é isso?

— Queimaduras de frio antes de acontecerem.

Trixie tentou lembrar-se do que sabia sobre queimaduras de frio. Não era o que fazia com que a parte afetada enegrecesse e caísse?

— Onde? — perguntou ela em pânico.

— Entre os olhos. E na face.

A sua *face* ia cair?

Willie gesticulou de forma quase delicada para lhe dar a entender que queria aproximar-se mais dela e pôr a mão no seu rosto. Foi nesse momento que Trixie se deu conta de que estava na companhia de um rapaz que era mais forte do que ela, no meio de nenhures, a uns bons quarenta quilómetros de alguém que pudesse ouvi-la gritar. Afastou-se dele, abanando a cabeça, enquanto sentia a garganta fechar-se como uma rosa depois de escurecer.

Os dedos dele seguraram-lhe o pulso e a cabeça de Trixie começou a latejar ainda mais. Fechou os olhos, esperando o pior e a pensar que, quando já se tinha vivido um pesadelo, talvez não fosse tão mau da segunda vez.

A palma da mão de Willie, quente como uma pedra ao sol, pousou na sua face. Ela sentiu-o pôr a outra mão na testa e depois descer-lhe pelo rosto para fazer concha sobre o queixo.

Conseguia sentir os calos na sua pele e perguntou-se onde é que os teria arranjado. Trixie abriu os olhos e, pela primeira vez desde que o conhecera, deu com Willie Moses a olhar diretamente para ela.

Skipper Johanssen, a especialista em ADN mitocondrial, era uma mulher. Bartholemew viu-a pôr açúcar no café e dar uma vista de olhos pelas notas do caso que ele lhe levara.

— Tem um nome fora do vulgar — disse ele.

— A minha mãe tinha uma queda pela Barbie.

Era linda: cabelo liso e platinado que lhe dava pelo meio das costas, olhos verdes escondidos atrás de uns óculos de armações pretas e grossas. Quando lia, às vezes a sua boca articulava as palavras.

— O que sabe sobre ADN mitocondrial? — perguntou ela.

— Que estou esperançado que vá poder usá-lo para comparar dois cabelos?

— Bem, sim, é possível. A verdadeira questão é o que quer fazer com essa comparação. — Skipper recostou-se na cadeira. — Graças ao CSI, toda a gente já ouviu falar dos testes de ADN. A maior parte das vezes, estão a falar de ADN nuclear, o tipo de ADN que provém da mãe e do pai em partes iguais. Mas há outro tipo de ADN, que é o futuro na comunidade forense: o ADN mitocondrial. E mesmo que possa não saber muito sobre isso, tanto o Bartholemew como o resto do mundo sabem o caso de maior envergadura da história em que foi usado: o 11 de Setembro.

— Para identificar os restos mortais?

— Exatamente — disse Skipper. — Os esforços tradicionais não resultaram, pois não conseguiram encontrar dentes intactos nem ossos que não tivessem sido esmagados, nem mesmo alguma coisa para radiografar. Mas o ADNmt pode ser usado para analisar amostras que foram queimadas, pulverizadas, o que quiser. A única coisa de que os cientistas precisam é de uma amostra de saliva de um familiar do falecido, para conseguir fazer a comparação.

Ela pegou na amostra de cabelo que Max tinha analisado ao microscópio no dia anterior.

— A razão para podermos fazer um teste de ADN a isto, sem a existência de uma raiz, é porque uma célula não é apenas composta por um núcleo. Há muito mais partes, incluindo as mitocôndrias, que são basicamente as centrais elétricas que mantêm a célula funcional. Há centenas de mitocôndrias numa célula, ao passo que existe apenas um núcleo. E cada mitocôndria contém várias cópias do ADNmt em que estamos interessados.

— Se existe assim tanto mais ADNmt que nuclear, porque é que não recorrem sempre a ele para a análise do perfil dos criminosos? — perguntou Bartholemew.

— Bem, há um senão. Normalmente, quando obtemos um perfil de ADN nuclear, as probabilidades de encontrar outra pessoa com esse perfil são de um para seis mil milhões. As estatísticas do ADN mitocondrial são muito menos refinadas, pois, ao contrário do ADN nuclear, só herdamos o ADNmt da nossa mãe. Isso significa que tanto a pessoa como os seus irmãos ou irmãs têm todos o mesmo ADNmt que ela... e que a mãe e irmãos desta, e assim sucessivamente. Na verdade, é fascinante... Um óvulo possui uma imensidão de mitocôndrias, em comparação com um espermatozoide. Na altura da fertilização, não só as poucas mitocôndrias do espermatozoide estão em inferioridade numérica, como são destruídas. — Skipper sorriu, radiante. — A seleção natural no seu melhor.

— É uma pena que tenham de nos manter por perto para essa coisa da fertilização... — disse Bartholemew secamente.

— Ah, mas devia ver o que se passa aqui ao lado, no laboratório de clonagem — replicou Skipper. — De qualquer forma, o que quero dizer é que o ADNmt não é útil se estiver a escolher entre dois irmãos biológicos para identificar um suspeito, mas é uma ótima ferramenta se quiser excluir alguém sem qualquer parentesco de uma investigação. Estatisticamente, se testar quinze pontos na cadeia de ADN, há mais de um oitilião de perfis de ADN nuclear, o que é muitíssimo bom quando estamos em frente de um júri, a tentar identificar um determinado indivíduo. Mas com o ADNmt, há apenas quatro mil e oitocentas sequências registadas até à data... e outras seis mil referidas em literatura científica. Com o ADNmt,

podemos acabar com uma frequência relativa de zero vírgula catorze ou coisa do género, isto é, basicamente um indivíduo partilha o perfil com quatro por cento da população mundial. Não é suficientemente específico para apresentar alguém taxativamente como criminoso frente a um júri, mas permitiria excluir alguém como suspeito porque ele ou ela *não tem* esse perfil.

— Então, se o perfil de ADNmt do cabelo encontrado no corpo da vítima *não* corresponder ao do cabelo de Trixie Stone — disse Bartholemew —, não posso ligá-la ao homicídio.

— Correto.

— E se corresponder?

Skipper levantou os olhos.

— Nesse caso, terá uma causa razoável para a deter.

O sol não chegava à tundra do Alasca. Pelo menos, era essa a sensação que Laura tinha, pois por que outro motivo havia de ser escuro como breu às nove da manhã? Esperou ansiosamente que a assistente de bordo abrisse a porta do avião, agora que tinham aterrado em Bethel. Já era suficientemente mau ter medo das alturas e detestar andar de avião, mas a verdade é que aquilo era apenas meio avião, já que a parte da frente era destinada à carga.

— Como te sentes? — perguntou Daniel.

— Fantástica — disse Laura, tentando mostrar-se descontraída.

— Podia ter sido um *Cessna*, não é verdade?

Quando estavam prestes a sair do avião, Daniel virou-se e pôs-lhe o capuz do blusão para cima. Puxou os cordões e atou-lhos debaixo do queixo, como costumava fazer quando Trixie era miúda e saía para brincar na neve.

— Está mais frio do que pensas — disse ele, e pôs os pés na escada rolante que levava à pista.

Aquilo era um eufemismo. O vento parecia uma faca que a cortava às tiras; quando respirava, dava a sensação de que estava a engolir vidro. Laura seguiu Daniel pela pista, avançando apressadamente em direção a um edifício pequeno e baixo.

O aeroporto consistia em cadeiras dispostas em filas estreitas e num único balcão. Não estava lá ninguém, pois a funcionária tinha ido para o detetor de metais, a fim de revistar os passageiros que iam embarcar. Laura observou duas raparigas nativas a abraçar uma mulher mais velha, as três a chorar enquanto avançavam lentamente para a porta de embarque.

Havia placas de sinalização em inglês e outras em iúpique.

— Aquilo quer dizer *casa de banho*? — perguntou Laura, apontando para uma porta com a palavra ANARVIK por cima.

— Bem, não há palavra iúpique para casa de banho — disse Daniel, sorrindo ligeiramente. — Na verdade, a tradução daquilo é «local para cagar».

A porta única dava acesso a um espaço para a direita e outro para a esquerda. Não estava identificado qual era o das senhoras e qual o dos homens, mas conseguiu vislumbrar um urinol numa das direções e seguiu o caminho oposto. Os lavatórios eram operados por pedais; pisou um deles para pôr a água a correr e depois salpicou o rosto. Olhou-se ao espelho.

Se alguém entrar na casa de banho, pensou, vou deixar de ser cobarde.

Se a família que está lá fora já tiver passado pela segurança, em direção à porta de embarque.

Se Daniel estiver de frente, quando eu sair.

Ela costumava fazer sempre este jogo consigo mesma. Se a luz mudasse enquanto contava até dez, ia a casa de Seth depois das aulas. Se Daniel atendesse o telefone antes do terceiro toque, ficava mais cinco minutos.

Ela pegava nestas ocorrências aleatórias e elevava-as à categoria de oráculos; fingia que eram suficientes para justificar as suas ações.

Ou falta delas.

Limpando as mãos ao blusão, saiu e deparou-se com a família ainda a chorar junto ao detetor de metais e com Daniel a espreitar lá para fora pela janela.

Laura suspirou de alívio e foi ter com ele.

Trixie tiritava de tal forma que estava sempre a sacudir de cima a manta de erva morta que Willie usara para os manter quentes. Não era como um cobertor que podíamos puxar simplesmente para cima de nós; era preciso enfiarmo-nos nela e ter pensamentos calorosos e esperar que as coisas corressem pelo melhor. Os seus pés ainda lhe doíam e o cabelo congelara junto à cabeça. Estava propositadamente acordada, pois achava que dormir estava demasiado próximo da linha de se tornar azul, hirta e morta, e que era possível passar de um lado para o outro sem alarido.

A respiração de Willie saía em pequenas nuvens brancas que flutuavam no ar como lanternas chinesas penduradas numa corda. Tinha os olhos fechados, o que significava que Trixie podia olhar para ele o tempo que quisesse. Perguntou-se como seria crescer ali, ser atingido por uma tempestade como aquela e saber salvar-se, em vez de precisar de alguém que o fizesse por si. Perguntou-se se o

pai também saberia aquele tipo de coisas, se o conhecimento elementar sobre a vida e a morte poderia estar subjacente a todas as outras coisas vulgares que ele sabia, como desenhar um diabo, mudar um fusível e não queimar panquecas.

— Estás acordado? — murmurou.

Willie não abriu os olhos, mas acenou de forma quase impercetível e saiu-lhe um fiozinho branco das narinas.

Havia uma zona quente que os ligava. Eles estavam deitados a sessenta centímetros um do outro, com erva amontoada no espaço entre os seus corpos, mas, sempre que Trixie se virava para ele, conseguia sentir o calor a passar pela palha seca, a pulsar como a luz de uma estrela. Quando achava que ele não ia notar, aproximava-se mais um milímetro.

— Sabes se já houve alguém que morresse aqui? — perguntou Trixie.

— Sim — disse Willie. — É por isso que não escavamos uma gruta num banco de neve. Se morreres, nunca ninguém te irá encontrar, e assim o teu espírito nunca irá ter paz.

Trixie sentiu os olhos ficarem húmidos e isso era terrível, pois quase de imediato as suas pestanas voltaram a ficar coladas. Pensou nos cortes que tinha feito nos braços, na forma como quisera sentir dor verdadeira, em vez da mágoa que lhe roía o coração. Bem, tinha conseguido o que queria, não é verdade? Os dedos dos pés queimavam como fogo; os das mãos estavam inchados como salsichas e doíam-lhe. Em comparação, o pensamento da delicada lâmina a cortar-lhe a pele parecia ridículo, um drama para alguém que não sabia realmente o que era tragédia.

Talvez fosse preciso perceber que *podíamos* morrer para que isso nos impedisse de querer tal coisa.

— Eu não quero morrer congelada — sussurrou.

Willie engoliu em seco.

— Bem... há *uma* forma de ficar mais quente.

— Como?

— Tirar a roupa.

— Sim, claro — escarneceu Trixie.

— Não estou a brincar. — Willie desviou o olhar. — Ficamos ambos... tu sabes... e depois juntamo-nos um ao outro.

Trixie olhou-o fixamente. Não queria encostar-se a ele; estava sempre a pensar no que tinha acontecido da última vez que estivera tão próxima de um rapaz.

— É simplesmente o que se faz — disse Willie. — Não significa nada. O meu pai já se despiu com outros homens quando ficaram retidos durante a noite.

Trixie imaginou o pai a fazer aquilo, mas parou abruptamente quando chegou à parte onde tinha de visualizá-lo sem roupa.

— Da última vez que aconteceu, o meu pai teve de se encostar ao velho Ellis Puuqatak durante toda a noite. Jurou que nunca mais voltava a sair de casa sem levar um saco-cama.

Trixie viu as palavras de Willie cristalizarem no frio, cada uma tão diferenciada quanto um floco de neve, e soube que ele estava a dizer a verdade.

— Primeiro, tens de fechar os olhos — disse ela, hesitante.

Ela tirou as calças de ganga, o anoraque e a camisola. Deixou o sutiã e as cuecas, porque *tinha* de ser.

— Agora, tu — disse Trixie, e desviou o olhar enquanto ele tirava o casaco e a camisa. Mas ela espreitou. As costas dele eram da cor da casca de uma amêndoa e as omoplatas flexíveis como pistões. Ele tirou as calças de ganga, andando aos saltinhos e emitindo

pequenos sons, como uma pessoa na piscina municipal que faz um grande espalhafato quando finalmente consegue entrar na água fria.

Willie espalhou alguma erva no chão, e depois deitou-se e fez sinal a Trixie para fazer a mesma coisa. Pôs os casacos por cima deles, como um cobertor, e depois cobriu-os com mais erva.

Trixie fechou os olhos. Conseguia sentir o restolhar da palha quando ele se aproximou e a irritação que a erva presa entre os dois lhe fazia na pele nua. A mão de Willie tocou-lhe nas costas e ela retraiu-se enquanto ele se encostava por trás dela, fletindo os joelhos no espaço deixado pelo ângulo dos seus. Ela respirou fundo e tentou não se lembrar do último rapaz em que tocara, do último rapaz que lhe tocara.

O inferno começou no sítio onde os dedos dele pousaram no seu ombro e alastrou-se a todos os pontos em que a pele de ambos se tocava. Encostada a Willie, Trixie não deu por si a pensar em Jason nem na noite da violação. Não se sentiu ameaçada nem sequer assustada. Sentiu-se apenas quente, pela primeira vez em horas.

— Já alguma vez conhecestes alguém que morreu? — perguntou ela. — Alguém da nossa idade?

Willie levou um momento, mas respondeu:

— Sim.

O vento cortante batia contra a lona, deixando a língua solta a dar, a dar, como a de uma mexeriqueira.

— Eu também — disse ela.

Bethel era tecnicamente uma cidade, mas não de acordo com os padrões normais. A população era inferior a seis mil, embora fosse o centro de atividade mais próximo para cinquenta e três aldeias

nativas ao longo do rio. Só havia cerca de vinte quilómetros de estradas, a maior parte não pavimentada. Daniel abriu a porta do terminal e virou-se para Laura.

— Podemos apanhar um táxi — disse ele.

— Há *táxis* aqui?

— A maior parte das pessoas não tem carro. Se tiveres um barco e uma moto de neve, já estás suficientemente apetrechada.

A taxista era uma mulher asiática minúscula com um enorme puxo empoleirado no alto da cabeça, como uma avalanche à espera de acontecer. Usava óculos de sol contrafeitos da Gucci, embora ainda estivesse escuro, e ouvia Patsy Cline no rádio.

— Para onde vão?

Daniel hesitou.

— Conduza simplesmente — disse ele. — Eu digo-lhe quando parar.

O sol tinha finalmente rompido sobre o horizonte como a gema de um ovo. Daniel espreitou a paisagem pela janela: plana como uma panqueca, varrida pelo vento, opaca devido ao gelo. As estradas cheias de sulcos tinham casas ao longo delas, que iam de cabanas minúsculas a modestas casas de dois pisos dos anos 70. Na berma de uma estrada estava um sofá sem as almofadas e com os braços cobertos de geada.

Passaram pelos bairros de Lousetown e Alligator Acres, pelos armazéns da Alaska Commercial Company, pelo centro médico onde os esquimós iúpiques recebiam tratamento gratuito. Passaram por White Alice, uma enorme estrutura curva que parecia um ecrã de um *drive-in*, mas que na verdade era um sistema de radar construído durante a Guerra Fria: Daniel tinha lá entrado centenas

de vezes em criança, trepando pelo centro escuro como breu para se sentar lá em cima e embebedar-se com uísque *Windsor*.

— Pronto — disse ele à taxista. — Pode parar aqui.

A Long House Inn estava coberta de corvos. Havia pelo menos uma dúzia no telhado e outro grupo disputava os restos de um saco de lixo rasgado no contentor que ficava junto à estrada. Daniel pagou a corrida e ficou a olhar para o edifício renovado. Quando se fora embora, estava na iminência de ruir.

Havia três motos de neve estacionadas à frente, algo que Daniel registou nos recantos da sua mente. Ia precisar de uma, depois de perceber em que direção seguir para encontrar Trixie. Podia fazer uma ligação direta numa daquelas, se ainda se lembrasse como, ou escolher a via mais honesta e adquirir uma com o seu MasterCard. Eram vendidas nos armazéns da Alaska Commercial, ao fundo do corredor dos lacticínios, a seguir aos garrafões de leite de \$6,99.

— Sabias que a um conjunto de corvos se chama *unkindness*⁶? — disse Laura, vindo pôr-se ao lado dele.

Ele olhou para ela. Por alguma razão, o espaço entre eles parecia mais pequeno no Alasca. Ou talvez fosse preciso distanciar-se o suficiente do local de um crime para começar a esquecer os pormenores.

— Sabias — replicou — que os corvos gostam mais de comida tailandesa do que de qualquer outra coisa?

Os olhos de Laura iluminaram-se.

— Ganhaste.

Tinham uma faixa pendurada à entrada: QUARTEL-GENERAL DA K300. Daniel entrou, batendo com as botas para fazer saltar a neve. Era miúdo quando aquela corrida de trenós puxados por cães começara a ser organizada, quando habitantes locais como Rick Swenson,

Jerry Austen e Myron Angstman tinham ganhado o prémio de alguns milhares de dólares. Agora, já era de \$20 000 e os condutores que corriam eram estrelas com o apoio de empresas aos canis dos seus cães: Jeff King, Martin Buser e DeeDee Jonrowe.

A sala estava cheia. Havia um grupo de miúdos nativos sentados no chão, a beber latas de *Coca-Cola* e a passar um livro de banda desenhada de mão em mão. Duas mulheres atendiam os telefones e outra escrevia cuidadosamente os últimos resultados parciais num quadro branco. Havia mães iúpiques que carregavam bebés de rosto redondo, velhotes que liam álbuns de recortes de jornal, miúdas de escola com tranças pretas azuladas a dar risadinhas com a mão à frente da boca, enquanto se serviam de guisados e tortas de fruta. Toda a gente se movia com dificuldade debaixo das camadas de roupa de inverno, como astronautas a percorrer a superfície de um planeta distante.

Coisa que aquilo poderia muito bem ser, pensou Daniel.

Foi até à secretária onde estavam as mulheres a atender os telefones.

— Peço desculpa — disse ele. — Estou a tentar encontrar uma adolescente...

Uma das mulheres levantou um dedo: *Espere só um momento.*

Ele abriu o fecho do blusão. Antes de terem partido, enchera um saco com equipamento de inverno; ele e Laura estavam praticamente a usar em simultâneo tudo o que tinham trazido. Fazia frio no Maine, mas nada que se parecesse com o das aldeias esquimós.

A mulher desligou.

— Olá. Posso... — A voz morreu-lhe nos lábios quando o telefone começou novamente a tocar.

Frustrado, Daniel deu meia-volta. A impaciência era uma característica que se desenvolvia nos Estados continentais, um atributo que uma criança que ali crescesse não possuía. O tempo não era o mesmo na tundra; esticava como se fosse elástico e depois voltava para trás a toda a velocidade quando não estávamos a olhar. As únicas coisas que obedeciam mesmo a um horário eram a escola e a igreja, e mesmo assim a maior parte dos iúpiques chegavam atrasados.

Daniel reparou num velhote sentado numa cadeira, a olhar. Era iúpique, com a pele curtida de quem passara a vida ao ar livre. Vestia calças de flanela verdes e um anoraque de pele.

— *Aliurturua* — sussurrou o homem. Estou a ver um fantasma.

— Não é um fantasma. — Daniel deu um passo na sua direção.
— *Cama-i*.

O rosto do homem enrugou-se e pegou na mão de Daniel.

— *Alangruksaaqamken*. — Deixaste-me espantado ao apareceres inesperadamente.

Daniel não falava iúpique há quinze anos, mas as sílabas fluíam através dele como um rio. Na verdade, tinha sido Nelson Charles quem lhe ensinara as primeiras palavras iúpiques: *iqalluk*... peixe, *angsaq*... barco, e *terren purruaq*... vai levar no cu, que foi o que Nelson lhe disse para dizer aos miúdos que faziam pouco dele por ser *kass'aq*. Daniel agarrou Laura, que assistia espantada à conversa.

— *Una arnaq nulirqaqa* — disse ele. Esta é a minha mulher.

— É bonita — disse Nelson em inglês. Apertou-lhe a mão, mas não a olhou nos olhos.

Daniel virou-se para Laura.

— Nelson era professor substituto. Quando os miúdos nativos tinham de ir em excursões a Anchorage subsidiadas pelo governo, não me deixavam ir por ser branco. Por isso, Nelson levava-me na minha própria excursãozinha, para ir ver redes de peixe e armadilhas de animais.

— Já não dou aulas — disse Nelson. — Agora, sou o comissário da corrida.

Daniel percebeu que isso significava que Nelson estava ali desde o início da K300.

— Escute — disse ele, e deu por si a usar novamente o iúpique, pois as palavras, espinhosas na sua língua e garganta, não o magoavam tanto como em inglês. — *Paniika tamaumauq*.

Não sei da minha filha.

Não teve de explicar a Nelson por que razão pensava que a filha, que vivia tão longe, teria ido parar ao Alasca depois de ter desaparecido. Os iúpiques compreendiam que a pessoa que éramos ao deitar podia não ser necessariamente a mesma ao acordar. Podíamos ter-nos transformado numa foca ou num urso. Podíamos ter atravessado para a terra dos mortos. Podíamos ter exprimido casualmente um desejo em voz alta enquanto sonhávamos e depois dar connosco a vivê-lo.

— Ela tem catorze anos — disse Daniel, e tentou descrever Trixie, mas não sabia o que dizer. Como é que a sua altura, peso ou cor de cabelo podiam transmitir que, quando se ria, os olhos quase se fechavam? Que tinha de ter a manteiga de amendoim na parte de cima da sanduíche e a geleia na de baixo? Que às vezes se levantava e escrevia poesia a meio da noite porque tinha sonhado com ela?

A mulher que tinha estado ao telefone saiu de trás da mesa.

— Peço desculpa. Os telefonemas têm sido uma loucura. De qualquer forma, os únicos miúdos que passaram por aqui e que eu não conhecia foram os Voluntários Jesuítas. Houve uma rapariga que veio de avião e chegou atrasada por causa da tempestade, mas por esta altura já estão todos em Tuluksak, no posto de controlo.

— Como é que ela era? — perguntou Laura. — A rapariga que chegou atrasada?

— Muito magrinha. Cabelo preto.

Laura virou-se para Daniel.

— Não é ela.

— Essa rapariga não tinha um casaco quente — disse a mulher. — Eu pensei que era uma loucura, sabendo que vinha para o Alasca. Nem sequer tinha um *gorro*.

Daniel lembrou-se de Trixie sentada no lugar do passageiro da sua carrinha em pleno inverno, enquanto faziam o trajeto até à entrada da escola. *Está um gelo lá fora*, dissera ele, e entregara-lhe um gorro de lã cor de laranja que tinha usado enquanto estivera a cortar lenha. *Usa isto*. E a resposta dela: *Pai, queres que as pessoas pensem que sou uma anormal?*

Quando vivia em Akiak, tinha havido alturas em que ele sabia coisas antes de acontecerem. Às vezes, era tão simples como pensar numa raposa-vermelha e depois levantar os olhos e vê-la. Outras, era mais complexo: pressentir uma luta a aproximar-se por trás dele, de forma a conseguir virar-se a tempo de desferir o primeiro murro. Uma vez, até o tinha arrancado ao seu sono: o som de um tiro e o eco de bolas de básquete a bater no chão quando a bala atingiu o carrinho onde elas estavam guardadas.

A mãe chamara-lhe coincidência, mas os iúpiques não o fariam. As vidas das pessoas eram tecidas como um pedaço de renda, e

puxar um fio podia arrepanhar outro. E embora ele não tivesse ligado a isso quando era adolescente em Akiak, reconhecia agora a sensação da pele esticada nas têmporas e a forma como a luz se movia demasiado depressa diante dos seus olhos um momento antes de visualizar a filha *sem* gorro, e sem nada vestido, a tremer de frio no que parecia ser um palheiro.

Daniel sentiu o coração aos saltos.

— Tenho de chegar a Tuluksak.

— *Ykayurnaamken* — disse Nelson. Deixa-me ajudar-te.

Da última vez que ali estivera, Daniel não tinha querido a ajuda de ninguém. Da última vez que ali estivera, tinha-a recusado ativamente. Agora, virou-se para Nelson.

— Empresta-me a sua moto de neve? — perguntou.

O posto de controlo em Tuluksak era na escola, suficientemente próximo do rio para os condutores dos trenós instalarem os seus cães nas margens e depois se dirigirem a pé até ao edifício para ir buscar comida quente. Todos os condutores que corriam a K300 passavam duas vezes por Tuluksak: uma a caminho de Aniak e outra no regresso. Havia um descanso obrigatório de quatro horas e um controlo efetuado pelo veterinário numa dessas paragens. Quando Trixie e Willie chegaram, uma equipa de cães estava a descansar na margem do rio sem o seu condutor, vigiada por um jovem com um bloco de mola que lhes perguntou se tinham visto mais alguém durante o trajeto. Todos os condutores tinham passado por Tuluksak, exceto um, provavelmente detido pela tempestade. Ninguém sabia dele desde que se registara em Akiak.

Trixie não tinha falado muito com Willie naquela manhã. Acordara em sobressalto pouco depois das seis, reparando primeiro que não estava a nevar e depois que não tinha frio. Willie tinha o braço sobre ela e a sua respiração batia-lhe na nuca. Mas o mais humilhante era a coisa dura que Trixie sentia encostada à sua coxa. Ela tinha-se afastado de Willie com o rosto a arder e concentrara-se em vestir-se completamente antes que ele acordasse e percebesse que estava com uma ereção.

Willie estacionou à porta da escola e desceu da moto.

— Não vais entrar? — perguntou Trixie, mas ele já estava a remexer no motor, sem parecer minimamente inclinado a facilitar-lhe a apresentação. — Como queiras — murmurou ela baixinho, e entrou no edifício.

Mesmo à sua frente estava uma vitrina de troféus que continha uma máscara de madeira decorada com penas e pele e uma taça da amizade com uma bola de basquete gravada. Ao lado dela, estava um rapaz alto, com cara de cavalo.

— Não és a Andi — disse ele, surpreendido.

Os Voluntários Jesuítas que estavam encarregados do posto de controlo em Tuluksak eram um grupo de jovens universitários que faziam trabalho do estilo Corpo da Paz na clínica nativa em Bethel. Trixie tinha pensado que os Jesuítas eram padres, e era óbvio que eles não o eram. Perguntou a Willie porque se chamavam assim, e ele limitou-se a encolher os ombros.

— Não sei nada sobre essa tal Andi — disse Trixie. — Disseram-me simplesmente para vir para cá.

Susteve a respiração, à espera de que aquele rapaz lhe apontasse um dedo e gritasse *Impostora!*, mas, antes que o pudesse fazer, Willie entrou a bater com as botas no chão.

— Olá, Willie, tudo bem? — disse o rapaz alto.

Willie disse que sim com a cabeça e entrou numa das salas de aula, dirigindo-se a uma mesa posta com painéis elétricos e *Tupperwares*. Encheu uma tigela de alguma coisa e desapareceu através de outra porta.

— Bem, eu sou o Carl — disse o rapaz, estendendo-lhe a mão.

— Trixie.

— Já alguma vez fizeste isto?

— Oh, claro — mentiu Trixie. — Imensas vezes.

— Ótimo. — Levou-a para dentro da sala de aula. — Neste momento, as coisas estão um bocadinho complicadas, porque temos uma equipa que acabou de chegar, mas vou dar-te umas orientações durante cinco segundos: primeiro e acima de tudo, é ali que está a comida. — Apontou. — Os habitantes locais trazem coisas durante todo o dia. Se ainda não comeste, recomendo a sopa de castor. Do outro lado da porta por onde entraste, há outra sala de aula; é aí que os condutores dormem quando chegam para a sua paragem. Basicamente, agarram num tapete e dizem-te quando querem ser acordados. Nós fazemos turnos: a cada meia hora, alguém tem de ficar sentado lá fora, no rio, o que é um castigo cruel e invulgar com este tempo. Se fores tu a estar de serviço quando chegar um condutor, certifica-te de que lhe dizes o tempo dele e o transmites para a sede, e depois mostras-lhe qual a cerca de contraplacado que tem o equipamento dele. Neste momento, toda a gente está um bocadinho enervada porque há uma equipa que ainda não chegou aqui desde a tempestade.

Trixie escutou Carl, assentindo nas alturas certas, mas era como se ele estivesse a falar em suaíli. Se ela observasse outra pessoa a

fazer o que lhe competia, talvez conseguisse imitá-la quando chegasse a sua vez.

— E só para saberes — disse Carl. — Os condutores podem largar aqui os cães.

Porquê?, pensou Trixie. *Para ver se eles aterram de pé?*

Um telemóvel tocou e alguém chamou por Carl. Já sozinha, Trixie deambulou por ali, esperando evitar Willie, que estava a conseguir evitá-la sem dificuldade. Pelos vistos, a escola consistia apenas em duas salas de aula, e Trixie pensou no complexo traçado da escola de Bethel, um mapa que memorizara durante todo o verão, antes de entrar para o secundário.

— Conseguieste.

Trixie virou-se e deu com o veterinário que tinha vindo com ela no avião desde Anchorage.

— Imagine!

— Bem, suponho que hei de ver-te por aí. Ouvi dizer que há um caso feio de queimadura de frio à minha espera. — Fechou o casaco, disse adeus e saiu porta fora.

Trixie estava a morrer de fome, mas não o suficiente para querer comer alguma coisa que tivesse castor. Gravitou em torno do fogão a petróleo ao canto da sala e pôs as mãos à frente dele. Não era mais quente do que a pele de Willie.

— Estás preparada?

Como se os seus pensamentos o tivessem convocado, Willie estava subitamente ao seu lado.

— Para quê?

— Isto.

— Oh, sim! — disse ela. — É canja.

Ele esboçou um sorriso trocista e começou a afastar-se.

— Eh, para onde vais?

— Para casa. Esta é a minha aldeia.

Até àquele momento, não ocorrera a Trixie que ia ficar novamente sozinha. Enquanto adolescente, fazia sempre parte de um conjunto alargado, fosse ele família, sala de aula ou grupo de pares, e havia sempre alguém a intrometer-se na sua vida. Quantas vezes tinha ela saído intempestivamente, depois de uma briga com a mãe, a gritar que só queria ficar sozinha?

Tem cuidado com o que desejas, pensou Trixie. Depois de um único dia entregue a si mesma, ali estava ela completamente transtornada por ir perder a companhia de um perfeito desconhecido.

Ela tentou eliminar toda a emoção do seu rosto, para que Willie visse nele a mesma indiferença que lhe estava a mostrar. A seguir, lembrou-se de que ainda tinha um casaco que pertencia a alguém que ele conhecia e esforçou-se por desapertá-lo.

Willie afastou-lhe as mãos do fecho.

— Fica com ele — disse. — Eu venho buscá-lo depois.

Ela seguiu-o para fora da escola, sentindo o frio entrar-lhe pelo cabelo até ao couro cabeludo. Willie dirigiu-se a um pequeno aglomerado de casas que parecia bidimensional, esboçado em sombras de castanho e cinzento. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos e virou-se para fugir ao vento cortante.

— Willie — chamou Trixie e, embora ele não levantasse o rosto, parou de andar. — Obrigada.

Ele baixou ainda mais a cabeça, em jeito de confirmação, e depois continuou a andar de costas em direção à aldeia. Era exatamente assim que Trixie se sentia: se aquela viagem a levasse a algum lado, não deixava de ser na direção errada. Observou

Willie, fingindo que o via mesmo quando já não era capaz de fazê-lo, até ser distraída pelo som de latidos junto ao rio.

O voluntário que tinham visto quando pararam a moto de neve continuava no gelo, a tomar conta da mesma equipa de cães, que ofegavam pequenas nuvens geladas. Ele sorriu quando viu Trixie e entregou-lhe o bloco de mola.

— És tu que me vens substituir? Isto aqui está brutal. Escuta, Finn Halon foi fazer uma mijá enquanto o veterinário acaba de avaliar a equipa.

— O que tenho de fazer? — perguntou Trixie, mas o rapaz já ia a meio da ladeira, direitinho ao calor da escola. Trixie olhou nervosa à sua volta. O veterinário estava demasiado ocupado para lhe prestar atenção, mas havia uns quantos miúdos nativos a dar pontapés a uma lata de *Sprite*, e os seus pais, que saltavam de um pé para o outro para afastarem o frio e conversavam sobre quem iria vencer a corrida este ano.

O cão que seguia na frente parecia cansado. Trixie não censurava o pobre animal; ela tinha feito o mesmo trajeto na parte de trás de uma moto de neve e isso quase a matara; como seria fazê-lo descalço e nu? Olhando de relance para o veterinário — ele podia dar uma olhadela, para o caso de chegar o tal condutor em falta, certo? —, afastou-se da equipa em direção a uma série de cacifos de contraplacado. Remexendo dentro de um, agarrou num punhado de ração e voltou para junto do *husky*. Estendeu-lhe a palma da mão, e a língua do cão, áspera e quente, arranhou-lhe a pele para devorar a gulodice.

— Santo Deus! — berrou uma voz. — Estás a tentar fazer com que eu seja desqualificado?

A olhar para ela estava um condutor que usava um dorsal com o número 12. Olhou para o bloco de mola: FINN HANLON.

— Estás a alimentar os meus cães!

— D-desculpe — tartamudeou Trixie. — Pensei...

Ignorando-a, Hanlon virou-se para o veterinário.

— Qual é o veredito?

— Ele vai ficar bem, mas não se correr com ele. — O veterinário levantou-se e limpou as mãos ao casaco.

O condutor ajoelhou ao lado do cão, afagou-o entre as orelhas e depois desapertou os tirantes.

— Vou deixá-lo ficar — disse ele, entregando a coleira a Trixie. Ela segurou-a e viu Hanlon reconfigurar as rédeas do cão que tinha sido o parceiro de *Juno*, para que o trenó avançasse a direito. — Regista a minha partida — ordenou, e pôs-se em cima dos patins do seu trenó, segurando-se à barra.

— Vamos — gritou ele, e a equipa seguiu para norte, ao longo do rio, ganhando velocidade enquanto os espectadores na margem a incitavam.

O veterinário arrumou a sua maleta.

— Vamos pôr *Juno* confortável — disse ele, e Trixie assentiu, segurando a coleira como se fosse uma trela e começando a levar o cão em direção à escola.

— Que graça — disse o veterinário.

Ela virou-se e deu com ele em frente de uma estaca enfiada no meio da erva que orlava o rio.

— Mas está tanto frio cá fora...

— Ah, deste por isso? Amarra-o, que eu vou buscar a palha.

Trixie prendeu o cão à estaca. O veterinário voltou, carregando um braçado de feno.

— las ficar admirada se soubesses como isto é aconchegante — disse ele, e Trixie pensou na noite que tinha passado com Willie.

Subitamente, algo animou o pequeno grupo de espectadores, que começaram a apontar para o local do horizonte onde o rio desaparecia. Trixie agarrou o bloco de mola com as mãos enluvadas e olhou para a pequena cabeça de alfinete que se via ao longe.

— É o Edmonds! — gritou um rapaz iúpique. — Conseguiu!

O veterinário pôs-se em pé.

— Vou dizer ao Carl — disse, e deixou Trixie entregue a si própria.

O condutor vestia um anoraque branco que lhe chegava aos joelhos e tinha os números 06.

— Alto! — gritou ele, e os seus malamutes abrandaram até pararem, arquejantes. O cão — o que estava mais próximo do trenó — enroscou-se sobre o gelo e fechou os olhos.

As crianças invadiram a margem do rio, puxando pelo casaco do condutor.

— Alex Edmonds! Alex Edmonds! — gritavam. — Lembras-te de mim, do ano passado?

Edmonds enxotou-as.

— Tenho de desistir — disse ele a Trixie.

— Hum, está bem.

Edmonds tirou-lhe o bloco da mão e riscou o seu nome. Devolveu-lho e puxou o saco-cama do cesto do trenó, revelando um velho iúpique que tresandava a álcool e que tremia, mesmo a ressonar.

— Encontrei-o na pista. Deve ter desmaiado durante a tempestade. Fiz-lhe respiração boca a boca ontem à noite para o pôr a respirar novamente, mas o tempo estava demasiado mau para

o levar de volta ao centro médico de Bethel. Este era o posto de controlo mais próximo... será que alguém me pode ajudar a levá-lo para dentro?

Antes que Trixie pudesse correr até à escola, viu Carl e os outros voluntários descerem até ao rio.

— Caramba! — disse Carl, a olhar para o bêbedo. — Provavelmente, salvou-lhe a vida.

— O que quer que *isso* valha — replicou Edmonds.

Trixie viu os outros voluntários arrastarem o velhote para fora do trenó e carregarem-no até à escola. Os espectadores sussurravam e cacarejavam uns com os outros, fragmentos de conversa em iúpique e inglês que Trixie ia apanhando aqui e ali: «Edmond era técnico de emergência médica... Kingurauten Joseph devia pagar por isto... é uma pena.» Uma mulher iúpique com óculos redondos e uma boca igualmente redonda e minúscula veio ter com Trixie. Inclinou-se sobre o bloco de mola e apontou para a linha que riscava o nome de Edmonds.

— Tinha apostado dez dólares em como ele ia ganhar — queixou-se.

Como já tinham chegado todas as equipas de cães, os espectadores dispersaram, dirigindo-se para a mesma aldeia que Willie. Trixie perguntou-se se ele seria parente de algum daqueles miudinhos que tinham estado a dar vivas a Edmonds. Perguntou-se o que teria ele feito ao chegar a casa. Bebido um sumo de laranja diretamente da embalagem, como ela faria? Tomado um duche? Ido para a cama, a pensar nela?

Tão depressa como chegara, toda aquela atividade desapareceu e já não havia ninguém na margem do rio. Trixie olhou para norte, mas já não conseguia ver Finn Hanlon e a sua equipa. Olhou para

sul, mas não sabia dizer de onde é que ela e Willie tinham vindo. O sol estava quase a pique, refletindo-se no gelo de tal forma que fazia os olhos arder quando se tentava destrinçar a pista no meio da vastidão branca.

Trixie sentou-se na palha, ao lado de *Juno*, e coçou a cabeça do cão com a luva. O *husky* fitou-a com um olho castanho e outro azul, e quando arquejava parecia que estava a sorrir. Trixie imaginou como seria ser cão de trenó, ter de puxar o próprio peso ou perceber que tinha sido deixado para trás. Imaginou como seria confiar nos próprios instintos numa terra desconhecida, saber a diferença entre onde se tinha estado e o sítio para onde se ia.

Quando o rio gelava no inverno, ganhava número de estrada e a qualquer altura se viam camiões enferrujados e trenós puxados por cães sobre o gelo, sem obedecer a qualquer direção ou via paralela. Como a maior parte dos esquimós iúpiques, Nelson não acreditava em capacetes ou óculos; para se proteger do vento enquanto conduzia a moto de neve do velhote, Daniel tinha de se agachar junto ao para-brisas. Laura ia sentada atrás dele, com o rosto enterrado nas costas do seu casaco.

No meio do rio, estava um camião branco parado. Quando Daniel abrandou a moto, sentiu Laura descontrair. Ela estava congelada, apesar de não se queixar.

— Isto deve ser um posto de controlo — disse ele, e saiu da moto com as coxas ainda a tremer do trabalhar do motor.

Uma mulher branca com tranças afro baixou o vidro da janela do lado do condutor.

— Kingurauten Joseph, por amor de Deus, vai desmaiar ao pé de outra pessoa.

Kingurauten era iúpique para *tarde demais*. Daniel puxou para baixo a proteção de lã que lhe tapava o nariz e a boca.

— Acho que me está a confundir com outra pessoa — começou, mas depois percebeu que conhecia a mulher que estava no camião.

— Daisy? — inquiriu de forma hesitante.

Daisy Maluca, era como lhe chamavam quando ela costumava ir de trenó entregar o correio às aldeias nativas, quando Daniel era miúdo. Ela franziu o sobrolho.

— Quem raio és tu?

— Daniel Stone — disse ele. — Filho de Annette Stone.

— Não era esse o nome do filho da Annette. Ele chamava-se...

— Wassilie — terminou David.

Daisy coçou a cabeça.

— Mas tu não te puseste a andar daqui porque...

— Não — mentiu Daniel. — Fui simplesmente para a faculdade.

Toda a gente sabia que a Daisy Maluca tinha ficado assim por ter ido nas cantigas de Timothy Leary nos anos 60, e o ácido tinha basicamente queimado as partes funcionais do seu cérebro.

— Por acaso, viu passar por aqui uma moto de neve com uma rapariga *kass'aq* e um rapaz iúpique?

— Esta manhã?

— Sim.

Daisy abanou a cabeça.

— Não. Lamento. — Apontou com o polegar para a parte de trás do camião. — Querem entrar para se aquecerem? Tenho café e chocolates.

— Não podemos — disse Daniel, perdido nos seus pensamentos. Se Trixie não tinha ido para lá de Akiak, como é que ele não a tinha encontrado na pista?

— Talvez mais tarde — berrou Daisy, enquanto ele voltava a ligar a ignição da moto. — Adorava pôr a conversa em dia.

Daniel fingiu não ouvir. Mas ao dar a volta ao camião, Daisy começou a acenar como uma louca, tentando chamar-lhe a atenção.

— Esta manhã, ninguém passou por aqui — disse ela —, mas ontem à noite, antes da tempestade, vi passar uma rapariga e um rapaz.

Daniel não respondeu, limitou-se a acelerar o motor e subiu pela margem do rio até Akiak, a povoação de onde fugira quinze anos antes. A lavandaria, o sítio onde iam lavar a roupa e tomar duche, era agora uma loja de conveniência e de aluguer de vídeos. A escola continuava a ser um edifício térreo e funcional, pintado de cinzento; a casa ao lado, onde ele crescera, tinha dois cães presos à entrada. Daniel perguntou-se quem moraria lá agora, se continuaria a ser a professora e se ela teria filhos. Se as bolas de basquete continuariam por vezes a cair e a saltar no chão do ginásio sem que ninguém lhes tocasse, se a pessoa que fechava a escola alguma vez veria o antigo diretor, que se suicidara, pendurado ainda na trave da única sala de aula.

Parou em frente da casa mais próxima da escola, uma cabana com um ligeiro *pedigree*. Havia uma moto de neve estacionada em frente e um barco de alumínio a espreitar por baixo de uma lona azul. Alguém colara flocos de neve em papel nos vidros das janelas, assim como um crucifixo metálico vermelho.

— Porque é que parámos? — perguntou Laura. — Então e a Trixie?

Ele desceu da moto e virou-se para ela.

— Tu não vais comigo.

Ela não estava habituada àquele tipo de frio, e ele não podia abrandar por causa dela e correr o risco de perder Trixie de vez. Havia tanta coisa que ele precisava de explicar.

Laura fitou-o, siderada. As suas sobrancelhas estavam cobertas de gelo e tinha as pestanas coladas. Quando finalmente falou, as suas palavras ergueram-se como uma bandeira branca entre eles.

— Por favor, não faças isto — disse ela, começando a chorar. — Leva-me contigo.

Daniel tomou-a nos braços, presumindo que Laura pensava que aquilo era um castigo, vingança por tê-lo deixado para trás quando tivera o seu caso. Fazia-a parecer vulnerável e fê-lo lembrar-se de como continuava a ser fácil magoarem-se um ao outro.

— Se tivéssemos de atravessar o Inferno para encontrar Trixie, eu seguia-te. Mas isto é um inferno de outro género, e eu é que sei onde é que ele vai parar. Peço-te... *suplico-te* que confies em mim.

Laura abriu a boca e o que podia ter sido uma resposta saiu apenas sob a forma de uma argola de fumo cheia com o que não conseguia dizer. Confiança era exatamente o que já não existia entre eles.

— Posso ir mais depressa se não tiver de me preocupar contigo — disse ele.

Daniel viu medo a sério nos olhos dela.

— Tu voltas? — perguntou ela.

— Voltamos *ambos*.

Laura olhou em volta para a estrada cheia de sulcos de motos de neve e para os depósitos de água públicos ao fundo da rua. A

comunidade era silenciosa, açoitada pelo vento, gélida. Daniel sabia que parecia um beco sem saída.

— Vem comigo.

Fez Laura subir uma série de degraus de madeira e abriu a porta sem bater, entrando numa pequena antecâmara. Havia sacos de plástico pendurados em pregos no vigamento por cima e pilhas de jornais. Um par de botas caído para a direita e uma pele curtida esticada na parede do fundo, ao lado da porta que dava para o interior da casa. No linóleo, estava um casco de alce cortado e metade de uma fiada de costelas congeladas.

Laura passou por cima delas, hesitante.

— Era aqui... que tu moravas?

A porta interior abriu-se, revelando uma mulher iúpique com cerca de sessenta anos, segurando um bebé nos braços. Olhou para Daniel e recuou, com as lágrimas a bailar-lhe nos olhos.

— Eu não — disse Daniel. — Cane.

Charles e Minnie Johnson, os pais do único amigo de infância de Daniel, trataram-no com o mesmo tipo de deferência que podiam ter dispensado a qualquer outro fantasma que se sentasse à mesa da sua cozinha para partilhar uma chávena de café. A pele de Charles era tão escura e enrugada quanto um pau de canela; usava calças de ganga amarrotadas e uma camisa vermelha ocidental e chamava Wass a Daniel. Os seus olhos estavam enevoados por cataratas, como se a vida fosse algo que se despejava dentro de um corpo, um recipiente que só conseguia conter aquilo tudo até as memórias começarem a flutuar através das janelas da consciência.

— Faz tanto tempo... — disse Charles.

— Sim.

— Tens vivido no Exterior?

— Com a minha família.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Perguntávamo-nos muitas vezes quando é que virias para casa — disse Minnie.

Os iúpiques não falavam dos mortos e, por causa disso, Daniel também não. Mas tinha menos prática com o silêncio. Numa casa iúpique, podiam passar dez minutos entre uma pergunta e a resposta. Às vezes, nem sequer era preciso responder em voz alta; bastava pensar na resposta.

Sentaram-se em silêncio à volta da mesa da cozinha até uma mulher jovem entrar em casa. Era claramente filha de Minnie — tinham o mesmo sorriso rasgado e pele de noqueira macia — mas Daniel só se lembrava dela como uma menina que gostava de ilustrar as histórias que ela própria contava, usando uma faca de manteiga na lama macia. Mas, agora, tinha nos braços o seu próprio bebé gordinho e irrequieto, que olhou para Laura e apontou para ela, a rir.

— Desculpe — disse Elaine timidamente. — Ele nunca tinha visto ninguém com essa cor de cabelo. — Tirou o cachecol e abriu o fecho do casaco, e a seguir fez o mesmo ao bebé.

— Elaine, este é Wass — disse Charles. — Ele viveu aqui há muito tempo.

Daniel levantou-se enquanto ele fazia a apresentação e, quando o fez, o bebé esticou os braços para ele. Sorriu, pegando no menino quando ele se desenvencilhou dos braços da mãe.

— E quem é este aqui?

— O meu filho — disse Elaine. — Chama-se Cane.

Elaine morava na mesma casa que os pais, juntamente com os seus dois filhos mais velhos e o marido. O mesmo acontecia com a sua irmã Aurora, que tinha dezassete anos e estava no final da gravidez. Também havia um irmão, com vinte e muitos anos; Laura conseguia vê-lo no único quarto da casa, a jogar febrilmente *Nintendo*.

Em cima da mesa da cozinha estava um pedaço de carne congelada numa taça. Se Laura tivesse de adivinhar, diria que estava intimamente relacionada com as partes de alce que estavam na entrada. Havia um fogão, mas não existia lava-louça. Em vez disso, havia um bidão de duzentos litros de água ao canto, na área da cozinha. Suspensos do teto, viam-se amostras para pesca no gelo e remos de caiaque antigos entalhados à mão; ao lado do sofá coçado, estavam empilhados baldes cheios de banha e peixe seco. As paredes estavam cobertas de parafernália religiosa: programas de cerimónias, placas decorativas de Jesus e Maria, calendários impressos com os dias em que se festejavam santos. Em todos os sítios onde havia um espaço livre na parede, tinham afixado uma fotografia: fotos recentes do bebé, retratos de escola antigos de Elaine, Aurora e do irmão, o rapaz que Daniel tinha sido acusado de matar.

Havia uma ironia curiosa no facto de ser deixada ali, mesmo que o simples facto de pensar nisso deixasse Laura coberta de suor. Estava sempre a lembrar-se do que Daniel tinha dito sobre o Alasca: era um lugar onde as pessoas tendiam a desaparecer. O que é que isso augurava para Trixie ou Daniel? E o que poderia significar para a própria Laura?

No Maine, quando a vida de Laura se desviara do seu rumo, tinha sido aterrador e estranho. Mas, aqui, não tinha termo de

comparação, e a norma era não saber o que vinha a seguir. Não sabia porque é que ninguém a olhava nos olhos, porque é que o rapaz que estava a jogar videojogos não tinha vindo apresentar-se, porque é que eles tinham sequer equipamento de vídeo topo de gama quando a casa em si pouco mais era do que uma barraca, porque é que uma família que a dada altura acreditara que alguém lhe matara o filho receberia essa pessoa em sua casa. O mundo tinha sido virado do avesso, e ela ia-lhe apalpando as costuras para se orientar.

Daniel estava a falar baixinho com Charles, a contar-lhe sobre Trixie.

— Desculpe — disse Laura, inclinando-se para Minnie. — Posso usar a vossa casa de banho?

Minnie apontou para o fundo do corredor, onde se encontrava uma caixa de frigorífico espalmada, erguida como um biombo.

— Laura — disse Daniel, levantando-se.

— Está tudo bem! — disse ela, porque pensava que se conseguisse fazer com que Daniel acreditasse nisso, também se poderia convencer a si mesma. Enfiou-se atrás do biombo e ficou de queixo caído. Não havia casa de banho; nem sequer havia sanita. Apenas um balde branco, como os que estavam na sala com o peixe seco, com um tampo de sanita equilibrado por cima.

Ela despiu as calças de esqui e agachou-se, sustentando a respiração o tempo todo, rezando para que ninguém estivesse a ouvir. Quando Laura e Daniel tinham ido morar juntos, ainda havia alguma timidez entre eles. No fim de contas, ela estava grávida, e isso acelerara um relacionamento que, de outra forma, poderia ter levado anos a atingir aquele nível de compromisso. Por exemplo, Laura lembrava-se de Daniel separar a roupa suja da dela durante

os primeiros meses. E ela tinha evitado cuidadosamente ir à casa de banho se Daniel lá estivesse a tomar duche.

Não conseguia lembrar-se exatamente quando é que as suas camisas, calças de ganga e roupa interior se tinham começado a misturar na máquina. Ou quando é que tinha conseguido fazer chichi quando ele estava a dois passos dela, a escovar os dentes. Era simplesmente o que acontecia quando as histórias de duas pessoas se fundiam numa só.

Laura endireitou a roupa — lavar as mãos nem sequer era opção — e saiu de trás da divisória. Daniel estava à espera dela no corredor estreito.

— Devia ter-te avisado acerca do balde.

Ela pensou em como Daniel não suportava pôr a máquina da louça a lavar sem estar completamente cheia ou como os seus duches duravam menos de cinco minutos. Sempre pensara que isso era desejo de poupar; agora, via que, quando se crescia num meio em que a água era um luxo e a canalização um desejo longínquo, podia ser simplesmente um hábito demasiado enraizado para conseguir quebrá-lo.

— Preciso de ir andando — disse Daniel.

Laura assentiu. Queria sorrir-lhe, mas não conseguia encontrar o sorriso dentro de si. Podia acontecer tanta coisa entre aquele momento e a próxima vez que o visse. Pôs os braços à volta de Daniel e escondeu o rosto no seu peito.

Ele levou-a até à cozinha, onde apertou a mão a Charles e falou em iúpique:

— *Quyana. Piurra.*

Quando Daniel passou para a entrada, Laura seguiu-o. Ficou à porta, a vê-lo ligar a moto de neve e a subir para cima dela. Ele

levantou uma mão em jeito de despedida e articulou palavras que sabia que ela não conseguiria ouvir com o barulho do motor.

Amo-te.

— Também te amo — murmurou Laura, mas por essa altura já só restava de Daniel aquilo que ele deixara para trás: um rasto de fumo do escape, sulcos na neve e uma verdade que nenhum deles pronunciava há algum tempo.

Bartholemew olhou para a folha de resultados que Skipper Johanssen lhe dera.

— Até que ponto tem a certeza? — perguntou.

Skipper encolheu os ombros.

— Tenho tanta certeza quanto esta tipagem permite. Um centésimo de um por cento da população mundial tem o mesmo perfil de ADN mitocondrial que o seu suspeito. Estamos a falar de seiscentas mil pessoas, e qualquer delas podia ter estado no local do crime.

— Mas isso também sugere que noventa e nove vírgula noventa e nove por cento da população *não* esteve lá.

— Correto. Pelo menos, com base naquele bocado de cabelo que encontrou na vítima.

Bartholemew olhou para ela.

— E Trixie Stone não está nesses noventa e nove vírgula noventa e nove por cento?

— Não.

— Então, não posso excluir Trixie Stone.

— Não, pelo menos em termos mitocondriais.

As probabilidades pareciam melhores quando vistas daquele ângulo, pensou Bartholemew.

— Embora Max tenha dito...

— Sem ofensa para Max, nenhum tribunal vai dar importância a uma análise efetuada pelo olho humano face a um teste cientificamente validado como o meu. — Skipper sorriu. — Creio que arranjou um suspeito.

Os Johnson eram viciados no canal Game Show Network. Gostavam particularmente de Richard Dawson, que beijava tudo o que tivesse duas pernas enquanto apresentava *Entre Famílias*.

— Um dia — dizia sempre Minnie, dando com o cotovelo no marido —, ainda vou fugir com Richard.

— Ele é que vai fugir quando te vir atrás dele — ria-se Charles.

Tinham uma antena parabólica, uma televisão de ecrã plano, uma *PlayStation* e uma consola *GameCube*, assim como um leitor de DVD/VCR e uma aparelhagem que punha os de Laura a um canto. Roland, o irmão antissocial, tinha comprado todo o equipamento com o cheque que recebera naquele ano do Fundo Permanente do Alasca — dividendos de petróleo que todos os habitantes do Alasca recebiam do governo desde 1984. Os Johnson tinham vivido todo o ano apenas com os \$1100 do cheque de Charles, complementados pelas expedições de caça ao caribu e pelo salmão, que secavam, apanhado durante o verão no acampamento de pesca. Roland tinha-lhe contado que os residentes em Akiak até podiam ter acesso gratuito à Internet — podiam candidatar-se a tecnologia financiada pelo governo porque eram simultaneamente rurais e nativos — mas que ninguém se podia dar

a esse luxo. Para isso, uma pessoa precisava de ter um computador, e isso custava praticamente a totalidade de um cheque anual do Fundo Permanente.

Quando Laura já tivera a sua dose de Richard Dawson, vestiu o casaco e saiu para a rua. Alguém pregara um aro de basquetebol num poste telefónico; a bola estava meia enterrada num monte de neve. Ela soltou-a e driblou, espantada com a forma como o som ecoava. Ali, não havia cortadores de relva, nem rádios aos altos berros ou música *rap*. Não se ouvia bater as portas dos SUV, nem os miúdos a sair do autocarro escolar, nem o zunido de uma autoestrada próxima. Era o tipo de lugar onde se conseguia ouvir os mecanismos da nossa mente a trabalhar à medida que formulávamos o pensamento e tentávamos traduzi-lo em ação.

Embora Laura soubesse sem margem para dúvida que Trixie não matara Jason, não compreendia o que é que levava a filha a fugir. Estaria Trixie simplesmente assustada? Ou saberia mais do que dava a entender sobre o que tinha acontecido naquela noite?

Laura perguntou-se se seria possível fugir para sempre. Daniel fizera-o. Ela sabia que a sua infância tinha sido diferente, mas nunca podia ter imaginado algo assim tão despojado. Se pensara que havia uma grande dicotomia entre o homem que conhecera na faculdade e aquele com quem vivia agora... bem, o fosso era ainda maior entre quem ele era quando o conhecera e o ponto onde começara. Isso fez Laura perguntar-se para onde teriam ido todas as personalidades que Daniel abandonara. Fê-la perguntar-se se só se poderia conhecer uma pessoa num dado momento, uma vez que daí a um ano ou a um dia ela já podia ser diferente. Fê-la perguntar-se se toda a gente se reinventava e se isso seria tão natural como a mudança de pele noutros animais.

Se quisesse ser sincera, agora — e já era tempo de o ser, não? —, Laura teria de admitir que Trixie também mudara. Ela tinha querido acreditar que, por trás da porta fechada do seu quarto, a filha continuava a pôr e dispor na vida dos habitantes da sua casa de bonecas; mas, na verdade, Trixie guardava segredos e desafiava os limites, transformando-se em alguém que Laura não reconhecia.

Por outro lado, Daniel tinha estado atento à metamorfose de Trixie. Ele ficava nervoso com a ideia de a filha ficar mais velha, enfrentar o mundo e ser arrasada por ele. Mas acontece que Trixie tinha crescido durante o único instante em que Daniel virara costas, momentaneamente distraído pela traição da esposa.

Não era aquilo que desconhecíamos sobre as pessoas que amávamos que nos chocava, mas sim o que não queríamos admitir em relação a nós mesmos.

Quando a porta se abriu, Laura deu um salto e os seus pensamentos dispersaram-se como um bando de corvos. Charles estava nos degraus a fumar cachimbo.

— Sabe o que significa vir para a rua e não ver iúpiques por perto?

— Não.

— Significa que está demasiado frio para estar aí.

Tirou a bola de básquete da mão de Laura e encestou; juntos, viram-na rolar até ao quintal do vizinho.

Laura enfiou as mãos nos bolsos.

— Está tudo tão silencioso — disse ela. *Que irónico*, pensou, *fazer conversa sobre a falta dela*.

Charles assentiu.

— De vez em quando, há alguém que se muda para Bethel e depois volta porque há demasiado barulho. Lá, passam-se

demasiadas coisas.

Era difícil imaginar isto: Bethel era o último sítio que Laura teria considerado uma metrópole.

— Provavelmente, Nova Iorque faria com que as suas cabeças explodissem.

— Já lá estive uma vez — disse Charles, surpreendendo-a. — Oh, já estive em sítios que nem lhe passam pela cabeça: Califórnia, Georgia, quando estava no exército. E Oregon, quando fui estudar.

— Faculdade?

Charles abanou a cabeça.

— Colégio interno. Antes de terem legislado no sentido de haver ensino em todas as aldeias, o governo costumava mandar-nos aprender as mesmas coisas que os brancos. Podíamos escolher a escola que queríamos. Havia uma em Oklahoma, mas eu fui para Chemawa, no Oregon, porque os meus primos já lá andavam. Nem imagina como fiquei doente, a comer aquelas coisas de brancos... e a derreter com aquele calor todo. Uma vez, até me meti em sarilhos por tentar apanhar um coelho com um dos meus atacadores.

Laura tentou imaginar como seria ser mandado para longe da única casa que se conhecia, só porque alguém pensava que era melhor assim.

— Deve ter detestado.

— Na altura, sim — disse Charles. Despejou o conteúdo do cachimbo e deitou neve para cima das cinzas com o pé. — Agora, não tenho tanta certeza. A maior parte de nós voltou para casa, mas pudemos ver o que lá havia e como é que aquelas pessoas viviam. Agora, há miúdos que nem chegam a sair da aldeia. Os únicos *kass'aqs* que conhecem são os professores, e os únicos professores que aqui aparecem são os que não conseguiram ser

contratados nas suas próprias vilas ou os que andam a fugir de alguma coisa... Não são propriamente modelos a seguir. Os miúdos hoje falam todos de sair da aldeia, mas, quando o fazem, é como Bethel, só que cem vezes pior. As pessoas movem-se demasiado depressa e falam muito e, quando dão por isso, já estão de volta a um lugar onde não querem estar, só que agora sabem que não lhes resta nenhum sítio para onde fugir. — Charles olhou para Laura e depois enfiou o cachimbo no bolso do casaco. — Foi o que aconteceu com o meu filho.

Ela acenou afirmativamente.

— O Daniel contou-me.

— Não foi o primeiro. No ano antes dele, houve uma rapariga que tomou comprimidos. E antes disso, houve dois jogadores de futebol que se enforcaram.

— Lamento — disse Laura.

— Sempre soube que não foi Wass que matou Cane. Cane teria feito isso sozinho, desse por onde desse. Algumas pessoas caem num buraco tão fundo que não conseguem descobrir algo a que se agarrar.

E algumas pessoas, pensou Laura, escolhem deixar-se ir.

Embora fossem apenas duas horas da tarde, o sol já estava a baixar sobre o horizonte. Charles voltou a subir os degraus.

— Eu sei que deve achar este lugar parecido com Marte. E que nós os dois somos o mais diferentes possível. Mas também sei como é perder um filho. — Quando chegou ao último patamar, virou-se. — Não morra congelada. Wassilie nunca me iria perdoar.

Deixou Laura lá fora, a observar a chegada do céu noturno. Ela sentiu-se embalada pela falta de som. Uma pessoa acostumava-se ao silêncio com muito mais facilidade do que se poderia pensar.

Quando os Voluntários Jesuítas tentaram elevar a temperatura corporal de Kingurauten Joseph cortando as roupas congeladas e cobrindo-o com cobertores, encontraram uma pomba delicadamente esculpida em osso, uma faca de trinchar e trezentos dólares numa das suas botas. Carl disse a Trixie que era uma economia em dinheiro. Era o seguro de saúde de Joseph, guardado na meia.

Trixie tinha acabado de vir do turno na margem do rio e ainda estava enregelada até aos ossos.

— Porque é que não ficam a aquecer os dois juntos? — sugeriu Carl, e deixou-a a olhar pelo velhote.

Na verdade, ela não se importava. Enquanto os condutores dos trenós iam de Tuluksak a Kalskag e Aniak e voltavam, os voluntários estavam basicamente a tentar dormir um pouco. Mas Trixie estava bem acordada; tinha dormido pelo caminho com Willie, e o seu corpo estava todo baralhado devido à diferença horária. Lembrou-se de como todos os anos, na altura de atrasar os relógios, o pai insistia em manter o horário de verão e ficar com aquela hora extra, para conseguir despachar mais trabalho. O problema era que, quando usava os minutos adicionais todas as manhãs, adormecia à frente da televisão mais cedo, à noite. Por fim, cedia e passava a viver segundo o mesmo horário que o resto do mundo.

Quem lhe dera que o pai estivesse ali, agora.

— Senti saudades tuas — respondeu ele, e Trixie virou-se de repente na sala de aula às escuras. Tinha o coração aos saltos, mas não conseguiu ver ninguém.

Olhou para Joseph. Tinha as feições largas e cinzeladas de um iúpique e cabelo branco em espirais acachapadas. O restolho da sua barba parecia prateado à luz do luar. Tinha as mãos entrelaçadas sobre o peito e Trixie pensou que não podiam ser mais

diferentes das do pai: as de Joseph eram rudes e calejadas, as ferramentas de um operário; as do pai eram suaves e tinham dedos compridos manchados de tinta, as mãos de um artista.

— Ora, Nettie — murmurou ele, abrindo os olhos. — Voltei.

— Não sou a Nettie — disse Trixie, afastando-se.

Joseph pestanejou.

— Onde estou?

— Tuluksak. Quase morreu congelado. — Trixie hesitou. — Embebedou-se até mais não e desmaiou na pista da K300, e houve um condutor que desistiu da corrida para o trazer até aqui. Ele salvou-lhe a vida.

— Não se devia ter dado a esse trabalho — murmurou Joseph.

Havia qualquer coisa em Joseph que parecia familiar a Trixie, algo que a fazia querer olhar melhor para as rugas que ele tinha à volta dos olhos e para a forma como as suas sobrancelhas se arqueavam.

— És um desses jovens que andam a pregar a palavra de Jesus?

— São Voluntários Jesuítas — corrigiu Trixie. — E não, não sou.

— Então, quem és tu?

Bem, essa era a pergunta do milhão de dólares. Trixie não teria conseguido responder, mesmo que Joseph lhe tivesse apontado uma pistola à cabeça. Nem sequer era uma questão de lhe dizer o nome, pois isso não explicava nada. Consequia lembrar-se de quem costumava ser — essa imagem era como uma cena selada num globo de neve, que ficava difusa quando o abanava com demasiada força, mas que conseguia ver depois com clareza desde que sustivesse a respiração. Consequia olhar para si própria agora e dizer quão surpreendida estava por ter chegado tão longe, quão

estranho era descobrir que mentir era tão fácil como respirar. O que não conseguia pôr por palavras era o que acontecera pelo meio que a fizera transformar-se naquela segunda pessoa.

O pai costumava contar-lhe a história de como, quando ela tinha oito anos, acordara a meio da noite com os braços e as pernas a arder, como se tivessem sido arrancados dos seus encaixes. *São dores de crescimento*, dissera-lhe ele com ar compreensivo, e ela desatara a chorar, certa de que, quando acordasse de manhã, seria tão grande como ele.

O mais curioso é que isso acontecia mesmo com essa rapidez. Todas as manhãs que passara a inspecionar o peito, quando andava no segundo ciclo, para ver se desabrochara um pouco mais; todos os ensaios de beijos que dera ao espelho da casa de banho, para ter a certeza de que o nariz não se iria intrometer quando chegasse o dia D; todo o tempo que passara à espera que um rapaz reparasse nela... E, afinal, crescer era mesmo como receara. Um dia, quando o despertador tocava, a pessoa levantava-se e percebia que tinha os pensamentos de outra pessoa na cabeça... ou talvez os mesmos de sempre, menos a esperança.

— Tens a certeza de que não és a Nettie? — insistiu Joseph quando Trixie não respondeu.

Era o nome que ele lhe chamara antes.

— Quem é ela?

— Bem... — Virou o rosto para a parede. — Ela morreu.

— Então, há grandes hipóteses de eu não ser ela.

Joseph pareceu surpreendido.

— Nunca ouviste falar da rapariga que voltou do mundo dos mortos?

Trixie revirou os olhos.

— Ainda está bêbedo.

— Uma jovem morreu — replicou Joseph, como se ela não tivesse dito nada —, mas não sabia. A única coisa que sabia era que tinha feito uma viagem e chegado a uma aldeia. A avó também estava na aldeia e moravam juntas aí. De vez em quando, iam a outra aldeia, onde o pai da rapariga lhe dava anoraques em pele. O que ela não sabia é que, na realidade, ele as estava a dar à sua homónima, a rapariga que tinha nascido logo depois de a filha ter morrido.

Joseph sentou-se cautelosamente, enviando uma potente nuvem de vapores de álcool em direção a Trixie.

— Um dia, vinham para casa dessa outra aldeia, e a avó da rapariga disse que se tinha esquecido de umas coisas. Pediu à rapariga para ir buscá-las. Disse-lhe que, caso se deparasse com uma árvore de folha perene caída, mesmo que lhe parecesse que podia passar por baixo dela ou contorná-la, teria de passar por cima.

Trixie cruzou os braços, ouvindo apesar das suas melhores intenções.

— A rapariga fez o caminho de volta à aldeia e é claro que se deparou com uma árvore caída. Tentou fazer o que a avó lhe dissera, mas, quando subiu para cima dela, tropeçou, e essa era a última coisa de que se lembrava. Não conseguiu encontrar o caminho para ir ter com a avó e começou a chorar. Nessa altura, um homem da aldeia saiu da *qasgiq* e ouviu o seu choro. Seguiu o ruído e viu a rapariga que tinha morrido há uns anos. Tentou agarrá-la, mas foi como se tivesse agarrado apenas ar.

É claro, pensou Trixie. Porque quanto mais mudamos, menos resta de nós.

— O homem esfregou os braços com comida e assim já conseguiu agarrá-la, mesmo quando a rapariga se debateu. Levou-a para a *qasgiq*, mas continuavam a elevar-se no ar. Um ancião esfregou a rapariga com pingos do óleo de foca de uma lanterna, e assim ela conseguiu ficar em pé sem flutuar. Todos viram que aquela rapariga era a mesma que tinha morrido. Ela usava os anoraques que o pai dera ao longo dos anos à rapariga a quem tinham dado o seu nome. E, como seria de esperar, esta morreu pouco tempo depois de ela ter regressado. — Joseph puxou o cobertor para cima do peito. — Viveu até ser velhinha — disse. — Contava às pessoas como tinha sido estar no *Pamaalirugmiut*, o lugar que elas não conseguiam ver.

— Oh, a sério? — disse Trixie, sem acreditar numa palavra da história. — Deixe-me adivinhar: havia uma luz branca e música de harpa?

Joseph olhou para ela, desconcertado.

— Não, ela costumava dizer que era um lugar seco. As pessoas que morrem estão sempre com sede. É por isso que enterramos os nossos mortos com água fresca. E talvez seja por isso que ando sempre à procura de alguma coisa que me molhe a garganta.

Trixie puxou os joelhos para o peito, a tremer ao pensar em Jason.

— O senhor não está morto.

Joseph voltou a deitar-se no colchão.

— Ias ficar surpreendida — disse ele.

— Não está frio suficiente para me impedir de ir dar uma volta — disse Aurora Johnson a Laura num inglês perfeito e sem sotaque, e

ficou à espera de que Laura respondesse, como se lhe tivesse feito uma pergunta.

Talvez Aurora quisesse alguém com quem falar e não soubesse como pedir. Laura conseguia perceber isso. Levantou-se e foi buscar o casaco.

— Importa-se que lhe faça companhia?

Aurora sorriu e vestiu um casaco que lhe dava pelos joelhos, mas cujo fecho conseguia correr por cima da barriga de grávida. Calçou botas com solas tão grossas como as de um bombeiro e saiu para a rua.

Laura caminhou ao lado dela, movendo-se energeticamente para combater o frio. Daniel partira há duas horas e a tarde estava agora escura como breu — não havia candeeiros para lhes iluminar o caminho nem as luzes de uma estrada distante. De vez em quando, o brilho verde de um televisor aparecia como um espírito à janela de uma casa, mas na sua maioria o céu parecia uma extensão ininterrupta de veludo azul-escuro, com tantas estrelas que podíamos cortá-las com um movimento do braço.

O cabelo de Aurora era castanho, com madeixas cor de laranja. Os seus longos caracóis saíam pelo rebordo do capuz do anoraque. Só tinha mais três anos do que Trixie, mas estava prestes a dar à luz.

— Quando é que nasce? — perguntou Laura.

— A minha data EEB é dez de janeiro.

— Data EEB?

— Data para Estar Em Bethel — explicou Laura. — Quando moramos numa aldeia e estamos grávidas, temos de nos mudar para a residência destinada às pré-mamãs, na cidade, cerca de seis semanas antes da data prevista. Assim, os médicos têm-nos onde é

preciso. Caso contrário, se houver alguma complicação, o centro médico tem de mandar a *anguyagta* num *Blackhawk*. E isso custa dez mil dólares à Guarda Nacional. — Olhou de relance para Laura. — Só tem aquela? Bebê, quero eu dizer?

Laura assentiu, baixando a cabeça enquanto pensava em Trixie. Onde quer que ela estivesse agora, esperava que fosse quente, que alguém lhe tivesse dado de comer ou um cobertor. Esperava que Trixie fosse deixando pistas, tal como aprendera há muito tempo nos escuteiros: um galho aqui, um montinho de pedras ali.

— Minnie é a minha segunda mãe, sabia? — disse Aurora. — Eu fui dada para adoção. As famílias aqui são assim. Se um bebê morre, a irmã ou tia dessa mãe são capazes de lhe dar o delas. Eu nasci depois de Cane morrer e a minha mãe mandou-me para ser também filha de Minnie. — Encolheu os ombros. — Eu vou dar esta bebê para adoção à prima da minha mãe biológica.

— Vai dá-la, simplesmente? — disse Laura, chocada.

— Eu não vou dá-la. Vou fazê-lo para que ela nos tenha às duas.

— Então e o pai? — perguntou Laura. — Continua a estar com ele?

— Estou com ele mais ou menos uma vez por semana — disse Aurora.

Laura parou de andar. Estava a conversar com uma rapariga iúpique que se encontrava no final da gravidez, mas via o rosto de Trixie e ouvia a sua voz. E se Laura estivesse por perto quando Trixie conhecera Jason, em vez de estar a ter o seu próprio caso amoroso? Teria Trixie chegado a namorar com ele? Teria ficado assim tão desfeita com o fim da relação? Teria estado em casa de Zephyr na noite da festa? Teria sido violada?

Para cada ação, havia uma reação oposta. Mas talvez pudéssemos desfazer os nossos erros impedindo outra pessoa de cometer os mesmos equívocos.

— Aurora — disse Laura lentamente. — Adorava conhecer o seu namorado.

A rapariga íúpique sorriu abertamente.

— A sério? Agora?

— Isso seria ótimo.

Aurora pegou-lhe na mão e levou-a pelas ruas de Akiak. Quando chegaram a um edifício cinzento, comprido e baixo, Aurora subiu a rampa de madeira.

— Só preciso de parar aqui na escola por um segundo — disse.

As portas não se encontravam fechadas à chave, mas não estava lá ninguém. Aurora acendeu a luz e dirigiu-se rapidamente a uma sala contígua. Laura abriu o fecho do casaco e olhou em direção ao ginásio à sua direita, com o soalho de madeira polida a brilhar. Se olhasse mais atentamente, será que conseguiria ver o sangue de Cane? Conseguiria reconstituir os passos de Daniel em todos aqueles anos, quando fugira e entrara na sua vida?

Laura foi distraída pelo som de... bem, não podia ser um autoclismo, ou podia? Empurrou a porta por onde Aurora entrara, e que dizia *Nas'ak*. Aurora estava em frente de um lavatório de porcelana branca com *água corrente*.

— A bebé está a pressionar-me a bexiga — disse Aurora, a sorrir.

— Há *canalização*, aqui?

Laura olhou à sua volta. Na parte de cima do compartimento sanitário, tinham sido penduradas várias peças de roupa: sutiãs e cuecas, *t-shirts* de manga comprida, meias.

— Só na escola — disse Aurora. — Todos os dias há uma fila que chega lá fora, com raparigas à espera para lavar o cabelo. Este é o único lugar onde ele não congela.

Deu oportunidade a Laura de usar as instalações — a palavra não era tanto *usar*, mas mais *apreciar* ou *dar graças por* — e depois voltaram a sair.

— O seu namorado mora muito longe? — perguntou Laura, perguntando-se o que aconteceria se Daniel voltasse e não a encontrasse lá.

— É mesmo no cimo daquela colina — disse Aurora, mas, ao subirem a elevação de terra, Laura não viu casas nenhuma. Seguiu Aurora para o interior de uma cerca, tendo o cuidado de não sair do caminho trilhado, em vez de passar por cima dos montes de neve que lhe davam pela cintura. Às escuras, ainda levou um momento a perceber que se dirigiam à parte mais recuada de um cemitério minúsculo, juncado de cruces de madeira brancas quase totalmente enterradas na neve.

Aurora parou junto a uma sepultura limpa. Havia um nome gravado na cruz de madeira: ARTHUR M. PETERSON, 5/06/1982-30/03/2005.

— Ele ia a conduzir um trenó puxado por cães, mas estávamos no final de março e caiu através do gelo. O cão da frente cortou os arreios com os dentes e veio ter a nossa casa. Assim que vi o cão, percebi que havia alguma coisa de errado, mas, quando chegámos ao rio, Art e o trenó já estavam ambos submersos. — Olhou para Laura. — Três dias mais tarde, descobri que estava grávida.

— Lamento imenso.

— Não lamente — disse Aurora em tom neutro. — Provavelmente, tinha estado a beber quando se fez ao caminho,

como de costume.

Mas, enquanto falava, inclinou-se e limpou suavemente a cruz da camada de neve mais recente.

Laura afastou-se para dar privacidade a Aurora e viu outra sepultura que tinha sido cuidadosamente limpa. Em frente à lápide, estava uma coleção de marfim: presas de mamute completas e parciais, algumas quase da altura da cruz de madeira. Em cada uma das presas, tinham sido entalhadas inúmeras flores com todo o pormenor: rosas, orquídeas e peónias, lupino, miosótis e manjerona. Era um jardim que tinha sido desapossado das suas cores, mas não da sua beleza. Flores que nunca iriam morrer, flores que podiam desabrochar mesmo no clima mais inóspito.

Imaginou o artista que as tinha feito, a caminhar por entre fiapos de neve, granizo e temporais para plantar aquele jardim infinito. Era exatamente o tipo de romance e paixão que teria esperado de Seth, que lhe tinha enfiado poemas entre as folhas alvoroçadas da sua agenda e na abertura cerimoniosa do seu porta-moedas.

Nostalgicamente, Laura permitiu-se imaginar como era ser amada de forma tão intensa. Imaginou uma cruz de madeira com o seu próprio nome. Viu alguém desafiar os elementos para levar oferendas à sua sepultura. Mas quando imaginou o homem que chorava a sua perda, não era Seth.

Era Daniel.

Laura sacudiu a neve da lápide, querendo conhecer a identidade da mulher que inspirara tal devoção.

— Oh, eu ia mostrar-lhe essa — disse Aurora, precisamente quando Laura lia o nome: ANNETTE STONE. A mãe de Daniel.

Trixie tinha desaparecido. Não sabia dizer por que razão se sentia culpada em relação a isto, sobretudo porque na realidade não era para estar a trabalhar no posto de controlo de Tuluksak. Correu ao lado de Willie na escuridão, com pequenas nuvens de respiração a deixar um rasto que se ia dissipando.

Como prometido, Willie tinha voltado à escola, embora Trixie não estivesse à espera disso. Tinha pensado em deixar o casaco com um dos voluntários quando estivesse pronta para partir, fosse quando fosse e para onde quer que fosse. Mas Willie tinha chegado enquanto Trixie ainda estava a tomar conta de Joseph. Ajoelhou-se do outro lado do velhote que ressonava e abanou a cabeça. Conhecia Joseph, aparentemente como toda a gente num raio de oito aldeias, uma vez que Joseph não fazia distinções no que tocava a meter-se nos copos. Os iúpiques chamavam-lhe *Kingurauten*, «Tarde Demais», pois Joseph prometera a uma mulher que havia de voltar e fizera-o uma semana depois de ela morrer.

Willie tinha vindo convidar Trixie para um banho de vapor. Ela não sabia o que isso significava, mas soava divinamente depois de quase dois dias seguidos a tremer de frio. Tinha seguido Willie, passando nas pontas dos pés por Joseph e pelos voluntários adormecidos até saírem da escola.

Correram. A noite estendia-se como uma cobertura sobre a cúpula do céu; as estrelas começaram a cair aos pés de Trixie. Era difícil dizer se era a beleza daquele lugar que lhe tirava a respiração ou a intensidade do frio. Willie abrandou quando chegaram a uma estrada estreita orlada de casas minúsculas.

— Vamos para tua casa? — perguntou Trixie.

— Não, o meu pai está lá, e quando saí estava a beber. Vamos para a do meu primo. Ele esteve a tomar um banho de vapor com

alguns dos seus amigos, mas estão de partida para ver um jogo de basquetebol da liga da cidade.

Vários cães que estavam presos à porta das casas começaram a ladrar. Willie procurou a mão dela, provavelmente para a fazer andar mais depressa, mas, se era essa a intenção, não resultou. Tudo abrandou dentro de Trixie: a pulsação, a respiração e a circulação.

Embora Janice tivesse tentado dizer-lhe o contrário, Trixie pensava que nunca mais ia querer que um rapaz lhe tocasse. Mas quando Willie o fez, ela já nem se conseguia lembrar do que sentira ao tocar Jason. Era quase como se um anulasse o outro. O que ela sabia era que a pele de Willie era mais macia do que a de Jason. A mão dele tinha um tamanho mais parecido com a dela. Os músculos dos seus antebraços não eram volumosos, produto de um milhão de tacadas, mas sim magros e cheios de tendões, quase esculpidos. Não fazia sentido, dada a forma como tinham sido educados, mas ela tinha a estranha sensação de que ela e Willie eram iguais, que nenhum deles detinha o controlo, porque ficavam ambos nervosos na companhia um do outro.

Pararam atrás de uma das casas. Através da luz amarelada das janelas, Trixie conseguiu ver uma sala pequena, um único sofá e alguns jovens a vestirem os casacos e a calçarem as botas.

— Anda — disse Willie, e puxou-a.

Abriu a porta de uma cabana de madeira que não era maior do que um anexo. Estava dividida em duas salas: tinham entrado na mais ampla; a outra estava para lá da porta fechada em frente de Trixie. Assim que o som da moto de neve do primo esmoreceu, Willie tirou o casaco e as botas, fazendo sinal a Trixie para fazer o mesmo.

— A boa notícia é que o meu primo já fez o trabalho mais difícil esta noite: acartar água e cortar lenha. Ele construiu este *maqi* há uns anos.

— O que fazem lá dentro?

Willie sorriu, e os seus dentes brilharam no escuro.

— Suamos — disse ele. — Muito. Os homens normalmente entram primeiro, porque conseguem lidar com calor a sério. As mulheres entram mais tarde.

— Então, porque é que estamos aqui juntos? — perguntou Trixie.

Willie baixou a cabeça. Ela sabia que ele estava a corar, mesmo sem conseguir ver.

— Aposto que estás sempre a trazer raparigas para aqui — disse ela, mas estava apenas na brincadeira, à espera da resposta dele.

— Nunca estive num banho de vapor com uma rapariga — disse Willie, e depois começou a despir-se. Trixie fechou os olhos, mas não antes de vislumbrar o branco luminoso da sua roupa interior.

Ele abriu uma porta e desapareceu na sala contígua. Trixie esperou que ele voltasse, mas isso não aconteceu. Ouviu o sibilar do vapor a erguer-se.

Olhou para a porta de madeira, perguntando-se o que estaria do outro lado. Estaria ele a tentar mostrar-lhe como era forte, aguentando o *calor a sério*? O que quisera ele dizer quando dissera que nunca tinha estado ali com uma rapariga? Levava-as para outros lugares ou seria um convite para ela o seguir? Ela sentia-se como se tivesse caído dentro de um dos universos de banda desenhada do pai, onde aquilo que se dizia não era o que se queria dizer, e vice-versa.

Hesitante, Trixie tirou a camisa. A ação e a proximidade de Willie fizeram-na pensar imediatamente no jogo de *strip* póquer na festa de Zephyr. Mas, desta vez, não havia ninguém a ver; o jogo não tinha regras; ninguém lhe dizia o que tinha de fazer. Percebeu que era completamente diferente quando a escolha era dela.

Se ela lá entrasse de sutiã e cuecas, era tal qual como usar um biquíni, não é verdade?

Só tremeu por um momento antes de abrir a porta minúscula e rastejar lá para dentro.

O calor atingiu-a como uma parede sólida. Não era apenas calor: era uma sauna, uma sala de vapor e uma fogueira, tudo ao mesmo tempo, e mais ainda. O chão debaixo dos seus pés descalços era em contraplacado escorregadio. Ela não conseguia ver por causa do vapor.

À medida que as nuvens dispersaram, conseguiu divisar um enorme bidão de petróleo deitado de lado, com uma fogueira no seu bojo. As pedras estavam amontoadas por cima, sobre rede de gaiola, com um contentor de metal cheio de água ao lado. Willie estava acorado no contraplacado, de joelhos puxados para o peito e com a pele vermelha e manchada.

Ele não disse nada quando a viu e Trixie percebeu porquê — se ela abrisse a boca, de certeza que a sua garganta ia irromper em chamas. Ele estava totalmente nu, mas a região entre as coxas não passava de uma sombra e, de alguma forma, era ela quem se sentia demasiado vestida. Sentou-se ao lado dele — num espaço tão pequeno, não havia grande escolha — e sentiu-o enrolar-lhe alguma coisa na cabeça. Apercebeu-se de que era um trapo que tinha sido embebido em água, para lhe tapar as orelhas e impedi-las de se

queimarem. Quando ele o atou, a pele do seu braço ficou pegada à dela.

A luz laranja que entrava através das fendas da porta do fogão iluminava Willie. A sua silhueta brilhava, magra e felina; naquele momento, Trixie não teria ficado surpreendida se o visse transformar-se numa pantera. Willie pegou numa concha, um pau amarrado com arame a uma lata de sopa. Mergulhou-a no balde de água, deitando mais sobre as pedras e fazendo com que uma nova nuvem de vapor enchesse a câmara. Quando se sentou ao lado de Trixie, a sua mão estava tão perto da dela que os seus mindinhos tocaram-se.

Doía quase para lá da dor. A sala pulsava e respirar era praticamente impossível. O calor desprendia-se da pele de Trixie na forma da sua alma. A transpiração escorria-lhe pelas costas e entre as pernas: era o corpo inteiro a chorar.

Quando os pulmões de Trixie estavam prestes a explodir, ela saiu porta fora, de volta à sala fria. Sentou-se no chão, com o calor a sair dela em vagas, ao mesmo tempo que Willie aparecia com uma toalha enrolada à volta da cintura. Baixou-se ao lado dela e passou-lhe um jarro.

Trixie bebeu-o sem sequer saber o que continha. A água arrefeceu-lhe a garganta. Passou o jarro a Willie, que encostou a cabeça à parede e bebeu bastante, com a maçã de Adão a acompanhar cada gole. Virou-se para ela a sorrir.

— É uma loucura, não é?

Ela também deu por si a rir.

— Completa.

Willie encostou-se à parede e fechou os olhos.

— Sempre imaginei que a Florida deve ser assim.

— A Florida? Não é nada.

— Já estiveste na Florida? — perguntou Willie, intrigado.

— Sim. É apenas outro Estado.

— Gostava de ver uma laranja a crescer numa árvore.

Basicamente, gostava muito de ver qualquer coisa noutra lugar que não aqui. — Virou-se para ela. — O que fizeste quando foste à Florida?

Tinha sido há tanto tempo que Trixie teve de pensar por um instante.

— Fomos a Cabo Canaveral. E ao Disney World.

Willie começou a tirar farpas do soalho de madeira.

— Aposto que te sentias lá como peixe na água.

— Por ser tão piroso?

— Porque és como aquela fada... A fada que anda com Peter Pan.

Trixie desatou a rir.

— A *Sininho*?

— Sim. A minha irmã tinha esse livro.

Ela estava prestes a dizer-lhe que ele era doido, mas depois lembrou-se de que Peter Pan tinha a ver com um rapaz que não queria crescer e decidiu que não se importava com a comparação.

— Ela era tão bonita — disse Willie. — Tinha uma luz dentro dela.

Trixie olhou para ele.

— Achas que sou bonita?

Em vez de responder, Willie levantou-se e rastejou de volta à sala quente. Quando ela o seguiu, ele já tinha despejado água por cima das pedras. Cega pelo vapor, teve de encontrar o caminho às apalpadelas. Passou os dedos sobre o soalho rugoso, pelas

paredes acima e depois roçou na curva suave do ombro de Willie. Antes que ela se pudesse afastar, a mão de Willie levantou-se para agarrar a sua. Ele puxou-a para mais perto, até ficarem frente a frente de joelhos, no meio de uma nuvem.

— Sim, és bonita — disse Willie.

Trixie sentiu-se como se estivesse a cair. Tinha um cabelo horrível, preto e curto, e cicatrizes ao longo dos braços, e era como se ele nem reparasse nisso. Olhou para baixo, para os seus dedos entrelaçados — uma teia de pele escura e pálida —, e fingiu que talvez houvesse uma luz dentro dela.

— Quando os primeiros brancos chegaram à tundra — disse Willie —, as pessoas daqui pensaram que eles eram fantasmas.

— Às vezes, também é isso que penso que sou — murmurou Trixie.

Inclinaram-se um para o outro, ou talvez fosse o vapor que os aproximou. E precisamente quando Trixie teve a certeza de que não havia mais ar na sala, a boca de Willie fechou-se sobre a dela e respirou no seu lugar.

Willie sabia a fumo e a açúcar. As suas mãos pousaram nos ombros dela e aí se mantiveram respeitosamente, mesmo quando ela ansiava por que ele a tocasse. Quando se afastaram, Willie cravou os olhos no chão.

— Eu nunca tinha feito isto — confessou, e Trixie percebeu que, quando ele dissera que nunca tinha estado com uma rapariga num banho de vapor, tinha querido dizer que nunca tinha estado com uma rapariga.

Trixie tinha perdido a virgindade há muito tempo, quando pensava que isso era um prémio que devia dar a alguém como Jason. Tinham feito sexo inúmeras vezes — na banco de trás do

carro dele, no quarto dele quando os pais não estavam em casa, no balneário do ringue de hóquei depois de este fechar. Mas o que ela tinha feito com ele não tinha comparação com o beijo que acabara de experienciar com Willie; era impossível traçar uma linha para ligar as duas coisas. Nem sequer podia dizer que o denominador comum fosse a sua participação, pois a rapariga que ela era na altura era completamente diferente da que ali estava, agora.

Trixie inclinou-se em direção a Willie e, desta vez, foi *ela* quem o beijou.

— Eu também não — disse ela, e sabia que não estava a mentir.

Quando Daniel tinha onze anos, o circo fora pela primeira e única vez à tundra. Bethel era a última paragem para o Circo Ford Brothers, numa digressão sem precedentes pelo Alasca. Cane e Daniel não iam perder isso por nada deste mundo. Fizeram uns biscates — pintar a casa de um idoso, pôr um telhado novo no banho de vapor do tio de Cane — até terem quinze dólares cada um. Os prospetos, que tinham sido afixados em todas as escolas da aldeia, incluindo Akiak, diziam que a entrada custava oito dólares, e assim sobrava-lhes muito dinheiro para as pipocas e lembranças.

A maior parte da aldeia fazia tenção de ir. A mãe de Daniel ia pedir boleia ao diretor da escola, e no último minuto Cane convidou Daniel para ir no barco da família. Sentaram-se ao meio, com o alumínio frio da embarcação contra as suas costas e rabos, e durante o caminho contaram anedotas de elefantes um ao outro.

Porque é que o elefante é cinzento, grande e enrugado?

Porque se fosse pequeno, branco e redondo seria uma aspirina.

Porque é que um elefante tem tromba?

Porque ficava com ar de estúpido com uma trombeta.

Apareceram seis mil pessoas vindas de todo o delta, tendo muitas delas chegado já depois da meia-noite, para poderem ver o *Hercules* da MarkAir aterrar ao amanhecer com os artistas e os animais. O circo ia atuar no ginásio do arsenal da Guarda Nacional, com as casas de banho convertidas em camarins. Cane e Daniel, sempre a correr de um lado para o outro, até conseguiram segurar uma corda enquanto a tenda era montada.

Durante o espetáculo, houve cães amestrados com tutus desbotados e dois leões chamados *Lulu* e *Morango*. Houve um leopardo, que esperou pela sua deixa do lado de fora da tenda, a beber numa poça de lama. Houve música de calíope, amendoins e algodão-doce, e para os mais pequenos uma casa insuflável e passeios de pónei. Quando Shorty Serra apareceu com voz de trovão, para fazer truques com cordas com o seu cavalo monstruoso, *Juneau*, o animal empinou-se para ficar mais alto que toda a gente, e a multidão gritou.

Um grupo de rapazes iúpiques que estavam sentados atrás de Daniel e Cane também aplaudiram. Mas quando Daniel se inclinou para dizer qualquer coisa a Cane, um deles cuspiu um insulto:

— Olhem para isto! Eu sempre soube que o lugar dos *kass'aqs* era no circo!

Daniel virou-se.

— Cala a matraca!

Um rapaz iúpique virou-se para outro.

— Ouviste alguma coisa?

— Será que preferes sentir alguma coisa? — ameaçou Daniel, cerrando o punho.

— Ignora-os — disse Cane. — São uns idiotas.

O diretor do circo apareceu e foi saudado com aplausos ensurdecedores.

— Minhas senhoras e meus senhores, receio ter algumas notícias decepcionantes. O nosso elefante, *Tika*, está demasiado doente para fazer o espetáculo. Mas tenho o prazer de vos apresentar... vindos diretamente de Madagáscar... Florence e os seus Espantosos Pombos Bailarinos!

Apareceu uma mulher minúscula vestindo uma saia de flamenco, com pássaros empoleirados nos ombros. Daniel virou-se para Cane:

— Será que o elefante está assim tão doente?

— Pois — disse Cane. — Isto não vale nada.

Um dos rapazes iúpiques tocou-lhe com o dedo.

— E tu também não. E aposto que gostas de carne branca.

Toda a sua vida Daniel tinha sido gozado pelos miúdos da aldeia — por não ter pai, por ser *kass'aq*, por não saber fazer coisas nativas como pescar e caçar. Cane andava muito com ele e os rapazes iúpiques lá da escola deixavam passar, porque, no fim de contas, Cane era um deles.

Mas estes rapazes não eram da sua aldeia.

Daniel viu a expressão de Cane e sentiu alguma coisa soltar-se dentro dele. Levantou-se, com a intenção de abandonar a tenda.

— Espera — disse Cane.

Daniel tornou o seu olhar o mais inexpressivo possível.

— Eu não te convidei — disse ele, e foi-se embora.

Não levou muito tempo a encontrar o elefante preso numa cerca improvisada, sem ninguém a vigiá-lo. Daniel nunca tinha visto um elefante de perto; era a única coisa que tinha em comum com miúdos que viviam em lugares normais. O elefante estava a coxear e a atirar feno ao ar com a tromba. Daniel passou por baixo do

arame e foi ter com o animal, movendo-se lentamente. Tocou-lhe na pele, quente e rugosa, e encostou a face ao seu flanco.

A melhor parte da sua amizade com Cane era o facto de este ser alguém que pertencia à comunidade, e isso fazia com que Daniel tivesse o mesmo estatuto, por associação. Nunca se apercebera de que isso também podia funcionar em sentido inverso e que a sua amizade podia fazer de Cane um pária. Se a única forma de impedir que Cane fosse ostracizado era ficar longe dele, então era isso que Daniel faria.

Uma pessoa fazia o que fosse preciso pelas pessoas de quem gostava.

O elefante girou a sua enorme cabeça em direção a Daniel. O seu olho escuro piscou; o lábio pendente da sua boca mexeu-se sem fazer barulho, mas Daniel conseguiu ouvir perfeitamente o animal, por isso replicou em voz alta: *Eu também não pertenço aqui.*

Ainda estava escuro na manhã seguinte quando o avião de carga chegou, indo de aldeia em aldeia para recolher os cães que tinham sido largados pelos condutores ao longo da pista. Seriam levados de volta a Bethel, onde um tratador podia ir buscá-los.

Willie ia a conduzir a carrinha de caixa aberta do primo até à pista de aterragem e Trixie ia no lugar do passageiro. Deram as mãos, encurtando o espaço entre eles.

Na caixa aberta, iam todos os cães de Alex Edmond, *Juno* e Kingurauten Joseph, que ia ser levado para o centro médico. Willie estacionou a carrinha e depois começou a passar os cães a Trixie, que os levava até à cerca de arame e os prendia. Sempre que

regressava para vir buscar mais um, ele sorria-lhe, e ela ficava toda derretida como se estivesse de volta ao banho de vapor.

Na noite anterior, depois de o vapor se ter esfumado, Willie dera-lhe banho com um trapo embebido em água morna. Ele tinha passado a esponja improvisada por cima do seu sutiã e cuecas. Depois, tinham voltado para a sala fria e ele secara-a com uma toalha, ajoelhando-se à sua frente para alcançar a parte de trás dos joelhos e entre os dedos, antes de se terem vestido um ao outro. Abotoar e meter a fralda da camisa para dentro parecia muito mais íntimo do que desabotoar e abrir fechos de correr, como se o intuito fosse deixar a pessoa novamente inteira, em vez de a desintegrar.

— Tenho de levar o casaco do meu tio — dissera Willie, mas depois tinha-lhe dado o seu próprio blusão de sarja forrado.

Cheirava a ele de cada vez que Trixie enfiava o nariz na gola.

As luzes da pista acenderam-se de repente, como que por magia. Trixie girou sobe si mesma, mas não havia nenhuma torre de controlo por perto.

— Os pilotos têm controlo remoto no avião — disse Willie, a rir, e ainda não tinham passado dez minutos quando Trixie ouviu um motor a aproximar-se.

O avião que aterrou era parecido com aquele em que Trixie voara para Bethel. O piloto — um rapaz íúpique pouco mais velho do que Willie — saltou cá para fora.

— Olá — disse ele. — Só têm isto?

Quando ele abriu o compartimento de carga, Trixie conseguiu ver uma dúzia de cães já presos a argolas metálicas. Enquanto Willie carregava os cães, ela ajudou Joseph a descer das traseiras da carrinha. Ele apoiou-se nela enquanto caminhavam até à pista e,

quando entrou no compartimento de carga, os animais lá dentro começaram a ladrar.

— Lembra-me alguém que conheci — disse Joseph.

Já me disse isso, pensou Trixie, mas limitou-se a assentir. Talvez ele não quisesse que ela ouvisse aquilo e apenas precisasse de o dizer outra vez.

O piloto fechou a porta e saltou novamente para dentro do avião, acelerando ao longo da pista até Trixie não conseguir distinguir as luzes de aterragem de outra estrela qualquer. As luzes da pista piscaram e esta ficou novamente às escuras.

Ela sentiu Willie aproximar-se no escuro, mas, antes que os seus olhos se pudessem adaptar, surgiu outro foco de luz. Incidiu-lhe diretamente nos olhos, fazendo-a protegê-los com a mão. A moto de neve parou, com o motor ainda a roncar antes de se extinguir por completo e o condutor pôr-se em pé nos patins.

— Trixie? — disse o pai. — És tu?

⁶ *Unkindness* é um termo alternativo para designar um bando de corvos, mas também significa indelicadeza, rudeza. (N. da T.)









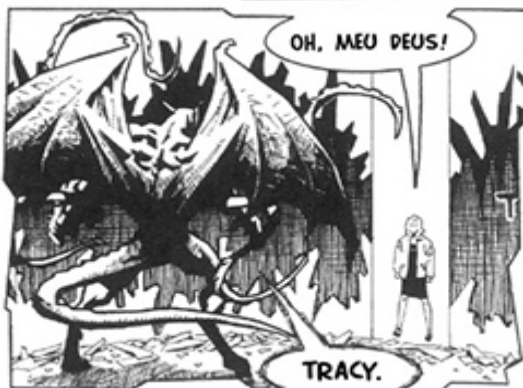
ESTE É QUEM
PAREÇO SER
AGORA...



ESTE É AQUELE EM
QUE RECEIO ESTAR
A TORNAR-ME...



ESTE É QUEM
JÁ FUI, AO
QUE PARECE.

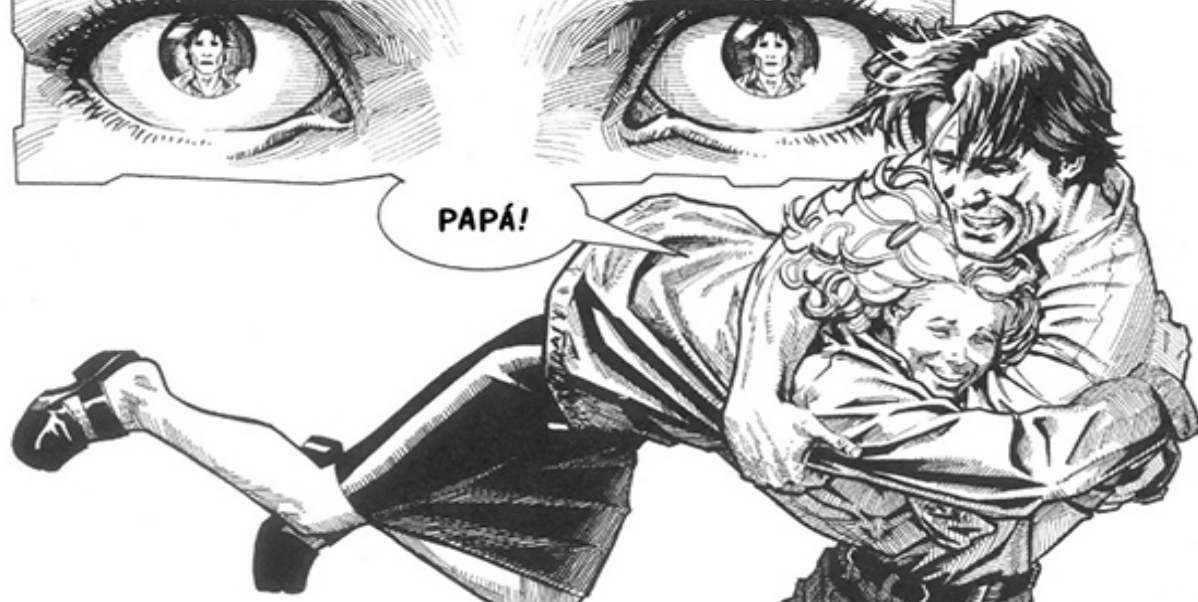


OH, MEU DEUS!

TRACY.



PAPÁ!





No meio da tundra do Alasca, a olhar para uma filha que mal reconhecia, Daniel recordou o momento em que soubera que tudo estava destinado a mudar entre ele e Trixie.

Não houve nada de especial, como tantos outros minutos passados entre pai e filha. Tanto podia ter sido no verão como no outono. Podiam estar entrouxados em casacos de inverno ou ter chinelos de enfiar no dedo. Tanto podiam ir a caminho do banco para fazer um depósito, como ir a sair de uma livraria. O que ficou gravado na memória de Daniel foi a rua — uma rua movimentada, no meio da povoação — e o facto de ele ir a descê-la com Trixie pela mão.

Ela tinha sete anos e o cabelo entrançado à francesa — não muito bem, pois ele nunca conseguira apanhar-lhe o jeito — e estava a tentar não pisar as frestas do passeio. Chegaram ao cruzamento e, como sempre, Daniel deu a mão a Trixie.

Ela soltou-a deliberadamente e afastou-se dele antes de olhar para ambos os lados e atravessar sozinha.

Foi uma pequena fissura, que até podia ter passado despercebida se não fosse o facto de se ter tornado cada vez maior, até haver um enorme fosso entre eles. Manifestamente, a missão de uma criança era crescer. Nesse caso, porque é que os pais se sentiam tão desapontados quando isso acontecia?

Desta vez, Trixie tinha atravessado sozinha um país inteiro, em vez de uma rua. Estava em frente de Daniel, envergando um casaco de sarja demasiado grande para ela e um gorro de lã na cabeça. Ao seu lado, estava um rapaz iúpique cujo cabelo estava sempre a cair-lhe para cima dos olhos.

Daniel não sabia o que era mais chocante: se ver a menina com quem outrora andara às cavalitas e aconchegara na cama e perguntar-se se ela teria cometido um homicídio, ou perceber que se esconderia com Trixie na tundra do Alasca para o resto da vida, se isso fosse a única maneira de impedir que ela fosse presa.

— Papá...? — Trixie lançou-se nos braços dele.

Daniel sentiu um arrepio na espinha; vendo bem, o alívio não era muito diferente do medo.

— E tu... — disse ele para o rapaz que estava a alguma distância, a observá-los com uma expressão cautelosa. — Quem és tu?

— Willie Moses.

— Emprestas-me a tua carrinha? — perguntou Daniel, atirando-lhe as chaves da sua moto de neve, uma troca.

O rapaz olhou para Trixie como se fosse falar, mas depois baixou os olhos e dirigiu-se à moto. Daniel ouviu o ronco do motor, seguido do seu gemido agudo ao ganhar velocidade, e depois levou Trixie para a carrinha. Tal como a maioria dos veículos no Alasca, também este nunca teria passado numa inspeção efetuada em qualquer outro Estado. Os painéis laterais estavam corroídos pela ferrugem; o conta-quilómetros estava parado nos 140 km/h e a primeira não funcionava. Mas a luz por cima do retrovisor estava a trabalhar, e Daniel ligou-a para examinar a filha.

Tirando as olheiras, parecia estar bem. Daniel estendeu o braço e tirou-lhe o gorro, revelando o cabelo preto acachapado.

— Oh! — disse ela quando o viu arregalar os olhos. — Tinha-me esquecido disso.

Daniel deslizou no banco e puxou-a para os seus braços. Santo Deus! Haveria alguma coisa mais sólida, mais *certa*, do que saber

que a filha estava onde devia estar?

— Trixie — disse —, pregaste-me um susto dos diabos.

Ele sentiu-a agarrar-se ao seu casaco. Ele tinha mil perguntas para ela, mas houve uma que se sobrepôs e que ele não pôde deixar de fazer:

— Porquê *aqui*?

— Porque disseste que é onde as pessoas desaparecem — murmurou Trixie.

Daniel afastou-se lentamente dela.

— Porque é que querias desaparecer?

Os olhos dela marejaram-se de lágrimas até que uma transbordou, correndo-lhe pelo rosto até à ponta do queixo. Abriu a boca para falar, mas não saiu nada. Daniel abraçou-a quando o seu corpo magro começou a tremer.

— Eu não fiz o que toda a gente pensa...

Daniel atirou a cabeça para trás e enviou uma prece a um Deus em que nunca acreditara: *Obrigado*.

— Eu queria que ele voltasse para mim. Eu não queria andar com uns e com outros como Zephyr me disse para fazer, mas estava disposta a fazer o que fosse preciso para que as coisas voltassem a ser como eram antes de Jason ter acabado comigo. — Engoliu em seco. — Quando toda a gente se foi embora, ele foi tão querido de início que cheguei a pensar que tinha funcionado. Mas depois aconteceu tudo tão depressa... Eu queria falar, e ele não. Quando ele começou... quando nós começámos... — Respirou de forma entrecortada. — Ele disse que era exatamente daquilo que precisava: de uma amiga colorida. E foi assim que percebi que ele não me queria de volta; só me queria durante quinze minutos.

Daniel não se mexeu. Se o fizesse, de certeza que se faria em mil pedaços.

— Tentei escapar, mas não consegui. Sentia-me como se estivesse debaixo de água, e quando dizia aos meus braços e pernas para se mexerem, eles não o faziam com rapidez ou força suficientes. Ele achava que aquilo era um jogo, eu a dar um bocadinho de luta para me fazer difícil. Prendeu-me ao chão e... — A pele de Trixie estava corada e húmida. — Ele disse «Não me digas que não queres isto». — Olhou para Daniel, no halo da luz por cima do espelho. — E eu... não disse.

Uma vez, Trixie tinha visto um filme de ficção científica que sugeria que todos tínhamos sócias, só nunca podíamos esbarrar com eles porque os nossos mundos colidiriam. Tinha sido assim, agora que o pai a viera salvar. Ainda naquela manhã, ao voltar com Willie do *maqi*, alimentara a ideia de como seria ficar em Tuluksak. Talvez precisassem de uma professora assistente. Talvez pudesse ir morar com um dos primos de Willie. Mas, com a chegada do pai, o mundo parara. Ele não se encaixava ali, e ela também não.

Tinha-lhe contado o seu segredo: era uma mentirosa. Não só em relação a ser virgem e a jogar o Arco-Íris... mas ainda mais. Ela nunca dissera que não a Jason naquela noite, embora tivesse dito o contrário à procuradora.

E as drogas?

Tinha sido ela que as levara.

Na altura, não sabia que o universitário que vendia erva aos miúdos da secundária dormia com a mãe. Tinha ido comprar alguma para a festa de Zephyr, na esperança de se sentir mais

descontraída. Se queria ser tão estouvada quanto Zephyr tencionava que ela fosse, precisava de uma pequena ajuda farmacêutica.

Seth não tinha erva, mas o *Special K* devia ser como o *Ecstasy*. Fazia com que a pessoa perdesse o controle.

Coisa que acontecera, só que de forma completamente diferente.

Isto não era mentira: ela não o tinha tomado naquela noite de propósito. Ela e Zephyr tinham planeado ficar pedradas juntas, mas era uma droga a sério e não erva, e no último minuto Trixie acobardara-se. Tinha-se esquecido disso até a procuradora ter levantado a possibilidade de ela ter droga no organismo. Trixie não sabia o que Zephyr tinha feito com o frasquinho: se o usara ela própria, se o deixara na bancada da cozinha, se alguma pessoa que estava na festa o teria encontrado primeiro. Não podia afirmar que tivesse sido Jason quem lhe introduzira a droga na bebida. Ela tinha tanto por onde beber naquela noite — latas de *Coca-Cola* meio vazias por todo o lado, vodka com sumo de laranja e cubos de gelo lá dentro... Era possível que Jason não tivesse tido nada a ver com isso.

Trixie não sabia que juntar drogas àquela embrulhada jurídica significava que Jason ia ser julgado como adulto. Ela não lhe queria estragar a vida. Queria apenas uma forma de salvar a sua.

Trixie pensou que não era coincidência a palavra *não* e *saber* terem o mesmo som⁷. Devíamos conseguir dizer a palavra mágica, e isso era o suficiente para tornar os nossos desejos, ou falta deles, claros como água. Mas nunca ninguém dizia *sim* para fazer sexo consensual. As indicações vinham da linguagem corporal, da forma como duas pessoas se juntavam. Nesse caso, porque é que abanar a cabeça ou empurrar o tronco com força não eram suficientemente

esclarecedores? Porque é que era preciso pronunciar a palavra *não* para ser uma violação?

Essa única palavra, dita ou não, não tornava Jason menos culpado de ter tomado algo que Trixie não quisera dar. Não a tornava menos insensata. A única coisa que fazia era traçar uma linha na areia, para que as pessoas que não estavam lá para testemunhar — Moss e Zephyr, os pais dela, a polícia, a procuradora — pudessem tomar partido.

Mas algures ao longo dessa linha, ela também se tinha apercebido de que não podia culpar inteiramente Jason pelo que acontecera.

Tinha pensado em como seria quando o julgamento começasse e fosse cem vezes pior do que era agora, com o advogado de Jason a levantar-se no tribunal e a pintar Trixie como uma autêntica vadia e mentirosa. Perguntara-se quanto tempo levaria até ceder e admitir que eles tinham razão. Começara a detestar-se e, uma noite, quando a escuridão a envolvera como as asas de uma garça-real, desejou que Jason Underhill caísse fulminado. Era apenas um segredo, um pensamento silencioso, e nessa altura ela sabia melhor do que ninguém que o que não se dizia em voz alta não contava. Mas depois uma coisa levou à outra: Jason foi acusado como adulto e não como menor; Jason esbarrou nela durante o Festival de Inverno. E depois, antes que desse por isso, o seu desejo tinha-se realizado.

Trixie sabia que a polícia andava à procura dela. *Nós tratamos disso*, repetia o pai constantemente. Mas Jason estava morto e a culpa era dela. Nada do que ela dissesse agora, ou não dissesse, ia trazê-lo de volta.

Perguntou-se se seria mandada para a prisão em vez de Jason e se seria horrível estar lá, como se via nos filmes, ou se estaria cheio de pessoas como Trixie, pessoas que compreendiam que havia erros que eram impossíveis de apagar.

Enquanto o pai explicava aos Voluntários Jesuítas que estavam prestes a perder um falso membro do pessoal, Trixie ficou sentada na carrinha e chorou. Pensava que por esta altura já devia estar completamente seca, como uma casca, mas as lágrimas nunca mais paravam. A única coisa que ela queria era que alguma coisa voltasse a correr bem na sua vida e, em vez disso, tudo corria o pior possível.

Bateram no vidro da janela da carrinha. Ela olhou para cima e deparou-se com Willie, com os dedos enfiados numa tigela com algo cor-de-rosa. Tirou um bocadinho com o dedo do meio e o indicador enquanto ela baixava o vidro.

— Olá — disse ele.

Ela limpou os olhos.

— Olá.

— Estás bem?

Trixie começou a dizer que sim, mas estava tão farta de mentir.

— Nem por isso — admitiu.

Era agradável a forma como Willie nem sequer tentava dizer alguma coisa para a fazer sentir-se melhor. Deixava apenas que a tristeza se manifestasse.

— É o teu pai? — perguntou.

Ela assentiu. Queria explicar tudo a Willie, mas não sabia como. Willie pensava que ela era uma voluntária que ficara retida pela tempestade. Com ele, não tinha sido vítima de violação nem suspeita de homicídio. Como é que lhe havia de dizer que não era a

pessoa que ele pensava? E, mais importante ainda, como é que o havia de convencer da sua sinceridade, quando tudo o mais era afinal uma grande mentira?

Ele estendeu-lhe a tigela.

— Queres?

— O que é isso?

— *Akutaq*. Gelado esquimó.

Trixie enfiou o dedo lá dentro. Não era *Ben & Jerry's*, mas não era mau: bagas e açúcar, misturado com alguma coisa que ela não reconhecia.

— Óleo de foca e manteiga — disse Willie, e ela não ficou minimamente surpreendida por ele conseguir ler-lhe o pensamento.

Ele olhou para ela através da janela.

— Se alguma vez for à Florida, talvez nos possamos encontrar lá.

Trixie não sabia o que lhe ia acontecer no dia seguinte, muito menos depois disso. Mas descobriu que, apesar de tudo o que lhe acontecera, ainda tinha a capacidade de fingir, de pensar que o seu futuro podia ser alguma coisa que nunca viria a concretizar-se.

— Isso era fixe — disse ela baixinho.

— Vives lá perto?

— A dois mil e quatrocentos quilómetros, mais coisa menos coisa — disse Trixie, e, quando Willie sorriu ligeiramente, ela fez outro tanto.

De repente, Trixie sentiu vontade de contar a verdade a alguém, toda a verdade. Queria começar do princípio e, se conseguisse fazer com que uma única pessoa acreditasse nela, pelo menos já era um começo. Levantou o rosto para Willie.

— No sítio onde moro, fui violada por um tipo que eu julgava amar — disse Trixie, porque para ela tinha sido isso que acontecera, e seria sempre. A semântica não interessava quando se estava a sangrar entre as pernas, quando a pessoa se sentia como se tivesse sido virada do avesso e quando lhe tinha sido roubado o livre-arbítrio.

— Foi por isso que fugiste?

Trixie abanou a cabeça.

— Ele está morto.

Willie não lhe perguntou se ela era a responsável. Limitou-se a acenar com a cabeça, e a sua respiração ficou suspensa no ar como renda.

— Suponho que é assim que as coisas funcionam, às vezes — disse ele.

Era noite de bingo na junta de freguesia da aldeia, e Laura tinha sido deixada sozinha na casa minúscula. Tinha lido todos os jornais *Tundra Drums* de uma ponta à outra por duas vezes, mesmo os que estavam empilhados à entrada para deitar fora. Tinha visto televisão até os olhos lhe doerem.

Deu por si a perguntar-se que tipo de pessoa optaria por viver num sítio como aquele, onde conversar parecia anormal e de onde até a luz do sol se mantinha afastada. O que teria levado a mãe de Daniel até ali?

Tal como Annette Stone, Laura era professora. Sabia que era possível mudar o mundo, um aluno de cada vez. Mas por quanto tempo estaria uma pessoa disposta a sacrificar a felicidade do filho em prol das outras pessoas?

Talvez ela não tivesse *querido* ir-se embora. Daniel tinha contado a Laura sobre o pai de vida errante. Havia algumas pessoas que tinham um impacto tão grande na nossa vida que maculavam o nosso futuro. Laura compreendia que era possível passar a vida inteira à espera que um homem como esse regressasse.

Era uma escolha que a mãe de Daniel tinha feito para ambos e que deixara imediatamente o filho em desvantagem. A Laura, parecia-lhe uma atitude egoísta, e ela sabia do que falava.

Seria amor firme fazer o filho viver um verdadeiro inferno? Ou seria a melhor forma de criar o filho, uma maneira de garantir que o filho podia sobreviver sem ela? Se Daniel não tivesse sido importunado, podia ter-se sentido em casa na tundra. Podia ter-se transformado num daqueles miúdos sem rosto, como Cane, que não eram capazes de encontrar uma saída. Podia ter ficado para sempre no Alasca, à espera de algo que não vinha.

Talvez Annette Stone estivesse apenas a certificar-se de que Daniel tinha uma rota de fuga, porque ela própria não a tinha.

Lá fora, uma carrinha entrou no quintal. Laura pôs-se em pé de um salto, correndo para a entrada, para ver se Daniel e Trixie tinham voltado. Mas a carrinha tinha uma barra de luzes azuis na parte de cima da cabina, projetando longas sombras sobre a neve.

Laura endireitou-se. Uma pessoa fazia o que fosse preciso para proteger um filho. Mesmo coisas que mais ninguém seria capaz de compreender.

— Andamos à procura de Trixie Stone — disse o polícia.

Trixie adormeceu na viagem de regresso a Akiak. Daniel tinha embrulhado Trixie no seu próprio anoraque e máscara de esqui; ela

sentou-se na moto com os braços à volta da cintura do pai e a face encostada às suas costas. Ele seguiu o sol poente, a fita rosada de uma corista a perder-se no palco do horizonte.

Na realidade, Daniel não sabia o que fazer com a confissão da filha. Nesta parte do mundo, as pessoas acreditavam que um pensamento podia transformar-se numa ação a qualquer momento; uma palavra evocada mentalmente tinha tanto poder para ferir ou sarar como aquela que era pronunciada em voz alta. Nesta parte do mundo, não importava o que Trixie tinha ou não dito: o que Jason Underhill fizera a Trixie era mesmo considerado violação.

Ele também estava dolorosamente ciente das outras coisas que Trixie não dissera em voz alta: que não tinha matado Jason e que estava inocente.

Em Akiak, Daniel acelerou ao longo da margem do rio, passando pelos correios, para chegar a casa de Cane. Dobrou a esquina e viu a carrinha da polícia.

Por um momento, pensou: *Eu já me reinventei antes, posso voltar a fazê-lo*. Podia continuar a conduzir até a moto ficar sem combustível e depois construía um abrigo para ele e para Trixie. Ia ensiná-la como seguir rastos e como caçar e, quando chegasse a altura, como encontrar salmão.

Mas não podia deixar Laura para trás e não podia mandá-la buscar mais tarde. Quando se fossem embora, ele tinha de se certificar que nunca mais os encontravam.

Sentiu Trixie retesar-se atrás dele e percebeu que ela tinha visto os polícias. Pior ainda, quando o agente saiu do carro, apercebeu-se de que também os tinham visto.

— Não fales — disse ele por cima do ombro. — Deixa-me tratar disto.

Daniel guiou a moto em direção à casa de Cane e desligou a ignição. A seguir, saiu do veículo e ficou ali, com a mão no ombro de Trixie.

Quando amávamos alguém, fazíamos aquilo que melhor servia os seus interesses, mesmo que na altura parecesse completamente errado. Os homens faziam-no pelas mulheres; as mães faziam-no pelos filhos. E Daniel sabia que o faria por Trixie. Faria qualquer coisa. O que fazia de um herói um herói? Seria vencer sempre, como o Super-Homem? Ou seria aceitar a missão com relutância, como o Homem-Aranha? Ou aprender, como tinham feito os X-Men, que a qualquer momento se podia cair em desgraça e virar vilão? Ou, tal como o Rorschach de Alan Moore, seria ser suficientemente humano para gostar de ver as pessoas morrer, se o merecessem?

O polícia aproximou-se.

— Trixie Stone — disse —, está presa pelo homicídio de Jason Underhill.

— Não pode prendê-la — insistiu Daniel.

— Senhor Stone, tenho um mandado...

Daniel não tirou os olhos do rosto da filha.

— Sim — replicou. — Mas fui eu que o matei.

Trixie não era capaz de falar, não era capaz de respirar, não era capaz de pensar. Estava paralisada, presa à terra gelada, tal como o polícia. O pai tinha acabado de confessar um homicídio.

Ela olhou para ele, desorientada.

— Paizinho — sussurrou.

— Trixie, já te disse. Nem uma palavra.

Trixie pensou em como ele costumava carregá-la às cavalitas quando era pequenina. Ela sentia vertigens nas alturas, tal como a mãe, mas o pai segurava-lhe bem as pernas. *Eu não te deixo cair*, dizia, e, como nunca deixava, o mundo visto ali de cima deixava de ser tão assustador.

Pensou nisto e em mil outras coisas: em como, durante um ano inteiro, ele lhe tinha cortado as sanduíches que levava na lancheira em letras, para formar uma palavra diferente ao longo de cada semana: AUDAZ, SAGAZ, DÓCIL; em como ele escondia sempre uma caricatura dela numa das páginas dos seus livros de banda desenhada; em como ela remexia na mochila e encontrava, enfiada num bolso, uma embalagem de *M&M's* de amendoins que ele lá tinha deixado para ela.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Mas estás a mentir — sussurrou ela.

O polícia suspirou.

— Bem — disse ele —, *alguém* está.

Olhou em direção à carrinha, onde a mãe de Trixie já estava sentada no lugar do passageiro, a observá-los através do vidro.

Tinha sido quase cómico receber o telefonema. A polícia estadual do Alasca disse a Bartholemew que tinha executado o mandado de detenção de Trixie Stone. Mas, ao fazê-lo, outras duas pessoas tinham confessado o crime. O que é que ele queria que fizessem?

À falta de conseguir mandados emitidos pelo governador, o inspetor tinha de apanhar um avião até lá, entrevistar os Stone e

decidir a qual deles — se é que a algum — queria dar ordem de detenção.

Daniel Stone tinha sido acompanhado até à sala de reuniões da esquadra de Bethel, onde ele e Laura ficaram na sequência das suas confissões individuais. Trixie, sendo menor, estava no centro de detenção juvenil de Bethel. Um aquecedor vomitava um calor errático, agitando as fitas decorativas que tinham sido colocadas por cima do aparelho.

Foi aí que se apercebeu de que no dia seguinte era Natal.

— Sabe que isto não muda nada — disse Bartholemew. — Continuamos a ter de deter a sua filha como delinquente.

— O que significa isso?

— Depois de voltarmos para o Maine, vai ficar num centro de detenção juvenil até poder ser julgada como adulta por homicídio. A seguir, se não obtiver fiança, e não vai obter dada a gravidade do crime, será enviada novamente para lá depois do despacho de acusação.

— Não pode prendê-la, se fui eu que cometi o homicídio! — observou Daniel.

— Eu sei o que está a fazer, senhor Stone — disse Bartholemew. — Nem sequer o censuro, a sério. Alguma vez lhe falei da última conversa que tive com a minha filha? Ela desceu a escada e disse-me que ia ver um jogo de futebol americano na escola. Eu disse-lhe para se divertir. O problema é que estávamos em maio. Ninguém jogava futebol. E eu *sabia* disso — disse Bartholemew. — As pessoas que estavam no local disseram que ela nem chegou a travar quando fez a curva, que o carro foi a direito a toda a velocidade. Disseram que capotou três ou quatro vezes. Quando o médico-legista me disse que ela tinha morrido de *overdose* antes de

transpor a proteção lateral, eu cheguei a dizer *Graças a Deus!* Queria ter a certeza de que ela não tinha sentido nada daquilo.

Bartholemew cruzou os braços.

— Sabe o que mais fiz? Fui para casa, revirei o quarto dela até encontrar a droga e as agulhas que ela usava. Enfiei-as no fundo do lixo e fui de carro até à lixeira. Ela já estava morta e eu ainda estava a tentar protegê-la.

Stone limitou-se a olhar para ele.

— Não nos pode acusar a todos. Há de acabar por libertá-la.

— Tenho provas que a colocam na ponte.

— Havia umas mil pessoas por lá nessa noite.

— Mas não deixaram sangue nem ficaram com o cabelo preso no relógio de Jason Underhill.

Stone abanou a cabeça.

— Trixie e Jason estavam a discutir perto do parque de estacionamento da loja de conveniência. Deve ter sido nessa altura que o cabelo ficou preso. Mas eu apareci precisamente quando ele estava a agarrar Trixie e fui atrás dele. Já fui considerado como suspeito. Eu disse-lhe que me envolvi numa briga com o rapaz. Só não lhe contei o que aconteceu a seguir.

— Sou todo ouvidos — disse Bartholemew.

— Depois de ele fugir, segui-o até à ponte.

— E depois?

— Depois, matei-o.

— Como? Deu-lhe um soco no queixo? Bateu-lhe por trás? Deu-lhe um bom empurrão?

Quando o outro homem ficou calado, Bartholemew abanou a cabeça.

— Não me pode dizer, senhor Stone, porque não estava lá. Foi excluído pelas provas materiais... e Trixie não. — Olhou Stone nos olhos. — Ela já antes fez coisas que não lhe podia contar. Talvez esta seja apenas mais uma.

Daniel Stone cravou os olhos na mesa.

Bartholemew suspirou.

— Ser polícia não é assim tão diferente de ser pai, sabe? A pessoa faz o melhor que pode e mesmo assim não é suficiente para impedir que as pessoas de quem gosta se magoem.

— Está a cometer um erro — disse Stone, mas havia um fio de desespero na sua voz.

— É livre de se ir embora — replicou Bartholemew.

Na cadeia juvenil, as luzes não se apagavam. Na cadeia juvenil, não havia celas. As pessoas do mesmo sexo ocupavam todas um dormitório que fazia lembrar a Trixie os órfãos em *Annie*.

Havia lá raparigas que tinham roubado dinheiro das lojas onde trabalhavam e uma tinha atirado uma faca ao diretor da escola. Havia toxicodependentes e namoradas espancadas e até uma miúda de oito anos que era a mascote de toda a gente — tinha batido na cabeça do padrasto com um taco de basebol depois de ele a ter violado.

Como era véspera de Natal, tiveram um jantar especial: peru com molho de arando e de carne e puré de batata. Trixie sentou-se junto a uma rapariga que tinha os braços cobertos de tatuagens.

— Qual é a tua história? — perguntou.

— Não tenho nenhuma — disse Trixie.

Depois do jantar, apareceu um grupo da igreja para dar presentes às raparigas. As que estavam lá há mais tempo receberam os embrulhos maiores. Trixie recebeu um conjunto de lápis de cor com a Hello Kitty na carteira de plástico. Tirou-os para fora, um por um, e desenhou nas suas unhas.

Se estivesse agora em casa, teriam desligado todas as luzes da casa, exceto as da árvore de Natal. Abririam um presente, pois era essa a tradição, e depois Trixie iria deitar-se e fingiria estar a dormir enquanto os pais subiam e desciam a escada do sótão com as prendas dela, uma ficção de Pai Natal para uma rapariga que tinha crescido anos antes daquilo que eles queriam.

Perguntou-se o que estaria a fazer naquela noite o falso Pai Natal do parque de diversões em New Hampshire. Provavelmente, era o único dia do ano em que tinha folga.

Depois de as luzes se apagarem, alguém no dormitório começou a cantar «Noite Feliz». A princípio, a voz era um pouco débil, como um junco ao vento, mas depois juntou-se outra rapariga, e mais outra. Trixie ouviu a sua própria voz, incorpórea, a flutuar para longe dela como um balão. *Ó Senhor, Deus de amor.*

Pensava que ia chorar na sua primeira noite na cadeia juvenil, mas acontece que já não tinha mais lágrimas. Em vez disso, quando todas se esqueceram dos versos extra, ouviu a menina de oito anos soluçar até adormecer. Perguntou-se como é que árvores ficavam petrificadas e se o processo também se aplicaria a um coração humano.

Na pequena cela onde Laura se encontrava há quatro horas, não havia nada macio, apenas cimento, aço e ângulos retos. Dera por si

a passar pelas brasas, a sonhar com chuva e com cirros, com bolo de claras e flocos de neve: coisas que cediam quando lhes tocávamos.

Perguntou-se como estaria Trixie, para onde a teriam mandado. Perguntou-se se Daniel estaria do outro lado daquela parede grossa, se teriam ido interrogá-lo, tal como tinham feito com ela.

Quando Daniel entrou na sala, atrás de um polícia, Laura levantou-se. Encostou-se às barras de ferro e estendeu os braços para ele. Ele esperou que o polícia se fosse embora e depois foi até às barras e meteu os braços entre elas, para chegar a Laura.

— Estás bem?

— Eles soltaram-te — disse ela.

Ele acenou afirmativamente e encostou a testa à dela.

— E Trixie?

— Mandaram-na para um centro juvenil ao fundo da rua.

Laura largou-o.

— Tu não precisavas de encobrir Trixie — disse ela.

— Não me parece que nenhum de nós estivesse disposto a deixar que ela fosse parar à cadeia.

— E não vai — disse Laura. — Porque fui eu quem matou Jason. Daniel olhou-a fixamente, sem respirar.

— *O quê?*

Ela deixou-se cair no banco metálico da cela e enxugou os olhos.

— Na noite do Festival de Inverno, quando Trixie desapareceu, combinámos que eu ia para casa e esperava lá, não fosse ela aparecer. Mas, quando voltei para o carro, vi alguém na ponte. Chamei pelo nome dela, e Jason virou-se.

Estava agora a chorar a bom chorar.

— Ele estava embriagado. Disse... disse que a cabra da minha filha estava a dar-lhe cabo da vida. A dar-lhe cabo da vida! Ele endireitou-se e começou a andar em direção a mim, e eu... eu assustei-me e empurrei-o. Mas ele perdeu o equilíbrio e passou por cima do parapeito.

Laura levou inconscientemente a mão à orelha enquanto falava, e Daniel reparou que a argolinha de ouro que ela usava habitualmente tinha desaparecido. *O sangue. O cabelo ruivo no relógio. As marcas das botas na neve.*

— Prendeu-se na camisola dele. Ele arrancou-a, quando caiu — disse ela, seguindo o olhar de Daniel. — Ficou agarrado ao parapeito com uma mão, enquanto esticava a outra para cima. Quando olhei para baixo, fiquei tão tonta... Ele não parava de gritar para o ajudar. Ainda estendi o braço para lhe segurar a mão... e depois... — Laura fechou os olhos. — Depois, deixei-o cair.

Não era coincidência o facto de o medo levar uma pessoa a atitudes tão extremadas quanto o amor. Eram os gémeos siameses da emoção: se não soubéssemos o que estávamos em risco de perder, não tínhamos nada por que lutar.

— Fui para casa, e esperei que tu e Trixie chegassem. Tinha a certeza de que a polícia ia à minha procura antes de vocês chegarem. Eu ia contar-te...

— Mas não contaste — disse Daniel.

— Tentei.

Daniel lembrou-se de ter levado Trixie para casa do Festival de Inverno e de como Laura estava abalada. *Oh, Daniell!*, dissera. *Aconteceu uma coisa.* Na altura, tinha pensado que a mulher estava simplesmente tão transtornada com o desaparecimento de Trixie

como ele ficara. Pensou que Laura lhe estava a fazer uma pergunta quando, na verdade, ela estava a tentar dar-lhe uma resposta.

Ela abraçou o próprio corpo.

— Ao princípio, disseram que era um suicídio, e pensei que talvez tivesse sonhado, que as coisas não tivessem acontecido como eu pensava. Mas depois Trixie fugiu.

E deu a sensação de ser culpada, pensou Daniel. *Até mesmo a mim.*

— Devias ter-me contado, Laura. Eu podia...

— Ter-me-ias odiado. — Abanou a cabeça. — Tu costumavas olhar para mim como se fosse eu que pendurava as estrelas no céu, Daniel. Mas depois de teres descoberto... tu sabes, que eu tinha estado com outra pessoa... tudo ficou diferente. Nem sequer conseguias olhar-me nos olhos.

Quando um esquimó iúpique conhecia outra pessoa, evitava o seu olhar. Não era por desrespeito, mas antes o contrário. A vista era algo que devia ser conservado para os momentos em que precisávamos realmente dela: quando estávamos a caçar, quando precisávamos de força. Só quando desviávamos o olhar de uma pessoa é que tínhamos a visão mais verdadeira.

— Só queria que tu olhasses para mim como antigamente — disse Laura, com a voz a falhar. — Só queria que as coisas fossem como costumavam ser. Era por isso que não te conseguia dizer, por mais vezes que tentasse. Já te tinha sido infiel. O que terias feito se te dissesse que tinha *matado* alguém?

— Tu não o mataste — disse Daniel. — Não querias que isso acontecesse.

Laura abanou a cabeça, de lábios cerrados, como se tivesse medo de falar. E Daniel compreendeu, porque ele próprio sentira o

mesmo: às vezes, aquilo que desejamos acaba mesmo por se concretizar. E às vezes isso é a pior coisa que pode acontecer.

Ela enterrou o rosto entre as mãos.

— Não sei o que queria e o que não queria. Está tudo misturado. Já nem sequer me reconheço.

A vida podia assumir uma série de formas enquanto estávamos ocupados a combater os nossos próprios demónios. Mas se mudássemos ao mesmo ritmo que a pessoa que estava ao nosso lado, nada mais importava. Tornávamo-nos a constante um do outro.

— Mas eu reconheço-te — disse Daniel.

Decidiu que continuava a ser possível, mesmo nos dias de hoje e na era atual, mesmo a milhares de quilómetros das aldeias iúpiques, as pessoas transformarem-se em animais e vice-versa. Lá porque escolhíamos deixar um lugar, isso não significava que pudéssemos fugir a levá-lo connosco. Um homem e uma mulher que vivessem muito tempo juntos podiam trocar características até encontrarem partes de si mesmos no outro. Quando descartávamos determinada personalidade, podíamos vir a encontrá-la no coração da pessoa que mais amávamos.

Laura ergueu o rosto em direção ao seu.

— O que achas que vai acontecer?

Ele não sabia a resposta a isso. Nem sequer tinha a certeza de saber as perguntas certas. Mas ia buscar Trixie e iam os dois para casa. Ia encontrar o melhor advogado que conseguisse. E, mais cedo ou mais tarde, quando Laura voltasse para eles, haviam de se reinventar. Podiam não conseguir voltar à estaca zero, mas podiam seguramente começar de novo.

Nessa altura, viu um corvo passar pela esquadra a voar, pairando no pátio, a imitar o som de água a correr. Daniel observou

atentamente, da forma como aprendera a fazer há uma eternidade. Um corvo podia ser muitas coisas — criador, impostor — consoante a forma que lhe apetecia assumir. Mas quando descrevia um semicírculo e se virava de cabeça para baixo, só podia querer dizer uma coisa: estava a alijar a sorte do seu dorso... e qualquer pessoa podia apanhá-la, desde que visse onde caía.

⁷ Na língua inglesa, são palavras homófonas, *no* e *know*, respetivamente. (*N. da T.*)





